

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

Instituto Guimarães Rosa | Maputo/Moz – colaboração
Chefe do Setor Educacional e Cultural: Luis Gustavo Buttes
Leitorado Guimarães Rosa | Universidade Eduardo Mondlane

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG, Brasil)
Gustavo Cerqueira Guimarães (UEM, Moçambique)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – FUTEBOL E MULHERES: MEMÓRIA, MÍDIA E LINGUAGEM
Dra. Silvana Goellner (UFPel, Brasil)
Dr. Jorge Knijnik (Western Sydney University, Austrália)

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Lúcia Campos Baptista, Uni-BH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG
Luis Maffei, UFF-RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Luiz Henrique de Toledo, UFSCar
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ
Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auaud
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS; UFPel

Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

Rodrigo Koch
Simone Cecilia Fernandes
Soraya Barreto Januário
Stefanie Hesse Alves
Thalita Neves
Wagner Xavier de Camargo

PARECERISTAS AD HOC

Altair Bonini
Ana Laura Eckhardt de Lima
Arthur Almeida Passos
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão
Daniel Leal
Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz Fontes
Felipe Tavares Paes Lopes
Giovana Capucim e Silva
Glauco José Costa Souza
Irlan Simões
Jorge Knijnik
Júlia Barreira
Juliana Ribeiro Cabral
Kelen Katia Prates Silva
Márcio Matsuo
Mariana Zuaneti Martins
Mark Biram
Mateus Camargo Pereira
Paloma de Castro
Paula Korsakas
Paulo Roberto Barreto Caetano
Raphael Rajão Ribeiro
Roberta Pereira da Silva

**COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA,
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO**
Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Autores/as dos artigos

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

*Guarda-redes Elsa Mavile e companheiras de
Moçambique, fotografia, cor, 2002.*
Arquivo pessoal: Elsa Mavile.

APRESENTAÇÃO

Futebol e mulheres: performances

Silvana Vilodre Goellner, Jorge Dorfman
Knijnik, Gustavo Cerqueira Guimarães | 3-8

DOSSIÊ

“Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro

Karen Guimarães; Júlia Barreira; Larissa Galatti | 9-30

Mulher, negra e nordestina: Dilma Mendes, a melhor treinadora do mundo de futebol 7 é nossa!

Silvana Goellner; Mariana Brum; Lóry Ribeiro; Luiza Lopez | 31-58

Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil

Mariana Zuaneti; Gabriela Borel; Letícia Carvalho | 59-81

Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas/SP

Nathália Servadio; Helena Altmann | 82-116

Praxis for social transformations: the case Meninas em Campo [em inglês]

Mark Biram | 117-131

Elas, as boas de bola: futebol no sertão norte-mineiro entre a prática e a resistência

Andréia de Freitas; Alex Sander Freitas; Ester Liberato Pereira | 132-154

Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens

Mariana Carolina Mandelli | 155-175

RESENHA

Le football en France: le cas des supporters du Paris Saint-Germain [em francês]

Bernardo B. Buarque de Hollanda | 176-182

TRADUÇÃO & EDIÇÃO

Women's football in Brazil and England's national football museums [em inglês]

Maria Cristina Mitidieri, Luisa Rocha; Mark Biram (Tradutor) | 183-205

ENTREVISTA

A trajetória da guarda-redes e árbitra no futebol moçambicano: Elsa da Graça Mavile

Gustavo C. Guimarães; Eunice M. Fernandes; Nimwive A. Silvino | 206-219

POÉTICA

Professions for women & other feminist sports [poetry]

Tatiana Pequeno | 220-222

Futebol e mulheres: performances

Hoje, já não nos impressiona tanto notar como o futebol feminino tem se tornado um espaço de pertencimento e transformação social para muitas praticantes, considerando suas múltiplas dimensões e formas de ocupação. Temos testemunhado a ascensão de jogadoras, treinadoras e árbitras notáveis, evidenciando o crescimento do reconhecimento profissional nesse cenário. Estudos em diversas áreas igualmente têm sido realizados para analisar o desenvolvimento do futebol feminino, desde as categorias de base até a profissionalização. Além disso, é relevante destacar o considerável aumento do número de mulheres que jogam a bola, bem como sua participação cada vez mais ativa e diversificada nas torcidas, mostrando a diversidade e pluralidade desse esporte.

Esta edição da revista **FuLiA/UFMG** é um convite para explorar as diferentes performances femininas no futebol, questionando estereótipos e ampliando nossa compreensão sobre o papel das mulheres nesse universo tão tradicionalmente masculino.

Com o objetivo de expandir as pesquisas sobre o futebol, apresentamos o dossiê **Futebol e mulheres**, cuja iniciativa se deu a partir do Leitorado Guimarães Rosa, vinculado à Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique, sob responsabilidade do pesquisador Gustavo Cerqueira, em parceria com os pesquisadores Silvana Goellner, atualmente professora visitante da Universidade Federal de Pelotas/RS, e Jorge Knijnik, que atua na Western Sydney University, na Austrália. Não poderíamos estar mais animados com o resultado da publicação que promoveu o encontro de pesquisadores de

quatro continentes. Essa parceria internacional é um marco importante para a revista, compromissada em explorar novas fronteiras de pesquisa.

Dividido em dois números, esse conjunto conta com 14 artigos de 37 investigadores, sendo 29 mulheres e oito homens. Do ponto de vista da nacionalidade, são 27 do Brasil e dez do exterior, sendo sete da Austrália, um de Fiji, um de Portugal e um da Inglaterra. É interessante também apontar que dos 27 pesquisadores brasileiros, 20 deles estão concentrados no sudeste brasileiro: oito em Minas Gerais, sete em São Paulo, três no Espírito Santo e dois no Rio de Janeiro. Os outros sete estão no sul, todos do Rio Grande do Sul.

O primeiro deles, intitulado **Futebol e mulheres: performances**, contém onze textos distribuídos em cinco seções. A seção **Dossiê** traz sete artigos que, a partir de diferentes recortes temáticos e metodológicos, se propuseram a examinar o futebol de mulheres considerando aspectos que ocorrem, sobretudo, dentro do campo de jogo.

O artigo inaugural, “‘Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também’: trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro”, de Karen Guimarães, Júlia Barreira e Larissa Rafaela Galatti, investigadoras da área da Educação Física da Unicamp, analisa as percepções, vivências e trajetórias de mulheres que ocupam cargos de liderança. Fundamentadas em entrevistas realizadas com seis participantes, as autoras discutem as limitações que assim como questões relacionadas a representatividade e apontam para a importância de elaborar suportes e estratégias para desafiar as construções de gênero no esporte e promover a maior participação de treinadoras no futebol brasileiro.

A coorganizadora Silvana Goellner em conjunto com Mariana Brum, Lóry Ribeiro e Luiza Lopez, pesquisadoras do Rio Grande do Sul, apresentam o texto “Mulher, negra e nordestina: Dilma Mendes, a melhor treinadora do

mundo de futebol 7 é nossa!”, que descreve a trajetória de Dilma Mendes, eleita em 2022 como a melhor treinadora do mundo de futebol 7. O texto, fundamentado no aporte teórico-metodológico da história oral e nos estudos de gênero, prioriza a narrativa da própria treinadora, uma mulher que luta cotidianamente contra o racismo e o sexismo.

O artigo “Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil”, de Mariana Zuaneti, Gabriela Borel e Letícia Carvalho, acadêmicas da área de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, discute a relação entre as recentes políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite no Brasil. Baseado em entrevistas semiestruturadas com atletas, as pesquisadoras analisam temas como oportunidade de trabalho, remuneração, contratos formais de trabalho, dupla carreira no esporte, condições fundamentais para que possam viver do futebol.

Já, “Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas/SP”, de Nathália Servadio e Helena Altmann, pesquisadoras da área de Educação da Unicamp, investiga uma iniciativa voltada para a oferta da prática futebolística para mulheres de distintas gerações. As autoras se utilizaram de observações virtuais, entrevistas e análise de cartas on-line trocadas entre a comunidade do projeto para visibilizá-lo, entendendo que essas estratégias desenvolvidas pelo grupo podem contribuir para a criação de oportunidades e a democratização da prática futebolística no país.

O pesquisador Mark Biram, da University of Bristol, no Reino Unido, focaliza seu texto “Praxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo” em um projeto social direcionado para jogadoras entre 9 e 17 anos

sediado em São Paulo. Em suas análises discute a importância da formação de base, sobretudo para meninas que têm poucas chances de participar de espaços oficiais do futebol como clubes e agremiações esportivas.

O artigo “Elas, as boas de bola: futebol no sertão norte-mineiro entre a prática e a resistência”, de Andréia de Freitas, Alex Sander Freitas e Ester Pereira, pesquisadores de Montes Claros, perscruta fontes jornalísticas e as associa com a narrativa de uma ex-atleta para mostrar iniciativas empreendidas na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, no tempo em que o futebol de mulheres era oficialmente proibido. Por meio destes registros revelam a existência de dois times, Cassimiro e Ateneu, oficialmente criados por volta de 1973, observados pelos autores como espaços de resistência e transgressão.

Para fechar o dossiê, o artigo “Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens”, de Mariana Carolina Mandelli, doutoranda em Antropologia Social pela USP, tematiza a predominância de estereótipos binários e normas cis-heteronormativas dentro do futebol brasileiro, a qual resulta em altos índices de LGBTfobia e misoginia, pois as torcedoras enfrentam desafios ao torcer por seus times. Este artigo pretende discutir as experiências torcedoras de três mulheres transgêneras por meio de seus relatos pessoais, explorando como conceitos de corpo, identidade e amizade moldam e influenciam suas formas de torcer.

Na seção **Resenha**, dedicada à publicação de textos sobre espetáculos esportivos, manifestações populares e livros, exposições, filmes e álbuns que tratam sobre o esporte ou a cultura popular, trazemos, desta vez, por meio de Bernardo Buarque de Hollanda, certa atmosfera da cena torcedora na França, com foco na mobilização dos chamados "supporters" em torno do futebol profissional. Com base em trabalho de campo, o autor traz relatos das torcidas do Paris Saint-Germain e sua performance nas dependências do

Parc des Princes. Ainda junto à “observação participante”, apresenta-se uma tipologia das associações torcedoras, fruto tanto da etnografia quanto da leitura de obras sobre o tema.

Na seção **Tradução & Edição**, o artigo “O futebol feminino nos museus nacionais do futebol do Brasil e da Inglaterra”, de Cristina Mitidieri e Luisa Rocha, pesquisadoras da Unirio/RJ, traduzido do português para o inglês por Mark Biram, mostra a falta de representatividade do futebol feminino nos museus do Brasil e da Inglaterra, devido às diferenças de visibilidade e reconhecimento em relação ao futebol masculino. O artigo identifica marcos temporais e ações realizadas para incluir o futebol feminino nessas instituições. Conclui-se que os museus têm abordado o tema considerando as vitórias e desafios do futebol feminino, equilibrando demandas e compromissos.

A seção **Entrevista** apresenta “A trajetória da guarda-redes e árbitra no futebol moçambicano: Elsa da Graça Mavile”, de Gustavo Cerqueira, Eunice Fernandes e Nimwive Agostinho, da Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Na entrevista, constatamos que Elsa, nascida em Maputo em 1982, dedicou-se ao esporte desde a infância, driblando estereótipos e preconceitos ao jogar bola com meninos e a competir em torneios femininos entre 1997 e 2007. Sua dedicação a levaram a ocupar a posição à baliza da seleção nacional em 2002, fazendo história em um mundo dominado pelos homens.

E, para terminar, na seção **Poética**, dedicada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes, apresentamos o inédito poema “Professions for women & other feminist sports”, da carioca Tatiana Pequeno, versado do português ao inglês por Jorge Knijnik. Em tempos de afirmação das futebolistas no mundo do trabalho, o título é sabiamente uma alusão à compilação de ensaios da modernista inglesa Virginia

Woolf. Integrado neste dossiê, o poema, tão sensível às meninas da bola, consolida de uma vez por todas o lugar delas também neste jogo. Afinal, a mulher que, agora, corre pelo campo se faz “humana repentista jogadora”, diz um dos versos.

Boa leitura! E expressamos nossos sinceros anseios por mais pesquisas sobre o futebol feminino em todos os cantos do país e do mundo, assim como a proliferação de sua prática.

Porto Alegre, Sydney e Maputo, 02 de agosto de 2023.

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil
Universidade Federal de Pelotas/Brasil

Jorge Dorfman Knijnik

Western Sydney University/Austrália

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique

“Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro

“If she got there, I can get too”: the trajectory of women coaches in football

Karen Guimarães

Universidade Estadual de Campinas, Limeira/SP, Brasil
Graduada em Ciências do Esporte, UNICAMP
guimaraeskaaren@hotmail.com

Júlia Barreira

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutorado em Educação Física, UNICAMP

Larissa Rafaela Galatti

Universidade Estadual de Campinas, Limeira/SP, Brasil
Doutorado em Educação Física, UNICAMP

RESUMO: Apesar do aumento do número de jogadoras de futebol, mulheres continuam sub-representadas nos cargos de liderança. O cargo de treinadora é uma das áreas que apresenta maior desigualdade de gênero por conta do seu protagonismo e visibilidade. A fim de compreender essa realidade, exploramos as percepções, vivências e trajetórias de vida de mulheres treinadoras de futebol no Brasil. As entrevistas semiestruturadas com seis participantes mostraram caminhos comuns seguidos por elas, como a prática do futebol na infância e juventude e a desconfiança ao ocuparem esse espaço devido aos estereótipos de gênero. As participantes treinadas por mulheres ao longo de sua vida relatam serem inspiradas por essas personagens. Por outro lado, a ausência de treinadoras referências as desencorajou a seguir nesse caminho. Esse estudo apresenta importantes reflexões sobre os suportes e estratégias para desafiar as construções de gênero no esporte e promover a maior participação de treinadoras no futebol brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes; Gênero; Formação; Liderança.

ABSTRACT: Despite the increasing number of women’s football players, women continue to be underrepresented in leadership positions. The coach position is one of the areas with the greatest gender inequality due to its protagonism and visibility. In order to understand this reality, we explored the perceptions, experiences and trajectories of women working as football coaches in Brazil. The semi-structured interviews with six participants revealed common paths followed by them, such as the practice of football in childhood and youth, and the mistrust when occupying this space due to gender stereotypes. Participants who have been coached by women report being inspired by them. On the other hand, the absence of women as references discouraged them from following this path. This study presents important reflections on supports and strategies to challenge gender constructions in sport and promote greater participation of women as coaches in football.

KEYWORDS: Sports; Gender; Training; Leadership.

INTRODUÇÃO

Com os avanços das lutas feministas, a evolução dos estudos sobre gênero no esporte e a busca por ressignificação da história do futebol praticado por mulheres, números demonstram um crescimento no que diz respeito ao aumento de praticantes, competições esportivas e mulheres envolvidas no desenvolvimento do futebol brasileiro. Entretanto, as mulheres continuam sub-representadas nos cargos de liderança no esporte. Por conta da sua visibilidade e do seu protagonismo, o cargo de treinadora é uma das áreas com o maior desequilíbrio de gênero.¹ No Brasil, embora a participação tenha crescido lentamente na última década, as treinadoras ainda correspondem a apenas 20% dos profissionais que comandam equipes no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.² No futebol de homens, desconhecemos mulheres que tenham atuado como treinadoras nas diferentes categorias e séries do campeonato nacional. Fatores sociais, culturais, econômicos e históricos corroboram para que o número de treinadoras no Brasil ainda seja baixo tais como a falta de apoio, de políticas de fomento e de programas que proponham estratégias para o desenvolvimento do esporte em diversas camadas.³

A construção do papel social da mulher ao longo do século XX limitou o acesso das praticantes a determinadas modalidades esportivas e praticamente impossibilitou a entrada e a ascensão dessas profissionais em cargos de liderança.⁴ O futebol foi uma das modalidades mais vinculadas aos atributos da masculinidade e que, conseqüentemente, apresentou grande resistência social para a participação de meninas e mulheres. No Brasil, essas construções foram reforçadas pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941 que proibiu oficialmente a prática do futebol e futsal por meninas e mulheres, dificultando sua permanência nas modalidades e anulando elementos

¹ HARGREAVES. *Sporting females: critical issues in the history and sociology of women's sports*.

² PASSERO; BARREIRA; TAMASHIRO; SCAGLIA; GALATTI. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem, p. e26060.

³ FERREIRA; SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

⁴ PFISTER. Women in sport: gender relations and future perspectives, p. 234-248.

fundamentais para o seu desenvolvimento.⁵ As jogadoras transgrediram às proibições legais e sociais durante as mais de quatro décadas de vigor e resistiram à falta de espaços físicos apropriados para a prática esportiva, de campeonatos específicos e de profissionais comprometidos com o seu ensino, treinamento e gestão.

O Decreto-Lei foi revogado no final da década de 1970, mas os resquícios dos impedimentos legais e as construções sociais continuaram presentes, dificultando a participação de mulheres como jogadoras e líderes no esporte. As histórias das mulheres que integraram a geração pioneira do futebol brasileiro, ou seja, aquelas que se dedicaram a ele logo que foi regulamentado no início da década de 1980, revelam que diversas jogadoras que sonhavam ser treinadoras esportivas, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas nessa trajetória, foram impedidas de cursar as disciplinas de futebol e futsal nos cursos superiores de Educação Física.⁶ A formação restrita aos homens promoveu o processo de desenvolvimento de treinadores destinado aos seus próprios interesses. Ainda assim, as pioneiras desafiaram a hierarquia de gênero ao conquistarem o diploma do Ensino Superior e se tornarem treinadoras de futebol, mesmo frente à ausência de suportes, possibilidades de formação e oportunidades de prática.⁷

O cenário atual, embora apresente uma maior possibilidade para mulheres que desejam atuar como treinadoras, ainda é acompanhado por diversos desafios ao longo de sua carreira. Do ponto de vista formativo, mulheres conquistaram espaço no Ensino Superior e em cursos de certificação, embora ainda enfrentem diversos desafios nesses espaços. O estudo de Lewis, Roberts e Andrews⁸ investigou as percepções de treinadoras que participaram dos cursos de certificação da federação inglesa de futebol e mostrou que elas enfrentaram elevados níveis de discriminação

⁵ SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*.

⁶ GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*.

⁷ GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem*.

⁸ LEWIS; ROBERTS; ANDREWS. 'Why am I putting myself through this?' Women football coaches' experiences of the Football Association's coach education process, p. 28-39.

de gênero e práticas culturais inadequadas dentro desse ambiente. Complementando esses achados, Sawiuk, Lewis e Taylor⁹ entrevistaram treinadoras que participaram da Licença A oferecida pela UEFA e mostraram que o curso é marcado por suposições androcêntricas, masculinidade tóxica, linguagem sexualizada, práticas desdenhosas e um desconhecimento do jogo das mulheres. Recentemente, Guimarães, Barreira e Galatti¹⁰ exploraram as vivências de treinadoras de futebol em cursos de certificação oferecidos pela CBF Academy. As autoras mostraram que os homens que participam dos cursos se expõem constantemente e sentem-se seguros para isso. Em contrapartida, as treinadoras relatam desconforto e uma constante desconfiança sobre a sua capacidade de ocupar aquele ambiente. Para transformar esse cenário, as participantes precisam se posicionar e atestar seu conhecimento e competência profissional. Esses trabalhos mostram que os processos de certificação ainda perpetuam as relações desiguais de poder e dificultam a permanência das treinadoras dentro desse ambiente.

O cenário apresentado anteriormente reforça a importância de utilizar o gênero como uma categoria analítica ao investigar as experiências de mulheres treinadoras no esporte. A partir dele é possível compreender as desigualdades de poder e o uso das diferenças biológicas para perpetuar formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos.¹¹ O esporte em si é uma construção cultural que reproduz valores, discursos e práticas, e reforça as representações de feminilidades e masculinidades que definem, também, posições sociais.¹² De forma similar, os cargos de liderança também são associados à estrutura de poder na sociedade que reproduzem a hierarquia de gênero. Apesar do estilo de liderança depender do contexto em que a pessoa se encontra, historicamente a liderança é definida em termos masculinos.¹³ Os atributos tradicionalmente associados a homens são esperados e supervalorizados nesses cargos e as características de feminilidade, tradicionalmente vinculadas

⁹ SAWIUK, LEWIS; TAYLOR. “Long ball” and “balls deep”: a critical reading of female coach-learners’ experiences of the UEFA A licence, p. 110-127.

¹⁰ GUIMARÃES; BARREIRA; GALATTI. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy, p. e29010.

¹¹ GOELLNER. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico, p. 173-196.

¹² GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 31-38.

¹³ EAGLY; CARLI. *Through the labyrinth: the truth about how women become leaders*.

à mulher, são indesejadas. Esses discursos e estruturas reforçam que o ambiente de liderança no esporte não representa um espaço adequado às mulheres e dificultam o seu sucesso profissional.

A literatura científica nacional tem se tornado cada mais sensível a essas questões e aumentado o seu interesse pelas estratégias que desafiam a hegemonia dos homens em cargos de liderança e por suportes que favoreçam a inserção e progressão de mulheres treinadoras. Em um dos estudos pioneiros, Ferreira et al.¹⁴ investigaram a baixa representatividade de treinadoras de diferentes modalidades esportivas no Brasil. As participantes relataram que as diversas barreiras enfrentadas ao longo de sua carreira distanciam as mulheres dessa profissão. Dificuldades de ascensão no cargo, conflito entre vida pessoal e vida profissional e necessidade de atestar a sua competência estão entre os obstáculos enfrentados pelas treinadoras. Posteriormente,¹⁵ outro estudo investigou especificamente mulheres que trabalham com o futebol e mostrou que as experiências de sucesso como jogadoras foram importantes para a sua transição como treinadora. Mais recentemente, Novais et al.¹⁶ investigaram as trajetórias e experiências de treinadoras e auxiliares técnicas de futebol e encontraram um processo de inserção, permanência e ascensão profissional marcado pela transposição de barreiras e superação de desafios. As treinadoras apresentaram altos níveis de capacitação e, ao ocuparem esse espaço tradicionalmente reservado aos homens, tensionaram as relações de poder.

Diante disso, explorar as vivências e trajetórias de mulheres treinadoras é fundamental para compreender ações que possam fomentar sua maior inserção, manutenção e progressão nessa carreira. Portanto, esse estudo tem como objetivo explorar as percepções, vivências e trajetórias de vida de mulheres treinadoras de futebol no Brasil. Reforçamos a importância de conhecer a história dessas personagens para reconhecer seu protagonismo e suas contribuições para o desenvolvimento da modalidade.¹⁷ O conhecimento sobre os diferentes caminhos seguidos por

¹⁴ FERREIRA; SALLES; MOURÃO; MORENO. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil, p. 103-124.

¹⁵ WOLF. *De jogadoras a treinadoras: mulheres rompendo o teto de vidro*.

¹⁶ NOVAIS; MOURÃO; SOUZA; MONTEIRO, CHAGAS; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: estratégias de subversão e resistência no campo da liderança esportiva, p. e27023.

¹⁷ GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 31-38.

mulheres ao longo da sua carreira profissional, considerando os suportes e barreiras que vivenciaram ao longo desse percurso, é fundamental para estabelecer estratégias que desafiem as construções de gênero no esporte.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse estudo utilizamos uma metodologia qualitativa baseada em entrevistas semi-estruturadas para coleta de dados.¹⁸ De acordo com Duarte,¹⁹ a entrevista é um recurso metodológico que possibilita, a partir de bases teóricas e pressupostos do estudo, recolher respostas a partir da experiência subjetiva da pessoa entrevistada, selecionada por ter informações que desejamos conhecer. É importante notar que, como uma pesquisa feminista, esse estudo foi desenvolvido por mulheres e com mulheres. Nesse sentido, a investigação é destinada às experiências de mulheres narradas pelas próprias participantes como indivíduos políticos e não pelo olhar dos homens e de sua dominância.²⁰ Assim, as instituições sociais foram consideradas na análise do fenômeno investigado e, a partir do estudo, buscamos fornecer informações que auxiliem mulheres na luta contra o sistema de opressão de gênero.²¹ Colaboraram com essa investigação seis treinadoras de futebol no Brasil que, no momento da coleta de dados, atuavam com a seleção nacional de futebol de mulheres (adulta ou base) ou com equipes que disputavam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (Quadro 1). Visto que as autoras do estudo também possuem trajetória no futebol de mulheres (como jogadoras ou treinadoras), contamos com a nossa rede de contatos para identificar e alcançar as participantes. O contato com as treinadoras foi realizado por redes sociais. No primeiro contato explicamos brevemente o objetivo do estudo e agendamos as entrevistas por videoconferência nos dias e horários mais adequados para cada uma delas.

¹⁸ YIN. *Qualitative research from start to finish*.

¹⁹ DUARTE. Entrevista em profundidade, p. 62-83.

²⁰ NORMAN. The challenges facing women coaches and the contributions they can make to the profession, p. 3-23.

²¹ KAMPHOFF. Bargaining with patriarchy: former female coaches' experiences and their decision to leave collegiate coaching, p. 360-372.

Treinadora	Tempo de experiência com o futebol	Tempo de atuação como treinadora
A	Desde os 6 anos de idade	10 anos
B	28 anos	10 anos
C	33 anos	15 anos
D	18 anos	8 anos
E	30 anos	15 anos
F	Desde a infância	18 anos

Quadro 1. Envolvimento com o futebol e tempo de atuação profissional das treinadoras participantes deste estudo.

Entrevistas

Uma vez que elas aceitaram o convite, realizamos a entrevista semiestruturada com o intuito de tomar conhecimento das experiências dessas treinadoras ao longo da sua trajetória profissional. Esta abordagem permitiu investigar as informações por diferentes perspectivas e possibilitou que emergissem questões adicionais de acordo com o andamento da entrevista.²² A entrevista foi estruturada abordando questões como representatividade, desigualdade de gênero, oportunidade no mercado de trabalho e outras questões que emergiram durante a entrevista. Visto que a pesquisa busca compreender a complexidade das experiências das treinadoras, elaboramos perguntas e abordamos temas de forma que pudéssemos desenvolver as vivências e sensações experimentadas ao longo da sua trajetória. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das treinadoras e transcritas pela primeira autora, de forma fiel ao encontro realizado. Além disso, todos os nomes apresentados nas falas ao longo do estudo são fictícios, no intuito de preservar a identidade das treinadoras e garantir um ambiente seguro de conversa. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (CAAE: 18722619.6.0000.5404).

²² SMITH; SPARKES. *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise*.

Análise temática

Para o processo sistemático de análise das entrevistas, utilizamos a Análise Temática que possibilita encontrar padrões (temas) no conjunto de dados analisado, auxiliando também a descrição e interpretação do seu significado e da sua importância no contexto analisado.²³ Nesse estudo, utilizamos a abordagem dedutiva que envolve a definição de temas preconcebidos que esperamos encontrar nas entrevistas com base na base teórica utilizada. Utilizamos o referencial teórico sobre as trajetórias de treinadoras para definir códigos como relações familiares, experiências como jogadoras e entre outros. Entretanto, reconhecemos novos códigos que não estivessem relacionados ao referencial previamente estabelecido também poderiam ser encontrados. Nesse sentido, adicionamos a análise indutiva à medida que novas temáticas emergiram a partir da análise dos dados.²⁴ Esses processos se fizeram presentes nas seis etapas de análise propostas:²⁵ familiarização, codificação, definição dos temas, revisão dos temas e nomeação dos temas. A partir desses processos, chegamos a três principais temáticas:

- Viver para ser: a importância das experiências esportivas na trajetória profissional
- A integração dos contatos, conhecimentos e competências como jogadora para treinadora
- “Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: a importância de treinadoras como referências

Braun e Clarke²⁶ sugerem a utilização de figuras, esquemas e mapas temáticos como um recurso interessante para analisar os limites de cada tema, assim como sua relação com o objeto de estudo do trabalho. Essas recomendações auxiliaram no processo de análise dos dados e as ideias foram organizadas em figuras para garantir que os temas que emergiram se relacionavam com a temática do estudo.

²³ BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.

²⁴ BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.

²⁵ BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.

²⁶ BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.

Confiabilidade

Diferentes estratégias foram utilizadas para garantir a confiabilidade da coleta e análise de dados. A primeira, correspondeu a um estudo piloto realizado com uma treinadora de futebol com o intuito de avaliar a pertinência do roteiro de entrevista e a compreensão por profissionais da área. O segundo cuidado foi no momento de análise de dados que contou com a participação de uma amiga crítica, doutora com ampla experiência em análises dessa natureza e interesse na temática investigada.²⁷ Essa pesquisadora (segunda autora do estudo) teve como papel acompanhar o processo de análise dos dados e dialogar com a primeira autora elaborando perguntas provocativas que estimulassem e aprofundassem as reflexões das análises dos dados. Devido ao grande volume de dados e aos diversos caminhos que podem ser seguidos com a análise temática, os questionamentos auxiliaram na definição de códigos e temas que se aproximassem da temática investigada e possibilitassem a discussão sobre a trajetória esportiva das treinadoras de futebol no Brasil. A terceira estratégia foi uma análise colaborativa entre todas as autoras do estudo, questionando as perspectivas de cada uma e as decisões tomadas no processo de análise dos dados.²⁸ Por exemplo, a nomeação dos temas envolveu diversas discussões e reflexões buscando representar os principais achados de cada temática. Além disso, mantivemos as citações das participantes de forma autêntica e sem edição.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Viver para ser: a importância das experiências esportivas na trajetória profissional

As participantes compartilharam as suas experiências com o esporte antes mesmo de serem treinadoras, desde a infância nas brincadeiras de rua e em campos de várzea até atuarem como atletas em grandes clubes e, em alguns casos, na seleção brasileira. As treinadoras destacaram a importância da prática do futebol na infância para a sua carreira profissional e relataram que, naquele momento, o jogo era

²⁷ COSTA; KALIICK. Through the lens of a critical friend. p. 49.

²⁸ RICHARDSON. New writing practices in qualitative research, p. 5-20.

vivenciado apenas com meninos e que não conheciam outras meninas que praticassem a modalidade.



Fig. 1. Resumo do Tema 1 “Viver para ser: a importância das experiências esportivas na trajetória profissional”.

Jogava na rua com meninos... Entrei em uma escolinha de futsal com 8 para 9 anos, só tinha meninos, não tinha nenhuma menina. Continuei jogando só com meninos até os 15... Nos meus 15 entrei em um clube da cidade que eu nem sabia que existia e aí já jogava sub 20/adulto, porque naquela época não tinha sub 15, sub 17 ou [categoria] de base na minha cidade (Treinadora B).

As histórias das treinadoras desse estudo representam experiências vividas por diversas jogadoras de futebol e futsal no Brasil que comumente iniciam sua prática esportiva na rua junto com meninos.²⁹ No cenário brasileiro em que historicamente meninas e mulheres enfrentavam poucas oportunidades de prática estruturada, o jogo com meninos se tornou a principal porta de entrada para as modalidades. A descoberta de equipes de mulheres costuma acontecer mais tardiamente, sendo um momento transformador em suas vidas. Nesse sentido, notamos que desde suas primeiras experiências com o futebol as mulheres negociam a ocupação

²⁹ SOUZA; MARTINS. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira, p. 26-39.

desse espaço e desafiam os estereótipos de gênero. Embora suas experiências esportivas sejam atravessadas por processos discriminatórios e de violência simbólica, a sua permanência nesse espaço se configura como uma estratégia de resistência e subversão do cenário de sub-representatividade.

Essa questão de querer provar... é a vida inteira! Mulher no futebol, né? A vida inteira tive que provar que eu era boa no que eu fazia, que eu entendia o que estava falando... até para os próprios treinadores. Tem essa questão de achar que você não sabe o que está falando, não sabe o que está fazendo... Então isso é diário, sempre foi diário, de provar (Treinadora E).

No relato apresentado acima notamos a constante necessidade de provar sua capacidade e competência (como jogadora e treinadora) para ocupar esse ambiente. Esses desafios também foram mostrados por estudos anteriores que investigaram as experiências esportivas de meninas na iniciação do futebol. Mesmo com o prazer de jogar, meninas identificaram condições de agressividade impostas geralmente pelos próprios meninos que contribuíam com o seu desinteresse pela prática esportiva.³⁰ De forma similar,³¹ Novais et al. (2022) mostraram que as treinadoras de futebol no Brasil investem em capacitação para afirmarem a sua competência e não serem questionadas com base nos estereótipos de gênero. Portanto, desde seus primeiros contatos com o esporte até se tornarem treinadoras de alto rendimento, as participantes desafiam e tensionam as relações de poder no futebol.

Além das experiências como jogadoras, o esporte se fez presente em diferentes esferas de suas vidas. As participantes narraram lembranças de assistir jogos pela televisão, ir a campos com a família, jogar com colegas na escola e na rua, ganhar camisetas de clubes e reforçam o quanto essas vivências foram positivas para que crescessem envolvidas com a modalidade e desenvolvessem a paixão pelo esporte.

Bom, eu sempre fui uma menina cercada por esportes... O meu pai mesmo me incentivava, então eu mesma convivi muito com o esporte (...) O futebol era o mais presente na nossa infância, sempre foi. E o meu pai também sempre estimulou, né? E aí nasce a paixão ali. Ele era corintiano bem roxo, eu também era e a gente vai em estádio junto, a gente assiste os jogos juntos e isso perdura até hoje (Treinadora A).

³⁰ SOUZA JÚNIOR; DARIDO. A prática do futebol feminino no ensino fundamental, p. 1-9.

³¹ NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

Um cenário similar foi encontrado por Novais et al.³² ao investigarem as trajetórias de treinadoras e auxiliares no futebol brasileiro. O estudo mostrou uma homogeneidade das participantes em relação ao envolvimento com o esporte desde a infância e reforçou a importância dessas vivências para o envolvimento e a prática do esporte na vida adulta. No relato apresentado pela Treinadora A também notamos a importância de familiares, especificamente do seu pai, ao apoiar e estimular a prática esportiva. Tais relatos reforçam a importância do incentivo familiar para a prática de esportes por meninas durante a infância e adolescência.³³

Os pais e irmãos também foram apontados por estudos anteriores como importantes agentes para ampliarem as possibilidades de prática e de ascensão de treinadoras de futebol no Brasil.³⁴ Entretanto, concordamos com o estudo de Novais et al.³⁵ ao alertarem que esse cenário não atribui “responsabilidade ou mérito aos homens, mas sim aponta para as negociações constantes que permeiam as relações sociais”. Além disso, sua participação como facilitadores da prática esportiva por meninas na infância não é uma realidade compartilhada por todas as treinadoras desse estudo. Se, em alguns casos, eles contribuíram e estimularam as experiências esportivas, em outros, apresentaram resistência à sua entrada e permanência no futebol. Algumas participantes relataram enfrentar suas famílias e normas sociais para praticarem o esporte.

Eu pude jogar de fato depois que o meu pai faleceu... Até então ele não deixava, era meio rígido em relação a essas coisas. Então, como ele trabalhava a semana inteira em SP e só vinha de fim de semana, de semana eu jogava, brincava. De final de semana, eu não jogava (Treinadora C).

As experiências compartilhadas também foram narradas por outras treinadoras e auxiliares no futebol brasileiro ao enfrentarem resistência familiar para a

³² NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

³³ VISSOCI; FIORDELIZE; OLIVEIRA; NASCIMENTO JUNIOR. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal, p. 145-156.

³⁴ NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

³⁵ NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

prática da modalidade.³⁶ Em outro estudo, realizado no contexto universitário, jogadoras de futsal relataram o apoio familiar para a prática esportiva na infância, mas que foram desencorajadas, e em alguns casos proibidas, de seguirem uma carreira profissional nas categorias de base ou adulta, o que foi associado sobretudo ao preconceito de gênero.³⁷ Nesse sentido, a família pode representar tanto um suporte como uma barreira no desenvolvimento de mulheres como jogadoras e treinadoras.³⁸ Essas diferentes experiências reforçam que os caminhos percorridos por mulheres treinadoras não são iguais e que elas podem enfrentar diferentes obstáculos ao longo de sua carreira.³⁹ É importante reconhecer que, embora as treinadoras apresentem alguns elementos em comum ao longo de suas vidas, a trajetória de cada uma é única e singular.

A integração dos contatos, conhecimentos e competências como jogadora para treinadora

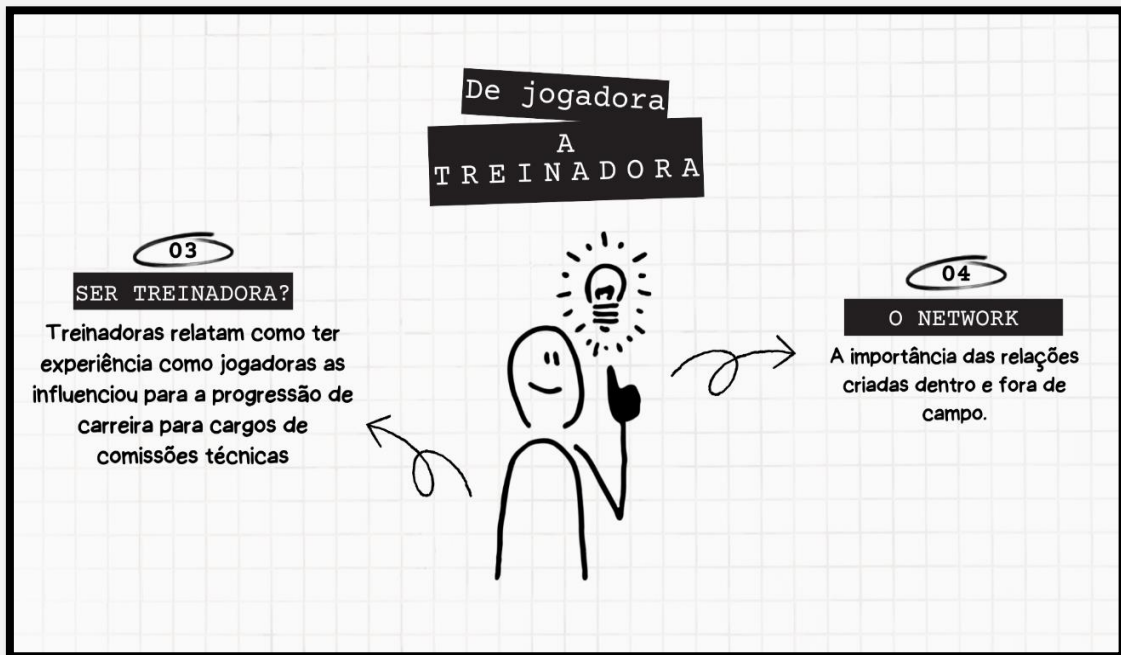


Figura 2. Resumo do Tema 2 “A integração dos contatos, conhecimentos e competências como jogadora para treinadora”.

³⁶ NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

³⁷ TAMASHIRO; MARQUES; OLIVEIRA; PALMA; GALATTI. Women’s futsal at a Brazilian university: does the academic social environment influence prejudices against the players?, p. 1-6.

³⁸ LAVOI; DUTOVE. Barriers and supports for female coaches: an ecological model, p. 17-37.

³⁹ BARREIRA. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?, p. e27080.

As vivências esportivas como jogadoras corroboram a literatura ao apontar o envolvimento com o esporte como um fator de relevância para o aprendizado de habilidades sociais, tais como saber conviver e aprender com as diferenças, respeito com as regras e as pessoas que fazem o jogo, se comunicar de formas diferentes e desenvolver aspectos psicológicos como motivação, autoconfiança e autoestima. De acordo com Ferreira, Salles e Mourão,⁴⁰ as treinadoras brasileiras acreditam que existem qualidades fundamentais para que elas se mantenham no comando de equipes esportiva, como a capacidade de liderança, carisma, conhecimento, comprometimento, persistência e sensibilidade para lidar com os atletas. No nosso estudo, a Treinadora F elucida em sua fala como tais habilidades estão presentes na vivência do futebol de rua:

A rua traz muitos aprendizados que não necessariamente estão ligados a tática, técnica, mas também sobre liderança, justiça. Então, quando a gente joga na rua, a gente quer um jogo equilibrado... se um time tá ganhando de goleada, a gente diz: “não, vamos trocar o time aqui” porque tem que ser desafiador o jogo, né? De elaborar regras: “quem chutou na descida busca”, “é falta ou não é falta?” ... conflitos... Dificilmente num jogo de rua alguém sai na porrada, porque acredito que são todos crianças. Mas, na verdade, é bem aberto o espaço, porque você joga com o gordinho, o magrinho, o baixinho, o alto, o novinho, o mais velho, enfim... Então, lidar com as diversidades (Treinadora F).

Uma das vantagens de ter sido jogadora, é a visão de que a atuação prática unida à formação acadêmica potencializa sua formação profissional, tanto nos conhecimentos técnicos e específicos, quanto nos aspectos emocionais e pedagógicos decorrentes das situações de jogo.⁴¹ Esses achados reforçam a necessidade de construir diversos tipos de conhecimentos e capacitações para a atuação como treinadora, ressaltando a importância de saber se adaptar às imprevisibilidades e particularidades pedagógicas e estratégicas do esporte.

As narrativas das treinadoras indicam que o caminho para se tornar parte de uma comissão técnica de futebol é facilitado para pessoas que foram atletas da

⁴⁰ FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

⁴¹ FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

modalidade decorrente da sua rede de contatos (*network*). Ser atleta pode propiciar vantagens importantes como as redes de apoio normalmente vindas de algum ex-treinador, membro de federações e homens em cargos de poder no esporte.⁴² Uma das participantes do estudo relatou ser convidada para trabalhar como treinadora por um treinador que acompanhou sua trajetória como jogadora.

Eu recebi um convite, na época era o Indivíduo 1, o coordenador, junto com o Professor 2... [eles] me convidaram para ser parte da comissão técnica da equipe adulta e aí inicialmente foi algo que me assustou muito porque eu estava jogando ainda, né? Me disseram que eu ia ter que parar de jogar... Mas não só por isso, pelo desafio também... Então eu aceitei o desafio! Pedi pra que eles me explicassem bastante qual era o objetivo e eles disseram que era pra eu fazer a transição ali dentro. Tive muita sorte porque eram pessoas que me apoiaram bastante... Então, desde lá, estou aqui! (Treinadora D).

A partir do relato da treinadora, notamos que o contato com treinadores e gestores do futebol pode ser uma porta de entrada para a modalidade. Um cenário similar foi encontrado por Novais et al.⁴³ ao mostrarem que treinadores e dirigentes de clubes de futebol no Brasil convidaram e contrataram mulheres para atuarem como treinadoras de suas equipes. Entretanto, é importante lembrar que eles ainda são minoria.⁴⁴ O futebol é uma modalidade comandada por homens dentro e fora de campo, o que pode tornar a inserção de mulheres em cargos de liderança, comissões técnicas e a progressão de carreira um desafio dependente da sua rede de contatos.⁴⁵ Homens tendem a contratar homens, devido à rede de contatos estabelecida entre eles, mesmo que uma mulher seja mais capacitada e experiente. A literatura aponta esse fenômeno como a chamada reprodução homóloga, em outras palavras, o princípio da similaridade, denominação que demonstra que homens tendem a contratar seus iguais, compactuando para que o ambiente continue sendo majoritariamente ocupado por eles.⁴⁶

⁴² FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

⁴³ NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

⁴⁴ NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

⁴⁵ PASSERO; BARREIRA; TAMASHIRO; SCAGLIA; GALATTI. Futebol de mulheres liderado por homens, p. e26060.

⁴⁶ FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

A Treinadora F comenta a importância de garantir que mulheres alcancem posições de liderança, em gestões esportivas e em comissões técnicas, para que os interesses e políticas do futebol de mulheres venham de pessoas que possuem identificação com a modalidade em questão:

Eu acho é [garantir] cada vez ter mais mulheres na parte de cima da [gestão da] organização (...) Por exemplo, aqui no clube, são muitas mulheres e isso tem muito o dedo da coordenadora. O clube vê de uma maneira positiva ter mais mulheres, nós temos poucos homens na comissão técnica. A técnica é mulher, a assistente é mulher, preparadora de goleira é mulher, preparadora física também é mulher... O roupeiro é homem, o analista é homem e o fisioterapeuta é homem. A supervisora é mulher, coordenadora mulher e a responsável pela captação é mulher, isso falando da equipe profissional, né? (Treinadora F).

Os estudos apontam que o acesso para mulheres entrarem no mercado de trabalho atuando como treinadoras é facilitado quando elas possuem os chamados “tutores” ou “tutoras”.⁴⁷ Essas pessoas ocupam cargos de poder e podem tomar decisões em relação a indicações e contratações dentro de uma organização esportiva. Em muitos casos, esse papel é exercido por um ex-treinador ou gestor. Sendo o futebol uma modalidade majoritariamente dominada por homens e o princípio de contratação por similaridade um fator determinante para a manutenção da hierarquia de gênero protagonizada por eles, estudos apontam que a falta de mulheres no papel de tutoras é uma barreira para que o número de treinadoras cresça.⁴⁸ Nesse sentido, embora as mulheres estejam gradualmente conquistando espaço como gestoras de futebol, reforçamos a importância de mais mulheres atuando em cargos de tomada de decisão para a proposta de ações e políticas de maior equidade de gênero.⁴⁹

⁴⁷ KILTY. Women in coaching, p. 222-234.

⁴⁸ KILTY. Women in coaching, p. 222-234.

⁴⁹ BARREIRA; LEMES; GALATTI. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil, p. 145-163.

“Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: a importância de treinadoras como referências

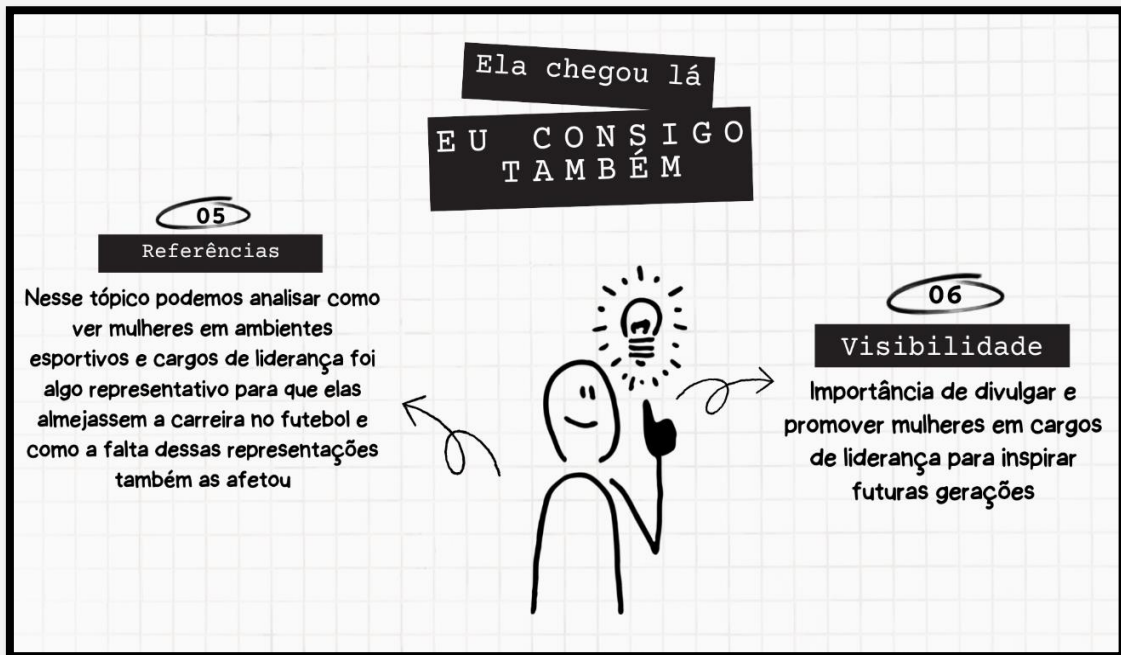


Fig. 3. Resumo do Tema 3 “Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: a importância de treinadoras como referências”.

O predomínio de homens em posições de liderança no futebol faz com que meninas não identifiquem o esporte como uma possível carreira profissional e que meninos não reconheçam as possibilidades de mulheres ocuparem esses cargos.⁵⁰ A ausência de treinadoras no ambiente esportivo colabora com a suposta falta de capacidade para ocuparem essas posições e com os baixos níveis de confiança pessoal. Por conseguinte, as treinadoras relatam não pensar em atuar na modalidade por nunca terem visto outras mulheres em papéis de liderança. Por exemplo, a treinadora A comenta “Não, mesmo porque você não tem essa perspectiva de ter pessoas ali pra você falar “nossa, quero ser treinadora porque tal mulher é uma treinadora ferrada”. A gente nunca teve isso”. A falta de perspectiva profissional devido à sub-representatividade de treinadoras no futebol brasileiro é reforçada por outra participante ao comentar “Na verdade eu nunca pensei em estar no papel de treinadora, fui fazer

⁵⁰ WHISENANT; MILLER; PEDERSEN. Systemic barriers in athletic administration: an analysis of job descriptions for interscholastic athletic directors, p. 911-918.

um curso porque eu queria ser uma atleta melhor” (Treinadora D). Esses relatos reforçam que à medida que as mulheres não tiveram essas figuras de referência ao longo de sua vida, por diversas vezes nem enxergaram a possibilidade de atuação profissional. Em contrapartida, quando mulheres alcançaram os cargos de alto visibilidade no esporte, se tornaram referências e encorajaram futuras gerações a seguirem caminhos similares.⁵¹ No nosso estudo, a Treinadora B comentou como ver uma mulher em um cargo de liderança mudou a sua perspectiva e gerou um sentimento de motivação por associação:

Pensa numa mulher pequenininha, parecia uma criança e dona de uma escolinha que era potência no Norte, que botava muita criança na seleção e a partir daquele momento eu pensei “caraca, só estive envolta de diretores homens e donos de escolinhas homens, nunca estive envolta de uma mulher”. E a primeira vez que isso aconteceu eu pensei “eu posso ser dona de uma escolinha também”. Eu não sabia até aquele momento... E como faz diferença essa motivação por associação, né? (Treinadora B).

A narrativa da treinadora reforça que as posições de liderança no futebol brasileiro ainda são majoritariamente ocupadas por homens e que a presença de mulheres nesse espaço, além de desafiar as construções de gênero, também pode gerar identificação e revelar uma outra carreira a ser percorrida dentro do ambiente esportivo. De forma similar, Lockwood⁵² mostrou que jogadoras eram influenciadas mais positivamente a seguirem na carreira como treinadoras quando treinadas por mulheres quando comparadas aos homens. Por conta das barreiras que mulheres podem enfrentar na sua carreira devido às construções de gênero, pode ser especialmente importante para elas conhecerem outras treinadoras bem-sucedidas nessa profissão.⁵³

Uma treinadora foi dar uma palestra na aula na universidade.. mais uma mudança de chave! E ai eu descobri ela, né? Na verdade eu nem sabia quem era ela. E ela comenta que fez o mesmo curso e ficou no mesmo lugar que eu fiquei. E aquilo me deu uma sensação de “caramba, ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também” (Treinadora A).

Tiveram três professoras na época da escola que me marcaram muito, que foi a professora A, a professora B que quis me puxar pro basquete e a C que era professora de basquete da prefeitura da minha cidade. Então,

⁵¹ LOCKWOOD. “Someone like me can be successful”: Do college students need same-gender role models?, p. 36-46.

⁵² LOCKWOOD. “Someone like me can be successful”, p. 36-46.

⁵³ LOCKWOOD. “Someone like me can be successful”, p. 36-46.

eu vejo que olhando para trás, conversando com outra treinadora, essas três mulheres foram muito importantes para a representatividade que falei lá quando eu era menor e não sabia que existia futebol feminino. Eu olhava para as professoras e pensava: “nossa, que legal”. Eu achava muito legal o que elas faziam, porque a Educação Física é a aula mais legal da escola, todo mundo quer participar, é a parte da semana que você espera tanto (Treinadora F).

As participantes relataram a importância de terem conhecido treinadoras ao longo da sua trajetória, demonstrando como isso influenciou na motivação e na percepção de possibilidade de carreira profissional. É importante notar que as participantes entraram em contato com as treinadoras que se tornaram referências a partir das suas vivências esportivas em escolas, clubes e até mesmo na universidade. Mas, devido à sub-representatividade dessas profissionais, é possível que diversas jogadoras brasileiras tenham sua formação esportiva conduzida por somente homens. Nesse sentido, é importante que organizações esportivas e meios de comunicação divulguem cada vez mais mulheres que alcançam os cargos de visibilidade no esporte. Jogadoras, que não tiverem a oportunidade de conviver com as treinadoras, podem ser inspiradas por mulheres que ocupam essa posição ao conhecerem sua trajetória e protagonismo pelas redes sociais, programas de televisão e meios de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da constante evolução do futebol brasileiro, o âmbito esportivo ainda se consagra como um ambiente direcionado para homens e gerido por homens, sendo uma área de atuação de difícil acesso e permanência para mulheres. As experiências como jogadoras ao longo da vida dessas mulheres se mostraram como um elemento diferencial na construção da carreira como treinadoras. Habilidades adquiridas como atletas, como aprendizado de habilidades sociais, respeito com as regras e as pessoas que fazem o jogo, e desenvolvimento de aspectos psicológicos, foram apontados como essenciais para a atuação como treinadoras. Além disso, a progressão de carreira se deu de forma mais natural para mulheres que já estão inseridas dentro do contexto esportivo do futebol, aumentando a possibilidade de que jogadoras passem a atuar como treinadoras.

Os caminhos para alcançar cargos de liderança e comissões técnicas são facilitados para mulheres que possuem redes de contatos, principalmente decorrente da sua trajetória como jogadoras. Esses contatos são chamados pela literatura como tutores, sendo na maioria das vezes treinadores, dirigentes de clubes e cursos que atuam como facilitadores para mulheres no futebol. No entanto, apesar da importância desses personagens, a existência desse fator expõe a profunda ausência de mulheres em posições de liderança, explicitando a importância de garantir e viabilizar que elas também possam chegar em cargos de tomada de decisão e agir como tutoras de outras mulheres.

Um outro fator importante apontado pelas treinadoras na sua carreira foi a existência de mulheres referências dentro do esporte. Elas relataram que ao entrarem em contato com treinadoras no esporte, puderam se identificar com suas trajetórias, gerando uma sensação de pertencimento e projeção de carreira. A existência de mulheres referências na área é um fator importante para que mulheres busquem ascender como treinadoras no futebol. É fundamental que agentes de desenvolvimento, como clubes e federações esportivas, promovam políticas esportivas para mulheres em cargos de gestão e liderança, aumentando a possibilidade de contratação e inserção de treinadoras no mercado esportivo.

* * *

REFERÊNCIAS

- BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?. **Movimento**, UFRGS, v. 27, 2021.
- BARREIRA, Júlia; LEMES, Rodrigo; GALATTI, Larissa Rafaela. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil. In: KNIJNIK, Jorge; COSTA, Ana (eds.). **Women's Football in Latin America**. Springer, 2023. p. 145-163.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- COSTA, Arthur; KALIICK, Bena. Through the lens of a critical friend. **Journal of the Department of Supervision and Curriculum Development**, v. 51, n. 2, 1993.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; NOVELLI, Ana Lucia Romero. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 62-83.

EAGLY, Alice; CARLI, Linda. **Through the labyrinth**: the truth about how women become leaders. Cambridge: Harvard Business School, 2007.

FERREIRA, Heidi Jancer; DO CARMO SALLES, José Geraldo; MOURÃO, Ludmila. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista da Educação Física**, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, UFRGS, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, UFRGS, v. 13, n. 2, p. 173-196, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GUIMARÃES, Karen Letícia; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. **Movimento**, UFRGS, p. e29010, 2023.

HARGREAVES, Jennifer. **Sporting females**: critical issues in the history and sociology of women’s sports. Londres: Routledge, 2002.

KAMPHOFF, Cindra S. Bargaining with patriarchy: former female coaches’ experiences and their decision to leave collegiate coaching. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 81, n. 3, p. 360-372, 2010.

KILTY, Katie. Women in coaching. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 2, p. 222-234, 2006.

LAVOI, Nicole M.; DUTOVE, Julia K. Barriers and supports for female coaches: an ecological model. **Sports Coaching Review**, v. 1, n. 1, 2012.

LEWIS, Colin J.; ROBERTS, Simon J.; ANDREWS, Hazel. ‘Why am I putting myself through this?’ Women football coaches’ experiences of the Football Association’s coach education process. **Sport, Education and Society**, v. 23, n. 1, p. 28-39, 2018.

LOCKWOOD, Penelope. “Someone like me can be successful”: Do college students need same-gender role models?. **Psychology of Women Quarterly**, v. 30, p. 36-46, 2006.

NORMAN, Leanne. Feeling second best: elite women coaches’ experiences. **Sociology of Sport Journal**, v. 27, n. 1, p. 89-104, 2010.

NORMAN, Leanne. The challenges facing women coaches and the contributions they can make to the profession. **International Journal of Coaching Science**, v. 7, n. 2, p. 3-23, 2013.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: estratégias de subversão e resistência

- no campo da liderança esportiva. **Movimento**, UFRGS, v. 27, p. e27023, 2021.
- PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, UFRGS, v. 26, p. e26060, 2020.
- PFISTER, Gertrud. Women in sport: gender relations and future perspectives 1. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 234-248, 2010.
- RICHARDSON, Laurel. New writing practices in qualitative research. **Sociology of Sport Journal**, v. 17, n. 1, p. 5-20, 2000.
- SAWIUK, Rebecca; LEWIS, Colin J.; TAYLOR, William George. “Long ball” and “balls deep”: a critical reading of female coach-learners’ experiences of the UEFA A licence. **Sports Coaching Review**, v. 10, n. 1, 2021.
- SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**. London: Routledge, 2016.
- SOUZA, Ana Claudia Ferreira de; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, p. 26-39, 2018.
- SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v. 8, p. 1-9, 2002.
- TAMASHIRO, Lucas; MARQUES, Renato; OLIVEIRA, Flavia; PALMA, Bartira; GALATTI, Larissa Rafaela. Women’s futsal at a Brazilian university: does the academic social environment influence prejudices against the players? **Motriz**. Revista de Educação Física, v. 28, p. 1-6, 2022.
- VISSOCI, João Ricardo Nickenig; FIORDELIZE, Suellen de Souza; OLIVEIRA, Leonardo Pestillo; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 1, p. 145-156, 2013.
- WHISENANT, Warren; MILLER, John; PEDERSEN, Paul M. Systemic barriers in athletic administration: an analysis of job descriptions for interscholastic athletic directors. **Sex Roles**, v. 53, n. 11-12, p. 911-918, 2005.
- WOLF, Evelyn. **De jogadoras a treinadoras: mulheres rompendo o teto de vidro**. UFRGS, Curso de Educação Física: Bacharelado, 2017.
- YIN, Robert K. **Qualitative research from start to finish**. Guilford publications, 2010.

* * *

Recebido em: 14 mar. 2023.
Aprovado em: 28 jun. 2023.

Mulher, negra e nordestina: Dilma Mendes, a melhor treinadora do mundo de futebol 7 é nossa!

A black woman from the northeast: Dilma Mendes,
the best football 7 coach in the world is Brazilian!

Mariana da Silva Brum

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil
Mestranda em Educação Física, UFPel

Lóry da Silveira Ribeiro

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil
Doutoranda em Educação Física, UFPel

Luiza Azevedo Lopez

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil
Doutoranda em Educação Física, UFPel

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorado em Educação, Unicamp
vilodre@gmail.com

RESUMO: Este artigo descreve a trajetória de Dilma Mendes, eleita em 2022 como a melhor treinadora do mundo de futebol 7. Fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral e nos Estudos de Gênero, o texto foi produzido a partir de entrevistas realizadas com a treinadora, cuja narrativa foi colocada em diálogo com outras fontes, como reportagens, sites das entidades que regulam a modalidade, livros, revistas e documentos oficiais, entre outras. Dos entrecruzamentos destas fontes, emergiram três temas: aspectos biográficos de Dilma Mendes, sua atuação no comando de equipes de homens e seu protagonismo à frente da seleção brasileira de futebol 7 feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; História Oral; Gênero; Dilma Mendes; Treinadora de futebol.

ABSTRACT: This article presents the trajectory of Dilma Mendes, voted the best football 7 coach in the world in 2022. Based on the theoretical-methodological framework of Oral History and Gender Studies, this text has derived from interviews with the coach, whose narrative was brought into a dialogue with other sources, such as reports, websites of institutions that regulate the sport, books, magazines and official documents, among others. Three themes have emerged from the intersections of these sources: aspects of Dilma Mendes' biography, her performance when she was in charge of men's teams, and her leading role in the Brazilian women's football 7 team.

KEYWORDS: Football; Oral History; Gender; Dilma Mendes; Football coach.

INTRODUÇÃO

A presença das mulheres no universo cultural do futebol se ampliou significativamente nos últimos anos. Dentro e fora das quatro linhas elas vêm demonstrando que os impedimentos que historicamente limitaram sua inserção e permanência nesse esporte emergem de preconceitos que subjugam suas potencialidades, talentos e capacidades.

Jogadoras, árbitras, treinadoras, comentaristas, narradoras, torcedoras, gestoras e preparadoras físicas são algumas das funções que adquiriram visibilidade nos últimos anos, tanto na mídia tradicional e alternativa quanto na produção e publicação de trabalhos acadêmicos. Ainda assim uma ressalva é necessária: grande parte das informações que circulam nos mais diversos artefatos midiáticos e pedagógicos focaliza o futebol de campo, em especial, o espetacularizado.

Considerando que o futebol não é singular, ainda há muito a ser visibilizado quando pensamos nas diferentes formas que as mulheres têm de se apropriarem dessa prática social. O futebol 7 é uma delas e sobre a qual vamos discorrer neste texto que focaliza o protagonismo de Dilma Mendes, eleita pela Federação Internacional de Futebol 7 como a melhor treinadora de futebol feminino do mundo em 2022, categoria que inclui treinadores homens.

A Confederação Brasileira de Soccer Society (CBCS), criada em 30 de outubro de 1996, foi a primeira entidade a regulamentar as atividades da modalidade no país. Com a construção de quadras de grama sintética, que aproveitam espaços menores em meio às cidades, o futebol 7 cativou um grande número de praticantes, fato que possibilitou o surgimento de outras instituições que tomaram para si a responsabilidade de fomentar competições nos níveis regionais, estaduais, nacionais e mundiais, tais como a Confederação Brasileira de Futebol 7 (CBF7), a Confederação Brasileira de Soccer Society (CBSS), a Confederação de Futebol 7 do Brasil (CF7B) e a Futebol 7 Brasil (F7B). A pluralidade de entidades organizadoras da modalidade se repete no cenário internacional, cujos campeonatos são promovidos pela Federação Internacional de Football Soccer Society (FIFOS), pela International Football 7 Association (IFA7), pela Fédération Internationale de Football 7 (FIF7) e pela Football 7 Worldwide.

No Brasil, essa modalidade começou a ganhar maior visibilidade a partir de 2015, quando a Futebol 7 Brasil, empresa vinculada à Associação Brasileira de Clubes de Futebol 7 e legitimada pela Federação Internacional de Futebol 7, se tornou promotora de competições em todo o território nacional. Desde então, segundo consta em seu site, foram realizados mais de 100 campeonatos, envolvendo aproximadamente 2000 atletas, entre homens e mulheres. No ano de 2022, a F7B organizou 29 competições masculinas e 11 femininas, sendo a de maior expressividade a Liga Fut7.¹ Ainda que seja considerado como um esporte amador, o futebol 7 tem atraído atletas profissionais, que veem nessa modalidade uma oportunidade de continuar jogando em alto nível após o fim da carreira no futebol de campo.

Em relação às mulheres, a primeira competição oficial com a chancela da Football 7 Worldwide aconteceu em 2016 e fez parte da programação da Copa Sul. Mesmo sendo disputada por equipes de homens e de mulheres, o evento resguardou especificidades: para eles, foi a primeira etapa do Circuito das Américas de Futebol 7, que teve a participação de equipes da Argentina e do Uruguai; para elas, foi o torneio inaugural envolvendo quatro equipes, todas de Santa Catarina: Kaza Nova, Triunfo Independente, Elas de Ouro e a campeã invicta Veneno/Paula Ramos.²

Em julho de 2017, a Confederação Brasileira de Futebol 7 organizou sua primeira competição oficial, o Campeonato Sul-Brasileiro Feminino, reunindo 12 equipes que disputaram 25 jogos, tendo como vencedor o Sport Club Internacional. Nesse mesmo ano, a entidade realizou mais dois campeonatos, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro, ambos vencidos pela equipe do Vila Nova Futebol Feminino. Nos anos de 2018 e 2019, a CBF7 organizou apenas o Campeonato Brasileiro, competição que só voltou a acontecer em 2022.³

Com a popularização da modalidade pelo mundo, em dezembro de 2017 aconteceu a Copa Intercontinental de Futebol 7 Feminino, a primeira competição internacional entre mulheres. Foi disputada em Curitiba, onde a equipe brasileira conquistou, de modo invicto, o título de campeã frente ao Chile, Peru e México.⁴ No

¹ FUTEBOL 7 BRASIL . A Futebol 7 Brasil.

² FIF7. Veneno/Paula Ramos winning the female category, 2016.

³ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL 7. Campeonatos CBF7.

⁴ FIF7. In the first women's championship Football 7, Brazil wins the Intercontinental Cup, 2017.

ano seguinte, arrebatou o vice-campeonato na primeira edição da Copa América Feminina realizada no Peru⁵ e na sequência venceu a I Copa das Nações, que aconteceu em São Paulo, com a presença das seleções do Chile, Colômbia e de atletas refugiadas, em sua maioria, de origem africana.⁶ Nesse mesmo ano, a Federação Internacional do Futebol 7 organizou a 1ª Copa do Mundo de Futebol 7 ou FIF7 World Cup, sediada em Porto Alegre, e nossa seleção conquistou o título de campeã frente ao México, Chile, Argentina, Uruguai, Colômbia e Espanha.⁷

Apesar da relevância desses títulos para o esporte nacional, a história da seleção brasileira de mulheres é praticamente desconhecida, assim como a trajetória das jogadoras e da equipe técnica. Considerando que o esporte é um lugar privilegiado para perscrutar as relações de gênero, esta pesquisa objetiva descrever a trajetória de Dilma Mendes como treinadora, mais especificamente, no comando da seleção brasileira de futebol 7 feminina. A temática se justifica pela carência de pesquisas sobre essa modalidade específica de futebol, pela exitosa história da seleção nacional, pelo protagonismo de uma mulher nordestina e negra e pela percepção de que, apesar de todos os entraves que as mulheres encontram para viver nos e dos futebóis, elas transpõem barreiras, enfrentam desafios e lutam para ampliar a sua intervenção nos diferentes níveis, esferas e funções.

Estudos recentes têm indicado o quanto o cargo de treinadora ainda é pouco ocupado por mulheres tanto no contexto nacional quanto internacional. Apesar de não referenciar o futebol 7, estes estudos dialogam com a realidade da modalidade, inclusive porque muitas mulheres que nele atuam como jogadoras ou nos cargos de liderança, também têm passagens pelo futebol de campo e pelo futsal. O estudo “Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem”⁸ apresenta dados bastante significativos da sub-representação de mulheres na liderança do futebol nacional. Ao analisarem as súmulas dos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino entre os anos de 2013 e 2019 apontam que a predominância em todos os cargos é de homens, sendo

⁵ FUTEBOL 7 BRASIL. Associação Brasileira divulga calendário que irá mudar a história do Fut7 no país.

⁶ FOOTBALL 7. The competition will be held in the largest city in South America, 2018.

⁷ FUTEBOL 7 BRASIL. Copa do Mundo de Futebol 7: Brasil será sede da primeira edição, 2018.

⁸ PASSERO; BARREIRA; TAMASHIRO; SCAGLIA; GALATTI. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem, 2020.

que na função de treinadoras são apenas 17%, o que não difere do cenário internacional cujo percentual varia entre 13% e 17%. Os autores apontam que essa baixa representatividade pode ser observada em função da falta de reconhecimento, de rendimentos financeiros baixos e, em grande medida, pelo fato de homens geralmente indicarem homens para ocupar cargos de liderança. Ao analisar o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil no ano de 2016, Mariana Novais⁹ identificou quinze treinadoras dentro de um universo de quarenta e cinco cuja inserção, permanência e ascensão no cargo estão relacionadas à capacitação por meio de cursos e ao bom desempenho que tiveram como atleta, o que não reverberou na questão salarial que, segundo as entrevistadas, era infinitamente menor que os valores recebidos pelos homens na função.

Estes estudos, apesar de não discutirem questões de gênero e seus desdobramentos no universo esportivo, podem ser lidos como potenciais subsídios para pesquisas que se debruçam sobre essa temática específica. Nesse sentido, vale destacar o quanto ainda é diminuta a investigação as treinadoras do futebol em suas mais diferentes formas de acontecer o que, de certo modo, justifica nossa investigação.

Fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral e nos Estudos de Gênero,¹⁰ o texto foi produzido a partir de entrevistas realizadas com a treinadora, cuja narrativa foi colocada em diálogo com outras fontes como reportagens, sites das entidades que regulam a modalidade, livros, revistas, documentos oficiais, entre outras. Nos apropriamos da História Oral como metodologia e possibilidade de produção de fontes¹¹ entendendo-a como uma ferramenta potente para prescrever experiências, sentidos e vidas, em especial, de sujeitos que produzem resistências aos poderes instituídos.¹²

A primeira entrevista foi concedida em São Paulo em setembro de 2022¹³ e teve como foco a trajetória esportiva de Dilma Mendes desde sua infância. A segunda

⁹ NOVAIS. *“À beira do gramado ou fora do jogo?”: as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil*, 2018.

¹⁰ PATAI. *História Oral, feminismo e política*.

¹¹ AMADO; FERREIRA. *Usos & Abusos da História Oral*.

¹² PORTELLI. *História oral e poder*.

¹³ Entrevista concedida a Silvana Goellner com duração de 1 hora e 35 minutos. Foi registrada em gravador digital e posteriormente transcrita para produção deste texto.

foi realizada de modo remoto no dia 9 de fevereiro de 2023¹⁴ tematizando seu envolvimento com o Futebol 7, mais especificamente, nos cargos de liderança. Para adensar análises pesquisamos materiais de natureza diversa tendo como critério informações sobre a modalidade e, de modo mais detalhado, sobre a própria Dilma enfatizando aspectos relacionados a sua história e a percepção de outras pessoas sobre sua atuação no futebol. As fontes foram analisadas considerando a análise de conteúdo proposta por Lawrence Bardin¹⁵ a partir de três fases distintas: a organização do material empírico, sua exploração material e o diálogo com outros registros. Cumprido esse processo priorizamos estruturar o texto fundamentado na narrativa da protagonista com o intuito de visibilizar uma jornada ainda pouco conhecida. “Para além do entendimento de um papel de destaque superficial, o protagonismo passa a ser interpretado como um ato político, presente na dimensão social, definida ao se caracterizar como algo novo, que inaugura outro tempo”.¹⁶

Dos entrecruzamentos dessas fontes emergiram três temas: aspectos biográficos de Dilma Mendes, sua atuação no comando de equipes de homens e seu protagonismo à frente da seleção brasileira de futebol 7 feminina.

MULHER NEGRA E NORDESTINA

Dilma Maria Mendes de Souza nasceu no dia 18 de novembro de 1963 na cidade de Camaçari, na Bahia. Filha de um homem negro e uma mulher branca, é a mais nova de uma família constituída por cinco filhos e duas filhas. Desde pequena gostava de jogar futebol, e para isso enfrentou muitos desafios: em casa, era proibida pela mãe que não aceitava que ela se envolvesse com essa prática; o futebol era oficialmente proibido, portanto, não havia equipes de meninas que pudesse integrar; sentia o peso do racismo, pois as represálias da polícia quando a via jogando bola não aconteciam do mesmo modo que a uma menina branca. Diante dessas e tantas outras

¹⁴ Entrevista concedida as autoras do texto com duração de 63 minutos. Foi gravada na plataforma Zoom e posteriormente transcrita para produção deste texto.

¹⁵ BARDIN. *Análise de conteúdo*.

¹⁶ RUBIO; VELOSO. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica, p. 52.

adversidades, começou a criar estratégias para realizar seus desejos e vontades, sobretudo no futebol, pois

Desde criança, sabia que para avançar no jogo da vida, assim como no futebol, só habilidade técnica não seria suficiente; seria necessário ter criatividade para se desvencilhar dos adversários, muitos deles invisíveis. Sua história é marcada pelo enfrentamento e pela resistência ao preconceito e à discriminação, pois o fato de ser mulher, negra, nordestina e pobre cerceou muitas possibilidades, mas jamais a impediu de fazer o que queria.¹⁷

Por quatro anos defendeu a camisa do Ypiranga, uma equipe de Salvador, composta por 99% de mulheres negras que moravam em bairros periféricos da capital. Com esse grupo vivenciou vários episódios de racismo como, por exemplo, no dia que não puderam acessar as dependências de um clube pela entrada principal, mesmo que lá estivessem para disputar uma competição. Além disso, não foram raras as vezes que ouviram injúrias e xingamentos ou que foram impedidas de jogar em agremiações frequentadas por pessoas brancas.

Eu passei a entender que a gente era proibida de jogar porque tinha a pele negra, o cabelo crespo; algumas conseguiram vencer isso pela qualidade que jogavam. Eu tive essa condição porque sempre joguei com os meninos, com os homens e aguentei o rojão deles baterem em mim. Eu tive um lugar ao sol porque jogava bem.¹⁸

No futebol de campo, Dilma atuou também pela Catuense e pelo Clube Baiano de Tênis. No futebol de salão, integrou equipes de renome no cenário nacional como a Euroexport Campomar Bahia, pela qual tornou-se campeã da Taça Brasil que aconteceu em Salvador em 1991, e o Saad Esporte Clube, de São Paulo. Em 1994, fez parte da seleção baiana que disputou a Taça João Havelange, conforme matéria publicada no jornal *A Tarde*:

No time baiano joga a maioria das meninas convocadas para a última seleção brasileira que disputou uma competição importante na China. Dentre elas destacam-se a mais experiente, a goleadora Flor-de-Lis, estrela da última equipe formada pela Catuense, e Dilma, líder da equipe da Euroexport/Campomar. As garotas venceram recentemente o torneio Austrália/Brasil de Futebol de Salão em Salvador.¹⁹

¹⁷ GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*, p. 172.

¹⁸ MENDES. Entrevista para o Grupo de Estudos Mulheres do Futebol, p. 21.

¹⁹ A TARDE. *Baianas lutam por vaga na final do brasileiro*, p. 18.

Para além do racismo, a pouca estruturação da modalidade era uma das barreiras que enfrentava. No início da década de 1980, apesar de não ser mais proibido, o futebol de mulheres ainda não havia sido regulamentado, fato que só aconteceu em 1983 com a publicação da Deliberação 01 do Conselho Nacional dos Desportos (CND) que autorizou sua prática desde que fossem seguidas as normas recomendadas pela FIFA. Dilma vivenciou essa transição e para permanecer jogando desempenhava várias funções extracampo, muitas delas relacionadas aos cargos técnicos e de gestão. Seu empenho resultava na sobrecarga de atividades, cujo objetivo era a manutenção das equipes nas quais se envolvia. Sua dedicação à Euroexport Campomar, formado em 1991 quando tinha 28 anos, é exemplar dessa afirmação: além de jogar no time, ela trabalhava com as equipes juvenil, infantil, fraldinha, mirim e pré-mirim de meninos do Campomar para “manter essas mulheres jogando, o que a fez arrumar outro emprego e, muitas vezes, até deixar de comer para que as parceiras pudessem se alimentar”.²⁰

Apesar de seu empenho e responsabilidade, o futebol não garantia o seu sustento, e a instabilidade financeira fez com que prestasse concurso para o cargo de funcionária pública na Prefeitura Municipal de Camaçari, o que acabou por restringir algumas participações no esporte, sobretudo como jogadora. Dilma disputou sua última competição aos 32 anos, em um torneio realizado na cidade de Capão da Canoa, no Rio Grande do Sul, no ano de 1995, defendendo o Euroexport Campomar. Uma ressalva é necessária: aposentou-se dos gramados como atleta, mas não do futebol. Conforme atesta uma declaração da Federação Baiana de Futebol emitida por seu Presidente no dia 18 de agosto de 2003, entre 1995 e 2003, Dilma Maria Mendes de Souza, registrada na entidade como treinadora, exerceu a função nas equipes Clube Recreativo Campomar, Associação Desportiva Sedel e Esporte Clube Bahia. Segundo Silvana Goellner e Juliana Cabral:

Ao deixar os gramados como jogadora, Dilma se dedicou a outras tarefas no futebol exercendo múltiplas funções: foi treinadora, gestora, dirigente de equipes, supervisora, gerente operacional, roupeira, enfim, fazia de tudo um pouco. Não protelava tarefas e executava o que fosse necessário para fazer com que este esporte acontecesse e se democratizasse, sobretudo para as mulheres. Por um tempo atuou como treinadora de equipes de futsal e de campo de homens e de mulheres em diferentes categorias,

²⁰ GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem*, 2022, p. 176.

até que em 1999 assumiu de modo mais efetivo a função de treinadora, no caso, de uma equipe de futsal de homens, onde conquistou a segunda colocação no campeonato estadual.²¹

Essa conquista lhe conferiu visibilidade e notoriedade na região. Apesar de já ter vivenciado a função de treinadora com equipes de meninos e meninas, foi no futebol dos homens que gravou novamente o seu nome na história do esporte baiano ao tornar-se campeã de Futsal das Olimpíadas da Polícia Federal da Bahia (2003), do Campeonato Interno do Tribunal Regional Eleitoral de Salvador (2001), da Copa Bahia e da Copa da Liga (2015), entre outras competições. No futebol das mulheres, também chegou ao topo em várias situações: foi Campeã Brasileira de Futsal Feminino em 1994 e Vice-campeã Brasileira Sub-20, além de ter sido considerada a melhor treinadora de futsal feminino da Bahia nos anos de 2012, 2013 e 2014. De personalidade inquieta, Dilma queria mais:

Como treinadora eu ganhava todos os eventos do feminino, eu tinha um grupo muito bom a nível de Bahia, de Camaçari e a gente ganhou todas as competições que nós fomos, mas o reconhecimento não vinha. Então criou em mim este novo desafio do reconhecimento da mulher negra, nordestina, da possibilidade de ser. Porque ter a gente tem, mas a gente precisava dizer que nós podemos sonhar, que nós podemos ser e agir da forma que a gente acredita. Foi por isso que eu resolvi jogar tudo para o alto, todos os títulos que eu tinha enquanto treinadora do feminino e começar de novo. Começar sendo treinadora de uma equipe masculina. E deu certo. Mas não foi fácil.²²

UMA MULHER À FRENTE DE EQUIPES DE HOMENS

A decisão de focar no futebol de homens a levou a aproximar-se do futebol 7, dentre outros fatores, porque percebeu que a modalidade estava em ascensão. Acumular títulos não era sua maior intenção, ela tinha o desejo de projetar o nome da Bahia no cenário nacional. Em uma de suas entrevistas, declara que não via no futsal “a representação do Nordeste, apesar da Confederação na época estar no Ceará, mas na Bahia a gente não tinha nem jogadores e muito menos jogadoras mulheres convocadas para seleção”.²³

²¹ GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem*, 2022, p. 177.

²² FUTEBOL 7 BRASIL. Dilma Mendes é eleita a melhor treinadora de futebol 7 do mundo em 2022.

²³ MENDES. Entrevista [...], p. 4.

Essa percepção a impulsionou a buscar mais informações sobre o futebol 7 inclusive porque o jogo “tinha um perfil muito parecido com o futsal, a questão técnica, e eu tinha um grupo de atletas que poderia se encaixar nessa nova modalidade”.²⁴ Foi assim que, em 2011, já com larga experiência no comando de equipes de futsal, ela resolveu ousar e se dedicar ao treinamento de uma equipe de homens. Nesse ano, Fábio Fernandes chegou à Bahia com o intuito de divulgar o futebol 7, o que resultou na criação da Federação de Futebol 7 Society da Bahia (FFSB-7). Passados dois anos, a Federação organizou o I Campeonato Baiano de Futebol 7, e Dilma, que já vinha atuando na modalidade, decidiu participar da competição. De pronto se deparou com um entrave: as equipes participantes deveriam estar atreladas a um clube profissional, o que não era seu caso porque ela atuava em times amadores, inclusive alguns que ela mesmo criava. A solução veio por meio do Camaçari Futebol Clube, uma equipe profissional que estava desativada. Dilma conversou com o presidente do clube e obteve a chancela para participar da competição, da qual foi a vencedora. “Nós fomos com a prata da casa, representando a cidade como Camaçari Futebol7”.²⁵ Marcelo, goleiro da equipe, rememora essa conquista:

O Camaçari vinha de três anos consecutivos de títulos no futsal e recebemos um convite da Federação Baiana de Fut7 para participarmos do campeonato baiano na modalidade. Nossa treinadora observou que poderíamos adaptar o que conhecíamos de Futsal e formar uma forte equipe de Fut7. O Camaçari F7 foi o primeiro campeão baiano na modalidade no ano de 2013 e eu era o único goleiro inscrito pela equipe e fui premiado como o melhor goleiro aquele ano. Como campeões baianos, conseguimos a vaga para o Brasileiro, onde fizemos um bom campeonato. Hoje, nacionalmente o Camaçari é uma das equipes destaques na modalidade.²⁶

No comando desse grupo Dilma ganhou mais três títulos estaduais: em 2017, em 2018 de forma invicta e em 2019 quando “A equipe camaçariense se tornou a maior vencedora da competição com um total de 4 títulos, além de muitas outras vitórias”.²⁷ Essas conquistas solidificaram o seu nome como uma grande referência do futebol 7 nordestino conforme identificamos em entrevistas concedidas por atletas e dirigentes de instituições esportivas:

²⁴ MENDES. Entrevista [...], p. 4.

²⁵ MENDES. Entrevista [...], p. 4.

²⁶ FEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 SOCIETY DA BAHIA. Ídolos do Fut7.

²⁷ FEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 SOCIETY. Campeonato Baiano Série A, 2019.

[...] Dourado: Esse ano tive uma grande atuação pelo Vitória na Liga Fut7, onde me preparei muito. Venho treinando forte junto ao Camaçari, da treinadora Dilma, que por sinal é uma das grandes mestras da modalidade.

[...] Fagner: Toda grande equipe sofre grandes pressões, quanto mais, quando se trata do atual campeão. Mas nossa equipe tem uma grande treinadora que nos passa muita tranquilidade com o seu alto conhecimento na modalidade.

[...] Dr. Teixeira: Acho que o fut7 baiano hoje é uma realidade!! É uma modalidade que tem tudo para se tornar profissional a curto prazo, graças ao esforço e suor dos excelentes profissionais que estão à frente como Alexandre, Adriano “Poca”, Fábio, Dilma, Coby, entre outros...²⁸

Dona de um currículo invejável, a filha de Camaçari acumula nove títulos de melhor treinadora da Bahia, disputados entre homens e mulheres: cinco de futsal (no feminino em 2012, 2013 e 2014 e no masculino em 2020) e quatro de futebol 7 (no feminino em 2015, no masculino em 2017, 2020, 2022). Sua incontestável competência também foi reconhecida pela Federação Baiana de Futebol, que nomeou de Dilma Maria Mendes de Souza os troféus entregues na final do campeonato estadual em 2017. Sobre essa homenagem, ela proferiu as seguintes palavras:

Como educadora/treinadora me sinto feliz, agradecida e honrada. Esse reconhecimento comprova que nada foi em vão, já que fiz parte de uma geração de ex-atletas de futebol feminino, onde esta prática era proibida por Lei. A intenção deste trabalho foi, e sempre será pautado com profissionalismo, responsabilidade de permitir legados positivos, transformadores ao Futebol Feminino.²⁹

O ano de 2018 foi particularmente significativo para Dilma, que viu seu nome circular para além do contexto regional. Ciente de que tinha sob seu comando atletas com bom nível de competitividade, inscreveu sua equipe para participar da Liga Fut7 organizada pela FUT7 Brasil, cuja realização aconteceu em outubro na cidade de São Paulo. Seu principal objetivo era mostrar que o futebol 7 existia em Camaçari, cidade que muitos participantes da competição sequer tinham ouvido falar.

A campanha que nós tivemos a nível nacional do masculino foi fantástica porque a gente não pagava ninguém, não tinha dinheiro. A gente foi com 12 atletas onde a gente tinha os maiores clubes tradicionais da primeira divisão do futebol de campo masculino. E muitos da nossa cidade diziam: “Não vá não, você vai jogar contra times como Grêmio, Flamengo do Fut7

²⁸ FEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 SOCIETY DA BAHIA. Ídolos do Fut7.

²⁹ FEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 SOCIETY DA BAHIA. Parabéns, profa. Dilma Mendes.

que são potência. Os caras pagam!” Eu disse: “Vou, porque nosso esquema está arrumadinho. E aqueles que acreditaram viram isso, pois entre as 32 equipes nós voltamos entre as 12 melhores equipes do Brasil.³⁰

Sua presença à beira do campo e sua postura durante o campeonato foi notada pelos dirigentes da Liga “e na verdade eu fui vista como uma mulher, treinadora, treinando a equipe masculina, e daí a gente foi galgando esse espaço”.³¹ Até ser vista como treinadora, percorreu um caminho nada fácil que lhe demandou vários enfrentamentos com dirigentes, árbitros, colegas treinadores e atletas. Em várias situações não se sentia respeitada, era como se sua voz não fosse ouvida e muito menos autorizada a discutir, reivindicar e comandar. A reportagem “Duelo na quadra e do lado de fora”, publicada pelo jornal *A Tarde*, exemplifica essa afirmação quando assinala que “apesar de já ter 22 anos na profissão, Dilma costuma ser ignorada em quadra”.³²

Em entrevista para o programa televisivo *Bahia Notícias* em dezembro de 2019, Dilma destacou o quanto era discriminada por ser mulher, pois muitos de seus adversários a desqualificavam. Na ocasião, descreveu a seguinte situação:

Cheguei no jogo de calça e camisa, mas quando vou para o vestiário, já estou de bermuda, só que o cara não me reconheceu. Quando eu entrei, eles estavam na mesa e não sabiam que eu era a adversária deles e estavam justamente comentando sobre mim. “Não é possível, vocês acham que a gente vai perder a semifinal para um time comandado por uma mulher?”. Pensei logo que tinha que ganhar de todo jeito. Há discriminação muito grande. É preciso ter conhecimento de causa. Às vezes vão para o jogo para ver o que estou falando. Costumo dizer que sou uma Dilma fora e outra Dilma lá dentro. Me transformo. O início foi muito pior. Eu pedia para o jogador fazer uma coisa e ele fazia outra. Eu dizia o esquema tático e eles não seguiam. Eu tenho conhecimento de tudo. Eu ia para o regulamento para saber se estava correta.³³

Situações como esta não são exclusivas da treinadora baiana. Em grande medida, quando uma mulher assume um cargo representado como mais apropriado para os homens, são comuns os questionamentos de sua competência e autoridade. Roberta Nina escreveu em 2018 uma matéria na qual descreve a trajetória de três mulheres que atuam em equipes masculinas: Nilmara Alves, considerada a primeira

³⁰ CASTRO; GOELLNER. Mulheres no comando técnico com Dilma Mendes e Tatiele Silveira.

³¹ MENDES. Entrevista [...], p. 5.

³² LIMA. Duelo na quadra e do lado de fora, p. 13.

³³ CALDAS; RIOS. Campeã de tudo no Fut 7, a baiana concorre ao prêmio de melhor treinadora do mundo.

mulher da história do futebol brasileiro a ter o seu nome registrado como treinadora no Boletim Informativo Diário da CBF e, na época, à frente da equipe do Manthiqueira, que estava disputando a quarta divisão do campeonato paulista; Cláudia Malheiro, que em 2006 conquistou o inédito vice-campeonato estadual do Acre com o Andirá Esporte Clube, e Priscilla Mayla Grecco, ex-goleira com passagens pela seleção brasileira e por clubes como Juventus, Nacional, Internacional, Palmeiras, Cleveland Internationals e Santos que, após sair dos campos, passou a atuar como preparadora de goleiros do Gremetal, time da Baixada Santista. O preconceito e o machismo são identificados pela jornalista na fala das treinadoras que frequentemente viram seu trabalho ser desmerecido apenas por serem mulheres. Relata Priscilla:

Uma vez, num curso de treinadores, um conhecido chegou até mim e falou que era melhor eu ir para a área de analista de desempenho do que ser treinadora, ainda mais no futebol masculino. Mas isso é algo que não me incomoda. Vejo o machismo como um paradigma que aos poucos estamos quebrando. Sei que o meu caminho e de outras mulheres no futebol masculino não vai ser nada fácil e teremos que romper barreiras. Com muito estudo e trabalho seremos reconhecidas e valorizadas no futebol, basta termos oportunidades para mostrarmos que somos capazes de comandar uma equipe de futebol.³⁴

Dilma vivenciou na pele situações bastante parecidas. Em uma de suas entrevistas relata:

No início os bastidores foram os piores possíveis porque eu ia cumprimentar o treinador antes do jogo e ele me cumprimentava. Mas se eu ganhasse o jogo e ia cumprimentar, eles me davam as costas, eram mal educados comigo. Eu ia para a arbitral e quando chegava lá tinha 20 homens e eu era a única mulher e a organização perguntava: “Cadê o treinador da Bahia?”. Era sempre assim e eu me esquivava da forma que eles mereciam porque acho que é assim que a gente tem que fazer e dizia: “eu acho que ele está vindo, eu vim aqui para substituir ele”.³⁵

Dentro de campo também encontrou dificuldades e por algumas vezes se deparou com a recusa de atletas em seguir suas orientações. “Às vezes, eles iam para o meio do campo e decidiam o que iam fazer”.³⁶ Tal atitude não a intimidava, ao contrário, tratava logo de afrontar o descaso com pulso firme e com conhecimento. “Eu

³⁴ NINA. As mulheres que ousaram treinar times masculinos no futebol.

³⁵ MENDES. Entrevista [...], p. 8.

³⁶ CASTRO; GOELLNER. Mulheres no comando técnico com Dilma Mendes e Tatiele Silveira.

puxava eles para a casinha e dizia: você está saindo por causa disso! A nossa bênção no fut7 é que as substituições são volantes... vocês vão fazer o que eu estou pedindo. Por enquanto estou pedindo, na próxima eu não vou pedir”.³⁷ Em outra entrevista, complementa: “Tem a casinha, né? Que a gente sempre fala como treinadora. Se não fizer, vai pra casinha. E eu não sou boazinha, eu sou justa!”.³⁸

Houve uma situação bastante ilustrativa da insubordinação de um atleta que não acatou seu comando quando o avisou que seria substituído. “O atleta era fortão e pensei: como eu vou tirar esse cara? Aí eu informei ao mesário que ele não atendeu a minha ordem e solicitei que lhe desse um cartão vermelho porque como treinadora eu tenho esse direito, isso consta no regulamento”.³⁹

Nesse dia o árbitro ficou em dúvida se poderia ou não aplicar o cartão, pois desconhecia essa possibilidade. Dilma lhe garantiu que estava no regulamento e o jogador foi expulso. Estudar era uma prerrogativa para atuar, uma das estratégias que recorrentemente usava para sustentar suas posições. Cabe destacar que em ambientes dominados por homens, demonstrar conhecimento é uma forma de fazer valer seus argumentos e decisões até mesmo porque sabia que “um time masculino adulto ser comandado por uma mulher de um metro e meio, você sabe que ninguém dá nem bom dia”.⁴⁰

Lindsay Camila, a primeira mulher a comandar um time brasileiro vencedor da Copa Libertadores da América, em 2021, com a equipe de mulheres do Ferroviária, em entrevista logo depois da conquista declarou que os homens ainda queriam ensinar-lhe futebol. Sua vasta experiência como jogadora e como treinadora de equipes de homens e mulheres em clubes na França, nos Emirados Árabes e em Luxemburgo não foram considerados suficientes para muitos colegas homens que lhe escreviam sugerindo como deveria posicionar o time ou ainda se comportar. Em reportagem publicada pela Veja explica como reagiu a tais interferências: “Não levo a mal, porque sei que não é por maldade, mas e se fosse um homem? Será que alguém mandou isso pro Abel Ferreira [técnico do Palmeiras]? Ou pro Jorge Jesus, quando o Flamengo ganhou em 2019?”.⁴¹

³⁷ CASTRO; GOELLNER. Mulheres no comando técnico com Dilma Mendes e Tatiele Silveira.

³⁸ MENDES. Entrevista [...], p. 11.

³⁹ MENDES. Entrevista [...], p. 18.

⁴⁰ MENDES. Entrevista [...], p. 5.

⁴¹ GONZALEZ. 1ª técnica a vencer Libertadores: “Homens ainda querem me ensinar futebol”, 2021.

Cris Souza, treinadora da equipe de futsal Taboão/Magnus, foi a única mulher a concorrer entre nove homens ao título de melhor treinador/a do mundo de 2019,⁴² quando ainda não existia a premiação exclusivamente para a categoria de futsal feminino. Em 2020, com a criação dessa divisão, Cris Souza foi eleita a melhor treinadora do mundo, e no ano seguinte, ficou em segundo lugar. Em maio de 2021 concedeu uma entrevista na qual destaca que no início de sua carreira sentia falta de mulheres técnicas nas quais pudesse se inspirar, tema que lhe mobiliza a trabalhar, criar representatividade e referências. Ao longo de sua carreira travou muitos embates, inclusive para ter estruturas mínimas de trabalho:

Foi toda aquela briga porque a gente não tinha nada. Não tinha horário de treinos, eu tinha que brigar por uma quadra, a gente treinava no estacionamento do ginásio. Não éramos respeitadas como mulher praticante, as pessoas não valorizavam o trabalho, pegava uniforme do masculino para jogar. Foi um começo bem desafiador.⁴³

Mariana Novais, ao analisar a trajetória de nove treinadoras e auxiliares que compuseram comissões técnicas de equipes brasileiras do futebol de mulheres em 2016 aponta que

conquistar o direito à ocupação do cargo de treinadora em função de seus desempenhos no meio do futebol, seja ele de que natureza for, aliado a toda dedicação em se capacitarem, configuram uma potente estratégia de resistência e subversão desenvolvida pelas treinadoras.⁴⁴

O estudo garantiu a inserção e permanência de Dilma em várias funções no futebol deles. Foi treinadora, auxiliar técnica, gestora, presidente de clube, o que a fez transitar por várias instituições, além de dialogar com interlocutores que nem sempre a respeitavam. Ao discorrer sobre esse tema, declarou: “É uma questão de posicionamento. Não é muito fácil, mas não é impossível. Tem que estudar o tempo todo, tem que estar atualizada o tempo todo”.⁴⁵ Sobre seu modo de atuar, declara:

⁴² Em algumas categorias (masculinas) a premiação existe desde 2004, a de melhor jogadora do mundo, por exemplo, acontece desde 2007, enquanto a de melhor treinador/a de times femininos surge apenas em 2020. Nesta categoria concorrem homens e mulheres.

⁴³ PEREIRA. Cris Souza, técnica melhor do mundo “quero que o futsal tenha voz”.

⁴⁴ NOVAIS. “À beira do gramado ou fora do jogo?”, p. 49.

⁴⁵ CASTRO; GOELLNER. Mulheres no comando técnico com Dilma Mendes e Tatiele Silveira.

Como treinadora desenvolvo as múltiplas capacidades técnicas das (dos) atletas e, além disso, atuo com a percepção aprofundada sobre as particularidades e potenciais. Muitas vezes, percebo habilidades que a (o) atleta sequer notou. Dessa forma, sempre atenta à posição e função em que toda a equipe se beneficiará dos potenciais de cada componente, faço os ajustes necessários. Tudo isso observado juntamente com os aspectos humanos, como desenvolvimento, momento emocional, psicológico, físico e histórico de cada um.⁴⁶

Depois de participar do evento da Liga de Futebol 7 no ano de 2017, na qual teve seu talento reconhecido, Dilma continuou à frente do Camaçari F7 e integrou, por um período curto de tempo, as comissões técnicas tanto da seleção brasileira de homens quanto de mulheres. Sua competência, dedicação, experiência e conhecimento foram novamente notados e a conduziram ao cargo de treinadora da seleção brasileira de futebol feminino, o qual ocupou com particular satisfação, pois desde criança desenvolveu inúmeras estratégias para mostrar que o futebol também era delas, das mulheres. Como não se cansa de expressar, quando descreve sua trajetória: “A briga é por um dia. A luta é a vida toda”.⁴⁷

A MELHOR TREINADORA DO MUNDO É NOSSA

O futebol 7, apesar de agregar um grande número de praticantes, ainda é considerado em nosso país como um esporte amador, sendo regido por várias instituições, algumas delas com autonomia para convocar uma seleção que participa de competições específicas. De acordo com o site da Confederação Brasileira de Futebol, por exemplo, a seleção brasileira de homens já havia sido convocada entre 2011 e 2014, inclusive ganhando três títulos mundiais nesse período.⁴⁸ No que se refere à seleção de mulheres, noticia apenas uma convocação, no caso, para um jogo amistoso que aconteceu em 2017 contra a seleção do Canadá. A Confederação Brasileira de Soccer Society (CBSS) não contempla informações sobre uma seleção de mulheres, e dos

⁴⁶ MENDES. Ser treinadora. Camaçari, Bahia, 3 abr. 2023. Instagram: @mendesd7.

⁴⁷ MENDES. Entrevista [...], p. 18.

⁴⁸ BRITO. Nota sobre a recuperação histórica da Confederação, 2020.

homens apenas apresenta registros fotográficos sem detalhamentos.⁴⁹ A Confederação Brasileira de Futebol 7 do Brasil, outra entidade reguladora da modalidade, só recentemente convocou uma seleção, no caso, de homens.⁵⁰

A Futebol 7 Brasil, instituição à qual Dilma está vinculada, convocou oficialmente suas duas seleções em 2018, no mesmo dia inclusive, com o intuito de viabilizar o tratamento igualitário em termos de participação em competições e estrutura para ambos os sexos. Todos os jogadores e jogadoras, assim como a comissão técnica, fazem parte da Associação Brasileira de Clubes de Futebol 7, sendo pré-requisito para a F7B que os clubes que disputam as competições que promove sejam a ela filiadas.⁵¹ Um diferencial da F7 Brasil em relação a outras entidades, reside no fato que é a única filiada à Football 7 Federation (FIF7), entidade que organiza competições internacionais como a Copa das Nações e a Copa do Mundo.

O primeiro campeonato que a seleção de mulheres da F7B participou foi a Copa América de 2018, evento vinculado à ABF 7. Realizada em 2018 na capital peruana, Lima, o evento contou com a participação do Brasil, Chile, Peru e México. Nessa oportunidade nossa seleção foi comandada pelo treinador André Hoepers, que perdeu a final do campeonato para a seleção peruana.⁵² Com esse plantel e técnico, nossa seleção disputou no mesmo ano a Copa das Nações, em São Paulo, juntamente com as equipes da Argentina, Chile, Uruguai, México e Colômbia, oportunidade na qual venceu todos os jogos conquistando o título de forma invicta. Em 2018, aconteceu em Curitiba a primeira edição da Copa do Mundo com a presença de oito seleções: Brasil, Colômbia, Espanha, México, Argentina, Chile, Uruguai e Bolívia. A final do campeonato foi disputada entre Brasil e Colômbia, com o resultado no tempo regulamentar de 1 x 1. O título inédito da seleção brasileira foi conquistado na cobrança de pênaltis ou no shoot-out, como são denominadas as penalidades no futebol 7.⁵³

Em dezembro de 2018, Dilma recebeu um telefonema de Hugo Loureiro, presidente da F7 Brasil que a convidou para assumir a seleção de mulheres:

⁴⁹ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SOCCER SOCIETY. A história do Futebol Society, 2021.

⁵⁰ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL 7 DO BRASIL. O Brasil é o campeão da Copa América 2022, 2022.

⁵¹ FUTEBOL 7 BRASIL. Associação Brasileira divulga calendário 2019 que irá mudar a história do Fut7 no país, 2018.

⁵² FIF7. With support from the fans, Peru is champion of the American Women's Cup, 2018.

⁵³ FIF7. Colombia shines in the Cup and gives a life lesson to all.

Eu achei até muito estranho, porque a seleção brasileira tinha sido campeã do mundo com um treinador homem, então, a gente tem muito essa cultura de não mexer. O cara era campeão do mundo, então, como é que você vai tirar o cara e botar uma pessoa que trabalha com masculino, trabalha com feminino, mas não tem título a nível nacional.⁵⁴

Mesmo receosa diante do desafio e da responsabilidade, a baiana não hesitou em aceitar, inclusive porque via nessa oportunidade a chance de contribuir para impulsionar as mulheres dentro da modalidade:

Eu fiquei realmente encantada pelo projeto, até porque todas as condições que têm o masculino ia ter para o feminino. Se o masculino fosse para os Estados Unidos fazer uma viagem internacional, o feminino também iria. Então todo esse processo me encantou para que eu aceitasse o convite, e aí eu fui ver isso de perto. É claro que não é mil maravilhas, mas a gente consegue hoje, primeiro, oportunizar, porque eles não exigem que eu vença a qualquer preço.⁵⁵

Sua estreia à frente da seleção aconteceu em março de 2019 quando participou da Copa América, sediada em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, onde disputou a competição com a Argentina, o Chile e o Uruguai. No seu torneio inaugural conquistou o título de campeã, inédito para o Brasil, que na edição anterior havia ficado na segunda colocação.⁵⁶ Ainda tateando em como conduzir o grupo, Dilma se propôs a fazer um trabalho no qual pudesse conhecer as jogadoras, analisar o seu perfil, utilizando a escuta como uma de suas ferramentas, até mesmo porque teve pouco tempo para reunir as atletas que, na sua maioria, já tinham sido anteriormente convocadas. Nas suas palavras:

A primeira competição foi um pouco difícil, porque a gente tinha pouco tempo para treinar [...]. Eu queria conhecer elas e fui descobrindo que elas foram convocadas porque jogavam no clube delas em uma determinada função. Mas quando eu chegava e perguntava para elas: “Você gosta de jogar de quê?”. Aí elas falavam para mim: “Eu fui convocada de fixa”. Eu falei: “Não é isso que eu quero saber. Eu quero saber onde é que você gosta de jogar”. E aí elas começaram a passar para mim onde elas gostavam de jogar, e dentro dessa perspectiva a gente conseguiu montar uma estrutura muito boa, foi um primeiro perfil de seleção [...]. Então, na verdade, foi mais um

⁵⁴ MENDES. Entrevista [...], p. 6.

⁵⁵ MENDES. Entrevista [...], p. 29.

⁵⁶ FUTEBOL 7 BRASIL. Temporada 2019 chega ao fim com marca positiva para a seleção brasileira feminina, 2019.

lado mais teórico do que prático, nesse primeiro título. A gente ganhou muito mais fora de campo do que propriamente na questão tática.⁵⁷

O seu segundo desafio veio alguns meses depois, ao disputar a Copa do Mundo em Roma, onde enfrentou seleções bem estruturadas como a Rússia, Inglaterra, Argentina, México e Itália. Cotada como uma das equipes favoritas ao título, a seleção brasileira não trilhou um caminho fácil durante a competição. Empatou o primeiro jogo com o México e foi derrotada pela experiente Rússia. Apesar dos resultados desfavoráveis, na segunda fase recuperou a desvantagem ao vencer a seleção inglesa, o que a colocou na final da competição. A adversária foi a Rússia e o jogo foi disputadíssimo com o placar de 0 x 0 no tempo normal, sendo que a vitória aconteceu nas penalidades.⁵⁸

A ótima atuação da goleira, Monique Somose, foi determinante para a conquista do título. Sua trajetória exemplifica algo bastante comum no futebol 7, tanto o praticado por homens quanto por mulheres, que migram para essa modalidade depois que deixam de jogar no campo. Monique atuou em vários clubes no Brasil e seu bom desempenho a levou a participar da seleção de base pela qual disputou a Copa do Mundo FIFA Sub-20 de 2010 (Alemanha) e de 2012 (Japão). Em 2017, abandonou o futebol para tratar de uma depressão.

Foi o futebol 7 que me deu novamente a alegria de voltar a jogar, de entrar em campo de forma leve e saudável e ainda me proporciona jogar em alto nível. Eu me reinventei no esporte. Foi a modalidade que fez ressurgir a vontade de vencer. Foi um giro de 360º na minha vida. Saí do anonimato e ganhei respeito na modalidade.⁵⁹

Convocada por Dilma, Monique fez uma brilhante campanha em 2019; foi eleita a melhor goleira da Copa América, defendeu o clube italiano Lazio no Mundial de Clubes, e pela seleção brasileira se tornou campeã mundial de futebol 7 e da Copa das Nações disputada no mês de outubro na Espanha. Neste torneio, sediado em

⁵⁷ MENDES. Entrevista [...], p. 11.

⁵⁸ FIF7. The women's Brazilian National Team is twice champion of the Football 7 World Cup, 2019.

⁵⁹ FUTEBOL 7 BRASIL. Conheça a história da goleira Monique Somose.

Barcelona, as brasileiras enfrentaram uma seleção formada por jogadoras de diferentes nacionalidades, vencendo com um placar bastante elástico: 11 x 1, coroando o trabalho que Dilma e sua comissão técnica desenvolveram junto às atletas.⁶⁰

Diante de tais resultados e da representatividade do nome de Dilma no tocante a sua luta pelo desenvolvimento do futebol de mulheres, no final de 2019 seu contrato foi renovado por mais um ano. Wanderlei Ramos, presidente da Associação Brasileira de Clubes de Futebol 7 fez a seguinte declaração ao anunciar a permanência da treinadora no cargo:

As conquistas foram importantes, mas não foi isso que nos motivou a tomar a decisão de renovar, senão o fato de ela compreender a importância de fortalecer esse projeto de desenvolvimento do futebol 7 feminino. Ela é uma profissional preparada para a função, além de ser uma bandeira do futebol 7 feminino nacional. Que ela possa continuar contribuindo para a realização do sonho de muitas mulheres que enxergam na modalidade uma oportunidade para se realizarem e serem felizes através do esporte.⁶¹

Apesar de considerar surreal ser convidada para dirigir a seleção morando em Camaçari, no estado longe dos grandes centros do esporte, Dilma percebeu o quanto a sua atuação na seleção foi e é importante para a sua história de vida. Em entrevista para o site da F7B declara:

Tenho um trabalho árduo de muitos anos no meu estado, de buscar insensatamente caminhos na valorização e profissionalismo da mulher no esporte. Nosso trabalho por aqui é exatamente contribuir de maneira decisiva para que a mulher possa ser protagonista onde ela escolher estar. As questões de gênero no Brasil são muito fortes e, no Nordeste, parece ser maior diante do que tenho vivido ao longo dos anos. Hoje afirmo onde vou que tenho uma história com o fut7 feminino e a F7B, parceiros plenos nesta luta de igualdade, oportunidade, respeito e profissionalismo.⁶²

Desde que assumiu a seleção, Dilma vem somando mais títulos ao seu extenso currículo: em 2020 na cidade de Porto Alegre, se tornou bicampeã da Copa América, ao vencer o México, sendo eleita a Melhor Treinadora das Américas pela Federação Internacional de Futebol 7, diga-se de passagem, entre homens e mulheres porque ela

⁶⁰ FUTEBOL 7 BRASIL. Seleção Brasileira feminina conquista o título da Copa das Nações.

⁶¹ FUTEBOL 7 BRASIL. Dilma Mendes renova por um ano com Associação Brasileira e permanece no comando da seleção feminina, 2019.

⁶² FUTEBOL 7 BRASIL. Dilma Mendes renova por um ano com Associação Brasileira e permanece no comando da Seleção feminina.

é a única treinadora de uma seleção nacional. Em função da pandemia de COVID-19, todas as atividades da F7B foram suspensas, obedecendo as orientações da Organização Mundial da Saúde, razão pela qual a seleção disputou somente a Copa América. Em 2021, conquistou o vice-campeonato mundial na cidade do Rio de Janeiro, vencido pela poderosa seleção russa. Em 2022, conquistou pela terceira vez o título de campeã das Américas, jogando em Buenos Aires contra a seleção da casa com uma goleada de 5 x 2 sobre as adversárias. Sobre esta competição faz um adendo:

Essa Copa América da Argentina teve um sabor muito especial porque todo mundo foi para ver o masculino ser campeão. O feminino talvez chegasse. E realmente o time masculino era um baita time, mas eles perderam e ficaram em terceiro lugar. E a gente foi o time campeão. Tanto que o pessoal falou assim: a gente veio para ver o masculino campeão e o feminino em terceiro lugar e foi o contrário.⁶³

A exitosa carreira de Dilma à frente da seleção brasileira é pouco conhecida em nosso país. Se o futebol de campo praticado por mulheres ainda carece de visibilidade, as outras formas de vivenciar esse esporte estão praticamente a descoberto até mesmo pelo jornalismo esportivo. A trajetória multicampeã compôs a pauta jornalística de alguns artefatos midiáticos em 2023 por ter sido eleita a Melhor Treinadora do Mundo de Futebol 7 na categoria feminina. Ainda assim, muito do que foi noticiado foi produzido pelo site da Futebol 7 Brasil, em jornais e programas televisivos da Bahia⁶⁴ e pelas mídias alternativas, mais especificamente, nas redes sociais. Ou seja, essas conquistas parecem não ter significado para o esporte nacional que é representado, na maioria das vezes, a partir da história dos homens, das suas conquistas e realizações. Ignorar a presença delas é aniquilá-las simbolicamente e relegá-las ao ostracismo e esquecimento.

Se considerarmos que os cargos técnicos lidam de modo direto com a formação de praticantes, podemos dimensionar o quanto a invisibilidade afeta o próprio desenvolvimento da modalidade, seja na adesão de meninas e mulheres, seja na identificação de que tornar-se treinadora é possível.

⁶³ MENDES. Entrevista [...], p. 20.

⁶⁴ A conquista de Dilma foi destacada nos sites Destaque1, Nossa Metrópole, Camaçari Esportes, Portal Abrantes, PN Notícias, entre outros. Participou do Programa TVE Esporte Bahia.

A baixa inserção de mulheres nessas posições resulta, em grande medida, da falta de oportunidades para que possam protagonizar esses espaços. Podemos usar como exemplo um estudo realizado por Passero et al. (2020), que analisou e comparou os cargos de comissão técnica e arbitragem ocupados por homens e mulheres no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2013 a 2019. Foi constatado que a função mais ocupada por mulheres nesse período era a de auxiliar técnica com 22%, sendo que as treinadoras somaram apenas 17%.

A sub-representação de mulheres à frente de seleções nacionais também é outro dado que merece destaque. Ao analisarmos os dados da FIFA, identificamos que desde o Torneio Experimental de Futebol Feminino, sediado na China no ano de 1988, o primeiro fomentado pela entidade, a presença das mulheres à frente das equipes, apesar de ter aumentado ao longo dos anos, ainda é insipiente. Das 12 equipes que participaram desse torneio inaugural, apenas uma estava sob o comando de uma mulher. Esse mesmo número se repetirá na Copa do Mundo de 1991 (China) e na de 1995 (Suécia). Em 1999, aumentaram os países participantes do Mundial, totalizando 16. Nessas edições o cargo de treinadora foi ocupado por duas mulheres em 1999 (EUA), quatro em 2003 (EUA), três em 2007 (China) e seis em 2011 (Alemanha). Na Copa do Mundo de 2015 (Canadá) e na de 2019 (França), 24 países disputaram a competição e destes, respectivamente, oito e dez seleções tinham treinadoras.⁶⁵ Ou seja, o maior percentual de ocupação nessa função ainda está longe de 50%, tornando evidente a inequidade de gênero presente na modalidade, a qual também incide sobre outras práticas futebolísticas como o futebol 7, society, futsal, de areia e futevôlei.

Dilma trilhou um árduo caminho para estar no futebol. Chegou ao topo ao ser eleita como a melhor treinadora do mundo, premiação tão desejada por quem atua no futebol de rendimento. Mesmo reconhecendo o significado dessa conquista, atribui ao seu primeiro título como treinadora da seleção a condição de um dos mais representativos de sua história: “eu queria muito um dia ouvir o hino nacional oficialmente. Como atleta não consegui fazer isso, por tantas circunstâncias, mas como treinadora foi a melhor sensação do mundo. E foi o Futebol 7 que me proporcionou isso”.⁶⁶

⁶⁵ FIFA WORLD FOOTBALL MUSEUM. *The official history of the FIFA Women's World Cup*.

⁶⁶ MENDES. Entrevista [...], p. 29.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Dilma Mendes pode ser tomada como um exemplo de superação, inventividade, resistência e resiliência. Sua vida é feita de futebol. Nele lapidou seu corpo construiu sua subjetividade e seu modo de ser e estar no mundo. Nos eventos competitivos e nos “babas”, termo que na Bahia se refere ao futebol de lazer, se tornou a mulher que é, nome reverenciado pela dedicação ao esporte e pela luta em prol da construção de uma sociedade mais justa, menos excludente e discriminatória. Além de treinar equipes de futebol, futsal e futebol 7, também esteve à frente da equipe de amputados e de pessoas com deficiência, disputando e vencendo competições locais e regionais. Uma ressalva deve ser feita: o futebol não foi e nem é sua única ocupação. Desde jovem trabalhou para garantir seu sustento e contribuir na renda familiar. Teve vários empregos até conquistar sua estabilidade financeira como funcionária pública concursada na Prefeitura de Camaçari. A excelência de seu trabalho resultou em outro convite: atuar na gestão de políticas públicas, inicialmente como Secretária de Esporte, Lazer e Juventude da Prefeitura Municipal de Camaçari, cargo que ocupou no ano de 2020 e, desde então, como Subsecretária. Ao assumir a titularidade da pasta, declarou:

Me sentir contemplada aos 38 anos de funcionalismo público, ser reconhecida pelo meu trabalho de tantos anos. Imaginar esse reconhecimento, que uma mulher camaçariense, negra, que por meritocracia podia assumir um cargo de protagonista numa pasta tão importante na nossa cidade, é acreditar na essência de criação de pai e mãe, ser verdadeiro independente de situações.⁶⁷

Para Januário e Knijnik (2022), mulheres em postos de gestão são cruciais para o desenvolvimento e fortalecimento do futebol uma vez que essa representação pode trazer novas perspectivas e olhares dentro das entidades responsáveis pelo fomento da modalidade. A intervenção de Dilma nos cargos de liderança que vem ocupando enseja olhares promissores sobre estruturas enraizadas em pressupostos sexistas e racistas tanto porque é uma mulher, por vezes a única, em um universo repleto de homens, quanto porque sabe que, ao exercer seu poder nesses espaços,

⁶⁷ BAHIA NEWS. Entrevista com Dilma Mendes, secretária da SEJUV (Secretaria de Esporte Lazer e Juventude) do município de Camaçari-BA.

pode transformar práticas, discursos e representações. Sua percepção em relação aos marcadores sociais da diferença é muito bem explicitada em todos os espaços no quais atua pois faz questão de referenciar que é mulher, negra e nordestina. Tomando a interseccionalidade como ferramenta política, Dilma se apropria da produtividade desse conceito, reconhecido aqui a partir da sua potencialidade ao explicitar como distintas formas de dominação se articulam e produzem posições de desigualdade, opressão e injustiça embasados em discursos regulatórios de gênero, raça/etnia, classe social, geração, entre outros marcadores.⁶⁸

Esta articulação a coloca em outro patamar para além do campo. Dilma é voz ativa no empoderamento de mulheres, sobretudo negras, e tem sido uma referência no campo esportivo, inclusive por evocar as pessoas não negras a pensar esse tema e tomá-lo como uma pauta de lutas. Essa postura política, advinda da sua experiência de vida e de seu lugar de fala,⁶⁹ mostra-se como um diferencial em relação as narrativas das treinadoras de futebol enfocadas nas pesquisas aqui mencionadas. Ao visibilizarmos sua trajetória, trazendo ao texto essa particularidade, entendemos que estamos abrindo perspectivas para outras leituras sobre a presença das mulheres no futebol, seja porque buscamos abordar temas como a interseccionalidade, seja porque privilegiamos narrar a história de Dilma a partir de sua própria fala, do modo como entende sua vida e da forma como estrutura seu pensamento para contá-la.

Em relação às questões de gênero no futebol, uma de suas metas é criar oportunidades para mulheres: “eu tenho procurado ver se a gente consegue colocar uma outra mulher no meu lugar. [...] A gente não tem cadeira cativa, o meu sonho é ter uma comissão técnica na seleção só de mulheres”.⁷⁰

Em fevereiro de 2023, foi anunciada a permanência de Dilma à frente da seleção feminina brasileira de futebol 7, com vistas a disputar a Copa do Mundo no México em setembro e, na sequência, a Copa Latina com sede em Maceió.⁷¹ A expectativa da Associação Brasileira de Clubes de Futebol 7, expressa por seu presidente, Wanderlei Ramos, é que “ela possa continuar contribuindo para a realização do sonho de muitas mulheres que enxergam na modalidade uma oportunidade para se

⁶⁸ COLLINS; BILGE. *Interseccionalidade*, 2020.

⁶⁹ RIBEIRO. *Lugar de fala*, 2019.

⁷⁰ MENDES. Entrevista [...], p. 17.

⁷¹ CERQUEIRA. Dilma Mendes participará de dois campeonatos internacionais este ano.

realizarem e serem felizes através do esporte”;⁷² a de Dilma é “Estou muito feliz porque eu sempre trabalhei e me esforcei muito. Deixo um legado para mostrar para outras mulheres de Camaçari, da Bahia e do Brasil que é possível, e que elas também podem alcançar seus objetivos”;⁷³ e a nossa é que, além dessa importante realização, a história da filha de Camaçari seja conhecida, crie representatividade e inspire homens e mulheres a construir um esporte menos generificado e generificador.

* * *

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Apresentação. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. VI-XXV.

BAHIA NEWS. Entrevista com Dilma Mendes, secretária da SEJUV (Secretaria de Esporte Lazer e Juventude) do município de Camaçari/BA, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/arLh>.

BAIANAS LUTAM... **A Tarde**, 06 fev. 1994, p. 18.

BARDIN Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BRITO, Mayron. Nota sobre a recuperação histórica da Confederação, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/arLC>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CALDAS, Matheus; RIOS, Gabriel. Campeã de tudo no Fut 7, baiana concorre a prêmio de melhor treinadora do mundo. **Bahia Notícias**, 7 dez. 2019. Disponível em: <https://curtlink.com/Kym8Hkl>. Acesso em: 23 fev. 2023

CASTRO, Luciane; GOELLNER, Silvana. Mulheres no comando técnico com Dilma Mendes e Tatiele Silveira. **Ludopédio**, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/arLi>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CERQUEIRA, Hyago. Dilma Mendes participará de dois campeonatos internacionais este ano, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/arLT>. Acesso em: 17 fev. 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Silma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL 7. Campeonatos. 2022. Disponível em: <https://curtlink.com/xBMRvGe>. Acesso em: 15 fev. 2023.

⁷² FUTEBOL 7 BRASIL. Dilma Mendes renova por um ano com Associação Brasileira e permanece no comando da seleção feminina.

⁷³ LEGADO PARA OUTRAS MULHERES... *destaque1.com*, 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL 7. Campeonato Sul-Brasileiro de Futebol 7, 2017. Disponível em: <https://shre.ink/arLU>. Acesso em: 20 fev. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SOCCER SOCIETY. A história do Futebol Society, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/ar38>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SOCCER SOCIETY. Seleção brasileira, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/ar3B>. Acesso em: 18 fev. 2023.

CONFEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 BRASIL. O Brasil é o campeão da Copa América 2022, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/ar3L>. Acesso em: 09 mar. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS Deliberação 01/83. Disponível em: <https://shre.ink/ar3u>. Acesso em: 19 set. 2020.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 SOCIETY DA BAHIA. Campeonato Baiano Série A, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/ar3Z>. Acesso em: 25 mar. 2023.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 SOCIETY DA BAHIA. Ídolos do Fut7. Disponível em: <https://www.bahiaf7.com.br/noticias.php?id=6348>. Acesso em: 23 fev. 2023.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL 7 SOCIETY DA BAHIA. Parabéns profa. Dilma Mendes. 26 nov. 2017. Disponível em: <https://curtlink.com/pZyBbw2>. Acesso em: 31 jul. 2023.

FIF7. Football 7 Awards 2022, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/ar32>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FIF7. In the first women's championship Football 7, Brazil wins the Intercontinental Cup, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3OzCPfC>. Acesso em: 18 fev. 2023.

FIF7. The competition will be held in the largest city in South America, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3KigoZU>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FIF7. The women's Brazilian National Team is twice champion of the Football 7 World Cup, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/arLr>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FIF7. Veneno/Paula Ramos winning the female category, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/452REN8>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FIF7. With support from the fans, Peru is champion of the American Women's Cup, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/arLd>. Acesso em: 17 fev. 2023.

FIF7. Brazil wins the America's Cup in the women's category, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/arZY>. Acesso em: 13 fev. 2023.

FIFA WORLD FOOTBALL MUSEUM. The oficial history of the FIFA Women's World Cup. London: Carlton Books, 2019.

FUTEBOL 7 BRASIL. Aninha relembra a decisão da Copa do Mundo 2018 contra a Colômbia. Disponível em: <https://curtlink.com/ja7EieN>. Acesso em: 31 jul. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Associação Brasileira divulga calendário 2019 que irá mudar a história do Fut7 no país, 2018. Disponível em: <https://curtlink.com/8sZNq4r>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Conheça a história da goleira Monique Somose, 06 dez. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/a71q>. Acesso em: 01 mar. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Dilma Mendes ganha e é eleita a melhor treinadora de futebol 7 do mundo. Disponível em: <https://shre.ink/a71Q>. Acesso em: 17 fev. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Seleção brasileira feminina conquista o título da Copa das Nações, 05 out. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/a71e>. Acesso em: 05 mar. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Associação Brasileira divulga calendário 2019 que irá mudar a história do Fut7 no país, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/arZO>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Brasil vira sobre o México e é bicampeão da Copa América Feminina 2020, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/arZz>. Acesso em: 25 mar. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Copa do Mundo de Futebol 7: Brasil será sede da primeira edição, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/arZy>. Acesso em: 12 mar. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Dilma Mendes renova por um ano com Associação Brasileira e permanece no comando da Seleção feminina, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/arZn>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Futebol 7 Brasil, 2015. Disponível em: <https://shre.ink/ar4W>. Acesso em: 18 fev. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Saiba mais sobre a Seleção Brasileira de Futebol 7, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/arZk>. Acesso em: 25 fev. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Temporada 2019 chega ao fim com marca positiva para a Seleção Brasileira Feminina, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/arZg>. Acesso em: 05 mar. 2023.

FUTEBOL 7 BRASIL. Veja todos os campeões do ano na categoria feminina, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/arZ8>. Acesso em: 15 fev. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre, CABRAL, Juliana. **As pioneiras pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GONZALEZ, Mariana. 1ª técnica a vencer Libertadores: “Homens ainda querem me ensinar futebol”. **De Universa**, 2021, São Paulo, 28 mar. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/arMQ>. Acesso em: 13 fev. 2023.

KNIJNIK, Jorge; JANUÁRIO, Soraya. Liberdade, ainda que tardia: a revolução feminina no futebol brasileiro. In: JANUÁRIO, Soraya; KNIJNIK, Jorge. **Futebol das Mulheres no Brasil**: emancipação, resistências e equidade, 2022, p. 11-32.

LEGADO PARA OUTRAS MULHERES DE CAMAÇARI. **destaque1.com** [portal]. 14 fev. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/arMD>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LIGA DE FUTEBOL SOCIETY DO RIO DE JANEIRO. Confederações de Futebol 7 Society se unem para o bem do esporte mais praticado no Brasil, 2011. Disponível em: <https://shre.ink/arYH>. Acesso em: 10 fev. 2023.

LIMA, Aurélio. Duelo na quadra e do lado de fora, **A Tarde**, 12 set. 2007, p. 13.

MENDES, Dilma. Entrevista para o Grupo de Estudos Mulheres do Futebol [ago.2022]. Entrevistadora: Silvana Goellner.

MENDES, Dilma. Dilma Mendes como treinadora da seleção brasileira de futebol 7 feminina [fev. 2023]. Entrevistadoras: Silvana Goellner, Luiza Lopez, Lóry Ribeiro e Mariana Brum.

MENDES, Dilma. Ser treinadora. Camaçari, Bahia, 03 abr. 2023. Instagram: @mendesd7. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cqi5b7GuDHT/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

NINA, Roberta. As mulheres que ousaram treinar times no futebol masculino. **Dibradoras**, São Paulo, 24 set. 2018. Disponível em: <https://shre.ink/a7AM>. Acesso em: 24 fev. 2023.

NOVAIS, Mariana. “**À beira do gramado ou fora do jogo?**”: as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação Física), UFJF, Juiz de Fora, 2018.

PASSERO, Júlia; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides. J.; GALATTI, Larissa. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, v. 26, 2020.

PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. Ed. Letra e Voz, S. Paulo, 2010.

PEREIRA, Mariana. Cris Souza, técnica melhor do mundo: “quero que o futsal tenha voz”. **Dibradoras**, 06 maio 2021. Disponível em: <https://shre.ink/a7AA>. Acesso em: 05 mar. 2023

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafaela. C. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, p. 49-62, 2019.

* * *

Recebido em: 17 abr. 2023.

Aprovado em: 27 jul. 2023.

Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil

Go professional like a girl?: effects of women's football development policies on sports career opportunities in Brazil

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo
Doutorado em Educação Física, UNICAMP
marianazuaneti@gmail.com

Gabriela Borel Delarmelina

Universidade Federal do Espírito Santo
Graduada em Educação Física, UFES

Letícia Carvalho de Souza

Universidade Federal do Espírito Santo
Graduada em Educação Física, UFES

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre as recentes políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite no Brasil. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com 19 atletas sobre suas trajetórias esportivas. Dois marcos desviam tendências nas oportunidades de carreira: a organização, em 2013, do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino e a nova regulamentação da CONMEBOL, em 2019. Tais mudanças oportunizaram a entrada das mulheres nos clubes tradicionais do futebol de homens, diminuindo a incidência de clubes de elite específicos femininos. Além disso, a remuneração em forma de salário, a dedicação exclusiva às competições de futebol de campo e uma diminuição na incidência da existência da dupla carreira no esporte também são tendências que se inverteram na última década. Entretanto, a presença de contratos formais ainda não é prevalente entre as atletas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Profissionalização; Futebol feminino.

ABSTRACT: In this paper, we analysed the relationship between the recent policies for the development of women's football and the opportunities for professionalization of the career of elite athletes in Brazil. For that, we conducted semi-structured interviews with 19 Brazilian female football players about their sports career. Two milestones divert trends in sport career opportunities: the organization of the Brazilian Women's Football Championship, in 2013, and the new regulations of CONMEBOL, in 2019. Such changes resulted in women entering traditional men's football clubs, reducing the incidence of only women clubs. In addition, remuneration in the form of a salary, exclusive dedication to football competitions and a decrease in the incidence of dual career are also trends that have reversed in the last decade. However, the presence of formal contracts is still not prevalent among female athletes.

KEYWORDS: Gender; Professionalization; Women's football.

INTRODUÇÃO¹

Em janeiro de 2011, a então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff recebeu a jogadora Marta, que havia sido indicada pela quinta vez ao título de melhor atleta do ano no mundo. Após o encontro, a jogadora afirmou que a presidenta havia prometido maior atenção ao futebol de mulheres no país.² Nesses anos, o futebol de mulheres no Brasil ainda era caracterizado pela falta de atenção, investimento, reconhecimento, profissionalismo, marcado pela ausência de ações perenes, o que gerava um quadro de instabilidades de “efeito sanfona” de retração e crescimento.³ Essa caracterização constituiu em torno do futebol brasileiro de mulheres “um discurso de ausências”, que destacava suas carências e precariedades, reiterando, na visão de Kessler,⁴ uma noção de “falta de futuro”.

O cenário da segunda década do século XXI no Brasil contrastava com o otimismo vivido em termos globais. O futebol era considerado o esporte que mais crescia entre mulheres no mundo nos últimos anos, devido ao aumento do número de jogadoras, impulsionadas por diversos fatores, como o número de apoiadores da modalidade em nível internacional vem aumentando potencialmente.⁵ A cobertura da mídia, a transmissão de jogos, a popularização da modalidade, bem como o aumento da frequência e quantidade de público nos estádios são, ao mesmo tempo, demonstração e produto de uma mudança estrutural em como o futebol de mulheres tem sido abordado ao redor do mundo.

Desde 1995, o futebol de mulheres ganhou espaço na agenda da Federação Internacional de Futebol (FIFA), quando Joseph Blatter, então presidente da entidade, previu que o futuro do futebol (e da FIFA) eram femininos⁶ – futuro esse que só se concretizaria quando a modalidade se tornasse lucrativa para a entidade.⁷ A Copa do Mundo de 2019, finalmente, materializou esse otimismo, atraindo mais

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da Capes e do Programa Academia e Futebol, da Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor.

² PASSARINHO. Nathalia, Dilma recebe Marta e promete maior ‘atenção’ ao futebol feminino, 2011.

³ KESSLER. *Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*, 2015, p. 58.

⁴ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, p. 62.

⁵ JACOBS. Programme-level determinants of women’s international football performance, 2014.

⁶ PFISTER. *The future of football is female!?*, 2006.

⁷ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

de um milhão de espectadores pelo mundo.⁸ Esse crescimento não se limita apenas ao número de espectadores nos principais eventos da modalidade, mas também se reflete na quantidade de mulheres jogando futebol em nível competitivo, criando um significativo espaço para envolvimento e oportunidades de profissionalização para as atletas do esporte.⁹

Apesar do crescente interesse pelo futebol de mulheres, a profissionalização da modalidade ainda é um desafio. Segundo a Federação Internacional dos Futebolistas Profissionais,¹⁰ mais de 90% das jogadoras refletem sobre deixar o futebol precocemente devido a razões financeiras e de instabilidade de carreira. A média de remuneração mundial das jogadoras que recebem salário é de cerca de US\$ 600 por mês ou menos para quase dois terços delas.¹¹ Além disso, apenas pouco mais da metade das jogadoras têm contrato com clubes, com duração média de um ano, o que ilustra a instabilidade e precariedade do cenário da profissionalização do futebol de mulheres globalmente. Mesmo com o crescimento, a modalidade ainda precisa de melhorias substanciais nas condições de trabalho das jogadoras e na organização do mercado de trabalho.¹²

Como consequência, o futebol de mulheres caracteriza-se pela presença de três tipos de dedicação: amadora, semiprofissional e profissional.¹³ Embora a FIFA não reconheça formalmente esses três status de dedicação, os dados divulgados pela FIFPRO¹⁴ mostram que menos de 25% das jogadoras se identificam como profissionais. Isso significa que mais de 75% das mulheres que se dedicam ao futebol não têm estabilidade financeira para dedicar suas vidas ao esporte. No caso brasileiro não é diferente. Embora a seleção nacional tenha tido excelentes resultados no início dos anos 2000, foi apenas partir de 2019 que ocorreu um maciço investimento de recursos na modalidade, ocasionado, sobretudo, pela regulamentação da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) que

⁸ CULVIN; BOWES. Introduction: women's football in a global, professional era, 2023.

⁹ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023.

¹⁰ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

¹¹ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

¹² FIFPRO. World Players' Union, 2020.

¹³ WILLIAMS. An equality too far? Historical and contemporary perspectives of gender inequality in British and international football, 2006.

¹⁴ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

obrigou os clubes tradicionais do futebol de homens a terem equipes de mulheres para poderem disputar campeonatos continentais.¹⁵ Mesmo com essa mudança recente, o status profissional ainda não era reconhecido para todas as jogadoras da Série A1 do Campeonato Brasileiro de 2021.¹⁶

Além disso, outros tipos de vínculos e remuneração entre clubes e atletas são presentes, como a oferta de bolsas de estudos, contribuindo para a borrar ainda mais a fronteira entre profissionalismo e amadorismo no futebol feminino. Esses tipos de auxílios oferecidos pelo clube, como uma forma de estabelecer um vínculo com as jogadoras, não são remunerados por meio de salário que as permita viver do esporte e colocam as atletas em um processo de conciliação da carreira esportiva com uma segunda carreira acadêmica ou vocacional, conhecido como dupla carreira esportiva.¹⁷ A FIFPRO¹⁸ destaca que 46% das jogadoras conciliam esporte e estudos, enquanto 30% combinam a carreira esportiva com o trabalho. Esses números refletem a falta de estruturação dos clubes, campeonatos e regulamentações que frequentemente obrigam as mulheres que desejam seguir uma carreira no futebol a conciliar o esporte com outra carreira, como forma de sobrevivência ou de planejar um futuro profissional, já que o esporte não oferece essa garantia.

Embora a situação de precariedade e de instabilidade da carreira também afete o futebol de homens,¹⁹ a marginalização do futebol de mulheres vem, muitas vezes, de seus organizadores, que o consideram menos importante, e seus patrocinadores, que o consideram menos atrativo e rentável.²⁰ No caso das mulheres, ainda existem outras inseguranças, como questões de violência e assédio, ausência de direitos vinculados à maternidade e o enfrentamento cotidiano aos estereótipos de gênero, que ocasionam discriminações das mais diversas.²¹

¹⁵ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul, 2020.

¹⁶ BRASIL DE FATO. CBF cobra mais direitos para atletas do futebol feminino, 2020.

¹⁷ RYBA et al. Dual career pathways of transnational athletes, 2014.

¹⁸ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

¹⁹ CULVIN. Football as work: the lived realities of professional women footballers in England, 2021.

²⁰ CULVIN; BOWES. Introduction.

²¹ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

Consequentemente, as mulheres tendem a preferir a condição de dupla carreira em maior proporção do que os homens, devido à falta de vínculo e perspectiva de profissionalização. Isso ocorre porque a instabilidade na carreira é atravessada pelas relações de gênero, uma vez que o futebol ainda não é considerado uma oportunidade de carreira sólida e promissora para as mulheres. Entendemos por gênero a forma como significamos culturalmente as diferenças entre ser homem e ser mulher, e como essas diferenças são produzidas e significadas relacionalmente, através de dinâmicas de poder que conferem hierarquias e desigualdades. Isso também envolve dinâmicas de resistência e transgressão.²²

Esse contraste entre o cenário de otimismo e de crescimento do futebol de mulheres e os dilemas para o desenvolvimento de condições profissionais para a carreira esportiva, bem como seus atravessamentos de gênero, nos faz questionar como algumas políticas de desenvolvimento da modalidade têm tido efeitos (diretos ou indiretos; intencionais ou não intencionais) para as jogadoras que investem em uma carreira no futebol de elite? Buscando compreender como esse cenário se desenvolve no Brasil, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre as políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres no país e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite da modalidade. Com isso, evidenciaremos os efeitos dessas políticas, medidas e regulamentos nas oportunidades de carreira para as mulheres no futebol no país.

Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com 19 atletas atuantes na elite do futebol brasileiro, organizando a partir dos dados linhas do tempo com suas trajetórias esportivas. Tais linhas do tempo foram agregadas, a fim de evidenciar as mudanças ocorridas ao longo dos anos em que essas atletas se dedicaram ao futebol em nível adulto. O resultado foi apresentado em gráficos. O artigo está dividido em cinco seções. Após essa primeira seção, apresentamos um balanço da literatura sobre as mudanças e políticas recentes que têm impulsionado o futebol de mulheres tanto globalmente quanto nacionalmente, demonstrando a forma pela qual a profissionalização do futebol de mulheres ganhou contornos particulares. Em seguida, na terceira seção, descrevemos o percurso metodológico

²² SCOTT. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, 1995.

utilizado na pesquisa. Na quarta seção, apresentamos os resultados obtidos e as interpretações desses dados em diálogo com a literatura recente, para, por fim, esboçarmos nossas conclusões sobre dois marcos que mudam as trajetórias de carreira das atletas: a organização do campeonato brasileiro, a partir de 2013, de forma mais tímida e, a partir de 2019, a nova regulamentação da CONMEBOL.

AS POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES

No século XXI, entidades promotoras do futebol em âmbito global passaram a dedicar mais atenção às políticas de desenvolvimento das mulheres nesse esporte.²³ Essas políticas foram necessárias para compensar os efeitos dos anos de proibição do futebol para mulheres, que aconteceu ao redor do mundo. As consequências da proibição não se restringiram apenas a limitar a participação das mulheres no esporte, mas também resultaram na marginalização cultural e econômica da modalidade.²⁴

As iniciativas documentadas para desenvolvimento do futebol de mulheres se iniciam a partir de 2004, quando a FIFA colocou a modalidade como um pilar fundamental para o futebol, se comprometendo a pensar planos para induzir e aumentar as oportunidades para as mulheres no esporte.²⁵ A FIFA apresentou também, em 2012, ações para que as federações afiliadas organizassem, desenvolvessem e promovessem o futebol de mulheres, em especial com o intuito de prestar aporte financeiro para jogadoras, treinadoras, árbitras e assistentes oportunidades de participarem mais ativamente do futebol.²⁶ Com isso, os objetivos da FIFA consistiam em: aperfeiçoar a infraestrutura do futebol feminino nas confederações e federações afiliadas; aumentar o número de mulheres e meninas nas categorias de base, nas escolas e nas equipes, sejam elas amadoras ou profissionais e criar um calendário coordenado dos jogos das seleções femininas.²⁷

²³ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023.

²⁴ WILLIAMS. An equality too far?.

²⁵ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

²⁶ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade*, 2013, p. 156.

²⁷ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

A primeira confederação que se comprometeu a colocar em ação um plano de desenvolvimento da modalidade foi a UEFA, que tem, desde 2010, sistematicamente avaliado o desenvolvimento dos futebol de mulheres e tem traçado planos de desenvolvimento visando fomentar, incrementar e contribuir para que haja uma participação mais democráticas das mulheres nessa modalidade, seja como atletas, ou como lideranças.²⁸

Em contraposição, apenas em 2016 a CONMEBOL teve sua atuação mais incisiva no futebol de mulheres. A principal ação da entidade se fez a partir da mudança da Regra de Licenciamento dos clubes, que vigorou a partir de 2019, implicando que os clubes sul-americanos precisam ter equipes femininas ativas para disputar as competições continentais entre homens.²⁹

Em âmbito nacional, é interessante salientar algumas iniciativas anteriores à normativa da CONMEBOL. Após a Copa do Mundo FIFA de futebol da Alemanha (2011), a ex-jogadora Michael Jackson foi nomeada pelo Ministro do Esporte Aldo Rebelo, como Coordenadora-geral de Futebol Feminino na Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Consumidor do Ministério do Esporte.³⁰ Em 2012, o então ministro Aldo Rebelo criou um grupo de trabalho, que teve participação de pessoas ligadas ao futebol de mulheres, que buscava construir um diagnóstico e apontar soluções para melhorar o futebol no país.³¹ Ademais, em parceria com a CONMEBOL, o Ministério apoiou a realização, de 2012 a 2014, de três Copas Libertadores da América de futebol de mulheres no Brasil, em 2012, em Pernambuco; em 2013 em Foz do Iguaçu-PR; e 2014 em São José dos Campos.³² Estas duas últimas edições contaram, cada uma, com o investimento de R\$ 600 mil do Ministério do Esporte.

Outra competição também organizada pelo Ministério do Esporte foi o Campeonato Brasileiro Feminino, retomado após 11 anos de interrupção, por meio de um patrocínio de R\$ 10 milhões da Caixa Econômica Federal. Em 2013, o "Brasileirão Feminino CAIXA" foi organizado pela CBF e contou com a participação das 20

²⁸ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

²⁹ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

³⁰ KESSLER. *Mais que barbies e ogas*.

³¹ BRAIS. Ministério do Esporte cria grupo de trabalho para debater futebol feminino no Brasil, 2012.

³² BORGES. Libertadores, Brasileirão e Copa Brasil Sub-17 movimentam o futebol feminino, 2013.

melhores equipes do ranking nacional de clubes.³³ As equipes foram divididas em cinco grupos regionalizados, com quatro equipes em cada grupo, o que facilitava o deslocamento para jogo entre elas. Cada equipe jogou quatro partidas dentro do próprio grupo e as duas melhores equipes de cada grupo avançaram para a próxima fase. Esse formato apresentava a mesma consequência negativa da Copa do Brasil de Futebol Feminino, competição existente desde 2007. Na maioria das vezes, as equipes disputam apenas quatro jogos na competição e são eliminadas, não tendo um calendário contínuo ao longo do ano. Isso resulta na dissolução das equipes ou na disputa de campeonatos amadores e outras modalidades, como o futsal.³⁴

Como resultado, até a vigência da nova regulamentação da CONMEBOL, o cenário do futebol de mulheres no Brasil se configurava pela interiorização dos clubes.³⁵ Até 2017, os cinco primeiros clubes do ranking nacional da CBF eram do interior: São José (São José dos Campos/SP); Vitória da Tabocas (Vitória de Santo Antão/PE); São Francisco (São Francisco do Conde/BA); Foz Cataratas (Foz do Iguaçu/PR) e Ferroviária (Araraquara/SP). O cenário da nova regulamentação da CONMEBOL ocasionou uma mudança, com a entrada dos clubes tradicionais do futebol de homens.

Com isso, há uma tendência do futebol de mulheres em se profissionalizar de forma diferente do que aconteceu com o de homens.³⁶ Ao contrário de um processo de popularização seguido de espetacularização, a profissionalização do futebol de mulheres se deu já buscando a integração à matriz espetacularizada do futebol.³⁷

A matriz espetacularizada do futebol é aquela que ocorre em estádios, com profissionais remunerados e altamente treinados, com visibilidade local e midiática, direcionado principalmente para o consumo dos torcedores.³⁸ Dadas as particularidades do futebol de mulheres, a integração a essa matriz ocorre de forma problemática, já que muitas vezes os jogos acontecem em estádios precários, sem público e, até pouco tempo atrás, sem torcida ou cobertura midiática.³⁹

³³ BORGES. Libertadores, Brasileirão e Copa Brasil Sub-17 movimentam o futebol feminino.

³⁴ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

³⁵ ALMEIDA. *Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras*, 2018.

³⁶ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023.

³⁷ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

³⁸ DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, 2005.

³⁹ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

Como resultado, temos uma situação paradoxal. Por um lado, a profissionalização do futebol de mulheres foi fruto das pressões políticas dos movimentos feministas por igualdade em todos os campos sociais, que adentram também a esfera esportiva. Por outro lado, sua legitimação é restringida pelos discursos e interpelações de gênero que marginalizaram a prática por décadas.⁴⁰ Observar as consequências particulares desse paradoxo para o processo de profissionalização da carreira das atletas no futebol brasileiro é o nosso objeto a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para identificar a forma pela qual as mudanças no futebol brasileiro de mulheres tiveram efeito nas trajetórias das atletas e nas oportunidades de profissionalização, realizamos entrevistas semiestruturadas com jogadoras de clubes provenientes das distintas regiões do Brasil que disputam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, a fim de registrar o desenvolvimento da carreira das mesmas. Em 2022, o campeonato estava organizado em três divisões principais (A1, A2 e A3). A divisão A1 e A2 são compostas por 16 times em cada, enquanto a divisão A3 é composta por 32 clubes. Para composição das participantes da pesquisa, estabelecemos critérios de inclusão que envolvem: (1) atuação nos clubes que participam do atual Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino série A1 em 2021 e 2022; (2) experiência de pelo menos três anos na competição, o que indica uma vivência relevante na mesma; (3) estar em processo de desenvolvimento de carreira esportiva no futebol por pelo menos cinco anos, possibilitando a análise de diferentes estágios de carreira; e (4) ter idade entre 18 e 40 anos. Como critério de exclusão, foi considerado o desinteresse de participação após três contatos realizados. Buscamos as atletas por contatos informais, de clubes das cinco regiões e por indicações de entrevistadas anteriores. No total, foram entrevistadas 19 atletas, sendo que cinco delas são de clubes do Centro-Oeste, duas da região Norte, quatro da região Sul e oito da região Sudeste.

⁴⁰ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023. SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

O Quadro 1 apresenta as entrevistadas, destacando a idade, ano de transição para a categoria adulta e região do clube atual.⁴¹

Idade/atleta	Região	Ano de transição	Idade (em 2023)
1	Norte	2013	30
2	Norte	2014	29
3	Centro-oeste	2018	25
4	Centro-oeste	2011	30
5	Centro-oeste	2010	28
6	Centro-oeste	2010	30
7	Centro-oeste	2011	25
8	Sul	2008	32
9	Sul	2015	24
10	Sul	2016	24
11	Sul	2016	27
12	Sudeste	2018	24
13	Sudeste	2014	28
14	Sudeste	2016	23
15	Sudeste	2016	28
16	Sudeste	2015	29
17	Sudeste	2017	22
18	Sudeste	2020	20
19	Sudeste	2011	28

Quadro 1 - Participantes da pesquisa. Fonte: elaboração própria.

O Gráfico 1 especifica a quantidade de atletas que compõem o universo de cada ano das linhas do tempo. Ou seja, a cada ano, contabilizamos apenas aquelas atletas que já estavam se dedicando às competições adultas. Por exemplo, os dados referentes ao ano de 2010 são de apenas três atletas. Já em 2015, os dados são agregados das 11 atletas que já disputavam competições adultas naquele ano. Por fim, em 2020, todas as participantes da pesquisa já disputavam competições adultas e, portanto, faziam parte do agregado analisado. Para apresentação dos resultados, consideramos do ano de 2010 em diante, que agrega mais de uma atleta e é anterior a algumas das mudanças registradas na literatura, como a estruturação do campeonato brasileiro, bem contextualizado em pesquisas anteriores.⁴²

⁴¹ Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob CAAE: 34357120.1.0000.5542.

⁴² ALMEIDA. *Do sonho ao possível*. KESSLER. *Mais que barbies e ostras*. SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

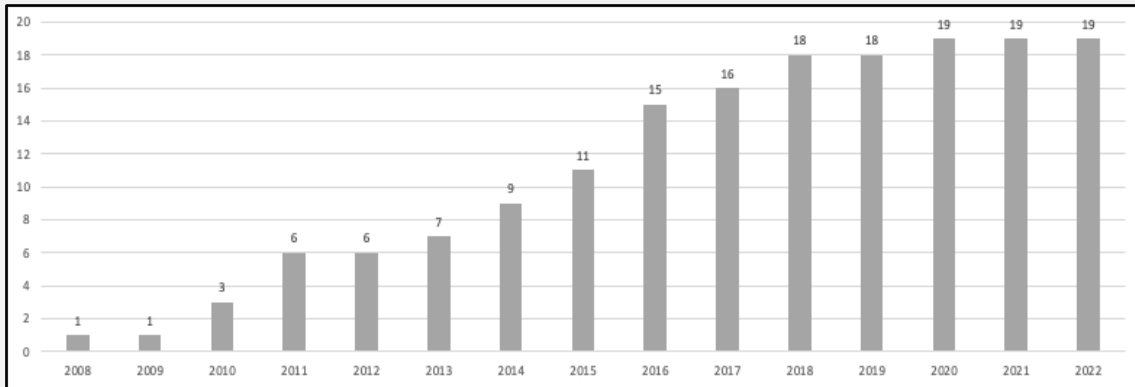


Gráfico 1 - Frequência absoluta de atletas participantes da pesquisa que já haviam realizado a transição júnior para sênior por ano. Fonte: elaboração própria.

O protocolo para realização das entrevistas foi uma adaptação do instrumento de Côté e colaboradores,⁴³ que busca conhecer ano a ano o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta, com profundidade. O propósito foi evidenciar detalhadamente em qual idade foi alcançado o alto nível, compreendendo como esse desempenho muda ao longo do seu desenvolvimento, considerando os grandes eventos da vida da entrevistada e objetivo da mesma. Para esse manuscrito, utilizamos os dados das atletas provenientes dos anos de dedicação às competições adultas. Estes dados foram sistematizados, nesse manuscrito, no formato de uma linha do tempo para cada atleta. Essas linhas do tempo contemplavam informações, ano a ano, 1) sobre clubes que elas atuavam; 2) dedicação apenas a competições de futebol ou se havia conciliação com o futsal; 3) dados sobre dupla carreira; 4) início de ocorrência de vínculos empregatícios e recebimento de auxílios; 5) lesões; conquistas e 6) convocação para a seleção.

Para uma melhor organização das informações, as linhas do tempo das atletas foram agregadas e organizadas por ano. Por isso, para cada ano sistematizamos as informações de todas as atletas que já disputavam competições adultas sobre aquele indicador avaliado. A partir dessa visão geral das trajetórias de carreira das atletas, pudemos observar tanto os efeitos diretos quanto indiretos das mudanças que ocorrem no futebol de mulheres no país. Com base nessas informações, foi possível criar uma linha do tempo que destaca as mudanças nas

⁴³ CÔTÉ; ERICSSON; LAW. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information, 2005.

trajetórias de carreira e as compara com algumas iniciativas e marcos do processo de desenvolvimento da modalidade.

É relevante salientar que, embora as entrevistas tenham sido fundamentais e complementares, os dados analisados são exclusivamente das linhas do tempo elaboradas. Para melhor organização dos resultados, essas informações serão apresentadas em forma de gráficos. Foram elaborados cinco gráficos que representam indicadores das variáveis que ilustram os efeitos das mudanças recentes no futebol nacional, correspondentes aos marcos das carreiras das atletas.

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA NO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

Para observar os efeitos das mudanças nas políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres na carreira das atletas, buscamos sistematizar indicadores que informassem o impacto nas seguintes variáveis: (1) condições estruturais dos clubes; (2) as condições de trabalho na modalidade e (3) as condições esportivas para o desenvolvimento na modalidade.

Variável 1: Condições estruturais dos clubes

Para explorar a presente variável utilizamos como indicador “a atuação em um clube tradicional do futebol brasileiro”. No futebol de mulheres, esses clubes são chamados de "clubes de camisa".

O Gráfico 2 ilustra a presença das atletas nesses diferentes tipos de equipes. É importante destacar que na edição do Campeonato Brasileiro de 2013 que contemplava apenas equipes classificadas no Ranking Nacional de Clubes, as atletas atuavam, basicamente, nas equipes tradicionais femininas. Em 2014, em vez de selecionar as 20 melhores equipes do ranking de clubes da CBF referente a 2013, foram selecionadas as oito equipes do ranking mais a campeã da Copa do Brasil de 2014. Já as outras 11 equipes que foram convidadas eram as melhores equipes do Brasileirão Masculino de 2013. Dessas, oito equipes aderiram; e as demais vagas foram preenchidas por seus sucessores.⁴⁴ Essa mudança produziu efeitos e nossos

⁴⁴ BARLEM. Corinthians anuncia fim da parceria com Audax e terá time feminino próprio em 2018, 2017.

resultados os ilustram, demonstrando um aumento da proporção das atletas que já estavam presentes nas equipes dos "clubes de camisa" do futebol de homens. No entanto, esse efeito ainda não tomava conta da maioria das atletas, o que vai se consolidar apenas a partir de 2019, quando o novo regulamento de licenciamento de clubes da CONMEBOL entra em vigor. Uma possível razão para que em 2015 esse efeito começasse a acontecer, mas ainda timidamente, seriam as parcerias dos "clubes de camisa" com projetos tradicionais de futebol de mulheres que já existiam, o que dificulta uma ação de continuidade. Por exemplo, a parceria entre o Corinthians e a equipe do Audax que se findou assim que a CONMEBOL mudou seu regulamento e as alvinegras decidiram ter um plantel próprio.⁴⁵

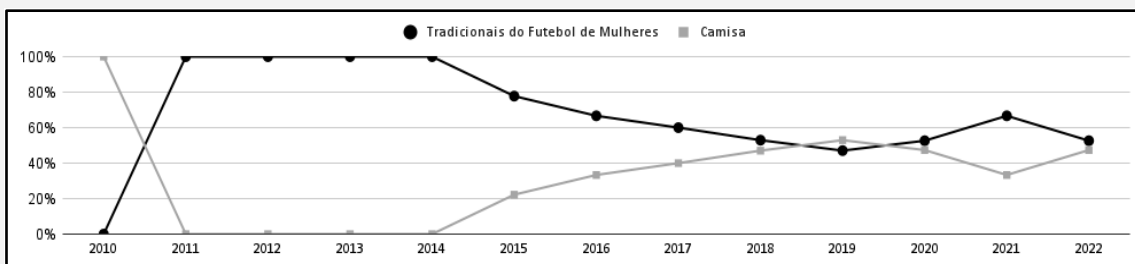


Gráfico 2 - Participação das atletas em clubes "de camisa" ou equipes tradicionais do futebol de mulheres. Fonte: elaboração própria.

A entrada dos "clubes de camisa" indicariam melhores condições de dedicação ao treinamento, ainda que não necessariamente, uma vez que existem há muitas décadas, possuem patrimônios físicos e clubes sociais à disposição, além de já estarem integrado à matriz espetacularizada, portanto, participando de competições, tendo acesso a patrocínios e possuindo torcidas organizadas e vínculos afetivos com torcedores.⁴⁶ Por essa razão, supomos que a equipe de mulheres desses clubes herdaria algumas dessas condições. Por outro lado, as equipes tradicionais do futebol de mulheres teriam uma menor estrutura física e financeira à disposição das atletas, já que, em sua maioria, foram fundadas no século XXI e dependem de subsídios da prefeitura para continuarem com seus projetos, tendo, como consequência, dificuldade em manter-se ao longo do tempo.⁴⁷ Como exemplo desse aspecto, Kessler

⁴⁵ BARLEM. Corinthians anuncia fim da parceria com Audax e terá time feminino [...].

⁴⁶ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

⁴⁷ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

aponta que, na edição de 2013 do Campeonato Brasileiro, por terem trocado seus nomes, nenhuma equipe gaúcha participou da competição, uma vez que a classificação teve como base o ranking das edições anteriores da Copa do Brasil.⁴⁸

Esse formato do campeonato de 2014, como meio de impulsionar os clubes de camisa a terem equipes de mulheres, foi visto com bastante ceticismo à época.⁴⁹ Tal desconfiança é confirmada pela não prevalência de vínculo das atletas entrevistadas nesses clubes, apontada no Gráfico 2. Embora medidas como a lei do PROFUT, que vinculava a renegociação de dívidas dos clubes com o estado à existência de departamentos femininos, também pudesse contribuir para a criação dessas equipes femininas dentro das tradicionais, ponto de inversão no gráfico ocorre apenas em 2018, às vésperas tornar tal aspecto obrigatório pela CONMEBOL.

A profissionalização do futebol de mulheres tem sido, em parte, ancorada no futebol de homens. Embora esse relacionamento tenha contribuído para o rápido crescimento e reconhecimento da modalidade das mulheres, atualmente, esse vínculo também gera contrapartidas para o clube como um todo. O Corinthians é um exemplo, pois seu lema #respeitaasminas não se limita ao plantel das mulheres. Esse lema articula as políticas de desenvolvimento da modalidade com uma perspectiva feminista plural e descentralizada, que visa discutir a igualdade em diversas áreas sociais.⁵⁰

Por um lado, a entrada do campo discursivo feminista no futebol e nos clubes tradicionais de homens é um desenvolvimento interessante. Afinal, o futebol é um campo extremamente generificado, que produz e reproduz uma densidade de representações de masculinidade, tornando-se resistente à entrada das mulheres, especialmente em cargos de liderança e de tomada de decisão.⁵¹ Por outro lado, embora os discursos feministas estejam cada vez mais presentes no futebol, a dependência das equipes de mulheres em relação aos clubes tradicionais de homens pode perpetuar hierarquias e dificultar a sustentabilidade dessas equipes. Um exemplo disso são os clubes brasileiros que, quando sofrem rebaixamento nas

⁴⁸ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

⁴⁹ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

⁵⁰ ALVAREZ. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista, 2014, p. 13-56.

⁵¹ BRYAN; POPE; RANKIN-WRIGHT. On the periphery: examining women's exclusion from core leadership roles in the "extremely gendered" organization of men's club football in England, 2021.

competições masculinas, acabam por desfazer as equipes femininas.⁵²

Variável 2: As condições de trabalho na modalidade

Em segundo lugar, para verificar a forma pela qual as mudanças produziram efeitos concretos sobre as condições de trabalho na modalidade, observamos três indicadores: (1) remuneração, (2) existência de contratos e (3) dedicação exclusiva ao esporte.

A presença de remunerações diversas, para além do salário ou até mesmo substituindo salário, era condição prevalente no futebol de mulheres no início da segunda década do século XXI e caracterizava uma relação de emprego disfarçada.⁵³ De alguma forma, nossos resultados indicam que é após a existência do Campeonato Brasileiro, em 2013, que a presença de remuneração em forma de salário ultrapassa as remunerações de auxílios, como é possível visualizar no Gráfico 3. Além disso, nossos resultados indicam que, em 2019, 100% das atletas já recebiam remuneração salarial para se dedicar ao futebol, embora esse dado por si só não ateste a dedicação exclusiva ao esporte ou a presença da profissionalização.

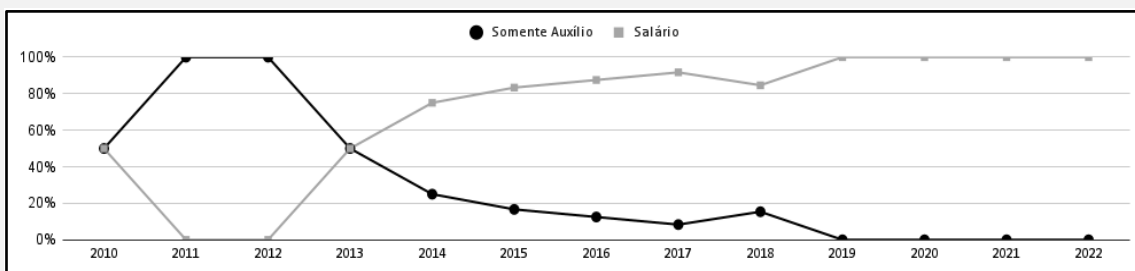


Gráfico 3 - Forma de remuneração das atletas, por ano. Fonte: elaboração própria.

A questão da forma como se dá o vínculo das atletas com o clube também é um dos indicadores da instabilidade para a dedicação à carreira esportiva no futebol, embora não seja um impeditivo de sua profissionalização. Dados da FIFPro⁵⁴ demonstram que mais da metade das atletas entrevistadas pelo mundo não têm nenhum vínculo empregatício ou contratual com o clube, além de não dispor de

⁵² GOMES. Bahia suspende futebol feminino até abril e dispensa jogadoras: “Estamos acabadas”, relata atleta, 2021.

⁵³ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

⁵⁴ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

direitos trabalhistas. Isso pode implicar diretamente na longevidade da carreira que, segundo a associação, independente do status percebido pelas jogadoras, elas são igualmente cobradas pelo desempenho nos clubes.⁵⁵ A partir da internacionalização do mercado de pés-de-obra no futebol de mulheres, a partir da entrada das mulheres no Transfer Matching System (TMS) da FIFA, em 2018, que prevê o monitoramento das movimentações internacionais de transferências de mulheres, se torna patente a formalização dos vínculos entre atletas e clubes e a regulamentação do trabalho e a proteção de direitos daquelas que trabalham com o futebol.

No caso brasileiro, nossos resultados indicam que esse cenário se completa com a nova regulamentação da CONMEBOL e a entrada dos "clubes de camisa", de modo que a existência contrato empregatício formal começa a se inverter após 2018, numa proporção, todavia, menos acelerada que a presença de salários, como é possível visualizar no Gráfico 4.

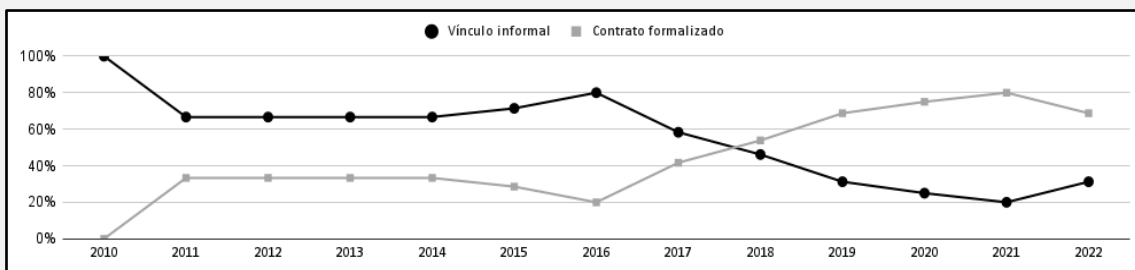


Gráfico 4 - Tipo de vínculo das atletas com os clubes. Fonte: elaboração própria.

O status de profissional, portanto, no futebol, foi ao longo da última década um ethos mais do que um contrato formalizado.⁵⁶ No entanto, ter uma remuneração salarial que permita à atleta se dedicar ao esporte é condição necessária para que ela saia da condição de amadora, embora não seja suficiente para torná-la profissional. Para considerá-la profissional, a despeito de contrato, seria necessário, ao menos, a possibilidade de se dedicar exclusivamente ao esporte.⁵⁷

Para verificar essa situação, observamos os dados agregados de dupla carreira na linha do tempo das atletas. A condição da dupla carreira, isto é, dedicação

⁵⁵ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

⁵⁶ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

⁵⁷ CULVIN; BOWES. Introduction.

combinada ao esporte e aos estudos ou trabalho caracterizava a dedicação da maioria das atletas até 2019, como visualizamos no Gráfico 5. Nossos resultados indicam que apenas após 2019, a proporção de atletas em situação de dupla carreira começa a cair, embora ainda não tenha desaparecido em 2022.

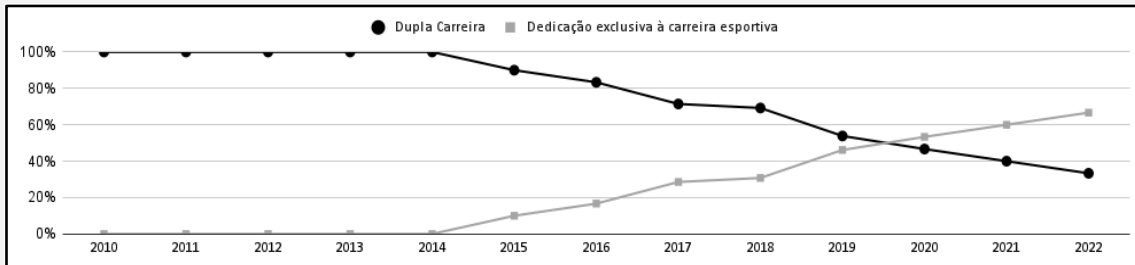


Gráfico 5 - Presença da Dupla Carreira entre as atletas. Fonte: elaboração própria.

A conciliação do esporte com os estudos ou trabalho, isto é, a dupla carreira pode afetar a dedicação profissional para a modalidade, porque limita a quantidade de horas as jogadoras podem se dedicar ao esporte,⁵⁸ além de restringir o trabalho ao tempo livre.⁵⁹ Se por um lado uma dupla carreira acadêmica pode contribuir para minimizar a dificuldade de reconversão após o final da breve carreira esportiva,⁶⁰ ela também pode criar uma dependência da bolsa de estudos para estabelecer vínculo com a atleta. Esse pode ser um caminho que a afasta do futebol pela dedicação à educação, uma vez que, findado os estudos, a carreira esportiva passa a não ser sustentável. Essa situação, por exemplo, estava presente no futsal de mulheres paulistas, cuja maioria das atletas cursava ensino superior recebendo bolsa de estudos dos clubes e abandonava o esporte após o término da faculdade.⁶¹

Além disso, Grygowicz e colaboradores⁶² apontam que o valor recebido de bolsas de estudos não era suficiente para mulheres jogadoras se sustentar, de modo que outro emprego ou auxílio era necessário para que as atletas arcarem com seus

⁵⁸ CULVIN. Football as work.

⁵⁹ BRANDT-HANSEN; OTTESEN. Caught between passion for the game and the need for education: a study of elite-level female football players in Denmark, 2019.

⁶⁰ DAMO. *Do dom à profissão*, 2005.

⁶¹ SOUZA; MARTINS. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira, 2018.

⁶² GRYGOROWICZ et al. Thirty percent of female footballers terminate their careers due to injury: a retrospective study among polish former players, 2017.

custos de vida.⁶³ De acordo com Harisson e colaboradores,⁶⁴ essa necessidade toma lugar do sonho de jogar futebol integralmente. Isso porque o estabelecimento de uma dupla carreira conciliando esporte com o trabalho implicava em a atleta, eventualmente, fazer uma transição de volta para o nível amador.⁶⁵ Ou seja, no caso analisado pelos autores, as dificuldades para conciliação da dupla carreira parecem ter sido enfatizadas na medida em que o futebol de mulheres vai ordenando seu calendário competitivo ao longo do ano, demandando das atletas viagem para competir e se dedicarem com mais afinco ao treinamento do esporte.

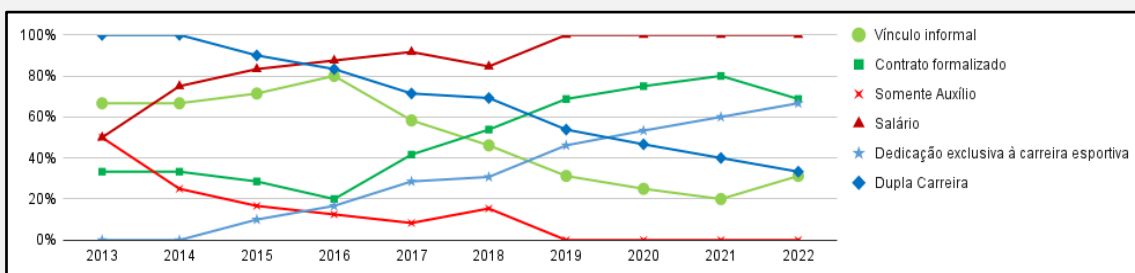


Gráfico 6 - Inversão nas tendências das condições de trabalho oferecidas às atletas.
Fonte: elaboração própria.

Observando os três indicadores de condição de dedicação profissional ao esporte, nossos resultados indicam que os anos de 2018 e 2019 são marcos de inversão de tendência, em direção à consolidação de um status de dedicação mais próximo ao profissional. No Gráfico 6, a combinação entre os três indicadores nos mostra que, a partir de 2019, já não há atletas que recebem auxílio, além de poucas que possuem apenas vínculo informal e se inverte a tendência de dedicação à dupla carreira, em favor de uma dedicação exclusiva ao esporte. Dos três indicadores analisados, nossos resultados indicam que a remuneração em forma de salários foi o que mais se acentuou, sendo que contratos e a dupla carreira ainda estão em processo de mudança. Isso pode indicar alguns desafios para a integração do futebol de mulheres ao mercado de pés-de-obra, isto é, à circulação da mão-de-obra

⁶³ ANDERSSON; BARKER-RUCHTI. Career paths of Swedish top-level women soccer players, 2019. BRANDT-HANSEN; OTTESEN. Caught between passion for the game and the need for education; HARRISON et al. Elite female soccer players' dual career plans and the demands they encounter, 2020.

⁶⁴ HARRISON et al. Elite female soccer players' dual career plans and [...].

⁶⁵ HARRISON et al. Elite female soccer players' dual career plans and [...].

específica do futebol que, além de força de trabalho, também é fonte de renda para os clubes, em especial no processo de produção de futebolistas.⁶⁶

Variável 3: Condições esportivas para o desenvolvimento na modalidade

Para verificar o tipo de treinamento que as atletas são submetidas, utilizamos como indicador “a dedicação exclusiva a competições de futebol”. Isso porque era comum no início do século XXI a combinação dos treinamentos e das competições de futebol e futsal no nível adulto para as jogadoras. No caso do futsal paulista, por exemplo, Souza e Martins apontam que 21% das atletas se dedicavam às duas modalidades esportivas,⁶⁷ o que podia "significar aos clubes uma economia em relação à contratação, ao salário e aos benefícios concedidos às jogadoras, pois não precisam contratar atletas para as duas modalidades".

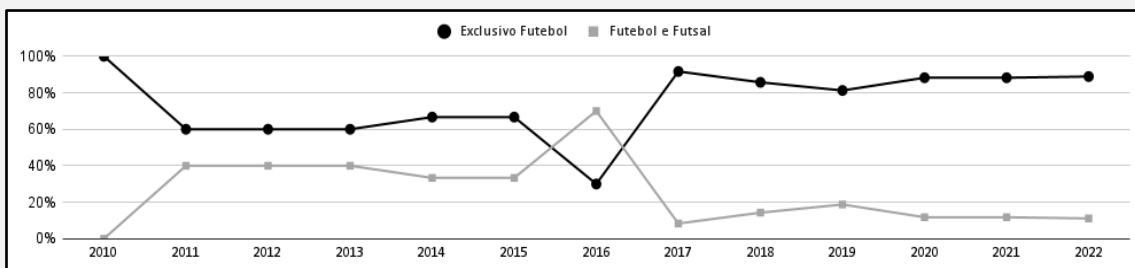


Gráfico 7 - Participação em competições exclusivas de futebol de campo.
Fonte: elaboração própria.

No que se refere a esse indicador, o Gráfico 7 demonstra que a demanda para uma dedicação exclusiva das atletas ao futebol de campo já se apresentam em 2013, a partir da organização do Campeonato Brasileiro de Futebol, mas é apenas em 2017 que as tendências se invertem e que a combinação de dedicação ao futsal se torna praticamente nula. As consequências dessa combinação podem ser perversas, de acordo com pesquisas anteriores. Segundo Souza e Martins,⁶⁸ as demandas fisiológicas e as competências tático-técnicas são distintas entre as duas

⁶⁶ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 15.

⁶⁷ SOUZA; MARTINS. *O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil*, p. 35.

⁶⁸ SOUZA; MARTINS. *O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil*

modalidades, o que pode bloquear a jogadora, do nível adulto, de atingir a excelência em um dos esportes. Por fim, o desenvolvimento da performance esportiva das atletas dependem de um conjunto de elementos, dentre eles as tecnologias de preparação/treinamento para os jogos, ajustadas a partir das demandas do clube, que podem se tornar ambíguas no caso da dupla dedicação aos dois esportes.⁶⁹

PALAVRAS FINAIS: QUAL PROFISSIONALIZAÇÃO AS JOGADORAS DE FUTEBOL TEM ALCANÇADO NO BRASIL?

Este estudo teve como objetivo analisar as mudanças no futebol de mulheres brasileiro e seu impacto nas trajetórias e oportunidades de profissionalização das atletas. Embora a amostra obtida neste estudo não seja representativa, ela oferece uma ilustração das mudanças em andamento e de seus efeitos sobre jogadoras, que há mais de uma década vêm investindo na carreira dentro do futebol de campo.

Ao observar a mudança de tendências nas condições de profissionalização das atletas ao futebol de campo no Brasil, podemos identificar alguns marcos significativos. Primeiramente, em 2013, ocorreu a organização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino com abrangência nacional. Em segundo lugar, a nova regulamentação da CONMEBOL, que entrou em vigor em 2019. A partir desses eventos, podemos dividir o futebol feminino brasileiro em três períodos: o primeiro antes da organização do Campeonato Brasileiro (2013); o segundo, entre 2014 e 2017, com o início da participação de equipes tradicionais de futebol de homens no "Brasileirão Feminino CAIXA"; e o terceiro após a vigência da nova regulamentação da CONMEBOL, que exigiu que os clubes de homens também organizassem equipes femininas.

Em termos específicos tais mudanças oportunizaram a entrada das mulheres nos clubes tradicionais do futebol brasileiro, diminuindo a incidência de clubes de elite específicos femininos. Além disso, a remuneração em forma de salário, a dedicação exclusiva às competições de futebol de campo e uma diminuição na incidência da existência da dupla carreira no esporte também são tendências que se inverteram na última década. A presença de contratos ainda não é prevalente entre as atletas, de modo que a integração das mesmas ao mercado de pés-de-obra tem

⁶⁹ SOUZA; MARTINS. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil, p. 14.

comprometido as garantias e alguns direitos. Todos esses fatores indicam que há um processo de profissionalização em curso no futebol de mulheres brasileiro, mas ainda não é possível afirmar que esse status já estivesse garantido em 2022.

Por fim, o fato de as linhas do tempo informarem trajetórias distintas para atletas de elite em um mesmo ano demonstra que as condições de profissionalização são diversas, a depender de clubes e regiões do Brasil. Isso levanta a atenção para pesquisas futuras sobre os rumos e sentidos da profissionalização nos distintos estados do país. Ademais, por essa razão, o cenário brasileiro ratifica o que vem sendo observado em outros países de uma profissionalização particular e uma possível dependência do futebol de homens.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. UFSC, Florianópolis, 2018.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista, **Cadernos Pagu** (dossiê *O gênero da política: feminismos, estado e eleições*), p. 13-56, 2014.

ANDERSSON, Rebecca; BARKER-RUCHTI, Natalie. Career paths of Swedish top-level women soccer players. **Soccer & Society**, v. 20, n. 6, p. 857-871, 2019.

BARLEM, Cíntia. Corinthians anuncia fim da parceria com Audax e terá time feminino próprio em 2018, **Ge**, 2017. Disponível em: <https://shre.ink/9m6Q>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BARREIRA, Júlia; MAZZEI, Leandro Carlos; DE CASTRO, Flavio Denardi et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para as políticas públicas. Curitiba: CRV Editora, v. 1, p. 29-44, 2020.

BORGES, Danilo. Libertadores, Brasileirão e Copa Brasil Sub-17 movimentam o futebol feminino, 2013. Disponível em: <https://shre.ink/9m6V>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRAIS, Rafael. Ministério do Esporte cria grupo de trabalho para debater futebol feminino no Brasil, 2012. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hrxGU>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRANDT-HANSEN, Marianne; OTTESEN, Laila S. Caught between passion for the game and the need for education: a study of elite-level female football players in Denmark. **Soccer & Society**, v. 20, n. 3, p. 494-511, 2019.

BRASIL DE FATO. CBF cobra mais direitos para atletas do futebol feminino. **Brasil de Fato**, Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/stu02>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRYAN, Amée; POPE, Stacey; RANKIN-WRIGHT, Alexandra J. On the periphery: examining women's exclusion from core leadership roles in the "extremely gendered" organization of men's club football in England. **Gender & Society**, v. 35, n. 6, p. 940-970, 2021.

CÔTÉ, Jean; ERICSSON, K. Anders; LAW, Madelyn P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2005.

CULVIN, Alex. Football as work: the lived realities of professional women footballers in England. **Managing Sport and Leisure**, p. 1-14, 2021.

CULVIN, Alex; BOWES, Ali. Introduction: women's football in a global, professional era. **Women's football in a global, professional era**. Emerald Group Publishing, 2023, v. 1, p. 1-16.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. UFRGS, 2005.

FIFPRO, World Players' Union. **Global employment report**: working conditions in professional women's football. Hoofddorp, Netherlands, FIFPro, 2017.

FIFPRO, World Players' Union. **Raising our game report**, FIFPro, 2020.

GOMES, Gabrielle. Bahia suspende futebol feminino até abril e dispensa jogadoras: "Estamos acabadas", relata atleta, **Ge**, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/itOQU>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GRYGOROWICZ, Monika; MICHALOWSKA, Martyna; JURGA, Paulina; et al. Thirty percent of female footballers terminate their careers due to injury: a retrospective study among polish former players. **Journal of Sport Rehabilitation**, v. 28, n. 2, p. 109-114, 2017.

HARRISON, Grace E.; VICKERS, Emma; FLETCHER, David; et al. Elite female soccer players' dual career plans and the demands they encounter. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 34, n. 1, p. 133-154, 2020.

JACOBS, Josephine C. Programme-level determinants of women's international football performance. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 5, p. 521-537, 2014.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2015.

PASSARINHO, Nathalia. Dilma recebe Marta e promete maior ‘atenção’ ao futebol feminino, **G1**, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/przY9>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PFISTER, Gertrud. The future of football is female!?: on the past and present of women’s football in Germany. **German Football**, Routledge, 2006, v. 1, p. 93-126.

RYBA, Tatiana V.; STAMBULOVA, Natalia B.; RONKAINEN, Noora J. et al. Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 125-134, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOUZA, Ana Claudia Ferreira; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a prática**, v. 21, n. 1, 2018.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. Tese (Doutorado em Educação Física e Sociedade), UNICAMP, Campinas, 2013.

WILLIAMS, Jean. An equality too far? Historical and contemporary perspectives of gender inequality in British and international football. **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, v. 31, n. 1, p. 151-169, 2006.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 11 jul. 2023.

Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas/SP

Belonging of women in football: a case study of Futebol Feminino Campinas/SP

Nathália Cristina Servadio

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Mestrado em Educação, Unicamp
nathaliaservadio@gmail.com

Helena Altmann

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutorado em Educação, Unicamp

RESUMO: O futebol jogado por mulheres no Brasil vem crescendo, desde última a década, mas não necessariamente se desenvolvendo – sobretudo entre crianças, jovens e mulheres não profissionais. Há urgência em pensar o acesso – com dignidade e pertencimento – à prática futebolística de forma contínua e geracional para este público. Assim, o objetivo deste artigo passou por investigar a trajetória do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) ao ofertar a prática futebolística para mulheres de distintas gerações na cidade de Campinas/SP. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, que incluiu: observações virtuais, sete entrevistas on-line, 12 cartas on-line com a comunidade do projeto. Os relatos foram categorizados e destacados em duas temáticas: criação de oportunidades encabeçada por *mães-jogadoras* e senso de pertença ao futebol vinculado às políticas esportivas. Dar visibilidade às estratégias do projeto FFC possibilitou refletir sobre a criação de oportunidades responsáveis e desafios para democratização da prática futebolística no país.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de mulheres; Pertencimento; Relações de gênero.

ABSTRACT: Football played by women in Brazil has been growing since the last decade, but not necessarily developing – especially among children, young people and non-professional women. There is an urgent need to think about access – with dignity and belonging – to football practice in a continuous and generational way for this audience. Thus, the aim of this article was to investigate the trajectory of the Campinas Women's Football project (FFC) by offering football practice to women of different generations in the city of Campinas/SP. For that, a case study was carried out, which included: virtual observations, seven on-line interviews, 12 on-line letters with the project community. The reports were categorized and highlighted in two themes: creation of opportunities headed by player-mothers; sense of belonging to football linked to sports policies. Giving visibility to the FFC Project's strategies made it possible to reflect on the creation of responsible opportunities and challenges for the democratization of football practice in the country.

KEYWORDS: Women's football; Belonging; Gender relations.

INTRODUÇÃO¹

Mary Wollstonecraft (2017)² escreveu que: “É hora de devolver-lhes [às mulheres] a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana”. Quando pensamos no direito e dignidade à prática esportiva e futebolística por distintas mulheres brasileiras, essa reivindicação se faz urgente. No futebol brasileiro, as desiguais oportunidades esportivas em relação às mulheres foram marcadas por violências simbólicas e políticas que deslegitimam a presença delas na modalidade, como exemplificado pelos próprios impedimentos legais à prática do esporte por mulheres, como entre 1941 e 1979,³ criando um imaginário de que o “futebol é coisa para macho”.⁴ Processo histórico que culminou na insuficiência de políticas de inclusão,⁵ seja nas próprias políticas públicas relacionadas, bem como nos clubes e projetos esportivos, para incentivar a prática de mulheres de distintas gerações.

As mulheres lutaram e lutam cotidianamente para pertencer aos espaços políticos do gramado, resistindo e criando suas próprias redes de sociabilidade e usufruindo de um espaço que é seu por direito. O futebol é um dos espaços de subversão, que mais vêm ganhando adeptas, participantes⁶ e amantes da modalidade.⁷ Contudo, o crescimento dessa modalidade não está atrelada ao seu desenvolvimento e ampliação de oportunidades esportivas, ocorrendo de forma heterogênea nos distintos estados e regiões brasileiras. Problemáticas históricas emergem, como, por exemplo, a infraestrutura para prática geracional, oferta e permanência da categoria de base, profissionalização de atletas, questões de gênero, raça, sexualidade e classe, a promoção e organização de campeonatos, os direitos trabalhistas etc.⁸ Quando o assunto é categorias de base no futebol jogado por elas, o cenário é ainda mais preocupante.

¹ Este estudo foi baseado na dissertação de mestrado: *Pertencimento e oportunidades esportivas na prática futebolística de meninas e mulheres: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC)*, financiada pela CAPES por meio do programa de bolsas CAPES/Demanda Social.

² WOLLSTONECRAFT. *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 69.

³ O Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu por lei a prática de esportes considerados impróprios para meninas e mulheres.

⁴ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho"?, p. 316.

⁵ GOELNNER. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.

⁶ JACOBS. Programme-level determinants of women's international football performance.

⁷ FIFA. Women's Development Programme, p. 6.

⁸ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol.

O relatório oficial da Federação Internacional de Futebol:⁹ apontou que no Brasil apenas 475 jovens jogadoras, abaixo dos 18 anos, estão registradas em clubes brasileiros. A categoria de base também foi tema do recente estudo avaliativo da FIFA¹⁰ referente às 30 principais ligas de futebol pelo mundo, reunindo 282 clubes. Nota-se nos dados que as faixas etárias mais ofertadas na prática do futebol para elas são: sub-18, sub-17 e sub-16, com cerca de 83% das equipes. Em relação a geração mais nova, apenas 35% dos clubes oferecem estrutura para categorias do sub-12, sub-10 e sub-8.

Vale pontuar, também, que o futebol de mulheres e meninas não se limita apenas à repercussão de conquistas de renomados clubes: em alguns casos, a modalidade se desenvolveu com mais constância em times amadores e clubes sociais. E tais espaços não-formais do ensino esportivo, enfrentam uma elevada taxa de evasão de crianças e adolescentes.¹¹ Por exemplo, entre as meninas, essa taxa de evasão é amplamente significativa. Em pesquisa do Governo Federal (2015), verificou-se que, meninas até 15 anos de idade, a taxa de evasão no esporte equivale a 34,8%; já entre os meninos, a taxa é significativamente menor (19,3%).¹² Esses dados impulsionam a problematização sobre os porquês de distintas meninas e mulheres abandonarem a prática.

Questões de gênero marcam as evasões e oportunidades esportivas, sendo cruciais para compreender as desigualdades na prática do futebol, bem como suas possibilidades como um espaço transformador de realidade e pertencimento. A abordagem de gênero contribui para rejeitar o determinismo biológico e estampa que as feminilidades e masculinidades associados ao sexo foram (e são), de certa forma, construídas e reforçados socialmente, principalmente no esporte.¹³ Deste modo, essa pesquisa contribui na visibilidade e análise de espaços que ofertam e mobilizam oportunidades esportivas preferencialmente para meninas e mulheres, levando em conta que:

As carências de estudos qualitativos e quantitativos sobre a inserção de meninas através do esporte exigem mais investimentos. Não somente para gerar

⁹ FIFA. Women's Football Member Associations Survey Report.

¹⁰ FIFA. Benchmarking Report Women's Football.

¹¹ BRASIL. A prática de esporte no Brasil.

¹² BRASIL. A prática de esporte no Brasil.

¹³ ALTMANN. Gênero na prática docente em educação física.

mais informações e pesquisas sobre participação de meninas e jovens no esporte, mas, também, porque com as informações levantadas torna-se possível orquestrar mais projetos esportivos para as meninas.¹⁴

A relevância do estudo encontra-se, então, na possibilidade de cotejar a influência e visibilidade de ações e espaços, sobretudo não-formais, que oferecem oportunidades esportivas e que compreendem a valorização da vivência esportiva para distintas meninas e mulheres no pertencimento a prática futebolística. Assim, o estudo possui, como ponto de partida, o intento em se debruçar criticamente e refletir sobre os desafios de um projeto esportivo, o Futebol Feminino Campinas (FFC), que oferta, com alguma perenidade, espaços para democratização da vivência esportiva para crianças, jovens e mulheres, a fim de compreender as ações e estratégias desta comunidade para transpor os desafios e oportunizar a prática esportiva para tal grupo.

A escolha do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) se deu, primeiramente, por questões geográficas (se tratando da cidade em que a pesquisadora residia devido a inserção no Mestrado acadêmico em Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP em 2019); mas principalmente pelo fato de o projeto fomentar a prática futebolística para centenas de meninas e mulheres da região metropolitana (cidade de Campinas/SP), de forma ininterrupta desde o ano de 1996.

O PROJETO DE FUTEBOL PARA MENINAS E MULHERES NA CIDADE DE CAMPINAS

“Se tivéssemos mais projetos como este a realidade, não só minha, mas de muitas outras meninas/mulheres e suas relações e oportunidades com o Futebol seriam diferentes”.¹⁵ A referência do projeto esportivo, citada por Luana (nome fictício), uma das participantes da pesquisa, é o projeto Futebol Feminino Campinas (FFC), objeto desta pesquisa. Seu reconhecimento foi mencionado por todas as interlocutoras deste estudo (treina-

¹⁴ BRAUNER. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte, p. 530.

¹⁵ Carta escrita por Luana. Jogadora de 32 anos, que participou desta pesquisa através da escrita de sua experiência com o projeto FFC por meio de uma carta, enviada de forma on-line, devido as circunstâncias da COVID-19. Não atuou na base do projeto, chegando diretamente no adulto.

doras, jogadoras, profissionais da área, familiares, etc.), seja por meio de cartas, depoimentos on-line e/ou entrevistas. O FFC se destaca no município de Campinas pela construção de oportunidades esportivas destinadas às meninas e mulheres na prática futebolística desde o final década de 1990.

O projeto FFC nasceu em Campinas, a 68 km a noroeste da cidade de São Paulo. Sua formação foi decorrente de uma longa trajetória de batalhas por oportunizações de espaços para vivência futebolística de meninas e mulheres em um clube social. A organização do projeto é feita pelo oferecimento de treinamento de futsal e futebol para crianças de nove anos até mulheres de 55 anos. Na iniciação esportiva, crianças e jovens são agrupadas por faixas etárias, que possibilitam a continuidade esportiva de forma geracional. O intuito passa por construir uma carreira esportiva e, simultaneamente, um espaço de socialização e lazer.¹⁶ A inserção destas futebolistas é feita através do compromisso com o pagamento mensal de uma taxa, que pode ser flexível de acordo com a situação econômica e contexto familiar da participante.

A escolha do nome do projeto, Futebol Feminino Campinas, buscou associar seu intento ao público-alvo e localidade, respectivamente. Destaca, também, uma das modalidades ofertadas, o futebol, que além ser um fenômeno sociocultural e de expressividade brasileira,¹⁷ reverbera embates históricos no país. Entretanto, como nos alerta Joan Scott (1995). “Aqueles que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história.¹⁸ Escrever sobre projetos esportivos, como o FFC, vai além da compreensão de seu nome e seus signos enquanto escola de educação não-formal digna para meninas e mulheres; é também visibilizar sua história e desafios em torno da sua consolidação enquanto um projeto central para meninas e mulheres no interior de São Paulo carregando especificidades, um contexto geográfico, político, social, comunitário e histórico de muitos embates.

¹⁶ CAMPINAS. Pagina Inicial.

¹⁷ DAOLIO. As contradições do futebol brasileiro, p. 40.

¹⁸ SCOTT. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, p. 71.

O projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) está, desde 1996, situado na cidade de Campinas. A metrópole possui alta densidade populacional e abrange microterritórios agrupado por cinco regiões: Leste, Noroeste, Norte, Sudoeste e Sul. São áreas contrastantes e desiguais quanto aos cenários socioeconômicos e de vulnerabilidade social –, principalmente em relação aos espaços de alta vulnerabilidade social – tornando o direito e a vivência esportiva também desiguais para parte da população.¹⁹ Os espaços em que a maioria dos campineiros e campineiras vivenciam atividades esportivas são os oferecidos pelo poder público municipal, para além dos restritos às casas, escolas ou praças e ruas.²⁰ No entanto, nota-se que as oportunidades esportivas são desiguais e hierarquizadas por gênero, isto é, meninas e mulheres se encontram desprivilegiadas em relação ao uso dos recursos públicos e às oportunidades esportivas criadas na cidade.²¹

O Relatório de Informações Sociais do município de Campinas de 2016, constatou também que há desigualdades em relação a qualidade e quantidade dos espaços esportivos na região: apesar do maior número de espaços à prática esportiva nas regiões Sul e Leste eles não são suficientes para a população local e, tampouco, acessíveis para praticantes de outras regiões e que contenham atividades inclusivas para diversos públicos; as regiões Noroeste e Sudoeste detêm a menor quantidade de unidades de incentivo ao esporte, território originário de parte das interlocutoras desta pesquisa, como a Irene²² (nome fictício), que relatou sobre as (poucas) oportunidades esportivas em sua região:

Lembro que quando mudei de casa, que eu morava aqui na vila União [Região Sudoeste] e depois eu mudei pro Campo Grande [Região Noroeste]. não tinha mais escolinha gratuita, mais nada, eu falei assim: nossa eu queria entrar no futebol, mas um futebol que possa me desenvolver mais ainda, futebol que tinha só menina.

No caso das práticas futebolísticas, tais oportunidades são majoritariamente destinadas para meninos e homens. Julia Barreira e colaboradoras²³ descrevem que o

¹⁹ UNGHERI; ISAYAMA. Equipamentos públicos de lazer e esporte, p. 7.

²⁰ MARCELLINO. *Políticas públicas de lazer-formação e desenvolvimento de pessoal*, p. 61.

²¹ BENINI FILHO. *Educação do corpo na perspectiva de gênero*.

²² Irene de 22 anos, participou desta pesquisa com depoimento gravado on-line em relação a sua vivência como jogadora da base do projeto FFC. Representando-o dos 14 anos aos 18 anos.

²³ BARREIRA. Futebol feminino como prática de lazer.

acesso à prática do futebol por mulheres nos espaços de lazer em Campinas são desiguais. Relatam que, dos 11 centros esportivos públicos pesquisados na cidade, apenas um único contava com prática organizada para mulheres. No entanto, a prática ocorre predominantemente em espaços privados, concentrados nas regiões centrais da cidade, em que 50% deles são alugados para a prática futebolística por mulheres (BARREIRA et al., 2017). O cenário de inserção e acessibilidade nos espaços privados contrasta com as possibilidades oferecidas às jogadoras da comunidade do FFC, majoritariamente de camadas socioeconômicas mais baixas, que se auto identificam como negras e pardas e residem em regiões vulneráveis da cidade. Em muitos casos, elas não conseguem acessar tais espaços, por fatores como: econômicos, mobilidade urbana, segurança pública e entre outros. Como relatado por Laís:²⁴ “A jornada até os treinos era bem desgastante e eram durante a noite (perigoso) e minha mãe não tinha tempo para me levar, sempre fui sozinha. E as vezes faltava por não ter passagem”.

De forma geral, as oportunidades reais de vivência futebolística para distintas meninas e mulheres são permeadas pelas questões de gênero, classe e a raça.²⁵ Devemos reconhecer, portanto, a relevância histórica de projetos esportivos, como o projeto FFC, ao procurar subverter este cenário de desigualdades.

PERCURSO HISTÓRICO DO PROJETO FFC

Entre as quatro linhas do Clube Recreativo Bonfim, que o projeto FFC se originou. As especificidades e disputas desta relação longínqua contribuíram para a consolidação do projeto FFC. O clube social privado e localizado no bairro do Bonfim, na região Norte de Campinas, é detentor de boa estrutura esportiva. O bairro em que está situada a agremiação possui, majoritariamente, uma população de classe média/alta, com poder econômico para custear inserção ao espaço associativo por meio do pagamento de mensalidade.

²⁴ Laís de 26 anos participou desta pesquisa através da escrita da carta on-line, coletada em maio de 2020. A jogadora não sócia se inseriu no projeto desde 2010 quando a parceria ainda era vinculada ao clube social, e atualmente é uma atleta profissional e formada em Educação Física com bolsa vinculada ao projeto FFC.

²⁵ MARTINS; VASQUEZ. As mulheres e o país do futebol.

Apesar da ampla estrutura esportiva e econômica do clube social, desde sua constituição, em 1922, até meados de 1996, não houve qualquer oferta à prática futebolística para mulheres. Os espaços futebolísticos do clube eram reservados e pensados exclusivamente para homens e meninos de classe média/alta usufruírem de suas instalações. Os clubes suburbanos popularizaram o futebol praticado por homens no Brasil,²⁶ como no caso do clube social estudado. Além disso, o processo de urbanização de Campinas e a prática do futebol como fenômeno social disseminou, pois, a educação dos corpos em espaços associativos, redefinindo hábitos, atitudes e comportamentos. A atividade futebolística passa a não ser democrática à população, afetando, principalmente, mulheres. Ao longo da segunda metade do século XX, o futebol seguia, explicitamente, a manutenção da suposta “área de reserva masculina” por Estado e clubes, associando os espaços futebolísticos aos homens, constituindo hierarquias e exclusões.²⁷

As mulheres que frequentavam o clube, à época, eram predominantemente das classes média e alta e, em sua grande maioria, mães, participando apenas de espaços restritos à prática da natação ou ao cuidado dos filhos durante momentos de lazer. Essas mulheres foram atravessadas pelo contexto histórico da época: como mulheres-mães, e que, incorporavam valores voltados ao fortalecimento da branquitude. Também, no que diz respeito à saúde, ao vigor físico (sem performar masculinidade) para “contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis”, legitimando “estereótipos da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe”²⁸ A mulher-mãe, nesse sentido, reconhece a importância das atividades corporais e esportivas para o aperfeiçoamento da reprodução humana.²⁹

Notamos, historicamente, que muitas mulheres esportistas não se submeteram a essas normas convencionais e acabaram incorporando outras ações e estratégias para adentrar o espaço de sociabilidades esportivas e vivenciá-los ativamente nas esferas da

²⁶ MELO. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico, p. 110.

²⁷ DUNNING; MAGUIRE; WUILLAUME. As relações entre os sexos no esporte.

²⁸ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho"?, p. 321.

²⁹ GOELLNER. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na *Revista Educação Física*.

vida pública e privada,³⁰ rompendo a suposta área de reserva masculina. No clube social pesquisado, não foi diferente.

Fase 1: a reivindicação do futebol por mulheres

Em meados de 1996, os espaços futebolísticos do clube foram reivindicados pelas mulheres sócias. Vilma³¹ revela que o interesse entre as sócias em vivenciar a prática futebolística sempre esteve presente: “as meninas que jogavam vôlei e basquete [no clube social] queriam jogar futebol também” (Vilma). Todas elas ansiavam maiores oportunidades esportivas na modalidade dentro do clube. Naquele ano, o futebol de mulheres foi, pela primeira vez, inserido como uma das competições dos Jogos Olímpicos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), sem desconsiderar que o processo de apropriação da prática futebolística era tardio:

Se pudesse ter uma máquina do tempo, voltaria para essa época, e voltaria para poder brigar por esse espaço. Não investem como deveria, é muito difícil ainda, ainda tem um caminho. Antes de mim deve ter sido pior, lá trás né, deve ter sido pior, a gente escuta que foi jogado escondido. A gente ajudou a conquistar esse espaço.³²

O processo de reivindicação de oportunidades esportivas dentro do clube social, originário pelas mulheres sócias, contribuiu para a criação da primeira equipe do clube Bonfim. A existência de um *modus operandi*³³ conservador não impediu o confronto e reivindicação de mulheres por novas práticas dentro do clube social. No caso

³⁰ BONFIM. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*.

³¹ Vilma de 42 anos foi uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do projeto FFC como jogadora e durante três primeiros anos da equipe do clube Bonfim atuando como primeira capitã da equipe e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

³² Entrevista de Sueli. Jogadora do projeto FFC durante os dois primeiros anos da equipe do clube social e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe que com o passar dos anos se tornaria FFC. Ela participou desta pesquisa através de uma entrevista realizada no dia 1º de julho de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

³³ Vitor Melo (2010) atribuiu ao sentido da expressão *modus operandi* como um modo de operação concebido para expressar comportamentos, valores, formas de agir e operar uma atividade ou prática, na qual segue um protocolo.

estudado, esse processo de inserção nos espaços futebolísticos do clube como praticantes, foi iniciado pela comunicação entre algumas mulheres sócias durante o espaço de sociabilidade nas outras modalidades ofertadas no clube, como nas aulas de basquete e voleibol, como também durante as aulas de futebol dos filhos, configurando o interesse de praticar a modalidade. Então, um grupo de mulheres se constituiu para, em seguida, iniciar um apelo aos diretores na época pela abertura de espaços futebolísticos próprios no clube social. O interesse foi levado à direção do clube, formada por homens: “a maioria dos nossos pais eram diretores e coordenadores, e algum momento algumas meninas comentaram esse interesse”.³⁴

As oportunidades futebolísticas para mulheres no clube social se consolidaram de forma paulatina ao longo da primeira década (1996 a 2009). Havia treinamento semanal e inserções em curtos-circuitos competitivos, que reunia todas as jogadoras em uma categoria etária única, que enfrentavam outras equipes da região, geralmente com futebolísticas mais experientes, denotando grande discrepância competitiva entre as participantes. Durante esse processo, o projeto FFC foi representado por uma equipe amadora, com propósito direcionados estritamente ao lazer de distintas sócias, com uma equipe composta majoritariamente por mulheres brancas e de classe média/alta.

Nesse período, a subversão de normas, o enfrentamento de preconceitos e impedimentos para a prática do futebol estavam presentes na região³⁵ e no país.³⁶ No entanto, para as praticantes sócias essa não era uma preocupação e além de vivenciarem a prática esportiva e romperam com esses valores esperados nos espaços futebolísticos, tensionam modelos únicos de ser mulheres e homens, constituindo simbolicamente identidades mutáveis. A identificação com a modalidade e parceiras de time e possibilidade de ocupação dos espaços futebolísticos do clube social, originou um sentimento de pertencimento de meninas e mulher no futebol.

Notamos, então, a luta histórica de mulheres que, ao ocuparem os espaços esportivos e sociais, foram importantes para, enfim, vivenciarem práticas futebolísticas

³⁴ Entrevista de Vilma.

³⁵ MOURA. *As relações entre lazer, futebol e gênero*.

³⁶ MORAES. *Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90*.

no clube social estudado no final da década de 1990 “[...] Quando você pensa em esporte você está mais vivo”, afirmou Sueli, uma das jogadoras entrevistadas. Desse modo, vemos o esporte contribuindo para a construção de um novo *modus vivendi*/modos de vida para as jogadoras, isto é, a constituição de uma nova conjuntura de simbologias e costumes, o prelúdio de uma nova cultura.³⁷

Fase 2: ampliação e adesões de futebolísticas não sócias

A segunda década (2010 a 2019) de parceria entre o projeto com o clube social inaugura uma nova fase. Houve maior tensionamento do espaço futebolístico do clube, impulsionado pelas verbas oriundas da Lei Paulista de Incentivo ao Esporte (LPIE), regulamentada pelo decreto 55636/2010, que permitiu o FFC chegar a um estágio de desenvolvimento até então não alcançado e crescer a oferta da prática futebolística para distintas meninas e mulheres da região.

O vínculo com o poder público proporcionou a abertura do espaço esportivo da agremiação em prol de ações e oportunidades esportivas à população. Todavia, os relatos apontam certo descompasso e apoio escuso do clube na oferta da prática futebolística, através das estratégias de regulação adotadas aos equipamentos esportivos, estruturas físicas locais e arregimentando vestimentas esportivas; ampliando as necessidade gerenciamento da mobilidade para os espaços, e da organização do eventos, como um todo. Não havia um plano de desenvolvimento a longo prazo alinhado entre o clube social e o projeto que, segundo uma atleta, seguia a “adoção de modelos mais voltados ao amadorismo e ao conchavo”,³⁸ distanciando-se, em alguns momentos, da possibilidade da prática do futebol enquanto estratégia de intervenção educacional e cidadania.

No entanto, nota-se ao longo da década de 2010, a expansão do futebol de mulheres com a abertura a novos públicos e apoio da prefeitura de Campinas. Essa adesão de não sócias de distintas gerações no clube social do Bonfim, contribuiu para que se

³⁷ MELO. Apontamentos para uma história comparada do esporte.

³⁸ Diana de 30 anos, é uma ex-jogadora do projeto FFC durante o período de 2011 a 2014, e participou através de conversas on-line pelas mídias sociais. Relatando suas vivências no FFC.

ampliasse o número de futebolísticas participantes, iniciando a formação de uma categoria de base, a partir da segmentação por faixas etárias que ingressaram na equipe e a possibilidade de direcionar sua inserção tanto à prática do esporte enquanto lazer, como de rendimento/competição. Fomentando uma nova rotina de treinamento, concomitante, a existência de um calendário anual de circuitos competitivos. Tais fatores fortalecido pelas relações de afeto permitiram que as cores e o nome do clube social ganhassem abrangência, visibilidade e consolidação: “eu consideraria essa ação projeto como bem sucessiva, porque ela já está com um bom tempo, e ganhou um corpo, inclusive é um celeiro de atleta não só pra quem quer aprender a jogar mas pra quem quer seguir nessa carreira de jogadora, virou uma referência pelo menos no estado de SP.³⁹

Pouco a pouco, o sentimento de pertencimento, possibilidade e visibilidade de mulheres ocupando este espaço contribuiu para um crescimento da equipe. Popularizando a prática nesta época no clube social, proliferando oportunidades esportivas a números consumados, com média de 100 a 200⁴⁰ futebolísticas incorporadas por ano.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa se estruturava de forma presencial, com observações in loco do projeto FFC no início do mês de março de 2020, no entanto, ao final do mês, houve a paralisação das atividades⁴¹ presenciais em razão do início da quarentena, agravada pelo Covid-19.⁴² Afetando todas nós e também forçando alterações no desenho metodológico. Logo, o

³⁹ Entrevista Joana.

⁴⁰ Número em relação a adesão e que variava a cada ano, houveram casos de evasão que não foi possível contabilizar. O número estimado aqui, foi a partir de relatos da comissão técnica sobre esta época de abertura dos portões do clube social.

⁴¹ O campo da pesquisa esportiva passou por significativas mudanças para se adequar às novas limitações impostas pela necessidade de distanciamento social.

⁴² Desejo força e meus sentimentos por todas as pessoas que enfrentarem o luto neste período, para aquelas que seguiram o isolamento social apesar das dificuldades emocionais e políticas e que arriscaram suas vidas para salvar outras. O contexto de isolamento social, ou crise social provocada pelo COVID-19, nos leva a constantes pensamentos, e que valem o registro aqui: será que a COVID-19 dará origem a novas transformações sociais, principalmente no contexto esportivo estudado aqui? Ou apenas reafirmará desigualdades sociais e econômicas, como também uma polarização e discrepância entre a modalidade estudada e suas praticantes?.

caminho da pesquisa de campo que começou presencial, ganhou novos contornos técnicos migrando unicamente para o espaço digital. Desta forma, a escolha pelo estudo de caso contribuiu para a realização da pesquisa em um contexto digital com a comunidade do projeto FFC – o “caso” estudado nesta pesquisa.

O *corpus* deste trabalho foi realizado entre o período março de 2020 a outubro de 2021, através de: entrevistas semiestruturadas em plataformas digitais com sete profissionais que atuaram/atuam no projeto FFC; 11 narrativas de si, através de cartas escritas e enviadas de forma on-line; coleta de depoimentos on-line da comunidade; e observações em encontro virtuais, realizadas três vezes ao mês durante aproximadamente oito meses, de forma não participante. Ambos realizados por meio de mídias digitais destinados a comunicação virtual das atividades oficiais do projeto. O uso das plataformas de socialização foram intensificadas em contexto pandêmico e, por isso, “não são uma ferramenta neutra tampouco mera facilitadora de contatos”.⁴³

A amostra desta pesquisa foi constituída por ex-jogadoras, jogadoras, estagiárias, diretores, profissionais das áreas da saúde, familiares e treinadores que passaram pelo projeto em fases diferentes em sua estruturação e formalização. As informantes-chave foram escolhidas por meio do contato inicial com profissionais responsáveis pela organização do projeto, e que foram indicando possíveis interlocutoras para conversa posterior. A troca digital com as interlocutoras permitiu que conhecêssemos suas aflições e percepções sobre suas histórias com o futebol e futsal no projeto FFC – também em contexto pandêmico. Nesse meio de campo de trocas e encontros, favoreceu a oportunidade de descobrirmos as ações e estratégias de sobrevivência das atuantes do projeto nos 25 anos de história do projeto FFC.

A coleta de dados com as interlocutoras-chaves,⁴⁴ foram iniciadas após o primeiro mês de observações, a partir de um agendamento prévio, e posteriormente gra-

⁴³ MISKOLCI. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios, p. 148-149.

⁴⁴ Cada interlocutora-chave autorizou o uso dos dados a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. o anonimato desta comunidade foi assegurado na pesquisa, e seus nomes foram trocados para não haver identificação.

vadas com consentimento das e dos participantes. Contando com a utilização das ferramentas e plataformas digitais como: Google Meeting e/ou Zoom. Escolhidas de acordo com a familiaridade das entrevistadas em relação aos aplicativos utilizados. A duração das entrevistas sofreu ajustes, para que não se alongassem no espaço virtual, em horários adequados às interlocutoras. Como resposta intuitiva ao cenário remoto, adotamos uma nova estratégia metodológica, a captação de cartas.

Com intuito de captar junto as interlocutoras fragmentos espaço temporais: “marcas das inúmeras histórias singulares que os/as constituem”⁴⁵ sobre suas trajetórias no projeto FFC. Compilamos, inicialmente, as principais interlocutoras potenciais impossibilitadas de participar das entrevistas on-line. As cartas podiam ser escritas ou gravadas oralmente, para posteriormente serem enviadas por aparelho celular (equipamento que todas as interlocutoras possuíam), em um período de aproximadamente uma semana. As cartas eram endereçadas simbolicamente ao “projeto FFC”. Ao propor um destinatário no ato da escrita, as interlocutoras eram estimuladas a reviver memórias e experiências no projeto, exercitando também a autorreflexão. Vale ressaltar, que o processo metodológico e interpretativo com as cartas foi desafiador, pois, não se verificou em estudos anteriores na área do futebol e futsal de mulheres a utilização semelhante à que se propõe neste trabalho.

As entrevistas, cartas, depoimentos e registros de observações on-line foram categorizados conforme trechos de como as interlocutoras percebiam e relataram suas vivências esportivas junto ao projeto FFC. Por meio deste trechos, minuciosamente, agrupamos em duas categorias que sintetizam seu conteúdo. A primeira categoria aborda os relatos de criação do projeto encabeçada por *mães-jogadoras*, na luta por pertencimento no futebol. A segunda categoria, conta sobre o sentimento de pertencimento atrelada a formação da categoria de base, em contra partida, emerge neste cenário, um paradoxo ao oferecer a prática futebolística para meninas e mulheres.

⁴⁵ AYOUB. Gestos, cartas, experiências compartilhadas, p. 258.

RESULTADOS E DISCUSSÕES/FUTEBOL PARA MULHERES NO PROJETO FFC: A LUTA POR PERTENCIMENTO LIDERADA POR MÃES-JOGADORAS⁴⁶

A primeira forma de vivência futebolística no projeto FFC, parte da disputa de mulheres e mães-sócias pelo espaço esportivo do clube social parceiro. As interlocutoras notaram que a invisibilidade de oportunidades esportivas no futebol foi encorajada por diretores, associados e familiares, que inferiorizavam sua presença nos espaços de sociabilidade esportiva do futebol. Vale ressaltar que, ao final da década de 1980, a prática de futebol para os homens no clube acontecia sem qualquer questionamento, enquanto suas cônjuges, mulheres, e filhos pequenos, majoritariamente, ficavam do lado de fora do campo, observando o jogo. Qualquer movimento de disputa pelo espaço causava um estranhamento, afirmou uma das mães sócias: “O meu caçula quando me via entrar no campo para bater uma bola no intervalo do jogo do seu pai, ele me via e dizia” mãe não, papai sim”, então, imagina na cabeça dele? Aquilo me marcou muito”.⁴⁷

As oportunidades esportivas vivenciadas pelas mulheres e mãe sócias foram atravessadas por uma constante vigia da comunidade local, para se vincularem às normas de gênero vigentes. Tomamos aqui, o ato de vigiar⁴⁸ como legitimador de uma espécie de dispositivo⁴⁹ que, de forma discreta, é voltado à domesticação dos corpos que compõem os espaços de sociabilidade. Neste caso, fomentando desigualdades nos espaços futebolísticos e de interação social, ocupados e pensados para que apenas os homens usufruam, designando a elas – mulheres de camadas sociais alta/média – um espaço canônico, o de espectadoras,⁵⁰ o qual fora incentivado a elas desde os primórdios da inserção da modalidade no país.

⁴⁶ O termo em itálico evoca a figura de uma *mãe-jogadora* vai na contramão da construção de um lugar social exclusivo à reprodução, ao cuidado do lar de forma não remunerada, a feminilidade. Ao praticar futebol, elas resistiram às constantes vigias de seus corpos, às normas de gênero, e à maternidade como único destino, ressignificando sua corporalidade.

⁴⁷ Entrevista Sueli.

⁴⁸ FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, p. 240-244.

⁴⁹ Segundo Foucault, os dispositivos são: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”, p. 244.

⁵⁰ GUEDES. Prefácio, p. 15-19.

Contudo, como alerta Judith Butler (2003), “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”⁵¹ neste espaço, historicamente, também existiram mulheres⁵² que não se contentaram com este lugar social e que lutaram cotidianamente para (re)ocupá-lo. Sueli⁵³ e Vilma⁵⁴ foram mulheres e mães que não se permitiram ser apenas espectadoras e torcedoras. Preferiram atuar e agir com protagonismo na transformação dos espaços futebolísticos da agremiação na década de 1990.

A visibilidade da primeira turma de futebol das associadas [1996], nasce, então, do interesse pela prática de mães e mulheres sócias. Um grupo de associadas insistiu massivamente com a coordenação do clube social para que fosse aberta uma turma de futebol para elas: “E foi uma junção, a vontade de comer com a fome, que acabamos começando com esse time [...] a primeira turma de futebol feminino no clube”.⁵⁵ A vivência na modalidade se inicia não através de uma concessão do clube, e sim, reivindicação por *mães-jogadoras*.

As *mães-jogadoras* não tinham experiência com outras práticas esportivas de contato e força, como também, pouco autonomia e incentivo de vivenciar uma prática deste tipo. Afirmam também, que o nascimento de seus filhos impôs novas barreiras e preconceito social, ao vivenciarem a prática futebolística de contato e força: “algumas pessoas de lá [do clube] não gostavam de ver uma mãe jogando, [...] se assustavam”.⁵⁶ Vale ressaltar, que as associadas que se espantavam com a associação entre o futebol e *mães-jogadoras* à época eram majoritariamente brancas e jovens de classe média/alta e que, como destacado pelas próprias interlocutoras, passaram “precocemente” pelo

⁵¹ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, p. 154.

⁵² BONFIM. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*.

⁵³ Sueli, de 48 anos, é uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do projeto FFC como jogadora durante dois primeiros anos da equipe do clube Bonfim e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe que com o passar dos anos se tornaria FFC. A entrevista foi realizada no dia 01 de julho de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

⁵⁴ Vilma de 42 anos foi uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do projeto FFC como jogadora e durante três primeiros anos da equipe do clube Bonfim atuando como primeira capitã da equipe e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

⁵⁵ Entrevista de Vilma.

⁵⁶ Entrevista Sueli.

rito do casamento e da maternidade. Questionavam ao ver *mães-jogadoras* em campo: “[...] falavam: ‘Vocês jogam futebol?’ Era assim. ‘Nossa, você?’ Como se fosse estranho, levava para o lado pessoal”.⁵⁷ Muitas destas mulheres que frequentavam o clube, denominadas por Sueli como “donas de casa”, estranharam o futebol sendo jogado por mulheres. Angela Davis (2016)⁵⁸ debate a construção das “donas de casa” associadas à figura das mulheres brancas de classe média. Tal ponto beneficia uma branquitude desvinculada de outros valores para o corpo na época, como o da prática futebolística neste contexto.

De forma geral, percebemos que a associação entre ser mãe e jogadora causava estranhamento à comunidade local, conforme depoimento de Sueli: “[...] convidava as outras mães e não iam não. Elas não iam por tudo, desde preconceito até medo”. O medo das associadas se relaciona com a construção social e conformação dos corpos de mulheres ao seu papel reprodutivo e a sua capacidade de gestar filhos saudáveis, contribuindo assim com o desenvolvimento da nação. Imaginário social que parte da história brasileira, como demarcado pela medicina higienista no país no século XIX: “A mulher encontrará a verdadeira esfera de ação, adequada ao sexo e aos seus deveres, no desempenho das funções do lar, da família, da escola”.⁵⁹ As imagens de feminilidade neste contexto, cruzam com a construção da: “representação da mulher-mãe. Ou seja, aquela que tem na maternidade a sua mais nobre missão”.⁶⁰

Ao negociarem o espaço futebolístico, *mães-jogadoras* borraram a premissa da maternidade como algo inato e fixo para criarem outras estratégias ao ocuparem este espaço e ressignificarem as representações em torno de seus corpos. Resistir ao imaginário social naquele espaço foi, inclusive, elemento de motivação para algumas participantes que frequentavam as aulas no clube social. Perguntadas sobre o que lhes motivavam em participar da turma de futebol: “quebrar o preconceito que estava dentro de mim [...] quando comecei a jogar eu tinha uns 23 anos e já com filho de 3 aninhos na época, foi uma alegria começar a jogar e foi o que me motivou a continuar”.⁶¹

⁵⁷ Entrevista Sueli.

⁵⁸ DAVIS. *Mulheres, raça e classe*, p. 160.

⁵⁹ PENNA. A mulher, a escola e o lar, s. d.

⁶⁰ GOELLNER. A Educação Física e a construção do corpo da mulher, p. 10.

⁶¹ Entrevista Sueli.

A persistência e continuidade das *mães-jogadoras* abriu o caminho para que mais mulheres, jovens e adolescentes sócias aderissem à prática ao longo da oferta no clube, como ressalta as interlocutoras, por meio do “boca a boca”, formalizando a primeira equipe de futebol (Fig. 1), que posteriormente originaria o projeto FFC. As experiências da primeira turma com a modalidade foram através das aulas e ocupação da estrutura esportiva do clube. Inicialmente, começaram a prática aos domingos e foram migrando para o sábado, “porque a coisa começou a dar melhor recepção, e foi bem difícil era pouca gente”.⁶²



Fig. 1 - Equipe reunida no Campo de Areião do clube Bonfim em 1996.
Fonte: Acervo pessoal Vilma.

O espaço esportivo do clube mais frequentado para as aulas semanais das equipes era o Campo de Areião (Fig.1), como chamam as interlocutoras: “a gente treinava num campo de terra, que era cedido pra gente, o *Areião*. Em dia de chuva era complicado”.⁶³ Espaço que contrapõem o gramado oficial para a prática do futebol, e que em dias chuvosos são um impérvio. As interlocutoras desta pesquisa, caracterizam o gra-

⁶² Entrevista Sueli.

⁶³ Entrevista Sueli (grifos da autora).

mado oficial como um equipamento de difícil acesso, e direcionado para praticantes homens sócios: “aí usamos o [campo] de terra porque eles [equipes de homens associados] usavam o de grama e a preferência era deles”.⁶⁴ Aspecto que foi recorrente entre as jogadoras e treinadores que participaram da equipe durante sua trajetória (entre 1996 a 2019): “dirigentes do clube, alegava que se treinasse ali [campo oficial] durante semana ia “estragar a grama”, e os associados ao final de semana iam achar ruim de jogar no campo esburacado”.⁶⁵

O campo oficial para a prática da modalidade no clube social pode ser visto aqui como um santuário de afirmação de um *modus operandi* destinado preferencialmente para a inteligibilidade dos homens nestes espaços “sagrados”, como o gramado verde, que sintetizam a manutenção de uma masculinidade hegemônica e de uma branquitude em espaços privilegiados e associativos.

O principal combustível para não evadirem da prática futebolística, foi a participação em competições esportivas por favorecerem a adesão aos treinos e vínculos afetivos. Quando as *mães-jogadoras* reivindicaram a oportunidade de prática do futebol, os circuitos competitivos⁶⁶ para mulheres ainda eram muito restritos. Na década de 1990, os torneios na região ocorriam em apenas um dia com equipes amadoras, como relembra Vilma: “juntavam 3 e 4 times nos espaços e íamos jogar campeonatos internos”. As faixas etárias e níveis técnico/tático variavam bastante. Competiam nas modalidades de futebol de campo/Society, na qual treinavam, e de futsal, como estratégia de sobreviver na prática esportiva e vivenciar competições, procurando alargar seu circuito, que era escasso para diversas gerações: “[...] você jogava uma vez por mês... e se tivesse campeonato uma coisinha assim, só jogava daqui um mês e meio...porque não tinha times”.⁶⁷

⁶⁴ Entrevista Sueli.

⁶⁵ Entrevista Luís.

⁶⁶ Circuitos competitivos alarga o conceito de composição. Abrangendo uma composição de elementos que envolve o cenário competitivo. Com atuação direta de diferentes atores e atrizes, e mobilizam ações em distintos espaços esportivos e contexto histórico.

⁶⁷ Depoimento de Amanda, de 34 anos. Participou desta pesquisa através de um depoimento on-line coletado em maio de 2020. Se inseriu no projeto FFC nos anos de 2001 a 2002 quando a parceria ainda era vinculada ao clube Bonfim, posteriormente representou a equipe do Guarani FC e migrou

A organização de campeonatos, a estrutura física e financeira de agremiações e clubes sociais que ofertavam o futebol para meninas e mulheres no Brasil enfrentavam condições de precariedade.⁶⁸ Apesar disso, não impediu que equipes/agremiações/clubes sociais se organizassem entre elas para continuarem suas atividades, como a organização de campeonatos internos (Fig. 2). O primeiro campeonato externo que a equipe participou foi a Taça Independência, envolvendo agremiações da cidade, por volta de 1996, com a participação de meninas e mulheres de diferentes idades.



Fig. 2 - Campeonato interno no Areião do clube social por volta de 1996.
Fonte: Acervo do projeto FFC.

A luta histórica de mulheres e *mães-jogadoras* sócias fomentou criação de oportunidades esportivas no futebol campineiro. Ao reivindicarem os espaços esportivos de

para estudar e jogar nos EUA. Atualmente é uma atleta profissional em solo brasileiro, uma das primeiras ingressantes da turma nesta fase.

⁶⁸ SALVINI, FERREIRA, JUNIOR. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro.

treino, de competição e de socialização do clube, desenvolveram um ambiente de homosociabilidades esportivas,⁶⁹ demarcando a importância de um sentimento de pertencimento a um grupo. Consolidado como base fundamental na vida social das mulheres e *mães-jogadoras* participantes:

A gente foi formando um grupo de mulheres lá no clube e ficávamos conversando depois dos treinos, e virou costume.⁷⁰

Não entendia nada de futebol, tá? Mas eu comecei a gostar e comecei a estudar sobre futebol, entender e fiquei apaixonada [...] pertencer ao time [...] faz a diferença. A gente se apoia uma na outra, isso faz a gente crescer.⁷¹

FORMAÇÃO DE JOGADORAS NO PROJETO FFC

A segunda forma da comunidade estudada legitimar e oportunizar sua vivência na prática futebolística esteve relacionado à formação de jogadoras no projeto FFC subsidiada pela implementação de políticas esportivas. Longe de engessar respostas fechadas, o propósito maior aqui é levantar questões sobre a formação de jogadoras e sua relação com a modalidade no projeto específico, marcada por distintas especificidades.

A prática se popularizou entre as próprias mulheres e crianças que frequentavam o clube social e, também, expandiu oportunidades esportivas para jogadoras não-sociais de distintas gerações, a partir da implementação de políticas de incentivo ao esporte. O principal aliado e diretor do projeto, Mauro,⁷² relembra que “Aí veio uma época que “deu um *estralo*”, esse *estralo* designa, exatamente, a fase em que o clube social iniciou (por volta de 2008/2009) a implementar e beneficiar da redução do Imposto de Renda no clube social.

⁶⁹ Sociabilidades entre pares e ou grupos iguais.

⁷⁰ Entrevista Sueli.

⁷¹ Entrevista Vilma.

⁷² Mauro de 55 anos foi um dos entrevistados desta pesquisa. Atua no projeto como treinador desde a criação da primeira equipe de mulheres em 1996 e foi um dos idealizadores do FFC. A entrevista foi realizada no dia 20 de maio de 2020, com aproximadamente duas horas de duração.

Vale a pena elucidar que as políticas implementadas a partir de 2006, e que afetaram diretamente a vivência da comunidade do projeto FFC, tiveram como contexto político, o início do planejamento do Governo Lula, que formalizou, enfim, uma agenda exclusiva e – ao menos em sua concepção – progressista para o esporte. O surgimento da Comissão de Clubes Sociais Esportivos, também em 2006, teve como objetivo a promoção de estudos e ações para regozijar os clubes e espaços de educação não-formal esportivos. Impactando a criação do Fundo de Incentivo ao Esporte e Cultura (FIEC) a nível municipal. O intento desta lei era o de encorajar a população da RMC na construção de novos espaços de práticas esportivas e de lazer, destinadas a projetos, organizações não governamentais, associações de bairro e clubes recreativos.⁷³

A diretoria do clube social se articulou para aplicar a Lei de Incentivo ao Esporte, direcionada para a redução do Imposto de Renda, com o objetivo de alavancar o nome do clube em competições regionais e aumentar o capital esportivo de suas equipes de distintas modalidades ofertadas, inclusive do futebol de mulheres: “[o diretor] chegou pra cada professor: ‘O que você precisa para ser campeão?’ respondi: ‘se você deixar liberar pra mim meninos e meninas que não sejam sócios do clube para jogar, eu sou campeão’”.⁷⁴ Outros clubes sociais da região⁷⁵ aplicavam essa lei em seus espaços esportivos. Entretanto, não envolvia constância e permanência das jogadoras, gerando defasagens na formação das futebolísticas da infância a fase adulta.

Destarte, tais políticas públicas passaram a abranger possíveis caminhos de superação dos entraves à acumulação de bens, por meio da abertura de novas frentes e oportunidades de investimentos que pudessem ampliar as possibilidades de adesão de distintas mulheres e meninas, nos espaços futebolísticos urbanos da região campineira. Desse modo, futebolistas não-sócias do clube, oriundas de distintas classes, geração, etnias e localidades da região metropolitana de Campinas, que não imaginavam pertencer a esta prática passaram a integrá-la: “Aos 11 anos, quando entrei no clube social, foi

⁷³ BENINI FILHO. *Educação do corpo na perspectiva de gênero*.

⁷⁴ Entrevista Mauro.

⁷⁵ MOURA. *As relações entre lazer, futebol e gênero*.

quase como descobrir uma nova modalidade, foi como um choque descobrir que meninas jogam bola sim, que eu não era um ET no mundo”.⁷⁶

Então, a adesão de crianças e jovens talentos não-sócias na prática futebolística foi realizada por meio de convite para participação e observação do seu capital esportivo. Diferentemente das *mães-jogadoras* que começaram a jogar futebol dentro do clube, essa nova geração teve sua iniciação na escola. Um dos espaços mais destacados pelas jogadoras e participantes do projeto FFC como primeira experiência com a prática futebolística foi a escola, e que possibilitou a posterior inserção no projeto. Como o caso de Lana,⁷⁷ então no 7º ano do Ensino Fundamental, chamada para integrar o projeto FFC, ao participar dos Jogos Escolares Municipais (JEM) de 2011, ela comenta: “Nesses jogos, os professores do clube estavam olhando as meninas e chamando para fazer alguns treinos teste e, a partir daí, comecei a treinar”.

As interlocutoras ressaltaram que a chegada de mais jogadoras à equipe vinculada também esteve relacionada com suas redes de afetos, Carol⁷⁸ que escreve: “eu fui para o Bonfim porque as amigas da minha escola jogavam lá”. Segundo ela, encontraram, na equipe, um espaço futebolístico que fosse favorável às intenções de percorrerem uma trajetória esportiva.

Os espaços e territórios da cidade, onde segundo a comissão técnica, “encontrariam” e identificariam os talentos com o capital esportivo desejado, eram os espaços periféricos: “Buscamos as jogadoras lá na “Favela”. Pra ser campeão, né?!... lá no “bairro” lá na “periferia”.⁷⁹ As palavras “periferia” e “favela” são permeadas por uma

⁷⁶ Katia participou desta pesquisa através da escrita sobre si coletada em maio de 2020. A ex jogadora do projeto FFC se inseriu em 2009, quando a parceria ainda era vinculada ao clube Bonfim permanecendo durante quatro anos, e atualmente segue estudando a temática relacionada aos mulheres e o futebol na graduação.

⁷⁷ Lana participou desta pesquisa através de depoimento on-line sobre sua vivência junto a equipe, que se estendeu de 2012 a 2016.

⁷⁸ Carol de 24 anos foi uma das interlocutoras da pesquisa, participando de forma on-line através da escrita da carta enviada em maio de 2020. Atuando como jogadora na base do projeto durante 10 anos, e treinadora retornando como treinadora das categorias de base, após se formar em educação física com bolsas de estudos vinculada ao projeto.

⁷⁹ Entrevista Mauro.

rede complexa de elementos histórico-culturais e sociais.⁸⁰ Índices preocupantes de miséria, analfabetismo, moradia, trabalho, mortalidade juvenil, visibilidade, diferença social, entre outros se cruzam nestes espaços enunciados. Vale ressaltar, a importância de apontar as estatísticas não como um fim em si mesma, mas como urgências para a transformação e justiça social.

Cada vez mais meninas e mulheres da periferia campineira, na faixa etária entre 11 e 17 anos (nascidas em torno de 1987 e 1994) ingressaram na equipe, com possibilidade de transição geracional e formação esportiva. Pontuamos que neste processo formativo, as jogadoras do projeto tiveram a possibilidade – até então inédita – de traçar perspectivas futuras na modalidade, seja visando a profissionalização ou participação enquanto lazer. A formação jogadoras de futebol envolve segurança, continuidade e oportunidades esportivas, para que um processo de ensino-aprendizagem ocorra. É um fenômeno complexo, não linear e se faz no cotidiano, constituído por dimensões que dançam e se relacionam entre si. Desenvolvendo junto as jogadoras, elementos físicos, técnicos-táticos da modalidade, como também, social, educacional e psicológico, de forma relacional com o ambiente e agentes sociais:⁸¹ treinadoras e treinadores, funcionários dos clubes, familiares, torcedoras e torcedores e a cultura.

Quando perguntado as interlocutoras sobre a formação de jovens e mulheres no projeto destacam, sobretudo, que apesar das fragilidades de desenvolver um plano de desenvolvimento formativo, afirmam a importância das oportunidades esportivas dentro e fora de campo:

Nunca tive na minha cidade, por exemplo, um clube que formasse jogadoras de futsal e futebol feminino, apesar das fragilidades. Era um lugar ali que você ia ver meninas de 13 até 30 anos jogando, então assim, nesse trabalho foi de alguma forma dando esse retorno para alguma coisa que eu não tive, fazer com que as próximas meninas conseguissem, essa oportunidade, esse espaço.⁸²

[...] Recebi o convite para fazer parte da base do projeto e assim poder continuar a cursar a graduação [Educação Física] através de uma bolsa de

⁸⁰ VALLADARES. *A invenção da favela*.

⁸¹ CHOW. Non-linear learning underpinning pedagogy.

⁸² Entrevista de Naiane.

estudos. Permaneci na equipe até o ano passado, 2019, e através do clube fui convidada para fazer parte da equipe profissional da Ponte Preta.⁸³

A estratégia de vincular bolsas de estudos foi uma forma de oferecer oportunidades pós carreira e/ou outro seguimento profissional, caso a prática futebolística fosse descontinua ou não remunerada, como também, permanência no processo formativo. Algumas futebolísticas não sócias em grande maioria eram jovens, crias⁸⁴ do projeto FFC, escrevem essa transição da base para o dentro do próprio projeto, como parte central de sua trajetória e experiência.

Além disso, o processo de formação das jogadoras no projeto, oriundas de diferentes localidades da cidade, tensionou um espaço reservado à classe média/alta. Enquanto algumas associadas e praticantes, que passaram a ingressar no FFC, enxergavam a prática futebolística como algo que “dava medo” ou um momento de liberdade e lazer. As não-sócias (grande maioria das integrantes) e que formavam a base da equipe, viam o projeto uma oportunidade única de realização de seus projetos. Tornando o ambiente plural com mulheres de origens sociais e culturais, orientações sexuais, renda etc. plurais, problematizando formas homogêneas de representar as jogadoras.

Notamos, então, que a cultura das futebolistas não-sócias junto às interações e relações no clube social com as associadas, estimularam iniciativas que puderam representar e conhecer sua prática, através de símbolos do clube social. A criação de um grito de guerra “Bonfim, Raça, União, 3, 2, 1, Bonfim!” Usado em dias de jogos, foi um bom exemplo, como, também, a construção de uma identidade virtual da equipe. A palavra “sangue” passou a ser incorporado como elemento vital e nativo de identificação das relações afetivas e o vinho, representando a cor grená do clube social, adjetivando a ligação afetiva criada a partir dos símbolos do clube. O sentimento de pertença fortalece

⁸³ Julia. de 26 anos, é uma das interlocutoras da pesquisa, participando através da escrita de sua experiência com o projeto FFC por meio da carta enviada de forma on-line. Atuou na base do projeto durante um pouco mais de 2 anos(2010, 2015-2017) e atualmente é jogadora profissional.

⁸⁴ Cria é um termo nativo utilizado por algumas interlocutoras para destacar a trajetória de jogadoras que passaram pela formação da base do FFC.

um indivíduo no âmbito das relações interpessoais e intrapessoais. Alana⁸⁵ relata que esse sentimento de pertença à prática futebolística: “ajudou muito a me tornar um ser humano melhor”. É a partir dessa prática futebolística, que distintas perspectivas e mudanças sociais ocorrem na vida da comunidade: ganhando autonomia; recuperando a autoestima; ampliando as redes de contato, proteção e afetividade. Este espaço de homosociabilidades esportiva criada pelas jogadoras, fortaleceu o sentimento de pertença ao futebol e a um grupo social:

Tem união, tem conexão, não é simplesmente um time de futebol, mas ser uma família unida.⁸⁶

Minhas melhores amigas de hoje foram jogadoras comigo na época e minha profissão hoje e como eu encaro a importância dela tem ligação direta com essa época.⁸⁷

[...] O convívio com a equipe é o que mais fica pra mim [...] ver meus sonhos de jogar profissionalmente [sendo realizado] pelas minhas companheiras é muito gratificante.⁸⁸

[...] Jogadoras não se restringem a praticantes, elas se tornam grandes amigas, fazem atividades juntas fora dos momentos de treino.⁸⁹

Este elo de pertença histórico e cultural da equipe culminou na criação da primeira identidade visual do projeto FFC: o Campinas Futebol Feminino, ainda vinculada à parceria do clube social e FIEC até meados de 2019 (Fig. 3). Contando como parte do processo formativo a distribuição das jogadoras em categorias de base (sub-13, sub-15), adulto e amador; e envolviam três segmentos: iniciação esportiva, lazer e carreira profissional esportiva, o qual podia ser escolhido pelas participantes.

⁸⁵ Alana participou desta pesquisa através da escrita sobre si coletada em abril de 2020. A jogadora não sócia atua no projeto desde 2014 e atualmente é uma atleta profissional, também bolsista vinculada ao projeto FFC.

⁸⁶ Depoimento Irene.

⁸⁷ Carta de Carol, de 24 anos é uma das interlocutoras da pesquisa, participando de forma on-line através da escrita da carta enviada em maio de 2020. Atuando como jogadora na base do projeto durante 10 anos. e treinadora retornando como treinadora das categorias de base, após se formar em educação física com bolsas de estudos vinculada ao projeto.

⁸⁸ Carta de Luana.

⁸⁹ Entrevista Joana.



Fig. 3 - Formação de jogadoras do projeto vinculado ao clube social em 2018.
Fonte: Acervo do projeto FFC.

PARADOXO E NOVAS POLÍTICAS DE LICENCIAMENTO NA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA POR MULHERES

Observamos que, apesar da grande adesão de distintas gerações e do crescimento de um sentimento de pertença à equipe, a formação de jogadoras foi atravessada por relações de poder, classe e descontinuidades, a execução da política de incentivo ao esporte se tornou, dentro do clube social, um paradoxo. Quanto mais futebolísticas se infiltravam, mais tal movimento criava um “problema” para o clube, de acordo com seus administradores. O aumento das turmas e categorias geracionais, além da ampliação do circuito competitivo, afetou diretamente a carga horária da comissão técnica da equipe. Além disso, a presença das alunas não-sócias, ao passo que concretizaram o resultado almejado pela diretoria do clube de lograrem êxito competitivo e conquistarem visibilidade na região, acentuou a dificuldade do clube social em gerenciar a modalidade, que estava crescendo em seu espaço esportivo.

Como resposta estratégica à crescente carga horária, a diretoria retornou a cobrança de mensalidades, o clube tentou conciliar a visibilidade alcançada pela equipe

no cenário municipal e o elevado número de participantes não-sócias nos espaços futebolísticos da agremiação com um retorno financeiro, cujo efeito foi imediato: houve grande evasão de jogadoras não sócias, caracterizando um processo evasivo e paradoxal. Joan Scott (2005), destaca o paradoxo como: “uma proposição que não pode ser resolvida e que é falsa e verdadeira ao mesmo tempo”.⁹⁰ De acordo com Livia, a ação representou sua evasão da prática futebolística: “parei durante uns 6 meses [neste período] e só depois retornei”⁹¹ destacando como uma fase de muita dificuldade de retornar posteriormente à prática. Assim, apenas aproximadamente 15% das futebolísticas, conseguiam desembolsar o valor solicitado para continuar treinando.

A expressiva evasão de jogadoras levou a um desgaste e rompimento com o clube social (após duas décadas de parceria. Concomitantemente, em 2019, o projeto se alinha a uma parceria com a Associação Atlética Ponte Preta (AAPP), que teve como base as alterações do regulamento da Licença dos Clubes, da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), publicada em 30 de setembro de 2016. O regulamento determinou que os clubes de futebol da América do Sul tenham uma equipe principal de mulheres e, pelo menos, uma categoria base para elas ou deve estar associado a um clube que às tenham (CONMEBOL, 2018). Não há indícios de que essa exigência da CONMEBOL tenha decorrido de uma estratégia de valorização da prática futebolística sul-americana, no intuito de desenvolver a modalidade.⁹² A iniciativa, sim, se desenhou pela ânsia de suprir exigências de ordens superiores da FIFA, o que prejudicou a valorização do cenário do futebol de mulheres a fim de desenvolvê-lo.

Entretanto, tais intenções tiveram seus efeitos, como no caso estudado aqui. O centenário clube campineiro *encurtou* os caminhos para cumprir as exigências da CONMEBOL de possuir uma equipe de futebol de mulheres, afinal, o projeto FFC já possuía uma trajetória consolidada na região com prática futebolística de mulheres. Esta nova exigência estratégica de licenciamento dos clubes, afetou diretamente a relação criada

⁹⁰ SCOTT. O enigma da igualdade, p. 14.

⁹¹ Carta Livia.

⁹² BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

entre o projeto e AAPP, cujas disputas jurídicas, tumultuaram o planejamento e organização da equipe para mulheres dentro da AAPP, sem uma abordagem voltada para as questões de gênero na modalidade, como apontado por Mauro (não expondo de forma específica essa atuação jurídica): “mas a parte jurídica da Ponte Preta é muito complicada. Eles querem entrar e entram no modulo masculino do jeito masculino no feminino, aí não tem... aí complica tudo... aí, tudo aquilo que você faz pro menino eles acham que deve fazer pra menina”.⁹³

A jogadora Lídia,⁹⁴ também destaca o desafio em torno das questões que envolvem a gestão de um equipe para mulheres em clubes estruturados e organizados para a oferta de prática para homens: “apesar de ser tratado como “profissional”, o futebol feminino infelizmente é gerenciado por muitas pessoas que o tratam de forma amadora. E isso nos custa investimentos, patrocínios, visibilidade” Lídia ressalta os principais problemas relacionados aos direitos trabalhista e profissionalização das atletas: “houve atraso na ajuda de custos, [...] no começo não tínhamos nem uniforme”. O cenário da profissionalização entre as mulheres ainda é problemático. Esses impasses jurídicos e estruturais, somada à ausência da compreensão sociocultural em torno das relações de gênero e políticas no clube, fizeram tortuosos os caminhos para estabelecimento da parceria e tentativa de regulamentação das novas exigências estratégicas da CONMEBOL.

Apesar dos desafios administrativos, o projeto FFC viveu um (raro) momento de oferta de oportunidades diretas em favor de sua comunidade em 2020. Algumas Jogadoras, que passaram pelas categorias de base no projeto, foram chamadas pela equipe principal da AAPP para compor o elenco, e a categoria de base do FFC, que se desligara do clube Bonfim, acabou se tornando representante do clube AAPP em ambas as modalidades (futebol e futsal), utilizando alguma das estruturas futebolísticas da entidade.

Esse período na Ponte está sendo muito legal pra mim. Tem pouco tempo que a gente ficou jogando e tal, por que logo teve essa pausa da quarentena, mas está sendo muito bom pra mim como atleta e profissional também porque eu

⁹³ Entrevista Mauro.

⁹⁴ Lídia de 26 anos, é uma das interlocutoras da pesquisa, participando através da escrita de sua experiência com o projeto FFC por meio da carta enviada de forma on-line. Atuou na base do projeto durante um pouco mais de 2 anos (2010, 2015-2017).

fiz educação física e é uma área que eu me interessou muito. Caso eu não seja atleta, eu quero trabalhar no meio do futebol, então eu estou conseguindo vivenciar as coisas novas e aprender bastante.⁹⁵



Fig. 4 - Espaço de treino da equipe de base do projeto vinculada a AAPP.
Fonte: A autora.

Antes da pandemia de Covid-19, ocasionada pelo vírus Sars-Cov-2, oficialmente paralisar a prática esportiva em todo o país em março de 2020, conseguimos acompanhar uma breve sessão de treinamento da equipe profissional da AAPP (Fig. 4). Mais da metade do elenco da AAPP era composto por jogadoras do projeto FFC. Acompanhamos alguns dos impasses da profissionalização de mulheres no futebol:

05/03/2020 – Dia de treino – equipe profissional

Os treinos são realizados todos os dias, 9h e vai até às 13h. Muitas jogadoras estudavam e trabalham para manter a prática do futebol, e não recebiam uma ajuda de custo que realmente cobria sua sobrevivência na cidade.

No decorrer do treino ajudei enchendo o galão de água que abastecia as garrafinhas das atletas, com um calor exaustivo e sensação térmica que atravessava os 30°. Ao lado do gramado de treino se via ao fundo da instalação esportiva, vacas pastando e sendo monitoradas pelos cuidadores do terreno. As próprias atletas também cuidavam de organizar o campo recolhendo gols, pequenos montinhos de gramas carpido para liberar mais espaço para o treino.

No apito final do treino as meninas se juntam ao centro do campo e recebem o representante do departamento feminino da equipe, ele começa a dialogar com elas sobre o registro de algumas jogadoras contratadas e recém

⁹⁵ Carta Carol.

adicionadas ao elenco para disputa de campeonatos, comenta sobre os uniformes ainda não serem exclusivos para mulheres, e a respeito de diversos impasses da parte de gestão do esporte. Uma das atletas exclamou: “eu vou estudar “*adm.*” só pra virar gestora e ajudar as meninas.” Outra questão apontada foi sobre o salário das jogadoras muitas não haviam recebido nenhuma quantia e não tinha previsão.⁹⁶

Mais adiante, em 2020, a parceria com a AAPP, de forma paradoxal, foi descontinuada. Estabelecendo no futebol de mulheres condições efêmeras de oportunidades esportivas quando comparada à prática dos homens. Ao analisarmos a parceria, evidenciamos a relevância de um plano de desenvolvimento para mulheres, tanto por parte entidades que gerenciam os clubes e são responsáveis pelo futebol, como pelas autoridades políticas e seu compromisso de pensar o desenvolvimento socio-esportivo da comunidade.

No entanto, o sentimento de pertencimento ao grupo, criada ao longo de duas décadas de oportunidades esportivas, nestes espaços ambíguos e os periódicos auxílios de políticas públicas campineiras, compuseram um processo de formação de jogadoras e a oficialização do projeto FFC. Permitindo clarificar desta subjetividade de pertença clubística sua formalização, enquanto projeto Futebol Feminino Campinas.⁹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, investigamos a trajetória de um projeto esportivo, e ao longo da sua história, verificamos sua importância no território metropolitano ao ofertar oportunidades reais de vivência futebolística. A história do projeto FFC condiz com a própria história de luta do futebol de mulheres brasileiro.

Constatamos a urgência da efetivação de estratégias para o combate das disparidades e desigualdades formativas no esporte e compreendemos que esta investigação indica desafios a serem problematizados ao fomento de oportunidades futebolísticas democráticas para distintas meninas e mulheres no país.

⁹⁶ Registro no diário de campo.

⁹⁷ Leia mais em: <https://www.instagram.com/futfemcampinas/>

O primeiro desafio se refere à oferta de oportunidades esportivas, na qual, dentro do FFC, se iniciou com a reivindicação de *mães-jogadoras* na década de 1990 no espaço do clube social, na cidade de Campinas. Elas lutaram pela construção da primeira turma de futebol para mulheres no clube, caracterizando como um ato político.

Vale ressaltar que, apesar da construção de oportunidades esportivas no FFC estar vinculada às estratégias afetivas, outros desafios surgiram nesta trajetória, como: paradoxo na modalidade; evasão da prática por razões econômicas, pandêmicas e socioculturais; descontinuidade de parcerias e ausência de planos de desenvolvimento a longo prazo à comunidade estudada. Ao analisarmos tais parcerias, evidenciamos a relevância de um plano de desenvolvimento para a formação de jogadoras de futebol, tanto por parte entidades que gerenciam os clubes e são responsáveis pelo futebol, como pelas autoridades políticas e seu compromisso de pensar o desenvolvimento sócio-esportivo com dignidade para distintas meninas e mulheres.

Não obstante, há limitações da referida pesquisa, das quais destacamos desenvolvimento de forma virtual, limitando um envolvimento mais intimista das interlocutoras. Novas pesquisas, em outros contextos, podem contribuir nesse processo de construção do conhecimento e de políticas públicas.

Enfim, ao propor visibilidade a projetos que ofertam oportunidades esportivas para um público que, historicamente, foi estigmatizado como não pertencente a modalidade, configurando um compromisso político em prol da construção e promoção de uma educação esportiva a caminho de uma sociedade que reconheça e valorize o lugar de meninas e mulheres como protagonistas e pertencente ao universo cultural do futebol brasileiro.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2017.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, p. 491-501, 2011.
- AYOUB, Eliana. Gestos, cartas, experiências compartilhadas. **Revista Leitura**, Alagoas, n. 58, p. 274-283, 2012.
- BARREIRA, Julia; MEDEIROS, Daniela; FERREIRA, Flávia. Futebol feminino como prática de lazer: um mapeamento dos espaços públicos e privados na cidade de Campinas/SP. **Resumos do X Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana**, São Paulo, 2017.
- BARREIRA, Julia; MAZZEI, Leandro; CASTRO, Flávio; GALATTI, Larissa. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. In: MARTINS, Mariana Z.; WENETZ, Ileana (Ed.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: Ed. CRV, 2020, p. 29-44.
- BENINI FILHO, Flávio de Andrade. **Educação do corpo na perspectiva de gênero: uma análise de projetos públicos de esporte e lazer**. Dissertação (Mestrado em Educação), Unicamp, Campinas/SP, 2017.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais), FGV-Rio, 2019.
- BRASIL. A prática de esporte no Brasil. Brasília, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qLY01>. Acesso em: 5 jan. 2021.
- BRAUNER, Vera Lucia. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPINAS, Futebol Feminino, c2020. **Página inicial**. Campinas. Disponível em: <http://futebofemininocampinas.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- CHOW, Jia Yi. Non-linear learning underpinning pedagogy: evidence, challenges and implications. **Quest**, v. 65, n. 4, p. 469-484, 2013.
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo C. Rodrigues. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000, p. 29-44.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph; WUILLAUME, PATRICE CHARLES FX. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, p. 321-348, 1997.

FIFA. Women's Development Programme. c2023. Zurich, Switzerland. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hAWX2>. Acesso em: 8 mar. 2023.

FIFA. Women's football member associations survey report. c2019. Zurich, Switzerland: Disponível em: <https://encurtador.com.br/bjszW>. Acesso em: 1º mar. 2023.

FIFA. Benchmarking Report Women's Football. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fwIT9>. Acesso em: 6 fev. 2022.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, UFSC, Florianópolis, n. 16, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na *Revista Educação Physica*. **Seminário Estadual de Dissertações e Teses** [Programa e resumos], UFRGS, Porto Alegre/RS, 2000.

GUEDES, Simoni Lahud. Prefácio. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Ed. Universidade Federal de Santa Maria, 2020, p. 15-19.

JACOBS, Josephine C. Programme-level determinants of women's international football performance. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 5, p. 521-537, 2014.

MARCELLINO, Nelson Carvalho et al. **Políticas públicas de lazer-formação e desenvolvimento de pessoal**: os casos de Campinas e Piracicaba/SP. Curitiba/PR: OPUS, 2007.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: interseções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, p. e27006, 2021.

MELO, Victor A. de. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 1, 2010.

MELO, Vitor A. de. Futebol, lazer e práticas lúdicas. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 2, p. 35-38, 2014.

MENDONÇA, Renata. O brasileiro feminino de 2020 terá número recorde de times profissionais. **Dribladoras**, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/l2Vw>. Acesso em: 6 jan. 2021.

MISKOLCI, Richard; FIGUEIREDO BALIEIRO, Fernando de. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p.133-156, 2018.

MORAES, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola**: futebol feminino na Bahia anos 80-90. Salvador: EDUFBA, 2014.

MOURA, Eriberto Jose Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Unicamp, Campinas/SP, 2003.

PENNA, Belisário. A mulher, a escola e o lar. S. D. Departamento de Arquivo e Documentação/ Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Fundo Pessoal Belisário Penna. Manuscrito. 13 folhas. BP/PI/TP/90002040-37. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/y20w2>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SALVINI, Leila; FERREIRA, Ana Letícia Padeski; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990–2010). **Pensar a prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014.

SCHUCMAN, Lia. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado), USP, 2012. Biblioteca Digital Teses e Dissertações USP.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, v. 13, 2005, p. 11-30.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, UFRGS, v. 20, n. 2, 1995.

UNGERI Bruno, ISAYAMA Hélder Ferreira. Equipamentos públicos de lazer e esporte: o cenário institucional de municípios que implementaram o Programa Esporte e Lazer da Cidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 43, 2020.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem à favela. Editora FGV, 2005.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

* * *

Recebido em: 29 abr. 2023.
Aprovado em: 1º jul. 2023.

Praxis for social transformation: the case of Meninas em Campo

Práxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo

Mark Biram

University of Bristol, Bristol, UK
Doctor of Philosophy, University of Bristol
mark.biram@bristol.ac.uk

ABSTRACT: “Meninas em Campo” has proved itself to be a highly successful proactive example of promoting gender equality through both discourse and praxis. It is a non-profit organisation located in Butantã, São Paulo which offers a space for 9–17-year-old girls to develop as footballers. The project is financed by Colégio Santa Cruz and supported by the University of São Paulo. Meninas em Campo is the largest grassroots socially motivated girls football project, outside of those of the big clubs. Meninas em Campo is symbolic in providing a blueprint for the development of girl’s football. This article suggests much more attention should go to the crucial formative years where generations of girls have been marginalized from formal channels.

KEYWORDS: Gender; Equality; Health and Well-being; Praxis; Discourse.

RESUMO: Meninas em Campo é um exemplo pró-ativo de grande sucesso na promoção da igualdade de gênero por meio do discurso e da práxis. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos localizada no Butantã, São Paulo, que oferece um espaço para meninas de 9 a 17 anos se desenvolverem como jogadoras de futebol. Financiado pelo Colégio Santa Cruz e apoiado pela Universidade de São Paulo. O Meninas em Campo é o maior projeto de futebol feminino de base social, fora dos grandes clubes. Fornecendo um modelo para o desenvolvimento do futebol feminino. Este artigo sugere que muito mais atenção deve ser dada aos anos formativos cruciais, em que gerações de meninas têm sido marginalizadas dos canais formais.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Igualdade; Saúde e bem-estar; Práxis; Discurso.

INTRODUCTION

In a recent interview Chilean goalkeeper Christiane Endler stated unambiguously that in order for women's football to continue growing 'girls need to have the same training opportunities as boys'.¹ Immediately upon reading this my mind returned to my ten months of ethnographic fieldwork in which women players, infuriated by the necessity to highlight the blindingly obvious, would tell me repeatedly that converting rhetoric about equal opportunity into reality was the key challenge. During my time in South America, I was fortunate enough to interview many significant figures in both Brazilian and Colombian women's football. For example, Rosana dos Santos Augusto told me that, in her youth, girls had never had any formal spaces to develop as players. She was extremely keen to emphasise how Brazil's women had reached Olympic and World Cup finals in spite of the institutional provision they had, not because of this. Similarly, Maurine Dorneles Gonçalves, another highly regarded player from the same generation, explained how the imbalance in games was due to the dearth of opportunities for young girls to develop. A nucleus of quality players was always there, but the key to achieving any strength in depth was getting far more girls on the pitch from a far earlier age. This chimed with the observations of Tayla, another player who has represented the national team on numerous occasions. Tayla spoke of how she grew up playing on the streets and playing as the only girl, always marked as an imposter, in men's games. Many of these observations had been made previously – to give an indicative example, I would like to draw attention to the excellent social history of now CBF football coordinator Aline Pellegrino, interviewed in depth and then told by Pamela Joras in her informative Master's thesis.² Knowledge emerging from elsewhere on the continent suggests a panorama which is similar or even less favourable for girls wishing to pursue football either as a hobby or as a

¹ BELAS TRINDADE. Lyon's Christiane Endler: 'Girls must have the same training as boys', 2023.

² JORAS; GOELLNER. Depoimento de Aline Pellegrino. JORAS. *Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino*, 2015.

professional career³ This knowledge and experience of the threadbare provision for girl's football inspired this article and my current research about Meninas em Campo (MeC hereafter), a highly successful girls football project in São Paulo.

The glib institutional response to this tends to cite the exponential growth of opportunities for women players which have come about as clubs react in defence of their economic interests to the CONMEBOL policy requiring professional clubs to have a women's division in order to be eligible to compete in the lucrative flagship male competition on the continent, the Copa Libertadores.⁴ At a surface level, there has clearly been considerable progress in terms of opportunities to play within high profile clubs.⁵ Having researched this topic in some detail, however, it was abundantly clear to me that Endler was in fact referring to the continuing dearth of opportunities for much younger girls to learn the game in a structured manner, with the same Conditions that their male counterparts enjoy. The frustration of Endler is representative of the wider frustration which I encountered frequently in my research. Women players are acutely aware of how the prevailing logic is one of inclusion rather than of outright equality.⁶ Until this is addressed structurally at institutional level, women players continue highlighting systemic inequalities whilst operating in a semi-professional environment⁷ and provision for young girls remains an area requiring urgent attention, especially in light of the breakneck growth of interest in the sport.

This article is a preliminary contribution to a longer term cooperation between the University of Bristol and MeC positions itself and considers the impact this has on the wider panorama. Firstly, it considers how the project has been able to attract investment in order to function (as it has done successfully with major

³ GARTON. *Guerreras: fútbol, mujeres y poder*, 2019. GARTON; HIJÓS; ALBARCES. Playing for change: (semi-) professionalization, social policy, and power struggles in Argentine women's football, 2021.

⁴ SOARES. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil, 2019. STAREPRAVO; DE MOURA; CANAN. Has Latin America's Title IX Arrived? Impact of the CONMEBOL Institutional Incentive Regulations on South American Football, 2022.

⁵ BIRAM. *As Sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC Feminino*, 2021; BIRAM. *Women's Club Football in Brazil and Colombia*.

⁶ ELSEY; NADEL. *Futbolera*, 2019, p. 12.

⁷ GARTON; HIJÓS; ALBARCES. Playing for change.

brands). Secondly, it will consider how the project may influence policy-makers both at sporting institutions and at government level. This wider impact, in terms of influencing policy, is the primary concern of this article.

GIRLS ON THE PITCH (MENINAS EM CAMPO)

Whilst carrying out ethnographic research with Santos FC Women in 2018 & 2019 I became aware of an initiative catering to the systemic deficiencies described above. MeC is a non-profit organisation located in Butantã, São Paulo which offers a space for 9–17-year-old girls to develop as footballers. As suggested earlier, the levels of both symbolic violence and exclusion surely deterred all but the most physically and mentally resilient girls from pursuing a career, or even from playing the game as a hobby throughout their formative years. The lack of formalised spaces for girls to play the game is clearly one of the major barriers facing women's football.

The project is financed by Colégio Santa Cruz and supported by the University of São Paulo. Its location is strategic, insofar as it allows access from the nearby favelas such as São Remo, Sapé and Vila Dalva. This is evident in the demographic of users of the program, who are clearly from a range of distinct social backgrounds. All of the projects activities are free and football is mixed with a range of other educational activities aimed at ensuring that participants receive a well-rounded overall formation.

The achievements of MeC are considerable. In 2022, the project catered to 234 families, of which 47 are now playing for professional clubs. Moreover, as of February 2023, the project has produced 12 players who have represented the Brazil Under-17 national team. MeC uses a methodology known as *Treino Social*. It has been used successfully across 25 sites in Brazil and Mozambique. *Treino Social* is a praxis based methodology which places emphasis on a holistic development of athletes. Education is one of the key planks of this development, with particular emphasis on socio-emotional development: for example problem-solving, bravery or daring the empowerment of women and developing emotional resilience. The development of MeC's athletes, then, is not merely as footballers, but as balanced

and thoughtful human beings who are well placed to be ambassadors both for the project and for women's football more broadly.

METHODOLOGY

I became curious about the workings of MeC – and was lucky enough to be able to follow up this interest with a visit funded by the University of Bristol's AHRC Impact Funding in December 2022 and January 2023. Owing to the length of the visit and the timing, I was unable to spend a lengthy period with the project as per my previous ethnographic work. Nonetheless, through conversing with key figures in the project I was able to learn a great deal about the project and procure further funding to emphasise how the project symbolically challenges exclusionary narratives and the marginalisation of girls from the sport. This article is built around conversations with the project's social media and communication lead Sofia César Gomes and then Teaching Coordinator, Sandra Santos, who is responsible for the holistic development of athletes. Moreover, visits to the project allowed me to draw on project archives since its inception in 2016. This article outlines how MeC, using Praxis akin to that described by Freire in *Pedagogy of the Oppressed* (1971), has contributed to promoting gender equality making a practical difference in the area in which it operates and also in its campaigns promoting women's football and highlighting the dearth of provision nationally for girls in the 9-17 age group. Further academic work will be accompanied by a toolkit for practitioners aiming to start girls' sport projects both through NGO and/or state agents.

PROMOTING EQUALITY

An area where the project has been particularly strong is promoting its work and engaging in partnerships with influential companies which wish to associate themselves with progressive approaches to gender inequality. The project has been acutely aware of gradually shifting attitudes to gender equality and has been able to capitalise on this. Over the previous decade campaigns like #metoo and

#niunamenos⁸ have captured the imagination of women on the continent and have generated enough interest to cause wider reverberations whereby sectors of the business community have finally been engaged. This section outlines two representative examples where MeC has followed a highly effective social media and communication policy. These examples are the ‘She Can’ campaign and the ‘Thank You Haters’ campaign, respectively.

‘She can’ campaign

The ‘She Can’ campaign was developed by Guaraná Antarctica in partnership with ten Other major brands with the intention of supporting grassroots women’s football. Its video begins by invoking the oft-used metaphor of Brazil as the ‘country of football’⁹ In the first five seconds the video pithily expresses the continued marginalisation of women from this crucial trope of Brazilian identity. ‘Really? But for whom?’ it asks. The visibility of the women’s game is immediately brought into focus. It is claimed that men’s football receives more than a billion dollars more than women’s football in sponsorship each year. The campaign claims that 35 million cans of Guaraná are circulated in Brazil each month giving the brand an unrivalled reach. All the funds from this campaign were sent direct to MeC allowing MeC to establish itself as the largest women’s football grassroots project outside of the *clubes de camisa* (large Brazilian clubs).

In an era of unprecedented growth for football more generally, it is important that women’s football taps into the vast number of commercial opportunities that the men’s game does. A serious worry here is that this leads to highly uneven growth and that the majority of the revenue does not trickle down to grassroots level. For this reason, a campaign that is particularly aimed towards grassroots girls football is positive, both in practical terms and symbolically.

⁸ ELSEY. Fútbol Feminista: Energized by the# NiUnaMenos movement, women’s soccer teams take on the patriarchs of the beautiful game in Latin America, 2018.

⁹ FONTES; BUARQUE DE HOLANDA. *The Country of Football*, 2014. KITTLESON. *The Country of Football*, 2014.

‘Thank you haters’ campaign

Similarly, the ‘Thank You Haters’ campaign – another collaboration between the MeC project and Guaraná Antarctica – sees user generated content being employed to fuel the growth of women’s football. A range of academic literature attests both to skewed media coverage of women’s football¹⁰ and to outright hostility and misogyny expressed on social media.¹¹ Clearly, the anonymity and ease of posting exacerbates the problem, and there is a certain element of mischief attached to some of what is found online. Nonetheless, it is clearly symptomatic of lingering discomfort about women participating in the game. Moreover, it could not exist without staggering levels of misogyny and irrational prejudice which are structural – not only in Brazil, but globally.

This background was the starting point for the ‘Thank You Haters’ campaign. In summary, a considerable number of internet comments which make misogynistic comments about women’s football were printed out on seed paper and then planted on the pitch where MeC play. As the campaign states, this allows players to ‘trample on the hatred every single day’. In total, over 30,000 comments were collected. The advertisement finishes by noting that ‘one of the most plentiful things on the internet – hate – had been turned into infrastructure for thousands of women players. It finishes by saying ‘Valeu Aí, Haters’ (thank you haters). The achievements of such a campaign are multiple. Firstly, it serves to ridicule the persistence of retrograde views about women’s football. The campaign was launched with a number of hashtags, for example #DoeSeuCliché (suggest/donate a cliché). Secondly, it emphasises how shifting societal attitudes are slowly translating into action on the ground. It shows that more spaces for girls to practise the game are appearing and that these spaces are providing the open and positive environment that young girls need to play the game.

¹⁰ CASHMAN; RAYMOND. Making gender relevant in Spanish-language sports broadcast discourse, *gender & language*, 2014; MINA; GOELLNER. Representaciones sociales de la selección femenina de fútbol de Colombia en la Copa América 2014, 2015.

¹¹ SCHMIDT *et al.* An analysis of Colin Kaepernick, Megan Rapinoe, and the national anthem protests, 2019. FREDERICK; PEGORARO; SCHMIDT. “I’m not going to the f*** ing White House”: Twitter users react to Donald Trump and Megan Rapinoe, 2022. MACDONALD; CLELAND. Gender politics of social media, 2022. BULLINGHAM; MAGRATH. ‘Pink hair, don’t care’: a print media analysis of Megan Rapinoe at the 2019 Women’s World Cup, 2023.

EVERYDAY ROUTINE AT MENINAS EM CAMPO

Freirean praxis at MeC

In his foundational text of critical pedagogy, Brazilian educator Paulo Freire described praxis as “reflection and action upon the world in order to transform it”.¹² He contended that it was insufficient merely to study our surroundings, it was a moral imperative to act upon the injustices we encounter. The way that MeC approaches many of the seemingly intractable social problems which surround us, seems, at least in part, inspired by this commitment not to ignore social reality.

From the outset in 2016 MeC has sought to create a space which gets the entire family involved. In the first instance, before attending trials, families are invited to a breakfast or lunch event where there is a presentation made about how the project functions and how forming players in a holistic way is central to the project’s values. This allows a certain degree of trust building to occur in the vital early exchanges, in this way ensuring that players will receive the right support from the family unit. In addition to this, during the most testing period of the COVID-19 pandemic, surrounding favelas such as São Remo have received solidarity donations from MeC in partnership with the Quilombola Cooperative. There is a tacit understanding at MeC that the support of families and the local community is crucial in making the project and women’s football more broadly successful. There is a discursive battle for hearts and minds which can be won with engagement on a community level. As part of the early work building relationships, friendly mixed gender games of futsal have been played, allowing mothers and daughters, fathers and daughters and brothers and sisters to compete on the same field.

MeC prides itself on being a space where players learn not only how to play football but also about how to function well within the social environment they inhabit. This holistic educational approach means that young girls attend workshops between sessions where they will discuss a range of sensitive topics

¹² FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 59.

crucial to their social development during adolescence. They are given the chance to speak privately in confidence to a gynaecologist in order to discuss any doubts they may have. Beyond this, as part of another campaign *Juntas Somos Campeãs* (Together We Are Champions), in collaboration with Fluxo Sem Tabu, an organisation aimed at tackling period poverty, project participants are able to access sanitary pads, as well as gain an awareness of the intersectional symbolic violence which could lead to girls giving up playing the game.

Project participants learn, then, about issues of female empowerment in a way which encourages them to behave in solidarity with one another and which foment a respect to players from different backgrounds in Brazil. The project aims to take advantage of every opportunity to deepen the girls education about their surroundings. For example, MeC has a specific focus on areas of the game where there is a notable underrepresentation of women. These areas include a number of coaching roles, the club manager positions and also the role of referee. As the maximum authority figures in football, the roles of manager and referee appear one of the last bastions of male domination. For this reason, referee training imbues the girls with the skills they need to pursue a career as referees should they wish to do so. They are taught, firstly, about how few female referees there have been – and are then given strategies to ensure their work and authority as referees is respected. In the Freirean sense, this fits perfectly with the notion that ‘knowledge is made, not discovered’.¹³ In the same sense, knowledge building and learning is deeply rooted in its social context, that of discriminatory societal attitudes towards women in this case, rather than in some abstract or supposedly objective context. Similarly, there are also specific courses for goalkeepers which have benefitted from the assistance of players who have played at the highest level such as Thaís Picarte and Nicole Ramos.

With these indicative examples it is clear that MeC is a project which positions itself clearly and explicitly. In his celebrated *Carnavais, malandros e heróis* (1979), the great Brazilian anthropologist Roberto Da Matta was concerned with the constant tension between the highly authoritarian, hierarchical aspects of

¹³ FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 232.

Brazilian society which we have seen come to the fore in recent times and the concurrent and powerful desire to overturn this with a push towards equality, democracy, and harmony. MeC endeavours to produce players and young women who are not only aware of the internal friction between these forces, but able to act upon them in a Freirean sense and help to create a better society.

Producing well-rounded professional players

In the first period of MeC, the club was involved in a partnership with Santos FC, providing both its Under-15 and Under 17 teams. Three players would go on to represent Brazil at Under-17 level: Ana Luyza, Laura Valverde and Luana Teodoro. Similarly, a number of these players transitioned to the Under-20 team which won the continental championship recently, including Giovana Fernandes. Recently the project competed in the Paulista Championship for the first time as Meninas em Campo, in MeC own kit alongside clubs like Ferroviária, Audax Osasco and Jundiaí.

The project has a number of ambassadors including the aforementioned Laura Valverde and also Tamires Dias, one of the mainstays of the national team for the last decade. This is particularly fitting in the case of Valverde as she has come through the MeC project and clearly embodies much of what the project is about. Valverde is humble but well spoken, and regularly thanks the project for being able to launch a professional career. Similar is true of Giovana Fernandes, who recently won an award for the best new player at the Paulista Under-20 level. Fernandes made a point of thanking her family for all of their support along the way, together of course with MeC whom she credited for her wider formation as a player and as a person.

INFLUENCING POLICYMAKERS

This article contends that MeC serves, at least, a dual purpose. Firstly, in providing an opportunity for girls to play the game and develop as athletes that is not catered for or properly acknowledged by either sporting institutions (broadly defined as clubs, federations and confederations) or state policy. Secondly, initiatives such as

MeC serve to place due pressure on the aforementioned to address these deficiencies in a more serious and structured way. The following section outlines some of the main issues at play.

Influencing sporting institutions

Exerting further influence on the powerful sporting institutions in Brazil is of the uttermost importance. The ascension of Aline Pellegrino in the CBF provides much hope in this regard. Institutional debate about club football has often centred upon the policy of *obrigatoriedade*.¹⁴ The CBF has pursued a policy of demanding a women's team at all clubs from Série A-D inclusive with scant regard for the meagre resources of clubs at the lower end of the spectrum. Moreover, even at the larger clubs, there are no Mechanisms in place to ensure that clubs do anything more than comply with the bare minimum requirement of having a women's team. More than this, the disproportionate focus on the inclusion of any kind of women's team at all clubs has in some sense obscured the dearth of opportunities for girls in the 9-17 age group. Initiatives like MeC provide an excellent template for other girls football projects. Moreover, MeC gives the lie to the myth that large companies are not interested in women's football. If companies perceive that associating themselves with a progressive cause is a pragmatic business decision, more often than not, they will choose to do so.

Influencing state policy

A step beyond influencing sporting institutions is to try to influence the state into including football for girls within state curricula. The professionalisation of women's football has become part of mainstream political debate on the continent, in Chile for example where President Gabriel Boric passed a law requiring

¹⁴ SOARES. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol. STAREPRAVO; DE MOURA; CANAN. Has Latin America's Title IX Arrived?. BIRAM. Obrigatoriedade and the professionalisation of women's football in Brazil, 2023.

formalised contracts for players.¹⁵ Argentina finds itself at a similar stage, which has been referred to as semi-professionalism.¹⁶ Once again, much of this debate obscures or outright ignores the crucial formative years prior to when ‘professionalism’ is nominally being granted without many of the social and economic benefits which come from being a professional male player. The position of MeC as one of the main suppliers of professional players outside of the *clubes de camisa*, mean that it is a perfect example to highlight how women’s football in Brazil would look significantly difficult where it to be replicated. Altering state policy may appear a distant goal at the present juncture, but women’s football and indeed gender equality on the continent in general both have significant purchase to gain even more momentum on the public agenda if they are framed and highlighted in the right way.

CONCLUSION

MeC has proved itself to be a highly successful example of a project promoting positive change in an area of acute importance to Brazilian national identity. Indeed, such has been the success of MeC it has now been recognised by a United Nations initiative #FootballForTheGoals as an example of social transformation. It contributes directly to three of the 17 sustainable development goals, namely Health and Well-being, Education and Gender Equality.

This first global recognition is of particular importance to a project like MeC. In a country where there is significant political polarisation, not to mention a regressive kickback against so-called gender ideology during the previous administration,¹⁷ it lends significant credibility to MeC to be aligned with a more universal sense of what gender equality means in the twenty-first century.

Despite ostensibly rapid strides for women’s football in recent years, there are still enormous structural inequalities underpinned by machismo, sexism and

¹⁵ MOLINA. Gabriel Boric promulgó este viernes la ley de fútbol femenino profesional, 2022.

¹⁶ GARTON; HIJÓS; ALABARCES. Playing for change.

¹⁷ ASSIS; OGANDO. Bolsonaro, ‘gender ideology’ and hegemonic masculinity in Brazil, 2018. MISKOLCI. Exorcising a ghost: the interests behind the war on “gender ideology”, 2018. VAGGIONE. The conservative uses of law: the catholic mobilization against gender ideology, 2020.

outright misogyny. Both at the level of state and within sporting institutions facile and often disingenuous claims about ‘professionalism’ and ‘equality’ abound. Beyond the rhetoric, MeC acts to remedy the lack of both of these – both in its praxis and the educational content which it delivers. This article has discussed the acute inequalities in access to football and some of the class-related barriers which may exacerbate this. It constitutes a preliminary attempt to engage with an area – the crucial formative years in the sport – where institutional discourse and action is, to say the least, insufficient.

* * *

ACKNOWLEDGMENTS

This article was developed in conversation with Sofia Gomes César and Sandra Santos. I thank them for their time and friendly disposition. Moreover, this research was possible thanks to the University of Bristol’s AHRC IAA Impact Funding. I am extremely grateful to all concerned for making this possible.

* * *

REFERENCES

- ALMEIDA, C. S. de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.
- ANJOS, L. A. DOS et al. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 15 jan. 2018.
- ASSIS, M. P.; OGANDO, A. C. Bolsonaro, ‘gender ideology’ and hegemonic masculinity in Brazil. **Al Jazeera**, p. 1-4, 2018.
- BELAS TRINDADE, J. B. Lyon’s Christiane Endler: ‘Girls must have the same training as boys’. **The Guardian**, 22 fev. 2023.
- BIRAM, M. As Sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC Feminino. **Movimento**, v. 27, 2021.

- BIRAM, M. **Women's Club Football in Brazil and Colombia: a critical analysis of players, media and institutions** (PhD Thesis). Acesso em: 24 jun. 2022.
- BIRAM, M. Obrigatoriedade and the professionalisation of women's football in Brazil. In: **Women's Football in a Global, Professional Era**. Emerald Publishing Limited, 2023, p. 33-47.
- BULLINGHAM, R.; MAGRATH, R. 'Pink hair, don't care': a print media analysis of Megan Rapinoe at the 2019 Women's World Cup. In: **Women's Football in a Global, Professional Era**. Emerald Publishing Limited, 2023, p. 221-234.
- CASHMAN, H. R.; RAYMOND, C. W. Making gender relevant in Spanish-language sports broadcast discourse. **Gender & Language**, v. 8, n. 3, 2014.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: o dilema brasileiro do espaço público**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979.
- ELSEY, B. Fútbol Feminista: energized by the# NiUnaMenos movement, women's soccer teams take on the patriarchy of the beautiful game in Latin America. **NACLA Report on the Americas**, v. 50, n. 4, p. 423-429, 2018.
- ELSEY, B.; NADEL, J. **Futbolera: A history of women and sports in Latin America**. Austin: University of Texas Press, 2019.
- FONTES, P.; BUARQUE DE HOLLANDA, B. **The country of football: politics, popular culture, and the beautiful name in Brazil**. London: Hurst, 2014.
- FREDERICK, E. L.; PEGORARO, A.; SCHMIDT, S. "I'm not going to the f*** ing White House": Twitter users react to Donald Trump and Megan Rapinoe. **Communication & Sport**, v. 10, n. 6, p. 1210-1228, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. London: Penguin, 1971.
- GARTON, G. **Guerreras: fútbol, mujeres y poder**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2019.
- GARTON, G.; HIJÓS, N.; ALABARCES, P. Playing for change: (semi-) professionalization, social policy, and power struggles in Argentine women's football. **Soccer & Society**, v. 22, n. 6, p. 626-640, 2021.
- JORAS, P. S. **Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino**. UFRGS, 2015.
- JORAS, P. S.; GOELLNER, S. V. Depoimento de Aline Pellegrino, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96152>.
- KITTLESON, R. **The country of football: soccer and the making of modern Brazil**. Berkeley: Univ of California Press, v. 2, 2014.
- MACDONALD, C.; CLELAND, J. Gender politics of social media: a case study of Megan Rapinoe. In: **The Routledge Handbook of Gender Politics in Sport and Physical Activity**. Routledge, 2022, p. 249-258.
- MINA, C. Y. M.; GOELLNER, S. V. Representaciones sociales de la Selección Femenina de Fútbol de Colombia en la Copa América 2014. **Educación Física y Deporte**, v. 34, n. 1, p. 39-72, 2015.

MISKOLCI, R. Exorcising a ghost: the interests behind the war on “gender ideology”. **Cadernos Pagu**, n. 53, p. 1-13, 2018.

MOLINA, G. Gabriel Boric promulgó este viernes la ley de fútbol femenino profesional. **Contragolpe**, 1 abr. 2022.

SCHMIDT, S. H. et al. An analysis of Colin Kaepernick, Megan Rapinoe, and the national anthem protests. **Communication & Sport**, v. 7, n. 5, p. 653-677, 2019.

STAREPRAVO, F. A.; DE MOURA, G. X.; CANAN, F. Has Latin America’s Title IX Arrived? Impact of the CONMEBOL Institutional Incentive Regulations on South American Football. In: **Women’s football in Latin America: Social challenges and historical perspectives**, v. 2. Hispanic Countries. New Femininities in Digital, Physical and Sporting Cultures. Cham: Springer International Publishing, 2022, p. 269-288.

VAGGIONE, J. M. The conservative uses of law: the catholic mobilization against gender ideology. **Social Compass**, v. 67, n. 2, p. 252-266, 2020.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 23 jun. 2023.

Elas, as boas de bola: futebol no sertão norte-mineiro entre a prática e a resistência

They, the good ones with the ball: football in the backlands of north Minas Gerais between practice and resistance

Andréia Luciana Ribeiro de Freitas

Escola Estadual Eloy Pereira, Montes Claros/MG, Brasil
Mestrado em História, Unimontes, Montes Claros/MG, Brasil
andreialucianar@gmail.com

Alex Sander Freitas

Unimontes, Montes Claros/MG, Brasil
Doutorado em Ciências da Saúde, Unimontes

Ester Liberato Pereira

Unimontes, Montes Claros/MG, Brasil
Doutorado em Ciências do Movimento Humano, UFRGS

RESUMO: O futebol de campo feminino, em Montes Claros, cidade localizada na região norte de Minas Gerais, emerge, de uma forma oficial, por volta do ano de 1973, com esforços dos dois times da cidade, Cassimiro e Ateneu, que se dispuseram a criar plantéis de atletas. No Brasil, a deliberação nº 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos (CND), proibia a prática de futebol de campo e de salão para as mulheres, reservando-os como práticas esportivas masculinas. Assim, o presente trabalho utilizou a narrativa de uma ex-atleta e as reportagens publicadas no *Jornal de Montes Claros*, no início da década de 1980, para entender os discursos que permeavam a prática do futebol de campo feminino. Inferimos que o futebol feminino foi abarcado pela população montes-clarense. No entanto, havia a permanência dos sistemas coercitivos e do discurso de fragilidade feminina para a manutenção do espaço esportivo como masculino; em contrapartida, a prática do futebol também era espaço de transgressão feminina.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol; Gênero; Análise de Discurso; História Regional.

ABSTRACT: Women's field football in Montes Claros, a city located in the northern region of Minas Gerais, emerged, in an official way, around the year 1973, with the efforts of the two city teams, Cassimiro and Ateneu, which were willing to create squads of athletes. In Brazil, deliberation no. 7, from 1965, of the National Sports Council (CND), prohibited the practice of field and indoor football for women, reserving them as male sports practices. Thus, the present work used the narrative of a former athlete and the reports published in *Jornal de Montes Claros*, in the early 1980s, to understand the discourses that permeate the practice of women's field football. We infer that women's football was embraced by the Montes Claros population. However, there was the permanence of coercive systems and the discourse of feminine fragility for the maintenance of the sportive space as masculine; on the other hand, the practice of football was also a space of feminine transgression.

KEYWORDS: Football; Gender; Discourse Analysis; Regional History.

INTRODUÇÃO

A prática de esportes pelas mulheres foi vetada, controlada e definida por políticas de Estado e regras de condutas sociais que as impediam de efetuar determinadas modalidades consideradas inapropriadas à fragilidade feminina.¹ A gentileza, a passividade e a identidade reprodutiva das mulheres poderiam ser alteradas pela prática de esportes vigorosos, além de ameaçar sua delicadeza primordial ao seu objetivo final: o matrimônio.² O esporte, como fenômeno cultural, social e político, é um campo fértil para a busca de respostas quanto às relações de poder e representações femininas na luta por espaços de prática diante de um contexto socialmente determinado como de atuação masculina.

No Brasil, uma história institucional do esporte teve início em 1937, quando foi criada a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura e, vinculado a este, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND). Em 14 de abril de 1941, foi promulgado o Decreto-Lei nº 3.199, que regulamentava o desporto, no país, contendo, em seu Artigo 54º, o seguinte: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Este Decreto foi reforçado pelo CND em 1965, quando foram estabelecidas regras para a participação feminina nos esportes e, por meio da Deliberação nº 7, estipulou-se que as mulheres não praticassem os seguintes esportes: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e basebol”.³

Em 1975, o CND atualiza o Decreto-Lei nº 3.199/41, pela Lei nº 6.251 que, em seu Artigo 2º, ratifica as regras já pré-estabelecidas. Mesmo que esse documento, e outros criados posteriormente, se tornassem oficiais, é pertinente dizer que a vida lhes escapa, pois, embora marginalmente, as mulheres nunca deixaram de praticar o futebol. Os esportes seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram à sua prática, independentemente do discurso hegemônico da interdição.⁴ Esse discurso de interdição baseava-se em várias alegações; entre elas, a condição materna, delegada socialmente às mulheres, além

¹ LOURO. *Gênero, sexualidade e educação*.

² HOLT. *Primeiros esportes*.

³ MOURÃO. *Gênero e educação: teoria e política*.

⁴ NETTO. *Esporte libertador da mulher*.

do fato da arena esportiva ser um espaço único, que torna os homens fortes, ao estruturar a supremacia masculina.⁵

As proibições são reflexos do sistema de controle, que posiciona as mulheres em condição inferior no desenvolvimento de habilidades atléticas que aplicariam, aos seus corpos, exigências extremas, prejudicando sua capacidade materna.⁶ Dos corpos das mulheres, esperava-se que elas pudessem modificar seus hábitos para ter saúde, o que era entendido como um corpo para a maternidade; já com relação aos homens, seus corpos deveriam estar ligados ao esporte de competição.⁷ O perigo estava em submeter os órgãos reprodutivos femininos às atividades físicas e desportivas que poderiam prejudicar a capacidade reprodutiva feminina.⁸ A educação dos corpos femininos e masculinos se diferenciava em objetivos e oportunidades, ao conduzir a uma inferiorização das mulheres, aspecto este que se tornou evidenciado no sistema social.⁹

A entrada das mulheres no esporte, assim como em outras esferas da sociedade, é um ato transgressor, que emerge das ações de resistência e busca de legitimação da presença feminina.¹⁰ Incentivadas, ou não, a participarem de determinadas modalidades, a ampliação da participação feminina no esporte possibilitou a emergência da atuação das mulheres nas várias áreas da sociedade e da cultura, ao reconhecê-las nos espaços públicos, políticos e nos meandros do cotidiano.¹¹

O futebol de campo carrega, em sua estrutura, uma base ideológica voltada à construção da masculinidade e virilidade.¹² Inicialmente, sua prática era destinada ao público de homens, majoritariamente brancos e da elite. Portanto, vem sendo agregado, na cultura, como um interesse masculino obrigatório.¹³ Mas, o futebol se

⁵ KNIJNIK. *A mulher brasileira e o esporte*.

⁶ GLEYSE; SOARES. Os manuais escolares franceses de Educação Física, de Higiene e de Moral seriam sexistas? (1880-2004).

⁷ GOELLNER; FARIA. *Bela, maternal e feminina*.

⁸ GLEYSE; SOARES. Os manuais escolares franceses de Educação Física [...].

⁹ BEAUVOIR. *O segundo sexo*.

¹⁰ TOLVHED. "Sex dilemmas, amazons and cyborgs: feminist cultural studies and sport".

¹¹ NETTO. *Esporte libertador da mulher*. GOELLNER. *Mulheres e esporte no Brasil*.

¹² GOELLNER; FARIA. *Bela, maternal e feminina*. JANUÁRIO. *Modos de ver*.

¹³ LOURO. *Gênero, história e educação*.

popularizou; e, ao fazer parte do cotidiano da população negra e das classes populares, a presença feminina foi descartada com a justificativa de que “filhas de boa família não devem se misturar com jogadores de futebol”.¹⁴

Tal afirmação nos remete à exclusão das mulheres desde a arquibancada até o campo de futebol. Isto nos leva a refletir: como, então, as mulheres ocuparam o âmbito da prática do futebol de campo? O Brasil, conhecido como o país do futebol, evidencia a hegemonia masculina nesta prática, haja vista a discrepância de gênero em relação às condições de visibilidade e reconhecimento social. O futebol de campo praticado por mulheres parece ser tolerado pela sociedade, ao obedecer a uma lógica intermitente de expansão e refluxo, lógica fundamentada por um sistema de proibições e permissões instaurado desde o século XIX.¹⁵

A partir do panorama exposto, tivemos, como objetivo, entender o início e a manutenção da prática do futebol de campo por mulheres na cidade de Montes Claros, localizada na região norte do estado de Minas Gerais, bem como analisar os discursos que permeiam essa prática. Estudos e pesquisas que proporcionem uma reflexão crítica acerca da presença das mulheres no esporte permitem entendimentos sobre a marginalização das experiências femininas, considerando os contextos e relações estabelecidas no reforço de determinados valores sociais. Desta forma, pretendemos avançar na produção de conhecimentos acerca da prática do futebol feminino no âmbito regional, a fim de salientar a jornada das mulheres por ocupação de espaços. Nossa contribuição aos estudos sobre discussões de gênero no esporte ampara-se, assim, em um entendimento do esporte enquanto campo de contestação e luta em relação à dominação masculina.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa histórica, que busca entender a participação feminina na prática do futebol de campo, na cidade de Montes Claros, no final da década de 1970 e início de 1980. Outra pretensão do trabalho é

¹⁴ WITTER. *O que é futebol*, p. 58.

¹⁵ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho"?

analisar os discursos que permeavam a prática do futebol feminino. Para contemplar os objetivos propostos na pesquisa, o *corpus* documental foi composto de dois conjuntos de fontes: fontes impressas e fonte oral.

Os jornais integram a vida cotidiana das pessoas, o que permite, ao(a) pesquisador(a), captar as práticas sociais, os costumes e o folclore da sociedade, além dos interesses de determinados grupos.¹⁶ Ao partir desse pressuposto, para compor o primeiro conjunto de fontes do *corpus* documental desta pesquisa, utilizamos, como fonte impressa, exemplares do *Jornal de Montes Claros (JMC)*.

O papel da imprensa local é tornar públicas as decisões, as reivindicações, e os demais acontecimentos ocorridos na região, o que torna o jornal do interior a principal fonte de informação. Há uma relação de cumplicidade entre o leitor e o veículo de comunicação, em que estaria subentendida a busca pela informação local. Existe uma profunda interação entre leitor e mídia, que ultrapassa a situação de estar meramente atualizado e informado, possibilitando a participação do leitor no fato veiculado.¹⁷

A imprensa, como fonte de pesquisa, não pode ser isolada da realidade social da qual está inserida, representando um instrumento de manipulação e intervenção na vida cotidiana de uma dada sociedade. O discurso jornalístico obedece às regras históricas e é resultado de uma posição sócio-histórica, na qual os enunciadores se revelam substituíveis e o conteúdo apresentado está ligado ao seu tempo. Os discursos construídos pelos jornais estão balizados pelo contexto em que foram criados.¹⁸

O uso do *JMC*, como fonte de pesquisa, permitiu constataremos os espaços e os eventos que envolviam a prática do futebol de campo feminino que se efetuavam na cidade de Montes Claros, no final da década de 1970 e no início da década de 1980. Além disso, o jornal possibilitou identificarmos mulheres que participavam dos eventos esportivos, seja como atletas, técnicas, organizadoras, professoras, etc. Foram identificadas, por meio das notícias veiculadas pelo *JMC*, 32 jogadoras de futebol de campo em Montes Claros. A maioria das jogadoras atuavam nos times das fábricas da cidade e também compunham o plantel feminino dos dois maiores times da

¹⁶ CAPELATO. *História da imprensa no Brasil*.

¹⁷ FERNANDES. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior.

¹⁸ MAINGUENEAU. *Novas tendências em Análise do Discurso*.

cidade: Cassimiro e Ateneu. Do plantel de jogadoras que atuaram no período entre 1973 e 1986, localizamos apenas a ex-atleta do futebol feminino do clube Ateneu, Gláucia Eliana Rodrigues, que iniciou no esporte no ano de 1979, aos 14 anos de idade. Ao partirmos da narrativa de Gláucia e das fontes documentais, foi possível retratar e entender o âmbito da prática do futebol feminino na cidade de Montes Claros. Devemos salientar que as jogadoras ficavam vinculadas aos clubes e participavam dos treinamentos mesmo após alcançarem idades consideradas avançadas para a prática do futebol de campo; isso se dava para auxiliar na formação de novo plantel e permanecerem na prática do esporte.

A construção de fontes, ao utilizarmos a história oral, permitiu a imersão no universo e no período estudado, por meio das vivências das pessoas entrevistadas. “A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, desta forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.¹⁹ Com o intuito de atender as necessidades da pesquisa, optamos por utilizar a história oral temática, tendo, como base, a perspectiva de José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro, na obra *Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias*, publicada em 2011. Nesta obra, os autores propõem que a história oral pode ser classificada em: história oral de vida, história oral testemunhal, história oral temática, tradição oral e bancos de história. “A história oral temática é quase sempre, usada como técnica, pois, articula, na maioria das vezes, um diálogo com outros documentos”.²⁰ Ressaltamos que, na história oral temática, identificam-se detalhes da história pessoal do narrador que revelam fragmentos úteis aos eventos, acontecimentos e/ou ao assunto central da pesquisa.²¹ Nesse aspecto, o estabelecimento da própria vida cotidiana demanda a necessidade da escuta e da narrativa, bem como da consequente compreensão de saberes, determinada por meio destas, como adverte a historiadora Lucília Delgado:

Por ser uma experiência através da qual se compartilha o registro das lembranças, transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e lembrar e disponibilidade para escutar. Fala, escuta e troca de olhares

¹⁹ ALBERTI. História dentro da História, p. 155.

²⁰ MEIHY; RIBEIRO. *Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias*.

²¹ MEIHY; RIBEIRO. *Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades [...]*.

compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana, pois não se vive em plenitude sem a possibilidade de escutar, de contar histórias e de se apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado.²²

Salientamos que o presente artigo é um recorte de um projeto de pesquisa guarda-chuva mais amplo, vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Universidade Estadual de Montes Claros (CEMESP-Unimontes). O projeto de pesquisa é intitulado: “Esporte e Educação Física em Montes Claros/MG: uma proposta de registro de narrativas orais de mulheres e homens” e busca a recolha e registro de narrativas orais de atletas, ex-atletas, técnicos(as), treinadores(as) e demais personagens envolvidos(as) no âmbito esportivo da cidade de Montes Claros.²³

A análise e interpretação, tanto das fontes escritas oriundas da página esportiva do *JMC*, quanto da narrativa oral transcrita da entrevista da ex-atleta Gláucia Rodrigues, foram feitas com o uso da Análise de Discurso (AD). Discursos possibilitaram um entendimento do espaço empírico, dos sujeitos ali presentes, das relações de poder e do contexto em torno da construção e divulgação da participação feminina na prática do futebol feminino. A análise do discurso permite, ao(à) pesquisador(a), permanecer ou deslocar as transformações do sujeito de uma dada realidade histórica e social. Permite entender os discursos possíveis para determinado período de tempo e espaço, ao entender que não haverá discurso sem sujeito, nem sujeito livre de ideologias.²⁴

Para atender as necessidades da pesquisa, utilizamos AD baseada nos conceitos construídos a partir das perspectivas teóricas de Michel Pêcheux,²⁵ Michel Foucault²⁶ e Eni Orlandi.²⁷ Desta forma, entendemos que a aplicação da AD foi adequada à materialização do discurso ou textualização do *corpus* documental da pesquisa, que, neste caso, se fez pelos jornais impressos e pela transcrição da entrevista. A partir dos textos das fontes, se faz o recorte da unidade de análise; no caso, o enunciado.

²² DELGADO. História oral e narrativas, p. 23.

²³ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unimontes e aprovado pelo parecer substanciado número: 4839035, de 09 de julho de 2021. É também um projeto de extensão do Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF).

²⁴ PÊCHEUX. *Semântica e discurso*. ORLANDI. *Análise de Discurso*.

²⁵ PÊCHEUX. *Semântica e discurso*.

²⁶ FOUCAULT. The subject and power. FOUCAULT. Prefácio à transgressão. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

²⁷ ORLANDI. *Análise de Discurso*.

O enunciado é, pois, contemplado por Foucault²⁸ como função enunciativa que interpreta os textos como acontecimentos discursivos engendrados por um sujeito, em um lugar institucional, marcado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam a emergência dos discursos na sociedade. A concepção de enunciado como unidade de análise é salutar para se empreender um trabalho no campo da Análise do Discurso. Nesta direção, “não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo”.²⁹

Ao analista do discurso, o relevante não é a tipologia do discurso, mas o funcionamento do discurso, que são propriedades internas ao processo discursivo: condições, remissão à forma discursiva, modo de funcionamento.³⁰ Ao partir desse pressuposto, com o intuito de entender o funcionamento dos discursos, optamos por dividi-los em duas categorias para análise: a primeira, voltada à análise da relação de poder entre o que é divulgado nas reportagens, para quem é divulgado, e com qual finalidade (condições de produção do discurso); e a segunda, referente ao gênero e à normatização das regras sociais em relação ao feminino e ao masculino.

Para construir um procedimento de análise de discurso que abarcasse os objetivos desse trabalho, adotamos três etapas, que descreveremos a seguir. A primeira etapa foi voltada à construção do objeto discursivo, ao partirmos do *corpus* documental, dividindo-o em duas séries de enunciados: os discursos dos jornais e os discursos das mulheres. Observamos a perspectiva de Foucault³¹ quanto a regras para o aparecimento do objeto discursivo, o qual se demarca a partir da superfície de emergência, instância de delimitação e grade de especificidades. O discurso expressa-se em unidades menores: o enunciado, que deve ser analisado em conjunto, produzido na dispersão de acontecimentos.

Na segunda etapa da AD, procuramos elucidar a formação discursiva dos enunciados, a fim de permitir a compreensão do sentido da palavra e como a mesma

²⁸ FOUCAULT. *Arqueologia do saber*.

²⁹ FOUCAULT. *Arqueologia do saber*, p. 113-114.

³⁰ ORLANDI. *Análise de Discurso*.

³¹ FOUCAULT. *Arqueologia do saber*.

se altera em relação à posição ocupada pelo sujeito. A formação discursiva é constituída pela formação ideológica e pela posição na conjuntura sócio-histórica, determinando o que pode e o que deve ser dito pelo sujeito.³²

Na terceira etapa do processo de AD, procuramos pelo procedimento discursivo, que dá significado ao discurso, à compreensão dos processos de produção do discurso, e à constituição do sujeito e suas posições. Devemos salientar que as formações discursivas estão ligadas aos interdiscursos, que são as representações nos discursos das formações ideológicas. As formações discursivas são entendidas como as diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas e o modo como as posições dos sujeitos e seus lugares sociais aí representados constituem sentidos diferentes.³³

Devemos evidenciar que estudos e pesquisas voltados a histórias do esporte regional apresentam dificuldades de acesso aos documentos e aos vestígios de uma história do esporte. Dentre as principais dificuldades, estão a manutenção e os investimentos em arquivos de memória social, haja vista que estas precariedades são vivenciadas em capitais e, mais evidentemente, em cidades longe dos grandes centros urbanos.³⁴ No caso da cidade de Montes Claros, não foi diferente: a disponibilidade e a conservação dos documentos, voltados à história do esporte, se mostraram bem escassas. O acesso às fontes foi dificultado pela pandemia da COVID-19, que determinou o fechamento das instituições que abrigam a maior parte dos acervos de jornais impressos da cidade, bem como dificultou a recolha das narrativas orais.

MONTES CLAROS: OS USOS E DESUSOS DO FUTEBOL FEMININO

Montes Claros é um município brasileiro, situado na região norte do estado de Minas Gerais, localizado a cerca de 422 km da capital mineira, Belo Horizonte. A base econômica de Montes Claros, na década de 1960, era sustentada pela agropecuária e por atividades mercantis. A partir da década de 1970, com o advento da Superinten-

³² ORLANDI. *Análise de Discurso*.

³³ ORLANDI. *Análise de Discurso*.

³⁴ DIAS. *Esporte e cidade*.

dência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), deu-se início, no Norte de Minas, à chamada “era da industrialização”, período no qual se verificou um incremento das atividades industriais em detrimento das atividades do setor agropecuário, ao haver a implantação de bens e serviços, como a Companhia de Energia de Minas Gerais (CEMIG) e Telecomunicações de Minas Gerais S/A (TELEMIG), implantadas, em Montes Claros, por meio de recursos da SUDENE. Tais companhias garantiram a distribuição de energia e desenvolvimento dos meios de comunicação, fatos importantes para apoiar as atividades do setor industrial.³⁵

A melhora da estrutura urbana modifica o fluxo intrarregional de pessoas, capital e tecnologia, principalmente depois da melhoria do sistema de transporte rodoviário, concretizada em 1972, com a pavimentação asfáltica da estrada que liga Montes Claros a Belo Horizonte (BR-135).³⁶ Este fato torna Montes Claros a principal cidade do Norte de Minas, porque atende os serviços locais e as novas necessidades advindas do enorme número de imigrantes vindos das cidades vizinhas. O comércio, em Montes Claros, portanto, ampliou-se e adaptou-se às novas demandas.³⁷

Para acompanhar o ideal de modernização, Montes Claros passou por uma renovação estrutural, industrial e econômica, para tornar-se uma cidade com espaços urbanos adequados e mais significativos para seus(suas) cidadãos(ãs). Almejava-se, assim, um ambiente com ares de modernidade, dinâmico, com espaço, fácil de circular e adequado ao processo de produção e escoamento da produção capitalista. Isto proporcionou uma modificação e incorporação de novos hábitos, pela população, em relação a diversas áreas da vida cotidiana. Dentre estes novos costumes, a necessidade de lazer no tempo disponível.

Desde o final da década de 1930, o futebol de campo se fazia presente entre as atividades da população montes-clarense, ao englobar a atividade da torcida nas arquibancadas (assistindo aos jogos entre equipes da cidade e região) e a prática como desporto para os funcionários do comércio e das indústrias da cidade.³⁸

³⁵ GOMES. *Discursos contemporâneos sobre Montes Claros*. SILVA. *A modernidade no sertão*.

³⁶ GOMES. *Discursos contemporâneos sobre Montes Claros*.

³⁷ DURÃES. *O Associativismo desportivo no estado de Minas Gerais*.

³⁸ SILVA. *A modernidade no sertão*. ALVES. “Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”. FREITAS. *Mulheres, “sexo fraco... Pois sim!”*.

A prática do futebol feminino no estado de Minas Gerais apresenta registros desde 1944, com o time Araguari Atlético Clube, cujas atividades em competições tiveram início em 1958.³⁹ Já em Montes Claros, a primeira geração de mulheres que atuou nos clubes de futebol de campo está presente desde 1973, quando dois times da cidade se dispuseram a criar plantéis de atletas femininas. Ainda neste mesmo ano, houve vários amistosos promovidos pelo Ateneu e Cassimiro. Esses eventos tinham caráter circense, de entreter, de chamar a atenção do público masculino para os estádios da cidade, aumentando a arrecadação dos clubes em jogos de futebol masculino. Fora dos clubes, o futebol de campo feminino era utilizado nas indústrias, em Montes Claros, como forma de lazer e atividade física para as funcionárias.⁴⁰

No estado de Minas Gerais, os amistosos e campeonatos femininos de futebol de campo ocorrem desde o final da década de 1960. Os times femininos de Montes Claros foram convidados a participarem do primeiro Campeonato Estadual de Futebol Feminino. Esse evento foi organizado pelo Panteras Futebol Clube, da cidade de Divinópolis. O evento, que contaria com 11 times de futebol feminino do estado, não tinha fins lucrativos, uma vez que os jogos seriam com portões abertos. O evento visava divulgar e desenvolver o futebol de campo feminino. Tal evento desencadeou uma movimentação dos clubes de Montes Claros na preparação de suas atletas para o campeonato de nível estadual; de tal modo, ocorreram vários amistosos e apresentações dos times femininos.⁴¹

O futebol feminino, em Montes Claros, foi abarcado pela população montesclareense; isso era comprovado pela quantidade de reportagens produzidas sobre a modalidade. A reportagem que trazia, em seu conteúdo, a informação sobre uma intervenção do CND em relação à prática de futebol de campo feminino, na cidade, tinha, como título: “CND proíbe a prática do futebol feminino”.⁴² Os times filiados à instituição não poderiam manter equipes de futebol feminino, uma vez que essa prática era proibida por lei. Os clubes que descumprissem a determinação sofreriam

³⁹ ALMEIDA. “Boas de bola”. TELLES. *País do futebol... feminino?*.

⁴⁰ *Jornal de Montes Claros*, 27 jan. 1981, p. 5; *Jornal de Montes Claros*, 31 jan. 1981, p. 5; *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

⁴¹ *Jornal de Montes Claros*, 07 fev. 1981; *Jornal de Montes Claros*, p. 5, 28 fev. 1981, p. 5.

⁴² *Jornal de Montes Claros*, 16 mar. 1981, p. 5.

punição. A prática do futebol estaria ligada à masculinização das mulheres, ao provocar um distanciamento de sua essência feminina, esta pautada em movimentos suaves e em emoções sob controle, pois o suor excessivo, os movimentos espetacularizados, o esforço vigoroso e os sentimentos transpõem os limites da imagem ideal de ser feminina.⁴³

No entanto, Montes Claros tinha dois times femininos: um do Cassimiro e outro do Ateneu, que disputavam jogos e campeonatos dentro e fora da cidade. “Assim os dois times montes-clarenses viram-se obrigados a mudarem os nomes de seus times femininos”.⁴⁴ O episódio supracitado mostra uma nítida relação de poder entre as instituições que regulam a prática esportiva e a sociedade. A imposição do CND fez com que os times repensassem a prática do futebol de campo pelas mulheres e a reorganizassem, segundo as regras de controle. Para isso, os times modificaram os nomes e fizeram novos uniformes, bem como refletiram sobre novas participações em eventos de grande repercussão.

De acordo com relatos da ex-atleta do Ateneu, Gláucia Rodrigues, em Montes Claros, o futebol de campo tinha lugar reservado no coração. Ela começou a jogar com 14 anos de idade. Gláucia descreveu um pouco do seu início:

Naquela época, quando fazíamos ginásio, era um costume nas escolas que a gente participasse de muitos esportes. Tinha um incentivo muito grande para fazer esportes, mas o que eu gostava mesmo era de jogar futebol. No Ateneu, tinha um time para meninas e tínhamos um treino por semana. Quando havia jogos de concorrências, fazíamos dois treinos por semana. Seu Nivaldo Maciel era o treinador; já o senhor Brito era o presidente do Ateneu.⁴⁵

Em sua entrevista, Gláucia deixa transparecer sua paixão pelo futebol de campo. Essa prática esportiva permitiu a oportunidade de fazer amizades, desenvolver suas habilidades esportivas e, principalmente, ter liberdade. Segundo ela, “quando eu entrava no campo, me transformava. Era uma alegria fantástica, me soltava. Era maravilhoso. Até porque a gente sentia aquela sensação de liberdade, de estar fora de casa, longe dos olhos dos pais, né?”.⁴⁶

⁴³ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil.

⁴⁴ *Jornal de Montes Claros*, 16 mar. 1981, p. 5.

⁴⁵ Entrevista a Gláucia Eliana Rodrigues, 18 ago. 2021.

⁴⁶ Entrevista a Gláucia Eliana Rodrigues, 18 ago. 2021.

A prática esportiva do futebol de campo permitia uma fuga da supervisão dos pais; era um momento de descontração. Além disso, emerge o discurso de controle sobre o corpo feminino. Apesar da permissão para a prática do futebol de campo, havia outros tipos de ações de controle, como: os horários determinados para os treinos femininos e a duração dos treinos. Os corpos femininos foram controlados e submetidos às regras de controle. Isso presente na educação, tornava-se um ponto-chave para a higiene social da estrutura familiar, dentro de uma perspectiva médico-higienista, pois, por meio dela, pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral das mulheres, mães das futuras gerações do país.

Além da paixão pelo futebol, Gláucia deixou claro que era muito difícil permanecer no time de futebol; havia muitas dificuldades; entre elas: transporte, horários, condições estruturais para a prática e outras atribuições cotidianas. Gláucia dependia de carona para ir ao estádio de futebol treinar. Os treinos eram no final da tarde, após o período escolar. Ela ainda coloca que muitas mulheres iam para os treinos de futebol após as jornadas de trabalho. Tal situação revela as intersecções presentes nas trajetórias esportivas das mulheres montes-clarenses.

Para além das questões de gênero, havia as questões de nível socioeconômico e disponibilidade de tempo que atravessavam estas práticas femininas. Ou seja, as mulheres fizeram-se presentes devido a uma postura aguerrida e insubmissas às normas sociais e econômicas a elas impostas. Os incentivos às meninas e mulheres que desejavam praticar o futebol, no nível competitivo ou não, apresentam características de ações efêmeras, afinal, “praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas”⁴⁷ ao desenvolvimento do futebol feminino.

GÊNERO E NORMATIZAÇÕES: DISCURSOS QUE PERMEAVAM A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO

As mulheres, no Brasil, possivelmente, iniciaram sua prática de futebol de campo em 1913, com uma disputa entre dois times da Zona Norte paulistana: Cantareira x Tremembé. Esse jogo teve finalidade beneficente e foi retratado, nos jornais da época,

⁴⁷ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 149.

com uma conotação circense, por meio de uma descrição que insinuava a incapacidade física das mulheres “que até podem jogar bola”.⁴⁸

O futebol feminino teve sua regulamentação, pelo CND, em 1983, a partir de quando passou a ser permitida a criação de ligas esportivas e campeonatos, além de regras específicas para a modalidade feminina, tais como: a diminuição do tempo do jogo, o tamanho do campo, o peso da bola, uso de protetores para os seios e as chuteiras, as quais não poderiam ter travas pontiagudas. Houve, também, a inclusão de uma regra diferente do futebol masculino, por meio da qual o ato de “matar” a bola no peito era considerado falta, equivalente à bola na mão.

No Brasil, estudos⁴⁹ sobre a cobertura midiática do futebol feminino, em revistas e jornais impressos, abarcam o período entre 1930 e 2015. Os resultados destes estudos apontam para uma invisibilidade das atletas do futebol feminino em comparação com os atletas do futebol masculino; a quantidade e o tamanho das reportagens produzidas sobre futebol feminino foram menores do que as do futebol masculino e há uma maior exaltação individual dos jogadores masculinos em comparação às jogadoras femininas. Os jogadores estão ligados ao mito de “herói nacional”, enquanto as jogadoras são as representantes na modalidade futebol de campo.

O futebol de campo nos remete a uma condição de funcionamento do discurso: a doutrina. Isso porque tanto o sujeito que fala, quanto o enunciado, estão submetidos ao mesmo controle: o de uma verdade, uma aceitação; e isso envolve uma regra, que é o discurso do futebol como paixão nacional, espaço generificado, ocupado pelos homens, onde seus conhecimentos e enunciados devem circular sob um status social masculino. A doutrina submete a uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam ao discurso e do discurso ao grupo.⁵⁰ Ao mesmo tempo em que o discurso sobre o futebol deve ser divulgado e disseminado, existem certas regras para fazer parte do grupo e poder apropriar-se do discurso sobre futebol.

⁴⁸ MOURA. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino.

⁴⁹ MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino; GABRIEL. *A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizado pelo caderno de esporte da “Folha de São Paulo” (1991-2011)*. PEREIRA. *Às margens de uma revista esportiva*.

⁵⁰ FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

No *JMC*, as reportagens da página esportiva davam destaque à modalidade futebol de campo, aos dois times da cidade (Cassimiro e Ateneu), aos atletas e à comissão técnica. Eram recorrentes (quase que diariamente) entrevistas com jogadores de futebol de campo e seus técnicos. Havia uma clara hierarquização das modalidades esportivas, em relação ao gênero, na seleção, edição e na publicação das reportagens. O jornalismo esportivo prioriza o esporte praticado por homens, ao evidenciar uma hegemonia masculina no esporte. Essa hegemonia também é transferida às modalidades esportivas; assim, aquelas que são enraizadas como masculinas têm mais espaço nas mídias do que as modalidades consideradas femininas.⁵¹ “O termo esportivo dá ao jornalismo uma qualidade, designa uma especificidade, não só de produção, mas de linguagem e formato. Vale ressaltar que a linguagem usada no meio esportivo é mais leve, despojada e coloquial do que em outros editoriais”.⁵²

A reportagem intitulada “Artilheira Valéria é destaque pelo Ateneu”⁵³ foi a única encontrada, no período estudado, que conferia relevância ao desempenho de uma atleta, com exaltação de seus resultados. Em relação à sua vivência como atleta de futebol e sobre o time: “Ela explica que a maioria das atletas do time já militaram no esporte especializado, conhecendo um pouco sobre a vida esportiva ou sabendo do sacrifício que teriam para dominar uma bola com os pés”.⁵⁴

Algumas ressalvas devem ser feitas com relação ao destaque da atleta: primeiramente, a Cláudia Valéria Figueiredo Brito (Valéria) tinha 18 anos, cursava o segundo grau (atual Ensino Médio) em um colégio particular da cidade de Montes Claros, a era filha do presidente do time do Ateneu, “Sr. Brito”. Para além disso, o plantel de atletas dos dois times (Ateneu e Cassimiro) tinha idades que variavam de 11 a 27 anos de idade, havendo jogadoras negras e mais experientes. Também vale ressaltar que uma parte considerável das atletas dos dois times, além de serem jogadoras de futebol, eram funcionárias das indústrias Sion e Tok, ou vendedoras do comércio varejista da cidade.

A indústria Tok S. A. era uma indústria de manufaturado de roupas, cuja maioria dos funcionários eram mulheres costureiras. Essas mulheres tinham acesso ao esporte

⁵¹ ROMERO. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo.

⁵² BITENCOURT. Prefácio.

⁵³ *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

⁵⁴ *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

proporcionado pela indústria; isso após a jornada de trabalho. Mesmo nos períodos de eventos esportivos, quando as funcionárias iam representar a empresa, não tinham qualquer regalia ou vantagem. Apenas o amor pelo esporte e o orgulho de representar seu local de trabalho. Tal postura reflete os corpos dóceis e disciplinados, que servem ao funcionamento do capital, funcionários fieis e produtivos.⁵⁵ Esta mesma estratégia de disciplinar pelo esporte, ao criar uma relação de pertencimento ao local de trabalho, era utilizada por mais indústrias de Montes Claros, como a Matsulfur.⁵⁶

Havia um sistema de subordinação interseccional entre a divulgação das modalidades esportivas, o desempenho das equipes e os eventos a serem retratados no jornal. As equipes masculinas de modalidades com força econômica, cultural e social eram as mais divulgadas. Muitas vezes, as desvantagens refletidas na interseccionalidade (gênero, raça e classe) não são percebidas, pois sua aplicação no cotidiano é tão naturalizada que se tornam imperceptíveis.⁵⁷

As atletas de Montes Claros estavam sujeitas a uma multiplicidade de desvantagens para as práticas corporais e esportivas. Como colocado pela própria Valéria: “a maioria das atletas do time já militaram no esporte especializado”.⁵⁸ As mulheres montes-clarenses lutaram para terem acesso à prática do futebol de campo. Primeiro, por ser uma modalidade proibida para mulheres; e, em segundo, por não apresentar, naquele momento, regulamentação pelas instituições de controle para a prática feminina. A prática era possível, devido às fiscalizações não serem tão efetivas e as intervenções coercitivas do CND ocorrerem por meio de denúncias. A prática do futebol de campo era mantida no cotidiano dos clubes e indústrias da cidade; apenas os eventos que geravam grande repercussão ocorriam de forma sazonal.

O futebol, em Montes Claros, na década de 1980, movimentava a cidade nos finais de semana, e era um programa familiar ir ao estádio assistir às partidas. Quando os times masculinos da cidade passaram por um processo de pouco rendimento, os dirigentes viram, nos times femininos, uma forma de atrair e manter a

⁵⁵ FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*.

⁵⁶ PEREIRA; LOPES. Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S. A.

⁵⁷ CRENSHAW. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.

⁵⁸ *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

frequência do público no estádio. A motivação para tal ação e decisão pode estar relacionada com o que Silvana Goellner aponta:

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade.⁵⁹

Ocorre a utilização dos corpos femininos como atração, objeto de manutenção do status da modalidade: “Saiote, é a novidade que as cassimirenses vão mostrar na sexta-feira”.⁶⁰ O enunciado, aqui, propõe o “saiote” como chamariz; ou seja, remete à ideia de “corpos desnudos”, ao sexo, à sedução, ao poder da exposição do corpo feminino. É permitida, naquele contexto da partida de futebol, a exposição dos corpos femininos; mas, o mesmo é vetado fora dos gramados ou das quadras. Segundo Foucault,⁶¹ o paradoxo entre o permitido e o proibido, em relação ao sexo, à sexualidade e aos corpos, se faz presente no uso do poder e do discurso:

O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma ordem que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei, E, enfim, que o poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por ato do discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito.⁶²

Dessa forma, o poder sobre os corpos representa-se na aparência, no contorno dos corpos e na vestimenta, que nem sempre proporcionava um aumento na performance, mas revela a perfeição da imagem feminina que, em um primeiro momento, transparece a intensão e as significações sociais.⁶³ A linguagem utilizada no jornalismo esportivo indica uma diferença de tratamento nos esportes praticados

⁵⁹ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 147.

⁶⁰ *Jornal de Montes Claros*, 25 mar. 1981, p. 5.

⁶¹ FOUCAULT. *História da sexualidade I*.

⁶² FOUCAULT. *História da sexualidade I*, p. 91.

⁶³ SOARES. *As roupas nas práticas corporais e esportivas*.

por homens e mulheres.⁶⁴ As reportagens esportivas citam mais vezes os atletas homens, por suas habilidades atléticas, do que as mulheres, que recebem mais citações em relação à sua aparência física.⁶⁵

A cobertura midiática concebida ao futebol feminino é precária, ao evidenciar, de forma proeminente, a imagem estética dos corpos das atletas, árbitras ou treinadoras em detrimento de suas habilidades esportivas. Existe uma necessidade, por parte dos narradores, comentaristas e repórteres, como agentes de um veículo midiático, de manter o interesse do público, deslocando a atenção, primeiramente, à condição física (aparência) das atletas, mesmo que haja elementos técnicos e táticos presentes para serem destacados.⁶⁶ Tal abordagem é identificada independentemente do tipo de mídia utilizada, ou do nível das competições, sejam em nível nacional e/ou internacional.⁶⁷

As mulheres que se identificam como atletas e que se dedicam às práticas esportivas estão assujeitadas e interpeladas por ideologias de controle dos corpos femininos que permeiam as relações de poder no universo esportivo e social.⁶⁸ No entanto, ao mesmo tempo em que os discursos de interdição e fragilidade tentam educar e direcionar as práticas e os corpos femininos, pela circulação e disseminação desses discursos no universo esportivo, eles produzem subjetividades que superam esses discursos. As atletas montes-clarenses se sobrepuseram aos discursos de interdição e às barreiras sociais e estruturais para suas práticas esportivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as mulheres, sua inserção no campo esportivo foi uma forma de transgressão, de ocupação forçada de um ambiente inóspito que não deveria ser ocupado por elas. Isso se aplica à prática do futebol de campo, espaço reivindicado pelas mulheres. Em Montes Claros, a prática do futebol feminino estava submetida a intersecções, devido às condições impostas para estarem presentes nos treinos e nas competições.

⁶⁴ SIQUEIRA. *Fragilidade, ode ao corpo e “derrota”*.

⁶⁵ SOUZA; KNIJNIK. A mulher invisível.

⁶⁶ SANTOS; MEDEIROS. O futebol feminino no discurso televisivo.

⁶⁷ MARTINS; MORAES. Futebol feminino e sua inserção na mídia.

⁶⁸ FOUCAULT. The subject and power.

As mulheres deveriam, primeiramente, exercer todas as suas várias atribuições; entre elas: o trabalho, os afazeres domésticos e os estudos, para depois poderem se dedicar ao esporte.

A sociedade montes-clarense não apresentava uma rigidez referente às regras de moralidade burguesa, sendo a prática do futebol feminino abarcada pela sociedade. Porém, ainda assim, havia a presença de discursos médicos e androcêntricos que permeavam as relações de poder, e que emergiam no âmbito esportivo, fundamentados no determinismo biológico, no patriarcado e no sexismo. As mulheres, na cidade de Montes Claros, desenvolveram e permaneceram na prática do futebol de campo.

Inferimos que, ao pesquisarmos e analisarmos as trajetórias vividas por mulheres atletas, abrimos caminhos para uma compreensão do protagonismo destas mulheres como um ato político, presente na dimensão social, definida como uma ação que vislumbra algo novo, que inaugura uma nova perspectiva sobre a presença das mulheres em diferentes espaços e tempos. Entendemos, assim, a necessidade de estudos e pesquisas que abordem, historicamente, o esporte como constructo social, que façam análises das questões de gênero, ao inferir sobre a presença feminina no âmbito regional e local, a fim de identificar as continuidades e descontinuidades históricas.

* * *

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSK, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **“Boas de bola”**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2013.

ALVES, Rogério Othon Teixeira. **“Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”**: práticas modernas de divertimento em Montes Claros/ MG (1926-1957). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer), EEFETO/UFMG, 2018.

Artilheira Valeria é destaque pelo Ateneu. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 04 fev. 1981.

Ateneu x Cassimiro com equipes femininas. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 31 jan. 1981.

Ateneu e Cassimiro no campeonato estadual de futebol feminino. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 28 fev. 1981.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Millet. Capa: Fernando Lemos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BITENCOURT, L. Prefácio. In: PIRES, Giovani de Lorenzi. (Org). **Observatório da mídia esportiva**: a cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina, 2007.

BRASIL. Decreto Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as normas para desporto em todo país. Rio de Janeiro, RJ, 1941.

BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. Brasília, DF, 1975.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998.

Clássico feminino antecipado para dia 13. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 04 fev. 1981.

CND proíbe a pratica de futebol feminino. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 16 mar. 1981.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, n. 10, p. 171-188, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; História oral e narrativas: tempos, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, Dossiê: Tempo e Narrativa, p. 9-25, 2003.

DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. **Tempo**, Niterói, v. 17, n. 34, p. 33-44, 2013.

DURÃES, Geraldo Magela. **O Associativismo desportivo no estado de Minas Gerais**: estudo das “Praças de Esportes” com ênfase na criação do Montes Claros Tênis Clube. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2011.

Entrevista a Gláucia Eliana Rodrigues gravada via Google Meet. Entrevistadora: Andréia Luciana Ribeiros de Freitas. Montes Claros/MG, CEMESP-Unimontes, 20', 18 ago. 2021.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

Elas as boas de bola... **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 07 fev. 1981.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, F. (Org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.

FOUCAULT, Michel. The subject and power. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 4, Summer, 1982, p. 777-795.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e Escritos**, v. I: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 152-161.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Franca de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Fonseca Universitária, 2020.

FREITAS, Andréia Luciana Ribeiro de. **Mulheres, “sexo fraco... Pois sim!”**: práticas esportivas em Montes Claros/MG (1979 a 1986). Dissertação (Mestrado em História), Unimontes, Montes Claros/MG, 2022.

Futebol Feminino. Coluna Coquetel. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 4, 27 jan. 1981.

Futebol feminino deverá empolgar torcedores locais. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 27 jan. 1981.

GABRIEL, Bruno José. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizado pelo caderno de esporte da Folha de São Paulo (1991-2011)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), UEPG, Ponta Grossa/PR, 2015.

GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmem Lúcia. Os manuais escolares franceses de Educação Física, de Higiene e de Moral seriam sexistas? (1880-2004). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 137-156, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FARIA, M. F de. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003, 152 p. (Coleção educação física). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 221-223.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, 8 (1), p. 85-100, 2005-a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005-b.

GOMES, Fernanda Silva. **Discursos contemporâneos sobre Montes Claros**: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), UFMG, Belo Horizonte, 2007.

HOLT, Richard. Primeiros esportes. In: CORBIN, Alain. (Org). **História do corpo**: da Revolução a Grande Guerra, v. II. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro, 2015.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, p. 99-108, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução: Freda Indursky. Campinas/SP: Pontes, 1993.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, n. 10, p. 69-81, jan./jun. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOURA, José Eriberto Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Unicamp, Campinas/SP, 2003.

MOURÃO, Ludmila Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo em educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

NETTO, Américo R.. Esporte libertador da mulher. **Revista Educação Physica**, n. 10, p. 23-24; 92, jun.1933.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas/SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora Unicamp, 1995.

PEREIRA, Laurindo Mékie; LOPES, Irineu Ribeiro. Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S. A. – MATSULFUR de Montes Claros/MG (1969-1994). **Revista Semina**, Passo Fundo/RS, v. 13, n. 1, p. 286-301, 2014.

PEREIRA, Marcela Caroline. **Às margens de uma revista esportiva**: a seleção brasileira de futebol feminino nas páginas da *Placar* (1991-2015). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), UEPG, Ponta Grossa/PR, 2018.

ROMERO, Eliane. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In: **III Fórum de debate sobre mulher e esporte**: mitos e verdades, 2004.

Saiote, é a novidade que as cassimirenses vão mostrar na 6.^a feira. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 25 mar. 1981.

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O futebol feminino no discurso televisivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis**, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012.

SILVA, Lindon Jonhson Dias da. **A modernidade no sertão**: a experiência do I Plano Diretor de Montes Claros na década de 1970. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social), Unimontes, Montes Claros/MG, 2008.

SIQUEIRA, Nathália Cristina Pinheiro. **Fragilidade, ode ao corpo e “derrota”**: Uma pesquisa sobre como a mulher no esporte é representada no jornal Correio Braziliense. Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, elegância e eficiência (1920-1940). Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**; 21(1): 35-48, jan.-mar. 2007.

TELLES, Gabriella Pereira. **País do Futebol... Feminino?** A (in)visibilidade das mulheres quando nas linhas. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo), Escola de Comunicação, UFRJ, 2017.

TOLVHED, Helena. “Sex dilemmas, amazons and cyborgs: feminist cultural studies and sport”, **Culture Unbound**, Journal of Current Cultural Research. v. 5, 2013, p. 273-289.

WITTER, João Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

* * *

Recebido em: 08 abr. 2023.
Aprovado em: 23 jul. 2023.

Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens

Bodies, identities and friendships: fan practices of transgender women in men's football

Mariana Carolina Mandelli

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutoranda em Antropologia Social, USP

RESUMO: Considerando o alto grau de binarismo e cis-heteronormatividade do futebol brasileiro, no qual a LGBTfobia e a misoginia configuram os padrões simbólicos e materiais das dinâmicas relacionais entre torcedores, torcedoras e torcedorxs, como as mulheres transgêneras podem torcer por seus times? Este artigo tem como objetivo discutir as práticas torcedoras de mulheres trans por meio dos depoimentos de três torcedoras que se autodefinem assim, explorando como as ideias de corpo, identidade e amizade criam e conformam suas formas de torcer.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de torcer; Torcedoras; Futebol; Antropologia das Práticas Esportivas; Relações de gênero.

ABSTRACT: Considering the high degree of binarism and cis-heteronormativity in Brazilian football, in which LGBTphobia and misogyny configure the symbolic and material patterns of relational dynamics between male and female fans, what is the space for transgender women to support their teams? This article aims to discuss the support practices of trans women through the testimonies of three supporters who define themselves as such, exploring how the ideas of body, identity and friendship create and shape their ways of supporting.

KEYWORDS: Football fan practices; Female football fans; Football; Anthropology of Sport; Gender relations.

INTRODUÇÃO

O futebol brasileiro¹ é um ambiente social onde as normas culturais cisgêneras, heteronormativas e binárias ganham contornos ainda mais fortes. Sendo assim, é evidente que esse esporte é violento e hostil às mulheres,² o que se dá em aspectos que vão da prática em si ao ato de torcer, passando pela cobertura jornalística dos campeonatos e das equipes. Exemplos não faltam: os inúmeros casos de violência sexual e doméstica envolvendo jogadores;³ as denúncias de assédio dentro e fora dos estádios vitimando torcedoras; a evidente desvalorização do “futebol feminino”⁴ em detrimento do futebol masculino, e a insistente falta de representatividade profissional no jornalismo esportivo e nas funções de arbitragem, além dos insultos a que as mulheres que trabalham nesse meio são sistematicamente submetidas.

Ainda que nos últimos anos tenhamos observado evidentes avanços no que tange à visibilidade e às melhorias do futebol de mulheres, com transmissões na televisão aberta, e a contratação de jornalistas, narradoras e comentaristas em programas esportivos, bem como um debate mais amplo sobre a diversidade de torcedores, torcedoras e torcedorxs⁵ dos clubes brasileiros, é sabido que o caminho na busca por equidade no esporte mais popular do País ainda é bastante longo. Portanto, é preciso questionar: de quais mulheres estamos falando?

Tal discussão não pode se dar fora de uma perspectiva interseccional, inserindo questões de sexualidade, raça e classe junto à ideia de gênero. A categoria “mulheres” é atravessada por marcadores sociais da diferença que devem ser tensionados e problematizados se quisermos realizar um debate minimamente honesto sobre o tema. Se a exclusão e a opressão de mulheres se dão de forma estrutural na sociedade em que vivemos,

¹ É evidente que existem vários “futebóis”. Ao usar essa expressão, não pretendo essencializar esse esporte, mas evidenciar que me refiro ao futebol midiático que reúne os principais times e torneios do País.

² Também não tenho a intenção de essencializar a categoria “mulheres”, como ficará evidente no decorrer deste texto.

³ Dois casos de grande repercussão midiática que podem ser citados são o assassinato de Eliza Samudio em 2010, que contou com planejamento e participação do ex-goleiro Bruno Fernandes de Souza, e o estupro coletivo de uma jovem em 2013, na Itália, sendo um dos violentadores condenados o jogador Robson de Souza, mais conhecido como Robinho.

⁴ A própria expressão “futebol feminino” denota a predominância de homens nesse universo – no jargão popular, não se usa o termo “futebol masculino”.

⁵ Um exemplo em prol da diversidade é o trabalho do clube Vasco da Gama, do qual trato adiante.

refletindo-se de modo exemplar em uma modalidade esportiva alta e historicamente masculinizado como o futebol, como esse processo atravessa torcedoras pretas, por exemplo? E torcedoras LGBTQIAPN+:⁶ qual o espaço ocupado por elas nesse contexto?

Nesse sentido, minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social tenta traçar a complexidade desse cenário, já que discutir a inclusão de torcedoras no universo futebolístico, regido pela cis-heteronormatividade, precisa levar em conta que a multiplicidade das mulheres que apreciam esse esporte é intangível e desafia normas binárias que parecem incontestes. Neste ensaio, pretendo abordar, ainda que sucintamente, uma temática mais específica de minha etnografia: as formas de torcer de mulheres transgêneras no futebol de homens. Com base em um arcabouço teórico e por meio de entrevistas realizadas com três mulheres trans,⁷ F.*, N.* e T.*,⁸ abordarei questões de identidade, amizade e masculinidades que atravessam a experiência delas ao se reconhecerem como torcedoras.

ANTROPOLOGIA DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS: GÊNERO E SEXUALIDADE EM DEBATE

A mulher como-ser-que-torce vem se configurando um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados.⁹

As palavras da pesquisadora Leda da Costa evidenciam como a presença de torcedoras no futebol tem sido maior nas últimas décadas.¹⁰ No entanto, as barreiras impostas pelo machismo e pelo sexismo, que estereotipam mulheres, ainda são

⁶ Em linhas gerais, a sigla LGBTQIAPN+ inclui, nesta ordem: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneros/travestis, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e não binários/as. O acréscimo de letras ao longo dos anos é um efeito da luta desses grupos por representatividade.

⁷ Utilizo trans como abreviação de transgênera/s.

⁸ As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2022, em plataforma digital, e duraram cerca de uma hora cada uma, com gravação apenas do áudio, conforme acordado previamente com as minhas interlocutoras. Como este artigo demonstra, existem diversos obstáculos para que mulheres trans frequentem estádios de futebol, o que dificulta a observação de campo. Portanto, a maneira mais confortável para elas falarem sobre suas experiências com esse esporte foi por meio de conversas virtuais. Além disso, dessa forma foi possível dialogar com torcedoras que não residem próximas a mim, como é o caso de F*. Mais adiante, explico porque optei por abreviar seus nomes.

⁹ COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”: identidade feminina e futebol, p. 1.

¹⁰ Referência ao período posterior à revogação do Decreto-Lei 3.199 de 1941, que vetava a prática do futebol pelas mulheres brasileiras.

inúmeras, pois “[...] é comum pressupor que futebol é um tema sobre o qual as mulheres não possuem autoridade para conversar”.¹¹ Como a própria pesquisadora narra em outro artigo, a disputa por legitimação nesse ambiente esbarra em perfis idealizados de “maria chuteira” e “torcedoras autênticas”:¹² “Um aglomerado de torcedores produz aquilo que chamamos de torcida, substantivo feminino que designa um espaço que, durante muito tempo, foi compreendido como próprio para manifestações de masculinidades”.¹³

É sabido que, durante décadas, a imprensa esportiva sexualizou mulheres, atletas e/ou torcedoras, o que tem um grande impacto cultural ao criar e endossar preconceitos e sociabilidades tóxicas¹⁴ no futebol, estabelecendo a prática do esporte para “machos”, onde mulheres teriam funções coadjuvantes e estéticas/ilustrativas. É comum, por exemplo, ao acompanharmos uma transmissão de jogo pela televisão, observarmos como as câmeras buscam mulheres brancas e magras nas arquibancadas, objetificando torcedoras e reforçando a ideia de “musa da torcida”, algo ainda presente não somente no imaginário de homens torcedores, mas também em concursos patrocinados pelos próprios clubes.

Não é exagero afirmar que a chance de encontrarmos uma mulher que fuja aos padrões da cis-heteronormatividade, como mulheres transgêneras, nessas imagens é praticamente nula. Tal invisibilidade social marca inclusive a bibliografia da Antropologia das Práticas Esportivas, onde o debate sobre gênero e sexualidade era quase inexistente até poucos anos atrás. Tal área demorou para incorporar a interseccionalidade nas discussões teóricas e etnográficas sobre os esportes.

Sabe-se que durante a segunda metade do século XX, “as feministas acadêmicas e ativistas implementaram o projeto de repensar o gênero, o que teve um impacto revolucionário sobre as noções do que é natural”,¹⁵ realizando uma “crítica

¹¹ COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”, p. 2.

¹² COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”, p. 2.

¹³ COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”, p. 10.

¹⁴ Emprego o adjetivo “tóxico”, bastante utilizado pelo senso comum, no sentido de demonstrar o quanto o ambiente do futebol masculino pode ser opressivo e ameaçador, emocional e fisicamente, para mulheres de forma geral.

¹⁵ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade: comentário crítico, p. 10.

geral do determinismo biológico, em particular do conhecimento baseado na biologia das diferenças sexuais”.¹⁶ Subsequentemente, emergiram trabalhos que tensionaram a ideia de gênero, tais quais Gayle Rubin (1975), cuja formulação mostrou que “a sexualidade e o gênero eram fenômenos analiticamente distintos que requeriam estruturas explicativas próprias, mesmo que fossem inter-relacionados em circunstâncias históricas específicas”.¹⁷ Entre tantas contribuições posteriores, vale lembrar de Joan Scott (1995), Donna Haraway (2004) e Judith Butler (2008), esta considerada expoente da teoria *queer* (que desestabilizou a oposição entre natureza e cultura definitivamente), cujas ideias ainda fomentam esse campo teórico em construção.¹⁸

No caso da sexualidade, como Carole Vance (1995) nos lembra, por mais que a Antropologia seja reconhecida por ser aberta à investigação desse tema, a relação desse campo do conhecimento com essa temática, de forma geral, é “complexa e contraditória”.¹⁹ Para ela, historicamente, pesquisadores e pesquisadoras foram pouco corajosos e adequados ao investigarem a sexualidade,²⁰ “área simbólica e política ativamente disputada”.²¹

Michel Foucault (1980) trouxe consideráveis subsídios para as teorias sociológicas acerca da sexualidade, a qual definia como um dispositivo. Ao investigar os discursos sobre o sexo, ele mostrou que a sexualidade também não poderia ser considerada uma força natural e tampouco seria totalmente manipulada pelo Estado, por mais que este seja um ator regulador da vida sexual e afetiva dos indivíduos. Para Foucault, o poder está onde há desejo, uma vez que proibições criam estímulos e formas de subversão e de resistência.²²

Mais recentemente, é sabido que “a sexualidade conquistou alguma autonomia como campo de inquérito devido à definição do sexual como facto social atravessado por tensões e conflitos identitários”,²³ visto que esse tema ganhou centralidade no

¹⁶ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 10.

¹⁷ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 11.

¹⁸ Por questões de espaço, faço aqui apenas um brevíssimo panorama, com o objetivo de mostrar como essas ideias, aos poucos, estão sendo absorvidas e discutidas nas pesquisas sobre esportes. Mais adiante, alguns argumentos de tais autores e autoras, como Butler, serão utilizados de forma um pouco mais aprofundada.

¹⁹ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 7.

²⁰ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 8.

²¹ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 15.

²² FOUCAULT. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, p. 141.

²³ ALMEIDA. Antropologia e sexualidade: consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica, p. 2.

mundo social, reconhecendo-se que existem “fenômenos que dependem ou coexistem com a sexualidade, mais ou menos intrinsecamente”.²⁴ Segundo o antropólogo Miguel Vale de Almeida: “O gênero (e a sexualidade) é uma área de estudos e do real que introduz significativa novidade epistemológica. Ao contrário da classe ou das instituições sociais como a família, o gênero cruza-as, por assim dizer, transversalmente”.²⁵

No Brasil, “as experiências de vida de travestis e mulheres transexuais na sociedade brasileira passaram a ser temas de pesquisas acadêmicas com mais frequência a partir da década de 1990”,²⁶ ganhando visibilidade e centralidade “graças ao aumento substancial dos estudos que tematizam gênero e sexualidade”.²⁷ Alguns autores, por sua vez, apontam um “desencontro” entre os estudos sobre sexualidade e gênero. Segundo João Góis (2003), apesar de a epidemia de AIDS ter impulsionado “a expansão dos estudos sobre a homossexualidade no Brasil durante os anos de 1990”,²⁸ tal área de estudos já teria tido início antes. Contudo, em meio a esse processo, ele identifica uma escassez “de trabalhos sobre gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros em dois dos principais periódicos feministas e de gênero brasileiros”²⁹ e “a (quase) ausência do debate sobre gênero” no campo da sexualidade.³⁰

No caso específico da Antropologia das Práticas Esportivas, dentro dos estudos sobre torcidas, é possível dizer que a história do torcer no Brasil é a história das práticas torcedoras de homens cisgêneros e heterossexuais, já que as obras que se dedicaram ao tema focaram especialmente nos grupos organizados, explorando a temática da violência entre torcedores, sem refletir sobre a sua relação com a ideia de masculinidades. Diversas pesquisas debruçaram-se sobre esse fenômeno, tais quais as de Toledo (1996, 2002, 2010, 2013), Pimenta (1997) e Murad (2007, 2012).

Nos últimos anos, porém, emergiu uma safra de pesquisas acadêmicas que observam a relação de marcadores sociais da diferença com o esporte, especialmente no futebol, com investigações acerca da sexualidade,³¹ do gênero,³² das masculinidades³³ e das questões raciais.³⁴ No caso de estudos sobre torcedoras, é

²⁴ DUARTE. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções, p. 59.

²⁵ ALMEIDA. Antropologia e sexualidade, p. 12.

²⁶ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 5.

²⁷ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 5.

²⁸ GÓIS. Desencontros, p. 289.

²⁹ GÓIS. Desencontros, p. 291.

³⁰ GÓIS. Desencontros, p. 290.

³¹ ANJOS, 2018. PINTO, 2017.

³² ALMEIDA, 2018; BONFIM, 2019; CAMPOS, 2010, 2016; MORAES, 2019; PISANI, 2018.

³³ BANDEIRA, 2009, 2017. SPAGGIARI, 2015.

³⁴ ABRAHÃO, 2010. TONINI, 2011.

possível citar Priscila Campos (2010), que etnografou as torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube, mostrando que estas adotam práticas masculinas de torcer, e o trabalho de Carolina Moraes (2018), que investigou a presença de mulheres nas maiores torcidas organizadas baianas.

Tal arsenal acadêmico dá visibilidade para sujeitos, práticas e subjetividades outrora apagados. Nesse sentido, a importante pesquisa de mestrado supracitada de Maurício Pinto é reveladora de como a homofobia opera como norma entre torcidas de futebol. Ao investigar coletivos de torcedores, torcedoras e torcedorxs LGBTQI-APN+ de times como Clube Atlético Mineiro, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista, ele mostra como masculinidades circulantes exacerbadas impulsionam práticas homofóbicas e machistas nesse meio, sendo sistematicamente reiteradas “com o propósito também de demarcar seres abjetos por não se adequarem a essa norma”.³⁵

Dessa forma, a LGBTfobia e a misoginia funcionam como imperativos morais, simbólicos e materiais entre torcidas, compondo as formas de torcer desses grupos, organizados ou não, e dos indivíduos que participam desse ambiente. Tais práticas torcedoras, conceito que pode ser definido como “[...] corporalidades, gestualidades, linguagens e categorias de acusação, estigmatizações e estereótipos, performances, mas também imagens, circunstâncias, objetos, coisas [...]”,³⁶ ficam evidentes em “apelidos”, xingamentos e cânticos de torcidas organizadas para seus rivais.³⁷

“Bambi”, “bicha”, “Maria” e “time de veado”, entre tantos outros termos preconceituosos, compõem as dinâmicas torcedoras, independentemente da origem do clube ou da trajetória da instituição. Ademais, algumas dessas agremiações vetam o uso de brincos, piercings e camisas rosas entre seus membros. Em suma: atribuir aspectos reconhecidos como femininos aos rivais é um modo de imputar ao oponente a ideia de fraqueza e inferioridade, estabelecendo, supostamente por meio do antagonismo esportivo, o binarismo de gênero-sexualidade. Da mesma forma, evitar

³⁵ PINTO. Pelo direito de torcer, p. 8.

³⁶ TOLEDO. Quase lá, p. 153.

³⁷ Apesar de serem cânticos de torcidas organizadas, vale lembrar que são adotados por torcedores e torcedoras que não fazem parte dessas agremiações. O mesmo vale para os apelidos e jargões ofensivos.

tais condutas relativas às feminilidades dentro das próprias torcidas, é uma forma de fortalecer um ideal de masculinidade(s).

MULHERES TRANSGÊNERAS TÊM O DIREITO DE TORCER?

Tendo em vista o cenário descrito, é possível considerar que mulheres transgêneras são vistas como corpos abjetos e indesejáveis no futebol de homens, pois não correspondem à matriz simbólica e material de masculinidades opressoras emulada nesse esporte. Se aos olhos de atores institucionais e políticas públicas elas já são invisibilizadas, apesar dos avanços dos últimos anos,³⁸ em um ambiente de alto teor homofóbico e misógino tal qual o futebol brasileiro, a exclusão é ainda mais aguda. Quais espaços, práticas e sociabilidades essas mulheres criam e mobilizam para torcer? Investigar como elas se relacionam com seus times e suas respectivas torcidas é um desafio uma vez que, conforme anteriormente descrito, encontrar mulheres trans nas arquibancadas dos estádios é algo raríssimo.

Antes de trazer os relatos dessas mulheres, é necessário realizar algumas ponderações teóricas. Assim como Almeida³⁹ opta por usar o termo “homem trans” em texto que trata do tema, com o objetivo de condensar “a experiência”⁴⁰ desses corpos, lembrando da impossibilidade de conceituar a transexualidade “de forma universal, unívoca e a partir de uma classificação estritamente médico-psiquiátrica”,⁴¹ emprego neste ensaio a expressão “mulher trans” para trazer os relatos de F.*, N.* e T.*, respectivamente uma vascaína, uma flamenguista e uma palmeirense, sobre suas formas de torcerem e de se relacionarem com seus times e com o futebol de modo geral. Portanto, adoto os pronomes “ela” e dela” para me referir às minhas interlocutoras.

A categoria “mulher trans” é uma categoria em disputa e em construção. Durante minhas conversas com T.*, F.* e N.*, todas elas assim se identificaram em algum momento da entrevista. T.* foi a única que afirmou ser “uma mulher trans, uma

³⁸ Refiro-me às cirurgias de redesignação sexual e ao nome social, entre outros dispositivos.

³⁹ ALMEIDA. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades, p. 513.

⁴⁰ ALMEIDA. “Homens trans”, p. 513.

⁴¹ ALMEIDA. “Homens trans”, p. 517.

travesti”.⁴² As fronteiras discursivas, simbólicas e materiais entre essas duas identidades são alvo de intenso e contínuo debate que não cabe neste texto. Todavia, é possível citar o pesquisador Mário Carvalho (2018), que mostra como esses termos são carregados de significações distintas e ambíguas:

Nesse processo de diferenciação, devemos ter em mente que a emergência da categoria “transexual” é mais recente, e que, para se afirmar, teve que se diferenciar de uma categoria “travesti” pré-existente. Porém, a própria categoria “travesti” não surgiu em um discurso que a diferenciava politicamente da categoria “homossexual”. Pelo contrário, a identidade política “homossexual”, e posteriormente “gay”, é que se diferenciou da categoria “travesti”. Tudo se passa como se o outro abjeto que detêm os elementos mais poluidores de uma “identidade deteriorada” fossem jogados num mesmo lugar: o/a travesti.⁴³

Por mais que a categoria “travesti” hoje seja entendida também como um posicionamento político, dentro de um contexto atravessado por masculinidades compulsórias tal qual o futebol, pode-se dizer que esses corpos estão associados a estereótipos de desviante moral e repulsão. Portanto, como mostram as entrevistas subsequentemente apresentadas, travestis – e também – mulheres trans têm medo de frequentar estádios em jogos de equipes masculinas, pois sabem que seus corpos serão lidos dessas formas e que podem, infelizmente, ser agredidos e violentados.

CORPOS E SUBJETIVIDADES TRANS NO TORCER

É sabido que “a cisgeneridade-binária, heterossexual e compulsória como regime de governamentalidade”⁴⁴ que rege sociedades como a nossa repele corpos considerados “anormais”.⁴⁵ De acordo com Paul Preciado, a heterossexualidade pode ser definida como “uma tecnologia biopolítica, destinada a produzir corpos *straight*”,⁴⁶ corpos estes que são resultado “de uma divisão do trabalho da carne, segundo a qual

⁴² Informação verbal.

⁴³ CARVALHO. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas, p. 21.

⁴⁴ FOUCAULT apud YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 1.

⁴⁵ PRECIADO. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”, 2011.

⁴⁶ PRECIADO. Multidões *queer*, p. 12.

cada órgão é definido por sua função”.⁴⁷ Ou seja, trata-se de corpos subjugados es-
tritamente às normas biológicas, em que os órgãos sexuais e reprodutores pré-de-
terminam identidades de gênero.

Portanto, corpos que desafiam os binarismos entre masculinidade e feminili-
dade e entre “homem” e “mulher” conseqüentemente desafiam a cultura heterosse-
xual dominante, pois desessencializam modelos considerados “naturais” e univer-
sais. Como afirma Preciado:

Os corpos da multidão *queer* são também as reapropriações e os desvios dos discursos da medicina anatômica e da pornografia, entre outros, que construíram o corpo *straight* e o corpo desviante moderno. A multidão *queer* não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes”.⁴⁸

De acordo com Guilherme Almeida, as trajetórias dos corpos “que transcen-
dem os limites do binarismo fundado no processo de assignação sexual pela aparência
dos órgãos genitais que acompanha (e, algumas vezes, precede) o nascimento”⁴⁹ estão
susceptíveis a diversas violações. Mesmo que esses corpos transgenerificados reforcem
o “enquadramento binário de forma compulsória” entre aspectos lidos como femini-
nos e masculinos,⁵⁰ ainda assim desafiam todo um conjunto de normas que balizam e
organizam o todo social. Como explica Butler (2018):

Se aceitarmos que existem normas sexuais e de gênero que condicionam quem vai ser reconhecível e “legível” e quem não vai, podemos começar a ver como os “ilegíveis” podem se constituir como um grupo, desenvolvendo formas de se tornar legíveis uns para os outros, como eles são expostos a diferentes formas de viver a violência de gênero e como essa exposição comum pode se tornar a base para a resistência.⁵¹

O temor por exibir um corpo desviante das normas sociais atravessa as tor-
cedoras T.* e N.*, uma palmeirense e uma flamenguista, respectivamente. Ambas
afirmam que, após seus processos de, respectivamente, “transição” e “entendi-
mento” (termos escolhidos pelas próprias interlocutoras), se sentem mais distantes

⁴⁷ PRECIADO. Multidões *queer*, p. 12.

⁴⁸ PRECIADO. Multidões *queer*, p. 16

⁴⁹ ALMEIDA. “Homens trans”, p. 514.

⁵⁰ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 7.

⁵¹ BUTLER. *Corpos em aliança e a política das ruas*, p. 45.

de seus times. No caso de N.*, de 32 anos, somada à mudança de carreira profissional – jornalismo para a programação computacional – pela qual está passando, o que lhe consome tempo, há o temor por algum tipo de violência:

Eu me assumi em 2020, na pandemia, e foi muito complicado. Então eu estou meio que trabalhando a coragem de ir ao estádio. Porque tenho medo de ouvir coisas de que não estou a fim... todo dia você sai e ouve alguma merda, eu só quero ver um jogo. Ver um jogo e acabou. Não quero ouvir certos comentários transfóbicos em forma de ‘piadas’ [...] De forma geral é um ambiente nocivo. Um exemplo é o Corinthians⁵² com gritos homofóbicos nas arquibancadas. O futebol é reflexo da sociedade, ao mesmo tempo que sociedade empurra a gente para drogas e prostituição, são esses mesmos homens dessa sociedade que procuram a gente depois da meia-noite.⁵³

Mesmo assim, ela afirma que ainda não se vê totalmente desconectada do Flamengo, time para o qual torce desde criança por influência de seu pai:

O Flamengo é uma constante, não tem como mudar. Agora que me assumi não vou torcer para o Atlético Mineiro. Hoje acompanho menos porque estou em outra carreira profissionalmente. O Flamengo ocupa 20% da minha vida hoje, se eu fosse pensar em uma estatística, mas já ocupou bem mais. Mas aqui no canto do meu quarto tem uma camisa, para mostrar que ele sempre vai estar lá, não importa essa porcentagem. [...] O sofrimento é o mesmo, mas muda a forma como você lida, o tempo, a experiência que você adquire na vida.⁵⁴

Já paulistana T.*, de 33 anos, afirma não se identificar mais com “o que o Palmeiras representa”.⁵⁵ Segundo ela, quando criança, seu pai ajudou os filhos a escolherem um time. Na infância e adolescência, frequentou inúmeros jogos do time masculino palmeirense. Ela lembra:

Quando comecei a minha fase de me entender como uma pessoa trans, a fase de autoaceitação, pensei em como seria quando eu assumisse minha identidade de mulher trans. Fico e ainda tenho medo de frequentar estádio. Para mim antes era confortável, eu ia em qualquer setor... com 20 e poucos anos eu ia sozinha, matava aula do cursinho para ir ao Palestra Itália. Eu ia e não tinha medo.⁵⁶

⁵² Apesar de N.* citar o clube paulistano, sabe-se que esse tipo de prática homofóbica não é exclusividade do alvinegro.

⁵³ Informação verbal.

⁵⁴ Informação verbal.

⁵⁵ Informação verbal.

⁵⁶ Informação verbal.

Medo é uma palavra que T.* disse várias vezes durante a nossa conversa. Ela teme ser lida como uma pessoa LGBTQIAPN+ em um contexto em que seu corpo é considerado desviante e, portanto, constituinte de uma posição de vulnerabilidade e de potencial violência:

Eu, enquanto mulher trans, sou muito mais vulnerável, mas menos do que uma trans preta, por exemplo. Eu não consigo relacionar essas questões de gênero quando eu olho para uma instituição como o Palmeiras que não tem pelo seu time feminino o respeito que tem pelo masculino. Tem a ver com como o futebol trata as pessoas LGBT, em como trata a mulher. Você joga ‘torcedora’ no Google e só tem musas do Brasileirão. Por saber que não me sinto segura no estádio, sabe? Se eu for violentada, o que vão fazer comigo? ‘Eu lamento e se quiser vai para casa’, vão dizer, e vou ter que ir sozinha. Tudo isso me fez me envolver menos, mas torcer, eu continuo torcendo.⁵⁷

T.* nunca mais foi aos jogos da equipe masculina do Palmeiras desde que iniciou o processo de transição de gênero. Mas foi sozinha a uma partida do time feminino e afirma que se sentiu relativamente segura por conta da quantidade de mulheres na arquibancada:

Para não falar que nunca mais voltei ao estádio, eu fui um dia sozinha em um jogo do Palmeiras feminino. Mesmo sabendo que em jogos femininos tinha muita mulher e família, eu nunca vi tanta mulher proporcionalmente juntas em um estádio. Cheguei a contar: sentadas, havia 11 mulheres uma ao lado da outra. Havia mulheres jovens, mais novas, pretas, brancas, mães, havia diversidade e me senti segura, embora saiba que existe transfobia de todos os lados.⁵⁸

No entanto, ela relata ter visto o jogo praticamente em silêncio, com medo de ser notada pela gravidade da voz ao cantar as músicas entoadas pelas torcidas organizadas: “Existem questões para mim tipo a minha voz. Se eu estou quieta, estou numa boa. As pessoas fazem uma conexão lógica de voz feminina como aveludada”.⁵⁹ T.* afirma ter medo inclusive de frequentar a região do Allianz Parque, estádio do Palmeiras localizado na zona oeste de São Paulo, em dias de jogo do time alviverde que acompanhou durante toda a infância e adolescência:

⁵⁷ Informação verbal.

⁵⁸ Informação verbal.

⁵⁹ Informação verbal.

Se não fosse o fato de eu ser uma pessoa trans, eu estaria caminhando tranquilamente por ali, mas eu estava com medo de passar por uma torcida marcada por ser preconceituosa, sendo que eu nunca senti medo de passar no meio da torcida do Palmeiras. Eu não deveria ter medo de torcer, mas tenho medo de torcer pelo Palmeiras, eu tenho medo da torcida do Palmeiras. [...] Hoje, se eu tiver que ir a um jogo do masculino, não sei se teria essa coragem. Por que eu não posso ir a um estádio? Oportunidades não faltam, meus irmãos continuam indo, mas eles não percebem o quão amedrontador e violento é. Eu preciso ser cautelosa em relação aos lugares aonde posso ir.⁶⁰

O depoimento de T.* remete ao que Butler diz sobre como trabalham as “normas regulatórias do ‘sexo’”: de “forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”.⁶¹ Isto porque, segundo a autora, “[...] há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente - ou, melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas”.⁶²

IDENTIDADE E INCLUSÃO NO FUTEBOL DE HOMENS: POSSIBILIDADES

Neste ensaio, optei por abreviar os nomes e não escolher pseudônimos para minhas interlocutoras porque o nome social de pessoas transgêneras é, além de uma conquista social, uma escolha de identidade, e seria no mínimo injusto⁶³ alterá-los no decorrer do texto. É sabido que o Estado, historicamente baseado em discursos biologizantes, tem um papel regulador sobre os corpos dos indivíduos e seus respectivos modelos de conjugalidade e sexualidade, concedendo direitos e determinando quem pode acessá-los. No Brasil, a mudança de nome de pessoas transgêneras é um exemplo dessas práticas que foi facilitada nos últimos anos com a retirada da necessidade de ações judiciais:

O direito à autodeterminação delibera a todos os corpos (cis/trans) a possibilidade da autonomia sobre a escolha em retificar nome e gênero e, com isso, uma vez mais experienciam a adequação à norma como única

⁶⁰ Informação verbal.

⁶¹ BUTLER. *Inscrições corporais, subversões performativas*, p. 153.

⁶² BUTLER. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, p. 17.

⁶³ Como mulher branca heterossexual cisgênera, é necessário reconhecer o lugar de onde eu escrevo.

forma de inserção cível e acesso às políticas públicas. Nos adequamos para sobreviver. Assim, aquelas que decidiram não emergir para uma vida “fora do armário” seguem em sua travestilidade, transexualidade ou transvestigeneridade, gozando de direitos ou confortos que deveriam operar sobre todas.⁶⁴

Quando conversei com a vascaína F.*, uma designer brasileira de 44 anos, ela estava coletando informações para dar entrada na troca de nome e gênero em seus documentos.⁶⁵ No entanto, em sua carteirinha de sócio-torcedora⁶⁶ do Vasco (falarei da sua relação com o clube mais adiante), já constava seu nome social: ela foi a primeira mulher trans a ter sua escolha respeitada em um grande clube de futebol no País, mesmo sem ter a documentação considerada oficial pronta. De acordo com ela:

*A (carteirinha) minha foi a primeira, mas avisaram que se mais gente que quisesse, era só pedir. Foi super tranquilo, foi respeitado. São essas pequenas coisinhas que nos dão uma certa dignidade, já que institucionalmente [em outras instituições] nunca há respaldo para nós, não temos nem o básico.*⁶⁷

É preciso dizer que, dentre os clubes brasileiros de futebol, o Vasco tem feito um esforço⁶⁸ considerável e pioneiro na inclusão de torcedores, torcedoras e torcedorxs LGBTQIAPN+, com uma série de ações que incluem um manifesto, camisas em defesa dos direitos dessas populações e encontros formativos sobre combate à LGB-Tfobia com as torcidas organizadas da instituição, entre outras iniciativas que não são observadas nos demais times. Assim, F.* tem usado sua carteirinha do Vasco como documento em diversos estabelecimentos, pois nela consta o nome pelo qual se reconhece e sua identidade de gênero:

É engraçado porque às vezes eu chego na portaria de prédio ou centro comercial e me pedem para dar meu nome. Eu dou a minha carteirinha do Vasco como se fosse meu documento porque nela tem meu CPF, não preciso

⁶⁴ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 3.

⁶⁵ À época da nossa entrevista, no final de 2022, F.* ainda não havia dado entrada no processo de mudança de nome. No início de 2023, porém, ela já usufrui desse direito.

⁶⁶ Programas de sócios-torcedores são comuns em grande parte dos clubes de futebol. A ideia é que os torcedores, torcedoras e torcedorxs se associem à instituição, pagando uma mensalidade que dá direito a descontos e prioridade na compra de ingressos para os jogos, entre outros serviços e benefícios. Importante ressaltar que nem toda torcedora é sócia como F*: as torcidas de futebol são heterogêneas e grande parte delas não pode arcar com os custos mensais desses planos.

⁶⁷ Informação verbal.

⁶⁸ Vasco faz posicionamento histórico contra a homofobia e a transfobia 27 jun. 2021. Site do Vasco da Gama: <https://vasco.com.br/posicionamentovasco/>.

ficar falando mais nada. Ainda estou com a papelada para fazer o nome social. Não sou retificada então meu documento principal ainda é antigo.⁶⁹

Somando as amizades que constituiu por conta do time pelo qual torce, tema do item subsequente deste texto, à postura institucional do clube, F.* afirma que se sente acolhida, mesmo frente a tantos preconceitos que permeiam o ambiente futebolístico. Para ela, o trabalho de conscientização realizado pelo Vasco, encampando a luta contra a LGBTfobia, mostra uma disposição simbólica, mas também concreta para tornar efetiva a participação e a inclusão de torcedores, torcedoras e torcedorxs. Por conta disso, enquanto uma pessoa transgêneras, ela afirma que não teria medo de ir ao estádio:

Enquanto mulher trans, eu me sinto muito mais tranquila de ir a um jogo do Vasco hoje do que se fosse há 4 ou 5 anos. São pequenos passos. Comecei minha transição em janeiro de 2020. Em março veio a pandemia. De lá para cá não teve mais nenhum jogo aqui em Brasília. Mas eu ia em jogos. E iria hoje, com algum colega ou amigo. Iria normalmente. [...] Tem um acolhimento. Eu digo que uma torcedora trans do Vasco é mais fácil do que ser uma torcedora trans de qualquer outro time. Eu acolhi o Vasco e o Vasco acabou me acolhendo. Talvez se eu fosse torcedora de outro time hoje eu estivesse muito mais distante por questões ligadas ao futebol. E no Vasco fica mais fácil.⁷⁰

AMIZADES, COLETIVOS E AFETOS TORCEDORES

Nos últimos cinco anos, é comum observamos no futebol brasileiro um movimento de coletivização de torcedores, torcedoras e torcedorxs de diversos times em torno de pautas identitárias, como o direito de torcer de mulheres e também das populações LGBTQIAPN+, como bem descrito na já citada pesquisa de Maurício Pinto (2017). Tais grupos têm forte atuação nas plataformas digitais e, por meio delas, tentam criar vínculos e constituir afetos com objetivos diversos, que podem ser resumidos em três principais: ir ao estádio em companhia e segurança; conversar sobre esportes e seus próprios times, incluindo as equipes formadas por atletas mulheres, e disseminar pautas relacionadas à equidade de gênero no âmbito esportivo.

⁶⁹ Informação verbal.

⁷⁰ Informação verbal.

A vascaína F.* faz parte de um coletivo desse tipo. Sua relação com o Vasco vem desde a infância, mas ao contrário das pessoas que escolhem o time do coração por influência dos homens da família, ela escolheu sozinha: “Não tive influência de nenhum pai, tio ou primo. Eu gostava muito do Romário e do Bebeto na Seleção Olímpica de 88 e, como o Romário é cria do Vasco e o Bebeto ano seguinte foi para lá, acabei escolhendo”.⁷¹ Durante sua vida, F.* colecionou camisas, pôsteres e recortes de jornal sobre o time.

Ela afirma que “começou sua transição”⁷² no início de 2020, pouco antes da pandemia de Covid-19⁷³ que, como se sabe, suspendeu campeonatos e afastou o público dos estádios por um período determinado. Foi nesse período que F.* recebeu um convite para entrar para um coletivo de torcedoras vascaínas⁷⁴ que se reúne virtualmente para comentar os jogos entre si, mas também produz conteúdo sobre o time, como lives no YouTube sobre as rodadas dos campeonatos de que o Vasco está participando. Elas se conheceram por meio de uma rede social, como F.* narra:

Eu seguia a J*.⁷⁵ A gente se seguia no Twitter e começou a conversar, mais especificamente por mensagem direta, e um dia ela me convidou para fazer parte de um programa. Imaginei que fosse um podcast, mas na primeira reunião, conversa vai, conversa vem e era no YouTube. E eu ainda não tinha saído do armário para a maioria das pessoas. No programa de estreia acabou que eu apareci, porque cada pessoa estava com um problema de internet e eu acabei fazendo.⁷⁶

O coletivo funciona como um espaço de proteção para F.*, onde ela se sente segura. Segundo ela, as amigas torcedoras que fez no grupo e por meio dele ajudaram-na a afirmar sua identidade de mulher trans, criando um ambiente de trocas e aprendizados sobre um tema que, a princípio, a afastaria:

⁷¹ Informação verbal.

⁷² Informação verbal.

⁷³ Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou a Covid-19 como pandemia. Entre as medidas recomendadas pelas autoridades de saúde para conter o avanço da doença estavam o uso de máscaras e álcool gel; isolamento social e quarentena; evitar aglomerações e, conseqüentemente, a suspensão de eventos (como jogos de futebol), entre outras. Pouco mais de três anos depois, em maio de 2023, a entidade declarou o fim da emergência de saúde global. Somente no Brasil, morreram mais de 700 mil pessoas por coronavírus durante esse período. No mundo todo, estima-se quase 7 milhões de óbitos.

⁷⁴ Omiti o nome do coletivo porque as entrevistas foram-me concedidas sob essa condição.

⁷⁵ Nome abreviado para proteger a identidade da torcedora citada.

⁷⁶ Informação verbal.

Eu e as meninas do coletivo nos falamos sempre, falamos muito quase todo dia. Muita gente começou a me conhecer depois do coletivo, depois da transição, meu perfil nas redes é novo. Comecei a aparecer. Até hoje só teve um programa em que rolou um ataque direto. Só que a gente na hora nem responde e já silencia, porque se a gente deleta, aí vêm outros e parece um enxame. [...] Sabemos que tem um receio se uma torcedora mulher discorda, se ela não quer ser coadjuvante ou não querer ser cota. É preciso se preservar por várias questões. Quando estamos em um ambiente seguro, a acolhida é diferente, você se sente mais fácil para comentar coisas que não comentaria em aberto e isso faz toda a diferença.⁷⁷

As relações que F.* criou e mantém com outras mulheres, por meio de sua paixão pelo Vasco, ultrapassaram as redes sociais e tornaram-se encontros e viagens no decorrer de 2022, momentos em que pode estar com as torcedoras que compõem o coletivo. Tais encontros rememoram à ideia da amizade como um papel reparador na vida de pessoas trans, como descreve Giancarlo Cornejo (2015), no sentido de “criar espaços afetivos que curam feridas infligidas por normas sociais”,⁷⁸ já que “amizades *queer* requerem o reconhecimento da vulnerabilidade mútua”⁷⁹ e constroem afetos para os quais “as normas heterossexuais não ofereciam roteiros ou, no mínimo, não ofereciam bons roteiros”.⁸⁰

Tais “tecidos afetivos”⁸¹ são potencialmente criativos e desestabilizam os códigos sociais binários e heteronormativos da sociedade, fomentando novas formas de vida: “O problema não é o de descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, mais importante que isso, usar, daí em diante, de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações”.⁸² No caso de F.*, mesmo dentro de um ambiente com alto grau de LGBTfobia e machismo quanto o futebol brasileiro, as relações de amizade construídas com outras vascaínas trouxeram afeto, carinho, amizade, fidelidade, coleguismo e companheirismo,⁸³ traçando “linhas de força imprevistas”.⁸⁴

⁷⁷ Informação verbal.

⁷⁸ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 137.

⁷⁹ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 140.

⁸⁰ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 137.

⁸¹ FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 39.

⁸² FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 36.

⁸³ FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 37.

⁸⁴ FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 37.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve ensaio, tentei trazer, por meio de trechos das entrevistas realizadas com três torcedoras, argumentos para pensarmos as formas de torcer de mulheres transgêneras no futebol de homens. Com base em argumentos teóricos, meu objetivo foi mostrar como esses corpos considerados abjetos na nossa sociedade – e ainda mais no esporte mais popular do País, dado o código de masculinidades obrigatórias que o ato de torcer demanda – são lidos nesse contexto.

Temas como identidade e amizade emergiram dos relatos de F.*, N.* e T.*, que narraram alguns medos e temores intrínsecos a uma experiência torcedora onde as categorias gênero e sexualidade entrelaçam-se marcadamente. Porém, creio que a análise interseccional precisa ser aprofundada para entender como questões de raça e classe também emergem nas vivências torcedoras dessas e de outras mulheres trans em um ambiente tão binário e cis-heteronormativo como o futebolístico.

Pode-se afirmar também que os coletivos de torcedores, torcedoras e torcedorxs LGBTQIAPN+, como os descritos pelo antropólogo Maurício Pinto (2017), são uma forma de mobilização política e, ao mesmo tempo, uma maneira criativa de fomentar amizades, algo que pode ser considerado como um modo de torcer e de, conseqüentemente, incluir no meio futebolístico mulheres transgêneras e outros corpos tidos como “anormais”, como o depoimento da torcedora F*. revela.

Por fim, vale destacar, ainda no discurso da vascaína F.*, seu relato sobre a carteirinha de sócio-torcedora, algo bastante emblemático de como a experiência do torcer pode ser acolhedora para pessoas trans, contrariando expectativas. Ainda que não seja um documento oficial que garanta o acesso a políticas públicas e o reconhecimento cidadão perante a demandas jurídicas e práticas da vida social, o fato de F.* autodeterminar-se por meio do seu papel como torcedora é algo a ser registrado, pois ela teve sua escolha respeitada por um clube de futebol antes mesmo desse processo se dar pelas vias do Estado. Sua entrevista é reveladora de como “toda história pode ser reescrita”,⁸⁵ como afirma Giancarlo Cornejo, mesmo dentro de estruturas que às vezes parecem não se mover, como as do futebol brasileiro.

⁸⁵ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 131.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. **O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol**. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2018.
- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades”. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, 2012, p. 513-523.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Antropologia e sexualidade: consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica. In: SOARES, Lígia; VAZ, Júlio. (Org.). **A sexualidade, perspectiva multidisciplinar**. Coimbra: Quarteto, v. II, p. 53-72, 2003.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), UFRGS, Porto Alegre, 2018.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Emoções masculinas nos estádios de futebol**. In: *Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*, Congresso, UFSC, 2010.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. Tese (Doutorado em Educação), UFRGS, Porto Alegre, 2017.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; DANTAS, Marina de Mattos. Em busca de um torcer não-fascista. **Ludopédio**, São Paulo, v. 135, n. 32, 2020.
- BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História), FGV/Rio de Janeiro, 2019.
- BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas; Da paródia à política”. In: _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 183-201; p. 205-214.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), UFMG, 2010.
- CARVALHO, Mario. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos Pagu**, 2018, n. 52.
- CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia *queer* da amizade. **Áskesis**, v. 4 n. 1, p. 130-142, 2015.

- COSTA, Leda Maria da. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”: identidade feminina e futebol. **XII Encontro Regional de História**. ANPUH Rio de Janeiro, 2006.
- COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a autorrepresentação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 4, 2006-07.
- DUARTE, Luis Fernando Dias. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana e CAR-RARA, Sérgio. (Org.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 39-80.
- FOUCAULT, Michael. Da amizade como modo de vida [Entrevista]. **Gai Pied**, n. 25, p. 36-39, 1981.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- GÓIS, João B. H. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, 2003.
- HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.
- MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), UFBA, Salvador, 2018.
- PISANI, Mariane da Silva. **‘Sou feita de chuva, sol e barro’**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH, USP, São Paulo, 2018.
- PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. Dissertação (Mestrado em Ciências), USP, São Paulo, 2017.
- MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- MURAD, Mauricio. **Para entender a violência no futebol**. S. Paulo: Saraiva, 2012.
- PIMENTA, Carlos A. M. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e autoafirmação, aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.
- PRECIADO, Paul. Multidões *queer*: notas para uma política dos ‘anormais’. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, 2011.
- RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: REITER, Rayna. (Ed.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.
- SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia Social), USP, S. Paulo, 2015.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 40, 2013, p. 149-184.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. **Revista de História**, USP, v. 1, 2010, p. 175-190.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados**: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Dissertação (Mestrado em História Social). FFLCH, USP, 2011.

VANCE, Carole. A antropologia redescobre a sexualidade: comentário crítico. **Physis**, revista de Saúde Coletiva, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

YORK, Sara Wagner/GONÇALVES JUNIOR, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n.3e75614, 2020.

Entrevistas

F.*. Entrevista I. [dez. 2022]. Entrevistadora: Mariana Carolina Mandelli. Santo André, 2022. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

T.* Entrevista II. [out. 2022]. Entrevistadora: Mariana Carolina Mandelli. Santo André, 2022. 1 arquivo .mp3 (50 min.).

N.* Entrevista III. [maio. 2022]. Entrevistadora: Mariana Carolina Mandelli. Santo André, 2022. 1 arquivo .mp3 (45 min.).

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 30 jun. 2023.

Le football en France: le cas des supporters du Paris Saint-Germain

O futebol na França: o caso dos torcedores do Paris Saint-Germain

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio
bernardobuarque@gmail.com

LE FOOTBALL EN FRANCE (I)

Quand la Coupe du monde arrive, des millions de spectateurs, issus des quatre coins du globe, se déplacent pour le pays hôte pour encourager leurs compatriotes et leurs représentants sportifs, tandis que des milliards de téléspectateurs suivront les matchs chez eux, en face de l'écran, en portant une boisson, en souriant avec la victoire, en pleurant avec la défaite de leurs pays. Alors, voilà une bonne opportunité pour demander la patience des mes chers lecteurs pour présenter le sujet de la recherche que je mène depuis longtemps. De thème académique bizarre, méprisé par les intellectuels, le football est devenu un domaine propice pour penser tout ce qui concerne l'identité, la culture, l'économie, la politique, la nation, etc. Parlons-nous, d'abord, de quoi traitent mes études et, ensuite, ce que j'ai vécu à Paris pendant mes séjours d'études dans ses deux principaux stades: le Parc de Princes et le Stade de France.

Tout d'abord une question se pose: une culture internationale des jeunes supporters existe-t-elle? Celle-ci, c'est la question cruciale que j'ai posé concernant mes enquêtes, quand j'étais doctorant, entre 2003 et 2008. C'est-à-dire que je voudrais comprendre pourquoi, dans le monde contemporain, de nombreux jeunes se sont associés et ont créé un ensemble de symboles et de valeurs belligérantes autour du football. Autrement dit, de quelle manière la violence et la musique ont donné un sens d'intégration à la jeunesse dans le milieu sportif et comment cela est devenu aujourd'hui, paradoxalement, un problème de sécurité, un phénomène anti-

sportif qui inquiète les autorités publiques, à cause des bagarres et des turbulences provoquées par ces groupes dans et hors du stade.

En fait, je suis stupéfait de constater que, partout où l'on va, soit en Angleterre, soit en Italie, ou bien en Argentine ou même le Brésil, on peut trouver, dans les stades de football, ces clubs de fans qui consacrent leurs vies à soutenir leurs équipes. À ceux qui ne les connaissent pas, ces sortes d'associations, attachées à une passion identitaire sportive, doivent sembler très étranges.

Ils crient, ils chantent, ils sifflent d'une façon tellement exaspérée, irrationnelle et folle que l'on n'arrive pas à comprendre dans quelle mesure une pelouse, un ballon et vingt-deux joueurs peuvent devenir «la bagatelle la plus sérieuse du monde», pour faire écho au titre du livre d'un anthropologue français, de la ville d'Aix-en-Provence, Christian Bromberger, d'ont l'oeuvre, traduit au portugais, j'aime beaucoup. De ce fait, depuis mon arrivée à Paris, en 2009, j'étais vachement curieux de savoir:

1. Comment les jeunes parisiens vivent eux-mêmes cette passion active et participative?
2. Puis, comment sont structurés les groupes de supporters ici?
3. Finalement, quelles sont les différences et les ressemblances par rapport au Brésil et, notamment, aux groupes que j'ai investigués à Rio?

La première fois que je suis allé au stade Parc des Princes, je venais d'arriver du Brésil et il faisait trop froid. C'était un match du PSG contre Saint-Etienne, une équipe traditionnelle en France. Bien que le prix des billets en Europe ne soit pas bon marché, j'avais envie d'y aller quand même. Mais, dans la semaine du match, je suis averti par un journaliste sportif: Soyez attentif à la tribune de Boulogne et à la tribune d'Auteuil. N'allez ni à l'une ni à l'autre. Vous y trouverez soit les nationalistes d'inspiration fasciste (les «fachos»), soit les immigrants de la banlieue, ceux qui ont brûlé les voitures dans les émeutes en 2005.

Malgré leur appartenance à la même équipe, le Paris Saint-Germain, ils ne s'aiment pas et se battent entre eux. C'est dangereux. En contrepartie, moi même, comme j'avais acheté un ticket pour une autre tribune, je me sentais partiellement tranquille; par contre, très curieux de savoir: est-ce vrai? Il s'agit d'une sorte de

nouveaux hooligans français? Qu'est-ce qui se passe-t-il vraiment de particulier dans ces tribunes, Boulogne et Auteuil?

En arrivant au stade du Parc des Princes, un ancien vélodrome, qui a hébergé le club du PSG depuis sa création en 1970, je m'aperçois qu'il était divisé en plusieurs tribunes qui suivaient un ordre purement alphabétique: A, B, C...jusqu'à la lettre K, où j'y devais rester. La dimension spatiale du stade du PSG était ainsi définie, sauf pour les places derrière le but, où se rassemblent les groupes de supporters: d'un côté, les «Boulogne Boys»; de l'autre, les «Supras Auteuil». Comme le match présentait un épouvantable niveau technique et tactique, j'ai observé presque tout le temps la dynamique performative de ces côtés opposés des tribunes.

J'ai trouvé l'ambiance superbe: les fumigènes, les performances choregraphiques et les chansons donnaient un effet coloré et polyphonique au spectacle, si différent et tout au contraire de ce que j'avais entendu parlé auparavant par un journaliste qui m'a interviewé. Lorsqu'une tribune chantait «Boulogne est magique!», la réponse vint rapidement en criant collectivement: «Auteuil est magique!». À la fin, tous ensemble, dans un unisson tellement fort que les joueurs ont presque arrêté ce qui se passait sur le terrain pour écouter ce qui venait du gradin: «Paris est magique! Allez, allez, Paris, PSG!»

Il y avait aussi des parodies des musiques de Beatles, de Pink Floyd et plusieurs autres que les jeunes écoutaient à la radio et dont les paroles originelles s'adaptaient. Mais, pendant le match ennuyant, ce qui m'a attiré le plus l'attention a été une banderoles avec l'inscription: «c'est l'Argentine dans la tribune, offrez-nous le Brésil sur le gazon». Une façon de dire à leurs athlètes: nous suivons l'exemple des supporters argentins, qui ont apporté les confettis aux stades et leur ont donné une ambiance festive. Maintenant, c'est vous qui devrez jouer selon l'exemple de ce qui a de mieux dans le monde, en matière de football, c'est-à-dire qu'il faut jouer comme les Brésiliens! Seulement après le match, j'ai découvert que Boulogne et Auteuil n'étaient que la transposition géographique des régions autour du stade: le fameux bois et la fameuse avenue, respectivement. Voilà comment une toponymie urbaine peut devenir une topophilie sportive, une source d'identité moderne parmi les bandes de jeunes.

Je suis rentré chez moi très satisfait avec l'expérience, en pensant qu'il y a beaucoup d'autres choses à réfléchir sur les supporters et non seulement le discours médiatique de la violence, de la haine et du hooliganisme. Mon voyage en France n'a pas été vain.

LE FOOTBALL EN FRANCE (II): UNE TYPOLOGIE DES SUPPORTERS

Premièrement, nous ne pouvons pas penser une histoire sociale du sport, notamment l'histoire du football, sans mettre en relief les enjeux économiques, politiques et culturels auxquels elle est associée après son introduction et sa diffusion en Angleterre à la moitié du XIX^{ème} siècle. Deuxièmement, l'essor du supportérisme sportif observé parmi les groupes de jeunes anglais, à partir des années 1960, doit être pensé comme une nouvelle vague d'associationisme issu du sein du football professionnel britannique. Troisièmement, l'hégémonie du modèle du supporter, plus connu sous la dérive du hooliganisme, n'est pas valable quand on considère d'autres pays et d'autres sociétés. Autrement dit chaque culture forge le lieu entre les valeurs du public qui suit un stade et le spectacle qui lui est offert et maîtrisé l'État.

Je reviens à ma question d'origine: une culture internationale des jeunes supporters existe-t-elle? Partout où on va, en Angleterre, en Italie, en Argentine ou au Brésil, on peut trouver dans les stades de football ces groupes de fans qui consacrent leurs vies à leurs clubs. À ceux qui ne les connaissent pas, ces sortes d'associations, attachées à une passion sportive, doivent sembler très étranges. Ils crient, ils chantent et ils sifflent d'une façon tellement exaspérée qu'on ne peut pas comprendre pourquoi une pelouse, un ballon et vingt-deux joueurs deviennent «la bagatelle la plus sérieuse du monde».

Quand on considère l'avènement des groupes de supporters sur la scène médiatique contemporaine, à travers les images des turbulences dans les stades, enregistrées et répétées par la télé à l'exhaustion, il faut classer deux types de discours qui essaient d'établir ce que signifie un hooligan: celui des journalistes sportifs, qui attribuent à ces cas extrêmes la reviviscence des barbares, des vandales et des primitifs au milieu d'une société rationalisée et moderne; et celui des

universitaires, surtout les anthropologues, qui, à l'envers des journalistes, relativisent le jugement d'ordre morale et évolutionniste, mettent en lumière le cadre social, culturel et politique d'où sont issus ses jeunes violentes.

Pour réussir à comprendre l'acte de regarder un spectacle, notamment le sportif, il faut observer ce que voient les passionnés du football, comment et pourquoi ils construisent leurs évidences. On doit reconnaître qu'il y a deux types de personnes qui se déplacent vers un stade. Celle qu'on appelle tout simplement spectateur et celui qu'on nomme supporter. Dans le premier cas, la contemplation du match est éloignée et passive, et se rapproche de la figure de l'auditeur savant qui va au théâtre, au cinéma, au concert. Dans le deuxième classement, l'engagement dans ce qui se passe sur le terrain est évident. L'œil s'ajoute à sa voix afin d'influencer le destin d'un affrontement entre deux équipes de football.

En effet, mon propos de recherche a été la compréhension des structures d'action des associations de supporters au sein du football professionnel à partir des années 1960. Autrement dit, je voudrais à cette époque là savoir comment ces groupes de fans clubs sont nés dans le monde du sport et dans la société contemporaine. Puis, mon but est d'expliquer pourquoi ces bandes de jeunes se sont tellement agrandies, de sorte qu'elles ont acquis une dimension au-delà du football lui-même, en tant que sphère de sociabilité et d'identité dans nos villes.

EN GUISE DE CONCLUSION

Quand on étudie le phénomène des supporters, le sens commun part d'une conception diffusionniste dont l'axe centrale est l'Angleterre. L'explication est la même que celle utilisée pour penser la diffusion des sports modernes. Berceau du football et de la Révolution industrielle, l'Angleterre a été le centre du rayonnement qui a contribué à instaurer les nouveaux modes de travail et de loisir.

Une fois diffusé le sport qui est devenu le plus populaire de la planète, le football, les journalistes sportifs ont commencé à s'intéresser aux différents styles nationaux de jeu. Comme l'anthropologue Eduardo Archetti l'a montré dans le cas de l'Argentine, et que la critique et essayiste Beatriz Sarlo a aussi souligné à propos des «modernités périphériques»: être moderne au début du XXème siècle consiste à

définir une identité nationale. Elle reunit un élément de la tradition locale et un élément extérieur, dans ce cas, un des sports modernes anglais.

Cela a permis la construction d'un «concert de nations», dans un cadre général d'universalisation et de différenciation, cotoyant des pairs structurels: l'Angleterre face à la Grande-Bretagne, la Grande-Bretagne face à l'Europe continentale, l'Europe face à l'Amérique du sud, le Brésil face à l'Argentine, etc...

Les Coupes du monde et la tactique peuvent d'identifier des traits nationaux, à travers la caractérisation des écoles offensives et défensives, individualistes et collectivistes, techniques et physiques. Les slogans tels que le «verrou suisse», «l'art brésilien», la «fureur espagnole», le «arrousel hollandais» sont quelques exemples qu'on peut donner.

Grosso modo, on a employé une même méthode, pour la compréhension du phénomène de violence entre les associations de supporters, dans la seconde moitié du XX^{ème} siècle, notamment les particularités du cas français. Je parle de la naissance médiatique du «panique morale» chez les *hooligans* en Angleterre pendant les années 1960 et de sa propagation vers l'Europe, l'Amérique du sud et les autres pays du monde.

Aujourd'hui on connaît aussi les *ultras* italiens, les *barra-bravas* argentins, les *siders* belges, sans compter les supporters de l'Europe du lest, de la Grèce et de la Turquie. Sous la direction du sociologue Eric Dunning, décédé en 2019, le livre *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon*, présente un tableau représentatif de ce que je veux dire.

La propagation des modèles de violence de supporterisme a permis la création d'une sorte de typologie d'associations, qui reflète aussi deux styles de culture, selon les catégories natives: l'un, qui a rayonné à partir de l'Angleterre et l'autre, à partir de l'Italie. Le premier type est caractérisé par le sang froid et par l'homogénéité sociale. Issu des noyaux durs du prolétariat britannique, il se mit à part des autres acteurs du football et essaye de rompre avec les formes dominantes d'intégration sociale.

Le deuxième type, plus expressif et passionné, est hétérogène au point de vue de la classe sociale. À travers les rituels dramatisés et l'organisation plus institutionnalisée, il essaye une intégration vis-à-vis des autres acteurs du spectacle

du football. La marginalisation et l'institutionnalisation sont, ainsi, les deux pôles autour desquels les associations se sont partagées historiquement. La force physique, y compris les bagarres, et la créativité, y compris les choreographies et les chants, font partis de l'*ethos* des ces associations.

Voilà quelques défis auxquels je me suis consacré dans ce petit et bref texte.

* * *

BIBLIOGRAPHIE

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinities**: football, polo and tango in Argentina. Oxford/New York: Berg, 1999.

BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Éd. de la Maison des sciences de l'homme, 1995.

BROWN, Adam (Org.). **Fanatics!**: power, identity & fandom in football. Londres: Routledge, 1998.

EISENBERG, Christiane. «Le football comme phénomène mondial». **Histoire et Sociétés** – Revue Européenne d'Histoire Sociale. Paris: Alternatives Économiques, 2006, n. 18-19.

HOUCARDE, Nicolas. «La France des 'Ultras'». **Sociétés et Représentations**. Paris: Crehess, 1998, n. 7.

LOUIS, Sebastien. **Le phénomène ultras en Italie**. Préface Christian Bromberger. Paris: Maré & Martin, 2008.

MIGNON, Patrick. "Liverpool ou 'le Kop va disparaître'". **Revue Esprit**. Paris: s.e., 1994, n. 202.

YONNET, Paul. **Huit leçons sur le sport**. Paris: Gallimard, 2004.

WAHL, Alfred. **La balle au pied**: histoire du football. Paris: Gallimard, 1990.

* * *

Recebido em: 15 jul. 2023.
Aprovado em: 1º ago. 2023.

Women's football in Brazil and England's national football museums

O futebol feminino nos museus nacionais do futebol do Brasil e da Inglaterra

Mark Biram (Translator)

University of Bristol, Bristol, UK
Doctor of Philosophy, University of Bristol
mark.biram@bristol.ac.uk

Maria Cristina de Azevedo Mitidieri

Unirio, Rio de Janeiro/RJ, Brazil
Doctor of Museologia e Patrimônio, Unirio

Luisa Rocha

Unirio, Rio de Janeiro/RJ, Brazil
Doctor of Ciência da Informação, UFF

ABSTRACT: The challenging trajectory of women's football in Brazil and in England is discernible with reference to its gradually shifting prominence within heritage and museums. Nonetheless, the persistent differences regarding visibility and recognition, and negative associations women's football is attributed, have contributed to the underrepresentation of women's football heritage at both the Museu do Futebol in São Paulo, Brazil and at the National Football Museum in Manchester, England. This research identifies temporal milestones related to the presence of women's football in these national museums, as well as the proactive measures undertaken to ensure the inclusion of women's football items into their respective collections since 2015. Combining theoretical references with exploratory research, we aimed to identify connections between the factors which stimulated the appreciation of women's football within these museums, contributing to discussions about the musealization of football. We conclude that women's football has been addressed progressively by the Museu do Futebol and the National Football Museum through the exhibition of its successes and milestones but we also consider the challenges of the past and the present, in a context in which demands and commitments have to be balanced.

KEYWORDS: Sporting heritage; Sports museums; Musealization; Women's football.

RESUMO: A conturbada trajetória do futebol feminino no Brasil e na Inglaterra reverberou no patrimônio e nos museus, resultando em desproporcional espaço físico e simbólico nos museus especializados em futebol. As persistentes diferenças de visibilidade e de reconhecimento entre o futebol feminino e o masculino, além da associação dessa modalidade a fatos negativos, contribuíram para que o patrimônio ligado ao futebol feminino estivesse sub-representado nos museus nacionais do futebol – Museu do Futebol (São Paulo, Brasil) e National Football Museum (Manchester, Inglaterra). Nesse cenário, identificamos, desde 2015, marcos temporais relativos à inclusão do futebol feminino nessas instituições museológicas nacionais, assim como ações que foram empreendidas para tal inclusão. Combinando referências teóricas à investigação exploratória, objetivamos identificar conexões entre os fatores que estimularam a valorização do futebol feminino no âmbito desses museus, contribuindo para as discussões a respeito da musealização do futebol. Concluímos que o futebol feminino vem sendo abordado pelo Museu do Futebol e pelo National Football Museum por meio da apresentação de suas vitórias, mas também considerando os desafios do passado e do presente, em num contexto em que demandas e compromissos de diversas naturezas vêm sendo equilibrados.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio esportivo; Museus do esporte; Musealização; Futebol feminino.

INTRODUCTION

Women's football is affected by issues related to the participation of women in societies and their insertion in the universe of sports. These issues, which in the past resulted in vetoes on female participation in this sport,¹ continue to wield influence in the present in the form of lesser recognition, lesser visibility and significantly lower wages in relation to men's football, as well as in persistent prejudices.² Moreover, they also reverberate in the heritage side of football, which is materialized in sports specific museums, which conserve a portion of sports heritage assets understood as supporting of memory and as representatives of the history of football.

This article deals with the participation of women's football at two national football museums: the Museu de Futebol (São Paulo, Brazil) and the National Football Museum (Manchester, England). It deals with the physical and symbolic spaces that have been dedicated to women's football, as well as listing a number of initiatives that have been undertaken to value women's football at both museums which, in addition to having their national and international relevance in common, are both located in countries where football has long held a considerable cultural capital and social status in a way clearly exclusionary towards women.

Taking as a premise that museums dedicated to sport – among them, football – tend to be aimed at celebrating great achievements, moments and heroes,³ we analyse aspects of the musealization of women's football at both sites. From the identification of temporal milestones related to the inclusion of women's football at the Football Museum and in the National Football Museum, we observe the treatment of women's football, notably, the themes that have been associated with it through communication actions.

This research, then, aims to contribute to discussions about the complexity involved in the musealization of women's football and the key factors which affect

¹ GOELLNER. Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil; FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

² JANUÁRIO; KNIJINIK. Liberdade, ainda que tardia: a revolução feminina no futebol brasileiro, p. 11-32.

³ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus: os museus do esporte e a comunicação celebratória do patrimônio esportivo musealizado*.

this process, considering the contextualization of football museums within the environment of both heritage and museums, as well as their status as contemporary cultural institutions. For this, we carried out both a bibliographical and exploratory analysis, which includes formal documentation, informal data, as well as visits made to each of these institutions in 2019.

The results that have been obtained are suggestive of the diverse forces, both internal and external, which affect how the musealization of women's football plays out. They indicate that the two analysed institutions, even considering their distinct institutional backdrops, actually have a remarkable number of similarities when it comes to how women's football is represented. Both have a history of the predominance of professional men's football in their collections and communication, as well as having in common the implementation of a series of actions that, in the last ten years, have been intended at lending visibility to the women's game. Within their different communicational operations, they face similar challenges, while proposing similar communicational approaches, insofar as they try to celebrate the achievements of women's football and share its history and the issues that continue affecting women in the present.

CONSIDERATIONS ABOUT WOMEN'S FOOTBALL IN BRAZIL AND ENGLAND

Since this is not the focus of this article, it is not our objective to sketch out in detail the history of women's football in Brazil and England. However, some considerations about its troubled trajectory in these countries, where the museums here analysed are located, are worth mentioning. From different justifications and meeting political and economic interests, the practice of football by women was curtailed for decades both in Brazil and in England.

In Brazil, the practice was banned after the publication of Decree-Law No. 3,199 of 1941 (art. 54) during the government of Getúlio Vargas, with justifications that cited both biological and moral aspects related to the practice of certain sports by women. In 1965, the National Sports Council issued deliberation CND nº 07/65, naming soccer, beach soccer and indoor soccer as sports in which women's practice would not be allowed. In 1979, this decision (nº 07/65) was revoked. However,

while the practice of sport by women continued to be a leisure option, “the activity remained marginalized: the games could not take place in official fields, nor be arbitrated by federal judges”. In the view of Brazilian researcher Nathália F. Pessanha, women's football was “left in a state of limbo for four years which, despite being released and not being regulated, did not have much support from clubs, entities and official competitions”.⁴

This scenario began to change when, in 1983, the regulation of women's football in Brazil took place, meeting a requirement of the Fédération Internationale de Football Association (FIFA), the international governing body of football.⁵ At that moment, “the first women's football teams with greater national projections began to form”,⁶ championships and official matches were organised. In 2016, the establishment of gender parity in world football by FIFA, accompanied in this decision by the South American Football Confederation (CONMEBOL), contributed to the promotion of women's football in the country based on determinations which involved, among other aspects, the mandatory establishment of women's teams within the scope of the clubs interested in participating in championships.⁷

In recent decades, however, supported by significant victories and by internationally renowned characters, such as Marta, women's football has been gaining much greater recognition and visibility in Brazil. According to Brazilian researchers Soraya Januário and Jorge Knijnik, “it is undeniable that in recent years it has been possible to notice the growth of women's football in Brazil, whether in the number of professional teams and athletes, or in the social debate about women in the sport”. Despite this, it is worth remembering that the treatment given by specialised national media and also by the Brazilian Football Confederation is far from equivalent to men's football in terms of its visibility, the attraction of sponsorships and the remuneration that is allocated to athletes, among other aspects. According to Januário and Knijnik, “the history of prohibitions and removals associated with biologizing premises, based on the 'condition of a woman' and the

⁴ PESSANHA. *Mulheres em campo*, p. 253.

⁵ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol.

⁶ LIMA; QUADRADO; KNIJNIK. Por um futebol universitário praticado por mulheres, p. 273.

⁷ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol.

so-called 'feminine nature', has had a greater influence on the difficulties that are faced by the women's game up to the present day".⁸

In England, women's football matches held in spaces affiliated with The Football Association (FA) – the highest entity of English national football – were banned for over 50 years, between 1921 and 1972. There, women's football was flourishing at the beginning of the 20th century with organized teams – among which Dick, Kerr Ladies stood out – competing in matches and national championships. With the end of World War I, there was an increase in international matches, which attracted large audiences. These events generated the gathering of significant amounts whose destination was not entirely clear, since women's football, since the War, had been associated with charitable causes. Furthermore, they revealed the potential of women's football, which was outside the jurisdiction and control of the FA, as being capable of mobilising tens of thousands of football fans.

In this context, economic issues appear to have underpinned the restrictions imposed by the Football Association on women's football. In addition to having no control over the collection of matches, the FA perceived this activity as a potential threat to the viability of some championships and ultimately to men's clubs. So, a year after a memorable international match in January 1920 attracted over 50,000 paying spectators, the FA voted to ban women's football at professional grounds. As it did not have the power to prohibit women from playing, it decided to ban matches on the soccer fields of the clubs affiliated to it, based on the justification that soccer was inappropriate for women and thus should not be encouraged. In this environment, although athletes and their teams continued to play, the effect of the ban was felt, since the matches took place in inappropriate places. According to Wrack, "Without the opportunity for the masses to watch the games regularly in large capacity venues, levels of interest naturally waned".⁹

From the moment the FA ban was lifted in 1971,¹⁰ women's football has resumed its development in England and, according to FA data, football has been, since 2002, the main sport played by English women and girls. Its popularity is

⁸ JANUÁRIO; KNIJINIK. *Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro*, p. 434-435.

⁹ FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

¹⁰ FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

boosted by major tournaments and recently with significant wins.¹¹ However, English athletes still fight for recognition and for equality in sport.¹² Although the conquests of the last decades have been significant, in England, as well as in Brazil, the attribution of lesser value or secondary importance persists, compared to the men's game.

FOOTBALL MUSEUMS AS CELEBRATORY SPACES

Based largely on the conversion or incorporation of private collections into museums, sport museums have developed significantly since the 1960s.¹³ They have their historical trajectory strongly connected to sports clubs, private collectors, trophy rooms and to halls of fame as the primary conservers of sports heritage.

As a fundamental moment of the trajectory of these institutions, we can highlight the approximation, since the 1980s, between museums and the consumer market. This has spurred on the multiplication of private sport museums founded by sports entities with the aim of facilitating the preservation of private collections, but also of fostering greater commercial opportunities and supporting marketing initiatives. This numerical increment has resulted in a universe in which thematic segmentation predominates, with those museums dedicated to a specific sport, to a sport organisation, to a person of relevance or to a specific event being prevalent, such as Olympic museums, for example.

In this way, we can safely assume that the worldwide popularity of football¹⁴ reverberates in the universe of sports museums, making football museums more numerous than other sports, with museums founded and managed by sports institutions being prevalent – notably clubs. This contributes to the image of football

¹¹ Playing in the European final and two World Cup finals for the national team, for example.

¹² FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

¹³ It is pertinent to point out that the first half of the 20th century saw the creation of the first sports museums. For Vamplew (1998), the museums founded in Switzerland (1945), Sweden (1947), Poland (1950) and Bulgaria (1956) would be some of the oldest sports museums in the world.

¹⁴ According to the international consultancy Nielsen, except in countries such as the United States, Australia and Japan, football is the most popular sport (NIELSEN, World Football Report, 2018).

museums being linked to a celebratory museum format, which works as an unfolding of the former trophy rooms of the clubs.¹⁵

With this backdrop, our research indicates that the musealization of sports heritage assets within the scope of football museums has been converging with the interests and scales of values that have been established by the groups and sports entities which tend to be the managers of these museums. It also indicates that, based on the attribute of the museum as an entity that legitimizes heritage and ideas, the musealization of football-related assets “has resulted in monotonous and celebratory communication, which presents a partial and decontextualized view of sports history”.¹⁶

Linking the *modus operandi* of football museums founded and operated by private sports entities to the aforementioned factors underlies the notion that museums financed (fully or partially) and managed by “non-profit” entities would be more “independent” with regard to the choice of parameters that guide the musealization of assets. However, its processes are subject to other factors, which deserve to be devoted further attention here. Among them are those that refer specifically to the intersection between football and heritage and museums.

First, it is necessary to consider that football museums operate within the scope of heritage, which, historically, has a celebratory quality, being neither neutral nor impartial. Heritage differs from history, since the selection processes of heritage assets reflect a look from the present on an idea of the past, guided by abstract values and by intangible notions of authenticity. Heritage “is linked to value criteria and legitimation systems established by groups and institutions that, in turn, are subject to a range of influences and pressures”.¹⁷

Likewise, the historical trajectory of museums as a specific model of institutions indicates that they are not neutral spaces. “They are, historically, spaces of dispute and vehicles for sharing, affirming and reaffirming ideas and ideals”.¹⁸ The scientific process of the musealization of assets implies a set of actions, with a selective and interpretative character. In addition to this, “it is a process

¹⁵ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 195.

¹⁶ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 196.

¹⁷ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 190.

¹⁸ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 192.

subordinated to the political, ideological and aesthetic dimensions of the museum – represented by its managers –, permeated by the values of the present time”.¹⁹

Finally, it is imperative at this point to highlight that, as specialised museums, it is up to the sport museums themselves to incorporate all of the facets of their central theme, which, in the case of sport, involves both emotional and celebratory aspects. Sport, although it is also associated with defeats and affected by issues understood as being “negative”, has a “close connection with leisure time, with joy, with healthy competition and with the celebration of achievements”. The sports environment is permeated by emotion and by the cult of “heroes” and iconic characters. This is to say that sports culture is iconoclastic.²⁰

The two institutions that we focus on are located within this complex environment. As “exceptions” in their countries, in which “club museums” prevail, these national museums have in common the notion of portraying national football in a broader way, contemplating all of its facets, and contextualizing it both in the national and international scope of sport and history. They have in common the fact that they are museums which are strongly supported by their respective governments, while at the same time being private and non-profit entities, which obliges them to seek their own additional financial resources. Both have professionalised organisational structures and, as we will see, have been making considerable efforts to balance the male and female forms of football within the museum environment.

THE MUSEU DO FUTEBOL (SÃO PAULO) AND THE NATIONAL FOOTBALL MUSEUM (MANCHESTER)

The Museu do Futebol (São Paulo, SP) was inaugurated in 2008 and is installed in the Pacaembu Stadium, in an area of almost 7 thousand m². It was founded from the elaboration of a project led by the Municipal São Paulo legislature.²¹ It has the legal format of being a Social Organization (OS), administered by the Social Organization of Culture ID Brasil Cultura, Educação e Esporte, a private non-profit entity. The

¹⁹ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 34.

²⁰ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*.

²¹ In partnership with the Roberto Marinho Foundation, as the project's developer.

necessary resources for its operation come from the State of São Paulo, but also from funding which is carried out by them, from ticket sales, sponsorship funds and other commercially derived revenue.²²

This museum, among the most visited in Brazil, is peculiar – especially for sports museums, which are usually full of material cultural objects. It is a museum wishing to communicate the history of Brazilian football with the support of image, sound and scenography resources – although it is possible to find objects on display throughout the visit. The Museu do Futebol has housed the Brazilian Football Reference Center (CRFB) since 2013, a centre for documentation and research that has, among its attributions, subsidising the communication conveyed by the museum. The purpose of this museum involves the preservation and communication of national football, considering its dimension beyond sports events. Its vision encompasses a commitment to “be an environment of empathy, inclusion, coexistence and dialogue with various publics, with a regard for cultural diversity”.²³

The National Football Museum, on the other hand, has been located since 2012 in the city of Manchester, having initially operated between 2001 and 2010 in the city of Preston, inside Preston North End's Deepdale stadium. Closed in 2010 due to funding issues, it was reopened in Manchester, housed in an iconic local building as part of an urban revitalisation project, after obtaining funds to subsidise its operation.²⁴

Its establishment was the result of a previous collaboration, in the legal format of Charity Company, as a non-profit company.²⁵ Unlike the Brazilian Football Museum, the National Football Museum is built around a collection that has more than 140,000 items,²⁶ composed of objects, textual documents and diverse iconography. This collection, under permanent re-construction, is the result of bringing together different collections and was initiated from the acquisition of the “FIFA Collection” through public funding.²⁷

²² MUSEU DO FUTEBOL, Gestão.

²³ MUSEU DO FUTEBOL, Missão, Visão, Valores.

²⁴ The museum's Technical Reserve and Research Center remain housed in Preston, at the museum's former address, Deepdale Stadium.

²⁵ Common in England, in non-profit cultural institutions

²⁶ ART FUND, Museums and Galleries, National Football Museum.

²⁷ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Collection.

The museum's mission is to "share stories about football"²⁸ and lists, among its objectives, its consolidation as "a centre of excellence for football heritage through exhibitions, collections and fully representative research" and its commitment to building an inclusive program.²⁹

SPACE FOR WOMEN'S FOOTBALL AT THE TWO MUSEUMS

Over the last ten years, the Museu do Futebol and the National Football Museum have developed formal projects, as well as undertaking practical actions with the aim of balancing the physical and symbolic space of women's football in their environments, in relation to the men's game. Considering its fundamental differences with regard to its football's collections of material goods as a basis for its operation, initiatives related to women's football were observed with context in mind. The Museu do Futebol began to include women's football in 2015, seven years after its inauguration, based on the perception that a "collection of countless objects from the world of football rarely reminds us of the women who were part of this process".³⁰ This inclusion was also due to demands from the museum's visitors and to the perception of an increase in FIFA's actions in relation to the women's sport, as well as an initiative aimed at expanding and diversifying the museum's audience.

"The public has been asking for information about women's football for a long time", explains Daniela Alfonsi, the Director of Content for the museum. She says that the opportune moment has arrived: in addition to it being the year of the Women's World Cup, FIFA determined that the CBF ought to invest 15% of its earnings from the 2014 World Cup into women's football. "[...] We have noticed a greater movement in the sport". The action also aims to attract more women to the museum. "When we opened, the public was 70% men and only 30% women in terms of visitors", says Daniela. "[...] We did a survey in 2013, and the difference remains sizable: 60% to 40%".³¹

The starting point was the project "Visibility for Women's Football", which aimed to "stimulate a discussion about our way of telling the history of Brazilian

²⁸ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Mission.

²⁹ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Mission.

³⁰ MUSEU DO FUTEBOL, Visibilidade para o futebol feminino.

³¹ WOLF. Futebol feminino terá espaço no museu do Pacaembu.

football” with the participation of athletes, referees and journalists respectively. The project materialized in the form of incorporating documents into the collection of the Brazilian Football Reference Center (CRFB), which now hosts “the largest reference collection on the sport in the country. These collections are today the most important clues for beginning to understand the history of women’s football in Brazil”.³² Afterwards, the museum organised a virtual exhibition³³ which presents the results of the project, through both texts and images.

With regard to the physical space of the museum, the theme has since been included in educational activities – such as the publication of booklets and actions to mediate visits –, as well as in events which are hosted or co-organized by the museum, such as the “International Symposium of Studies on Football” (2022). Also in 2015, communicational and promotional actions were implemented, such as offering free admission to women on International Women's Day and placing banners with images of prominent female sports characters on the museum's façade. At the same time, women's football was incorporated into the long-term exhibition environment. This was achieved through the inclusion of facts and characters within the existing spaces and thematic sections, as well as through the creation of a space which is dedicated to women's football “pioneers”. We can cite as examples: the inclusion of athletes Marta and Formiga in the “Anjos Barrocos” room (Hall of Fame), dedicated to the great heroes of national sport; the inclusion of information regarding the participation of the Brazilian women's team in the World Cups in the “Sala das Copas” (World Cups room); and the inclusion of objects linked to female practice in the “Grande Área” (Main Area) space, among others.

From these first initiatives, the Museu do Futebol continued to carry out further actions aimed at women's football and its recognition, such as temporary and virtual exhibitions, book launches, the publication of articles and collective funding campaigns. In 2019, the exhibitions *Women, Disobedience and Resilience* (virtual) and *Counter-attack* (temporary) were inaugurated. That same year, the ‘Offside’ project was implemented, gathering testimonials and iconography regarding the participation of women in football over the years in which the practice

³² MUSEU DO FUTEBOL, Visibilidade para o futebol feminino.

³³ Disponível na plataforma *Google Arts and Culture*.

was prohibited. In 2020, the “My Voice Makes History” campaign raised funds for the production of an audio guide on the 100 years of women's football in Brazil.

Since 2015, the Football Museum has been dedicated to portraying, researching and celebrating women's football in Brazil. Along this path, two temporary exhibitions have already taken place – ‘Visibility for Women's Football’, in 2015, and ‘Counter-attack! The Women of Football’, in 2019 –, seven virtual exhibitions, an audio guide, three editions and many cultural events on the subject. In addition to these efforts, at the beginning of 2022, the first edition of the Call for the Selection of Young Researchers was launched, aimed at recent graduates or postgraduates, in order to produce knowledge about women's football and women's football in Brazil.³⁴

In April 2023, driven by the expectations regarding the ninth edition of the Women's Football World Cup, the museum inaugurated the temporary exhibition ‘Queens of the World Cup’. Curated by Aira Bonfim, Juliana Cabral, Lu Castro and Silvana Goellner, the exhibition aims, to celebrate the achievements, and also highlight the difficulties faced by the Brazilian women's football team. In this context, in May 2023 the “Mulheres na arbitragem” (Women Refereeing) exposition takes place.³⁵

At the National Football Museum, the year 2015 was equally decisive with regard to actions aimed at the inclusion of women's football. Since its founding, the museum has had an insignificant “female collection”, “affecting its ability to produce interpretations and permanent exhibitions on female participation in football”.³⁶ In the view of the curator dedicated to the theme, since 2017, Belinda Scarlett, the gaps in the collection and the incipient information about objects related to women's football led the museum to presenting the history of the women's game based on the parameters and thematic segmentations established for men's football.

Thus, this museum, which has its narratives built from the objects in the collection, acquired in 2015 a large collection of goods related to women's football.³⁷ Lacking the means for documentation and research, in 2017, through a partnership

³⁴ MUSEU DO FUTEBOL, Notas sobre coleções de mulheres no acervo do Museu do Futebol, s/p.

³⁵ MUSEU DO FUTEBOL, *Rainhas de Copas*, exposição temporária.

³⁶ SCARLETT. Unlocking The Hidden Story of Women's Football.

³⁷ Through a donation from the National Lottery Heritage Fund, the museum acquired the Chris Unger History of Women's Football Collection, a private collection of over 5,000 objects and textual documents.

with the public body Arts Council, it carried out the project “Unlocking the Hidden History of Women’s Football”. This allowed the existing women's collection records to be updated and made it possible to carry out “a series of activities to expand access to the collection, including an academic conference, the project's blog and community activities”, in addition to campaigning to encourage donations. The project was also the basis for actions carried out in the museum space aimed at expanding female participation in the long-term exhibition. According to Scarlett: “In 2019, the project had a significant impact in the redevelopment of an area of our permanent gallery, where we were able to increase our representation of women in football from 7% to 20% overall, and in some areas we were able to reach over 40% representation”.³⁸

Since 2019, as a long-term project linked to the new assets in the collection and the increase in initiatives aimed at women's football, the museum has included in its planning until 2022 the notion of equating women's sport with men's, both in the collection and in the exhibitions. “One of the main goals of the museum is to reach 50% representation of women's football, with the aim of ensuring that the story of women's football is told in all of its galleries, rather than being merely displayed in isolation as a sub-area”.³⁹

To take this idea forward, the National Football Museum has been both raising grants and establishing partnerships.⁴⁰ In recent years, it has expanded its exhibition space dedicated for women, as well as holding temporary exhibitions and actions that are aimed at sharing the knowledge obtained. In the words of Tim Desmond, the Director of the museum, the objectives of the museum and the path taken until 2022 are as follows:

“We are standing up for diversity and for equality in football,” says Desmond. “Three years ago we decided to rebalance our collection and programs to be 50% represented around women in football; 100% of our views during the Euro 2022 women's [championship] were about women in football and that was very positive. In the Hall of Fame, 50% of inductees are represented by women's sports. It wasn't difficult to do, and our female visitors has duly increased.”⁴¹

³⁸ SCARLETT. *Unlocking The Hidden Story of Women’s Football*.

³⁹ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *Annual Report*, p. 6.

⁴⁰ In the annual report (2018), there are mentions of partnerships with the FA, in order to collect goods related to the national team. There is also mention of establishing working relationships with FIFA and Manchester City Council.

⁴¹ GILLING. *Raising the game*.

Among the partnerships and events held, we can also highlight the initiatives which are related to the 2022 Women's Euro Cup. That year too, in collaboration with the municipality of Manchester⁴² and with the National Lottery, the museum organized various events aimed at building a collection and at recording the history and memory of the Women's Euro Cup. In June of this year, the temporary exhibition 'Crossing the Line: The Story of Women's football' was inaugurated.⁴³

CONSIDERATIONS ON THE MUSEALIZATION OF WOMEN'S FOOTBALL IN THE TWO MUSEUMS

Women's football, as we have seen, has had a deeply troubled history in both Brazil and England. Once the legal difficulties for its exercise in both countries have been overcome, intangible barriers remain which, in practice, may result in difficulties related to its musealization. This scientific process encompasses a set of actions that affect heritage assets, involving acquisition, documentation, research, conservation and communication and, as we have seen, is subject to pressures and influences both internal and external to the museum.

In this context, it is possible to state that the historical trajectory and the supporting role of women's football has led to a certain patrimonial "invisibility". The absence of championships and official teams for many decades, the lesser popularity of the sport and the persistent perception of "lesser value" – compared to men's soccer – have resulted in a restricted universe of assets that, for the most part, were safeguarded by individuals involved with the sport. These collectors were (and remain) fundamental to the acquisition and research processes undertaken by the Museu do Futebol and the National Football Museum.

In the case of the Museu do Futebol, within the scope of its project "Visibility for Women's Football", there was a collection of documents (textual and iconographic) that was kept by private collectors, and which were incorporated into the CRFB's collection. According to information published by the museum in 2015, "the biggest challenge to start putting together the pieces of the puzzle that is the history of women's participation in football was the absence of research sources in

⁴² NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *Women's Football Exhibition*.

⁴³ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *What's on*.

official bodies and archives”.⁴⁴ The museum continues to collect donations to expand its collection and research on women's football.

From the efforts which began in 2015, the CRFB has become a central hub for information and for research on women's football, which is subsidised by the museum's communication initiatives. To this end, the museum has “established partnerships to investigate the history of women's football and also to gather the memories of players and other professionals involved in the sport”.⁴⁵

When it comes to the National Football Museum, in line with its institutional proposals, efforts to expand the collection were just the first step. Throughout the “Unlocking [...]” project, the National Football Museum team promoted campaigns to encourage donations and loans of assets previously kept by sports institutions and private collectors. This resulted in a varied collection, in which a significant portion of the assets were donated by players, clubs and fans. In addition, as we have seen, the project allowed for a documentation effort that was aimed specifically at collections of women's football assets that, until 2017, had not been properly documented.

With regard to the predominant typologies of collected objects, although our research did not access complete information about each of the collections, we can state that, by incorporating assets from private collections, museums have gained access to a universe of pre-selected goods, reunited according to criteria and value scales established by private collectors. This results in a set in which the symbols of “good times”, victories and winners tend to prevail. Likewise, assets related to teams and athletes who work in organized or professional sports also prevail. “Official” documents (from clubs, federations) predominate, as well as clippings from journalistic articles.

However, even if the objects, textual and iconographic documents point to the “celebration” of women's sport, our research indicates that the themes that have been associated with the women's game within the scope of the museums here considered are not restricted to the exaltation of victories and victorious women, although this tends to be emphasised in museum communication.

⁴⁴ MUSEU DO FUTEBOL, *Visibilidade para o futebol feminino* (exposição virtual).

⁴⁵ MUSEU DO FUTEBOL, *Exposição de longa duração*.

When we observe the communicational actions of the Museu do Futebol, we see that, in the environment of the museum and its permanent exhibition, a celebratory narrative prevails and is expressed, among other aspects, in the cult of great characters. As we have seen, facts and personalities of Brazilian women's football were incorporated into the course of the long-term exhibition, within the pre-existing organizational logic and narrative tone. Text published by the museum states that:

Sala Anjos Barrocos creates the ethereal dimension of the idols that helped build the history of Brazilian football. As if floating in space, to the rhythmic sound of drums, 27 players of all time are honored. Among them, Julinho Botelho, Didi, Zagallo and Gilmar. Since 2015, the Football Museum has also included great Brazilian players: Marta, Formiga, Sissi and Cristiane Rozeira are also among the baroque angels.⁴⁶

At the same time, the text that describes the “Origens” (Origins) room highlights the moment when the practice of sport by women “[...] was brutally interrupted from 1941, when a Decree-Law of the dictatorial government of Getúlio Vargas, prohibits women from practicing sports”,⁴⁷ indicating that the negative facts related to the history of women's football are also addressed throughout the long-term exhibition.

However, it is in educational activities and virtual and temporary exhibitions that these “negative” issues and challenges surrounding women's football acquire prominence, with the association of sports practice by women with prejudice, struggle for equity and patriarchy, among others. In this context, the history of women's football and the trajectory of its great personalities are the starting point for the museum to foment discussions that go beyond the universe of sport.

We can cite as an example the booklet “Their Football” (2022), aimed at teachers. The successful career of the athlete Marta is the starting point for other discussions to be proposed around female participation in sport. The final text of the material, which “addressed the presence of women in a sport that still presents a lot of resistance to female performance”, invites teachers to debate with students about the professional barriers faced by women. We can also mention the temporary

⁴⁶ MUSEU DO FUTEBOL, *Exposição de longa duração*.

⁴⁷ MUSEU DO FUTEBOL, *Exposição de longa duração*.

exhibition *Contra-ataque (Counter-attack)* (2019), which, in the words of its organizers, “was more than an exhibition. It was a manifesto for equality on the pitch”⁴⁸ and “told how women had to fight to win the right to play, to uniforms that fit their bodies, to participate in sports management, refereeing, in the press and also the right to free movement in the stands”.⁴⁹ In the same direction, the temporary exhibition *Rainhas de Copas (Queen of World Cups)* highlights the “players’ fight for equality”.⁵⁰

When we examine the communicational actions of the National Football Museum around women's football, we observe that they are in keeping with the communicational tone adopted by this museum, in which the celebratory narrative prevails. We can cite, as an example, the text published to promote the guided tour “Women’s Football Tour” (implemented in 2018). Although it mentions the historical difficulties of the practice, the text privileges the positive facts and also exalts the resilience of this practice.

Learn how women's football grew during the First World War, attracting huge crowds in the early 20th century. Hear the story of Dick, Kerr Ladies, one of the sport's most successful teams, and discover why that popularity and success didn't stop the FA banning women's football in 1921. Trace the game's progress and rebirth through kits, memorabilia and artwork, featuring many fascinating items from our collection.⁵¹

In addition to this, it is possible to observe in the environment of the long-term exhibition the cult of prominent female characters, who are exalted through the incorporation and presentation of objects linked to their victorious trajectory, the placement of monuments⁵² and the inclusion of their names in the “Hall of Fame”, which concludes the visit to the museum. In this respect, as well as in the Museu do Futebol, the pre-existing narrative logic prevails, formulated from the protagonism of professional men's football, with women's football “embedded” within pre-existing physical and symbolic spaces.

⁴⁸ MUSEU DO FUTEBOL, *Contra-ataque! As mulheres no futebol*.

⁴⁹ MUSEU DO FUTEBOL, *Contra-ataque! As mulheres no futebol*.

⁵⁰ MUSEU DO FUTEBOL, *Rainhas de Copas*.

⁵¹ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Women’s Football Tour.

⁵² In 2019, a statue of player Lily Parr, who became the first England women's football player to be honoured with a statue at the National Football Museum, was unveiled.

However, within the scope of its various communication initiatives around the history of the women's game, the celebration coexists with the presentation of "bad" moments, with the collection's assets being associated with a wide range of themes – especially when it comes to actions parallel to the museum's main exhibition. We can mention the "Upfront and Onside" conference, organized in March 2018, which had the aim of approaching the development of national football in the context of "a series of issues faced by women's football, addressing questions about sexuality, gender roles, religion and culture".⁵³ We can also mention the series of podcasts 'Quite Unsuitable for Females' (2022), about which the museum states that "Prohibition is just one of the discussion points addressed. The team will look at the game's pioneers, international representation, uniforms through the ages, drawing parallels with the modern game".⁵⁴ Finally, it is worth mentioning that, within the scope of the 'Crossing the Line' project, there is a concern with expanding the collection and research sources on women's football, with a view to consolidating gender parity in the museum environment.⁵⁵

INSTITUTIONS BALANCING SUSTAINABILITY WITH SOCIETAL DEMAND?

Observing the changes which took place within the scope of the Museu do Futebol and the National Football Museum, which resulted in greater availability of material and informational subsidies aimed at increasing the presence of women's football, are, as we have seen, associated with the transformations and social demands of recent decades, as well as the demands of the public that frequents these museums. They may also be related to issues related to the management of museums and their financial sustainability – notably when it comes to attracting audiences, which is reflected in fundraising and winning support for the museum.

Throughout our investigation, we observed that, in the case of the Museu do Futebol the inclusion of women's football was a "response" to the demands of museum visitors. It took place as an action aimed at capturing larger and more

⁵³ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Upfront and onside.

⁵⁴ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *Quite unsuitable for females*.

⁵⁵ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *Crossing the line*.

diverse audiences, considering that the museum's public until then was predominantly male. It took place in a broad context of national and international visibility of women's football, in a year (2015) in which the Women's World Cup was being held and from a time when the modality was flourishing and gaining visibility in Brazil and in the world.

The text published in 2019 on the occasion of the launch of the *Counter-attack* exhibition reinforces the link between the museum's initiatives and major sporting events,⁵⁶ underlying the notion that the museum's interest in women's football would be supported by the growing popularity of this modality.

Holding an exhibition on women's football was an old wish of the Football Museum team, but a combination of factors made it possible for it to happen in 2019. One of them was the Women's Football World Cup in France. Since the beginning of the year, it was possible to see that the modality would receive different attention. The feminist movement had received new impetus months before and even brands began to realize the competition's visibility potential.

In fact, several marks were beaten this year: the Worlds had an audience of more than one billion spectators. For the first time, broadcasting on free-to-air TV enabled audience growth in Brazil, with a record 30 million people watching Brazil v France for the round of 16. There were attendance records in the stadiums, including in São Paulo, with 28,000 people watching Corinthians x São Paulo for the Paulistão women's final.⁵⁷

In the case of the National Football Museum, it was not possible to clearly identify the justifications that drove the first actions aimed at expanding the participation of women's football since 2015. However, it is possible to assume that this museum, which works closely with the Football Association (FA), meets the demands of this entity, considering the growing national popularity of football among English women – who not only practice it, but are also part of victorious teams, at national and international level. Additionally, the words of Tim Desmond (museum director), previously reproduced, explain the link between women's football and the increase in the number of female visitors.

Thus, in addition to social pressures for representation, the Museu do Futebol and the National Football Museum have also been pressured by the need to raise

⁵⁶ Copas do Mundo femininas de 2015 e 2019.

⁵⁷ MUSEU DO FUTEBOL, O ano dos recordes no futebol feminino.

additional funds and expand audiences. In this context, they perceived women's football as a tool capable of attracting a (female) audience that would be far from football museums, to streamline and diversify the museum's portfolio of activities, as well as to attract new financial support. They took advantage of women's football to reinforce their position as institutions in tune with current movements, associated with research and knowledge sharing and as open spaces for discussions that go beyond the universe of sport.

However, although challenged by the need to increase revenue, the museums considered here also have (to a greater or lesser extent) a relative “financial independence”, since the largest portion of their costs is financed through government funds. They have, moreover, the obligation to act in line with their institutional commitments, related to their quality as “museums”, as well as their proposal to be in tune with the changes that occur in the societies in which they are established. This is an opportunity that drives them to question paradigms and implement pioneering changes within the universe of football museums, which are expressed, among other aspects, in the inclusion of women's football.

CONCLUSION

Against the backdrop of the dominance of men's football, the Museu do Futebol and the National Football Museum saw their resources, processes and communication being directed, since their foundation, to the professional men's sport. However, throughout this research, we identified significant changes which occurred in the last ten years.

In both museums, the year 2015 was a starting point regarding the notion that women's football should have a physical and symbolic space equivalent to that dedicated to men's football. In line with a time when the practice of this modality gained popularity, being endorsed and supported by the consumer market, the media and the legitimizing instances of the sport, there is the inclusion and expansion of the space for women's football within the scope of the Museu do Futebol and the National Football Museum.

In this scenario, our research indicates that the combination of factors that allowed the museums here considered to dedicate their efforts to women's football, a few years after their foundation, resulted in the implementation of a multidimensional approach to the sports history, in line with the demands and pressures for financial sustainability and according to institutional commitments. Supported by the professionalism of their teams, by the available resources and acquired experience, the Museu do Futebol and the National Football Museum seem to have found solutions that allow them to celebrate talents and achievements, without neglecting the “defeats” that remain as an important part of women's football history.

In this sense, they also seem to understand that, by entering the museum through its great characters and symbolic objects of its great achievements, women's football “fits” into the pre-established standards around the men's sport and legitimizes itself as equally relevant. At the same time, even considering the long distance yet to be covered, they have been taking advantage of women's football as a platform from which they can truly function as contemporary “museums”, being inclusive, fostering diversity and reflection.

* * *

ACKNOWLEDGEMENTS

I would like to thank Mark Biram for translating this article into English and thus making it available to a wider audience.

* * *

REFERENCES

ALMEIDA, Caroline Soares. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, 2019.

ART FUND. Museums and Galleries, National Football Museum. Disponível em: <https://bit.ly/3Pwul45>. Acesso em: 07 mar. 2023.

FUTEBOL POR ELAS. **Carta Capital**, São Paulo, 20 mar. 2019.

GILLING, Juliana. Raising the game: football museum directors shoot for the goal during the 2022 FIFA World Cup. **IAAPA News**, Orlando, 12 dez. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil. **Ludopédio**, São Paulo, v. 135, n. 36, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O futebol das mulheres é realidade no Brasil. In: JANUÁRIO, Soraya Barreto; KNIJNIK, Jorge. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil**. Recife: Ed. UFPE, 2022, p. 8-10.

ICOM. Icom aprova a nova definição de museu. São Paulo, 25 ago. 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 05 mar. 2023.

JANUÁRIO, Soraya; KNIJNIK, Jorge. Liberdade, ainda que tardia: a revolução feminina no futebol brasileiro. In: _____. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, 2022, p. 11-32.

JANUÁRIO, Soraya; KNIJNIK, Jorge. Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro. In: _____. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, 2022, p. 434-458.

KNIJNIK, Jorge. Femininities and Masculinities in Brazilian Women's Football: Resistance and Compliance. **Journal of International Women's Studies**, 2015, 16 (3), p. 54-70. Disponível em: <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol16/iss3/5>. Acesso em: 25 jun. 2023.

LIMA, Ana; QUADRADO, Raquel; KNIJNIK, Jorge. Por um futebol universitário praticado por mulheres. In: JANUÁRIO, Soraya; KNIJNIK, Jorge. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, 2022, p. 264-292.

MITIDIARI, Maria Cristina de Azevedo. **A experiência esportiva nos museus: os museus do esporte e a comunicação celebratória do patrimônio esportivo musealizado**. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio). UNIRIO/MAST PPGPMUS, Rio de Janeiro, 2022.

MUSEU DO FUTEBOL. **Mulheres, desobediência e resiliência** (Exposição virtual). Disponível em: <https://bit.ly/43WV3g1>. Acesso em: 24 maio 2023.

MUSEU DO FUTEBOL. **Rainhas de Copas** (Exposição temporária). Disponível em: <https://bit.ly/46o5avZ>. Acesso em: 25 jun. 2023.

MUSEU DO FUTEBOL. **Contra-ataque! As mulheres no futebol**, 2019.

MUSEU DO FUTEBOL. Notas sobre coleções de mulheres no acervo do museu do futebol. Disponível em: <https://bit.ly/3NNso7L>. Acesso em: 07 mar. 2023.

MUSEU DO FUTEBOL. Missão. Visão e valores. Disponível em: <https://bit.ly/3Pq91mq>. Acesso em: 24 maio 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. Visibilidade para o futebol feminino. Disponível em: <https://bit.ly/430zs56>. Acesso em: 24 maio 2021.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. **Quite unsuitable for females**. Disponível em: <https://bit.ly/441TgGI>. Acesso em: 05 mar. 2023.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. Upfront and Onside: The Women's Football Conference. Disponível em: <https://encurtador.com.br/duMQY>. Acesso em: 24 maio 2021.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. Women's Football Tour. Disponível em: <https://encurtador.com.br/uvxT6>. Acesso em: 05 mar. 2023.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. Annual Report, 2018/2019.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. **Women's Football Exhibition**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gmnDQ>; <https://encurtador.com.br/x1247>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PESSANHA, Nathália Fernandes. Capítulo 9. In: _____. **Mulheres em campo: presença feminina dentro e fora das quatro linhas**, 2018, p. 237-262.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2016, v. 30, n. 2, p. 303-311.

SCARLETT, Belinda. Unlocking the hidden story of women's football. Collections Trust, Leicester, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/IV2V>. Acesso em: 03 mar. 2023.

THE FA. History. Women's & Girls. Disponível em: <https://shre.ink/IV2G>. Acesso em: 15 mar. 2023.

WILLIAMS, Jean. **The History of Women's Football**. In: WILLIAMS, Jean. Banned. Barnsley, UK: Editora Pen and Sword History, 2022.

WOLF, Luiza. Futebol feminino terá espaço no museu do Pacaembu. **Folha UOL**, São Paulo, 8 mar. 2015. Disponível em: <https://shre.ink/IV2t>. Acesso em: 20 maio 2022.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.
Aprovado em: 30 jul. 2023.

A trajetória da guarda-redes e árbitra no futebol moçambicano: Elsa da Graça Mavile

The trajectory of the goalkeeper and referee in the Mozambican football: Elsa da Graça Mavile

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Doutor em Estudos Literários, UFMG
gustavocguimaraes@hotmail.com

Eunice Marisa Fernandes

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Graduada em Letras, UEM

Nimwive Agostinho Silvino

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Graduando em Letras, UEM

RESUMO: Entrevista a Elsa da Graça Mavile, árbitra e ex-goleira moçambicana, sobre os desafios de sua trajetória no futebol, realizada no Instituto Guimarães Rosa, em Maputo, em 2022, como parte do projeto da exposição de artes *Futebol e memória: guarda-redes do Brasil e de Moçambique*, exibida ao longo da Copa do Mundo no Qatar. Elsa nasceu em Maputo, em 1982, onde começou a jogar bola com meninos e a participar de torneios femininos entre 1997 e 2007. Chegou à baliza da seleção nacional em 2002. Hoje, exerce a arbitragem.

PALAVRAS-CHAVE: Elsa Mavile; Futebol feminino; Narrativas de futebol; Futebol moçambicano; Futebol e gênero.

ABSTRACT: Interview with Elsa da Graça Mavile, referee and former Mozambican goalkeeper, about the challenges of her career in football, held at the Instituto Guimarães Rosa, in Maputo, in 2022, as part of the art exhibition project *Football and memory: goalkeeper of Brazil and Mozambique*, shown during the World Cup in Qatar. Elsa was born in Maputo, in 1982, where she started playing ball with boys and participating in women's tournaments between 1997 and 2007. She reached the goal of the national team in 2002. Today, she practices refereeing.

KEYWORDS: Elsa Mavile; Women's football; Football narratives; Mozambican football; Football and gender.

Elsa da Graça Mavile nasceu em Maputo no dia 29 de julho de 1982. Jogou pelos clubes Rock 7 (1997-2004), Spice (2004-05), Porto da Matola (2005-06) e Paradise (2006-07), ganhando alguns títulos, foi tricampeã da Cidade pelo Rock 7, bicampeã da Cidade pelo Spice e campeã da Cidade pelo Paradise. Também foi campeã pela seleção moçambicana, em 2002, da Universíada. Elsa passou sua infância no bairro da Polana Cimento, em Maputo, e sua adolescência na Cidade da Matola, onde começou a jogar bola com os meninos, pois, naquela época as meninas pouco se arriscavam a chutar a bola. Mais tarde, no futebol de 11, passou a atuar no meio-de-campo. Um dia, por acaso, uma colega solicitou a Elsa que se pusesse à baliza, de onde não mais saiu. Com 1,64 m de altura, ágil e determinada, em 1997, estreou pelo Rock 7, destacando-se no futebol feminino amador de Maputo até chegar à seleção moçambicana. Teve poucas referências de guarda-redes em sua formação. Gostava de observar os jogos dos arqueiros masculinos. Atualmente, é árbitra de futebol e vive no Município de Boane, em Campoane.

Esta entrevista, realizada por Eunice Marisa Fernandes, foi filmada por Arlindo Dombole e Arlindo Miado, no Instituto Guimarães Rosa, em Maputo, no dia 3 de novembro de 2022, no âmbito do projeto da exposição de artes *Futebol e memória: guarda-redes do Brasil e de Moçambique*, ao longo da Copa do Mundo de Futebol, em 2022.

¹ Curso ministrado pelo pesquisador do CRFB/Museu do Futebol, Marcel Tonini, em dois encontros on-line.

A transcrição da entrevista é de Agostinho Silvino e o roteiro e a redação final são de Gustavo Cerqueira – a partir do curso de História Oral e de Técnicas de Entrevista oferecido pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol de São Paulo.¹

* * *



Uma menina e dez meninos. A guarda-redes Elsa alinhada aos jogadores futebol masculino. Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.

Eunice Fernandes, Gustavo Cerqueira e Agostinho Silvino:
Para começar, gostaríamos que nos falasse um pouco da tua infância e adolescência, do lugar onde cresceste... onde tu estudaste?

Elsa Mavile: Na minha infância, joguei futebol de bairro, com rapazes, por falta de raparigas interessadas. Eu era uma intrusa. Sempre que houvesse um jogo de futebol, eu lá ia. Chamávamos de “um toque”, jogávamos entre duas árvores, e ficava a jogar entre as balizas, que eram as árvores. Mas, às vezes, ia ao campo ao lado da minha casa, onde ia assistir aos jogos e fui me apaixonando pelo futebol porque me chamavam de “Maria-rapaz”, pois eu não brincava com meninas, nunca tive vocação para fazê-lo, apenas estava mais para o lado dos homens. Assim sendo, tudo que os homens faziam na altura, era futebol, um arame ali, um carrinho ali, eu estava lá. Nos anos 1990, a Sandra que vivia nas minhas proximidades, na Polana Cimento, e as meninas da família dela juntavam-se a mim para que jogássemos futebol. Então num belo dia, decidimos fazer um desafio na zona e fomos a um pátio no prédio onde a Sandra morava e ficamos lá a jogar. Para dizer que me inspirei

tanto por ver a Sandra a jogar, mas tinha medo de me achegar a ela e perguntar onde é que ela jogava. Certo dia, apareceu em minha casa uma menina que jogava com a Sandra no Rock 7, ela falou de futebol de tal modo que perguntei se existe alguma equipa feminina de futebol, ela respondeu que sim e, em seguida, convidou-me a jogar e eu aceitei. Juntas fomos, ela apresentou-me o clube e engrenei-me no ano de 1997. Estudei na EP1 e na Escola Secundária da Polana e, passado muito tempo, fiz a minha EP2 na Escola de irmãs mas acabei parando por motivos dos quais agora não me lembro, mas o certo é que eu tinha um treinador que insistia para que estudássemos ele não queria jogadoras que não estudassem de tal modo que com seus incentivos, acabei voltando à escola.

Conte-nos um pouco sobre si, sobre teus pais e tua família.

Os meus pais sempre me apoiaram, apenas o meu avô é que não gostava de me ver jogar futebol, porque alegava que, por ser mulher, eu tinha que ficar em casa, nesse cenário, eu desaparecia sorrateiramente de casa somente para ir fazer um jogo

de futebol e quando eu voltava ele batia-me. Mas eu não deixava de lá ir, pois a minha mãe sempre apoiou-me e o meu pai também, apesar de ser de longe. Pelas insistências, o meu avô percebeu que era o que eu gostava de fazer e deu-me um passe livre para que, finalmente, eu jogasse futebol, mas com a condição de não deixar de ir à escola.

Hoje, o que fazes no dia a dia, qual a tua ocupação?

Até parar de jogar futebol, fui goleira, começando antes como média do lado direito, mas num dos dias, uma colega de equipa propôs ao treinador para que eu jogasse no gol e desde aquele dia, o treinador passou a apostar em mim, de tal modo que segui como goleira até à minha aposentadoria. Atualmente, sou funcionária de uma indústria, assistente financeira, estudante do ISN-Matola, cursando Contabilidade e Auditoria. Sou árbitra e tiro alguns dias para poder treinar, como forma de manter a forma física.

Como tu descobriste o futebol? Teve algum incentivo familiar para gostar do jogo?

Em casa não havia alguém que gostasse de jogar futebol. O meu

avô, por exemplo, apenas assistia ou escutava aos relatos dos jogos pela rádio. As minhas tias foram praticantes de desporto mas não o futebolístico, pelo contrário, dedicaram-se ao basquetebol, o que quer dizer que não me inspirei em ninguém da família na área do futebol. Como eu disse antes, havia um campo ao lado da nossa casa e, sempre que houvesse algum jogo por lá, íamos ao muro assistir aos jogos que eram muito competitivos.

Como chegaste ao primeiro clube?

Através duma conhecida que ouvira dizer que eu queria jogar futebol, esta que falou com a prima chamada Patucha, que também jogava futebol, para que me levasse ao local onde elas praticavam.

Qual a tua lembrança mais antiga de futebol? Recordas de alguma experiência marcante que envolva o jogo da bola... (inusitada, engraçada ou emocionante).

Algo que me marcou muito, foi no campo, que agora não me recordo o nome, mas fica onde agora tem a escola do ISPU. Num sábado, fomos fazer um jogo entre a equipa feminina de-

safiando a masculina que era a finalização para, no dia seguinte, fazermos um jogo oficial. Lembro-me ainda da primeira vez que fui à baliza porque a goleira principal chegou tarde e, naquele mesmo dia, tive um choque com um jovem, num lance de pontapé de canto, em que num cruzamento para a nossa área, ao invés de ir à bola com os punhos para socá-la, fui com a cabeça e de olhos fechados numa situação imprópria e o meu queixo chocou-se na nuca do jovem de tal modo que me aleijei nos dentes, eles tiveram uma inclinação, e o jogo teve que parar porque foi grave.

Foi adepta ou és adepta de algum clube?

Sim, aqui em Moçambique sou pelo Maxaquene, que hoje está onde está [segunda divisão do campeonato nacional], mas é uma equipa de coração. Fora do país, em Portugal, sou adepta do Porto F. C.

Quais eram os principais clubes, técnicos/treinadores e atletas do futebol feminino de tua época?

Em primeiro lugar, os clubes Rock 7, Ajax, Gatas Negras, Cos-

mos e os outros já não aparecem em mente. Quanto aos treinadores, destaco Waze Bota e Luís Nhancale. E quanto às atletas, temos a Sandra Coroma, Dukce Miguel Mendes, Aminagy Gafur, Olávia Matavel, as outras só posso citar os primeiros nomes: Laila, Maninha e as demais.

Quais foram tuas referências no meio futebolístico, teus modelos na posição de guarda-metas?

Eu me inspirava em Brian Baloyi [goleiro sul-africano que disputou a Copa do Mundo, em 1998 e as Olimpíadas, em 2000], eu fui buscando aquilo que ele fazia para aplicar no meu dia a dia.

Tu jogaste em clubes amadores? Conte-nos tua experiência.

Sim, já joguei e foi uma experiência positiva na África do Sul, onde nós jogávamos em torneios, saindo de uma cidade para outra para fazer torneio e, em algum momento, jogávamos futebol 11 e, por vezes, futsal. Numa das vezes, fomos a uma cidade jogar e o torneio iniciou pelo meio-dia e só terminou às dez da noite, onde fui eleita melhor goleira.

Quais eram as tuas principais características dentro de campo?

Eu era muito rebelde. A posição de goleiro obriga-nos, no momento do jogo intenso, a não deixar nada passar. A nossa luta naquele momento é pela vitória, razão pela qual eu era muito brava.

Em quais clubes jogaste?

Já joguei no Rock 7 [1997-2004], Spice [2004-05], Porto da Matola [2005-06] e Paradise [2006-07].

Já participaste de campeonatos oficiais, conquistaste títulos? Se sim, quais?

Particpei, sim em vários campeonatos nacionais e fomos campeãs da Cidade de Maputo e, num desses campeonatos, acabei sendo convocada para a seleção.

Quantos jogos? Quais competições? Conte um pouco sobre tua experiência na seleção...

A minha primeira convocatória para a seleção partiu do campeonato feminino, no ano de 2002, jogo contra a África do Sul, um torneio entre universidades e, visto que a Universidade Eduardo Mondlane não tinha uma equipa de futebol feminino,

nós fomos para lá com a nossa seleção para representar o país e conseguimos conquistar o campeonato, mas é de salientar que no primeiro jogo, sofri o primeiro golo, nos primeiros segundos do jogo, a bola vinha em rosca, eu me baixava para buscá-la e ela passou por meio das minhas mãos, escapando-se. Eu estava a vários metros da baliza e quando tentei ir atrás da bola já era tarde. Joguei também na África do Sul.



Em 2002, em seu primeiro ano de seleção, Elsa fora de campo com as companheiras, jogo contra a África do Sul.

Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.
Capa da revista *FuLiA/UFMG*, v. 8, n. 2 e 3, 2023.

Como começaste a jogar para a África do Sul?

Tive a honra de ter uma medalha e dignificar o país. A equipa foi o Free State, que me acolheu quando eu lá cheguei, porque eu precisava de me ocupar, e falei para a minha mãe que eu não queria estar em casa, acordar e arrumá-la, depois, cozinhar... Queria, na verdade, algo que me fizesse sentir viva, porque sentada, em casa, me sentia morta. Estando eu sentada no quintal de casa, vi um moço que sempre passava a mesma hora e eu dizia à mãe que aquele moço ia sempre jogar futebol. Ela perguntava se eu gostaria de continuar a jogar e eu respondia que sim. Mas a dificuldade surgia porque eu não tinha como me comunicar com o rapaz pois falávamos línguas diferentes, mas a minha mãe se dispôs a ajudar. Num dos dias em que ele passava, o interpelamos, pedindo-o um minuto dele. Ele respondeu que estava com pressa, mas explicamos que seria uma coisa de curto tempo e ele veio perguntando como poderia nos ajudar. Sem alongar muito, a minha mãe disse-lhe que eu gostaria de jogar futebol e que todos os dias o via passando a àquela hora. Como ela fará para poder se engrenar onde tu jo-

gas? ao que ele respondeu que se tratava de uma equipa masculina, sem alguma menina no plantel. A minha mãe respondeu que estava tudo bem, que eu sabia jogar futebol, pois precisava de um lugar para passar o tempo e sair de casa. O rapaz respondeu que informaria ao clube naquele mesmo dia e que no dia seguinte passaria para levá-la. Perguntei a ele sobre que tipo de futebol praticam e ele respondeu que jogavam futsal. Assim, arrumei meus calçados no dia seguinte e, lá, fui com ele. Chegado ao campo de treinos, ele me apresenta à equipa e, para o meu azar, era a pré-época. Foi duro mas visto que eu queria tanto jogar, fui engrenando e, num belo dia, a treinadora disse que tínhamos uma viagem para Nelspruit e eu disse que queria ir. Ela perguntou se eu estava pronta para jogar, eu respondi que, caso me colocasse, eu jogaria. Estou a treinar por todos esses dias é porque quero jogar. Visto que a senhora queria fazer o seu marketing, quando chegamos ao jogo, colocou-me na titularidade, de tal modo que o adversário ficou encabulado pois num torneio daqueles de 16 equipas, jogava-se eliminatórias. Fiz oito jogos num único dia de modo que já não que-

ria mais nada naquele dia, porque os meus braços estavam todos inflamados, e mesmo assim voltamos com a taça e o valor que eles tinham para dar.

O que levou a tua mãe a mudar-se para a África do Sul, quanto tempo por lá ficastes?

Nós somos uma família de cinco irmãos. Eu sou gêmea e somos as primeiras. Dos cinco irmãos, perdemos uma que era esposa dum jogador chamado Nando Matola, em um acidente fatal em que toda a sua família se foi. A minha irmã chamava-se Sheila.² Fiquei na África do sul por pouco tempo e tive que voltar sozinha porque não consegui me adaptar devido às temperaturas baixas, das quais não me habituo. Fiquei lá por um ano e aprendi o idioma. O motivo que nos levou para lá foi a missão do serviço que a minha mãe tinha que cumprir.

Após a minha volta ao país, voltei a jogar no nosso futebol moçambicano, levando a vida normalmente. Passado algum tempo, fizeram novamente a convocatória e o meu nome

² Conf.: “Num trágico acidente na RAS: Morre Nando Matola jogador dos Mambas”, 2007. Sobre o acidente de carro de Sheila, irmã de Elsa, os dois filhos e o marido, futebolista.

constava da lista, fomos a um torneio realizado no Zimbábue, chegamos até aos quartos de final, mas, infelizmente, perdemos por 1 a 0 para a Zâmbia. Pela seleção, fizemos jogos na Argélia, Zimbábue, Moçambique e África do Sul. A minha última participação pela seleção foi contra a Argélia, no ano de 2007.



Nos anos 2000, Elsa em viagem com as suas companheiras da seleção moçambicana. Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.

A tua irmã gêmea também joga à bola?

Não, nunca quis nada profissional. Apenas jogávamos ao futebol de bairro.

E hoje frequentas jogos de futebol? Se sim, vais ao campo com quem?

Sim, frequento e gosto. Vou assisti-los com as minhas amigas, às vezes levava a minha filha mas acabei por pedir que a minha mãe a levasse, o que fazia com que fosse ou sozinha ou com as minhas amigas. Mas ando perdendo gosto de ir aos campos, vou muito mais por causa da arbitragem. O nosso futebol está uma lástima que já não me dá vontade de lá ir.

Acompanhas o futebol pelo rádio ou pela TV, quais competições?

No momento não acompanho, ou se acompanho, tem sido pela rádio e acompanho muito mal.

Quais iniciativas são feitas para a preservação da memória das jogadoras e dos clubes de futebol feminino de Moçambique? Vês alguma importância nisso?

Vejo e não tenho pernas para andar. Eu vejo mas os outros talvez não queiram levar a peito, então, isso fica em banho-maria.

Se fizéssemos uma exposição num centro de memórias para abordar episódios de racismo no futebol moçambicano, o que dirias?

Para ser sincera, quando jogamos, éramos todas de raça negra, não havia raça branca, apenas algumas mulatas, e sem racismo no futebol feminino.

Se fizéssemos um livro para falar sobre as condições de trabalho das jogadoras moçambicanas no passado, o que não poderia faltar?

O futebol feminino é, na verdade, uma modalidade sem apoio e, para mim, é algo de se lamentar pois por mais que a gente vá e conquiste patrocínios, não temos pernas para andar. Nalgum momento, são os próprios dirigentes que nos cortam os pés, o que deixa o futebol feminino sem muito a dar. As mulheres jogam porque gostam, mas não temos incentivo, só temos lamentações, razão pela qual o tempo em que jogamos futebol é muito curto, pois temos que, nalgum momento, olhar

para o nosso futuro, porque o futebol não nos dá nada, a gente joga apenas porque gosta, jogamos apenas por amor à camisa. Joguei de 1997 a 2007.

Se fosse criado um museu do futebol em Moçambique, quais guarda-redes não poderiam faltar?

Eu falaria de mim mesma. Eu não poderia faltar. E o Brian Baloyi.

Sabemos que a guarda-redes passa grande parte da partida sozinha, solitária, o que você pensava enquanto jogava?

Pensava que sempre viria uma bola e que eu teria que pular para segurá-la, para que ela não chegasse ao chão. Estando sentada, imaginava uma bola que não pudesse chegar ao chão, em que eu teria de levantar, correr e, em seguida, fazer o voo, encaixar e cair com a bola. Quando estamos no gol, não imaginamos o que vamos fazer quando surge um ataque, apenas agimos, vemos apenas o cenário da bola em arco e temos que pensar/agir rápido se tenho que tirar a bola ou segurá-la, ou se a bola deve ou não chegar ao chão.

É comum, infelizmente, ouvirmos histórias de jogadoras que sofrem preconceito por jogarem futebol. Isso aconteceu contigo? Se sim, quais foram as dificuldades encontradas. Saberias dizer sobre a experiência de outras jogadoras de tua época?

Não, nós tínhamos mais apoio ainda.

Então, achas que, nos últimos anos, há ações efetivas em Moçambique que estimulem as mulheres a praticarem futebol?

Não, não existe.

Já sofreste assédio da parte técnica quando iam nas viagens em equipa?

Tocou num ponto muito importante. Eu, em particular, nunca sofri, e as que sofriam não vinham dizer ao grupo, mas notávamos as atitudes, pois por mais que algumas jogadoras não dessem nada de esforço nos treinos, estavam sempre no onze inicial. Não tínhamos alguém para nos apoiar, a não ser a médica, que considerávamos como sendo a nossa mãe. A gente chorava para ela, porque a treinadora é um assunto que vem depois.

Houve uma selecionadora mas era apenas uma capa de revista, porque os dirigentes não foram buscar alguém que entende da matéria, mas, sim, alguém de “faz-de-conta”, alguém que servisse apenas para enfeitar, e no meio daquilo tudo era só fantochada. Na verdade, se algum dia sofri assédio, foi na arbitragem. Mas como sempre digo, sou uma pessoa determinada vou à arbitragem com o objetivo de ser juíza do jogo. Sou feliz na arbitragem hoje, porém, alguma coisa não fez com que eu realizasse aquele que era o meu sonho no futebol. Nessa parte, só tenho mesmo de lamentar.

Como deixaste o futebol para seguir com a arbitragem?

Primeiramente, o convite da minha amiga para área da arbitragem. Era para eu fazer apenas o curso, enquanto continuava jogando futebol. Caso eu gostasse, poderia lá ficar. Aceitei o convite, e fomos juntas. O curso durou um mês. Aprendi muito de arbitragem, mas continuei jogando futebol.

Depois de um tempo, lá na arbitragem, avisaram-me que fiquei em terceiro lugar com uma grande pontuação. Convidaram-me para fazer parte da casa da arbitragem, e eu pensei se,

simultaneamente, poderia jogar e me empenhar na arbitragem. Mas a escolha tinha que ser uma: ou servisse no futebol como jogadora ou como árbitra. Após analisarem a minha situação, chegou-se à conclusão de que poderia ajuizar os jogos masculinos e jogando pelo futebol feminino. Fui fazendo esse exercício na época inteira e, no ano seguinte, a ACNAF disse que eu tinha que me decidir de tal modo que fiquei entre as paredes. Falei com o meu treinador que a minha idade já havia avançado e que precisaria de atirar a minha toalha ao chão. O treinador entendeu e deixou-me seguir em frente.

O que seria difícil é que no ano a seguir, quando estivesse totalmente entregue à arbitragem, teria que não só ajuizar os jogos masculinos mas do mesmo modos os femininos. Foi muito difícil porque as jogadoras diziam “essa foi jogadora”, não pode ajuizar nossos jogos. Mas eu não devia satisfação a elas e evitava discutir. Entrei na arbitragem como assistente de carreira, mas o tempo foi escolhendo para mim e um dia disseram-me que não deveria trabalhar apenas com a bandeirola, porque o apito também fazia parte da arbitragem e eu

deveria passar a usá-lo. Passei a fazer jogos de BEBECs e iniciados como sendo a árbitra principal e passei também a ser árbitra principal de jogos femininos, foi uma grande guerra. No campo da Académica, por exemplo, num dos jogos do Paradise, eu ouvi grandes falácias de um trio de jogadoras. Quando eu apitava alguma falta, diziam “ela não sabe nada” e me zoavam das bancadas de tal modo que a amiga que me levava para o curso de arbitragem ficou furiosa e começou a exaltar-se tanto que acabei dando-a uma cartolina amarela, avisando-a que da próxima vez, teria uma cartolina vermelha. O treinador Waze, que foi meu ex-treinador no Paradise e no Rock 7, também exaltou-se tanto que eu dirigi-me a ele e disse-lhe que não o expulsaria porque ele tinha que ver o jogo e quem eu tinha me tornado, pois eu estava lá graças a ele. Quando eu apitava uma falta a favor do Paradise, as pessoas diziam que eu estava favorecendo a minha antiga equipa, mas nós não estamos em campo para favorecer a ninguém, o árbitro, no momento do jogo, é imparcial, mas as pessoas não percebem isso. O jogo terminou e fui noutro, que também era feminino, e me foi dada a

missão de apitar apenas os jogos femininos até que elas se abalixassem comigo, pois tinham que entender que eu já não era jogadora, mas, sim, árbitra. Foi desse jeito que trabalhei até os dias de hoje, várias delas já não estão no futebol. A arbitragem é uma atividade individual, se tu treinas ou não está tudo na tua posse. Estas medalhas e troféus vem de muito trabalho de arbitragem.



Elsa Mavile compartilha suas memórias futebolísticas no Auditório José Craveirinha, IGR-Maputo. Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.

Começo da Taça João Albasini, no ano de 2013, fomos

eleitos como o melhor quarteto; em 2018, no Torneio João Albasini fui eleita melhor árbitra; no mesmo ano, Liga Nacional de Futebol Feminino, Taça em Lichinga, melhor árbitra, entre União Desportiva de Lichinga x Academia de Nampula. O jogo não terminou, pois, após a primeira parte, eu assinaliei uma grande penalidade a favor da equipa de Lichinga e a equipa de Nampula recusou-se a defender o pênalti. E o jogo teve que terminar com a vitória da equipa da casa. Em 2019, na 10^a edição da Taça João Albasini, como sendo melhor árbitra; em 2019, Torneio Victor Miguel, melhor árbitra. Na arbitragem, sofremos muito preconceito, mas, é normal. As pessoas fazem qualquer coisa para atrapalhar-nos.

E como te preparas para apitar?

Há procedimentos rigorosos para ser árbitro. Primeiro, fazer porque gosta, depois, decidir o que te leva para lá. Devemos ir para a arbitragem sabendo que é doloroso mas o tempo determinará. Cada seção é uma determinação, um jogo tem 90 minutos, mas deves treinar. Num jogo, quem corre mais é um árbitro e não os jogadores. Se quiser alcançar a segunda liga, deve

correr tanto e deve haver um preparador. O treino do árbitro equipara-se ao de um atleta. Em 75 segundos, tens que correr 18 segundos o que dá um total de dez voltas [ao redor do campo] e descansas, mas é muito puxado. Antes de iniciar uma partida, devemos conversar e aquecer, encarando o público como parte do dia a dia.

Já fui injustiçada, disseram-me que para ser árbitro FIFA deveria cortar o cabelo. Fiz uma pesquisa para ver o erro que o meu cabelo tem e hoje pergunto: será que o cabelo influencia na estatura física, por acaso o meu cabelo é quem corre? Se assim for, estou fora. Chorei tanto porque via cada vez mais as nomeações em que as pessoas eram chamadas para serem FIFA. As pessoas não podem ir à arbitragem por dinheiro, mas, sim, pela dignidade, pois para chegar a ser FIFA exige-se muito trabalho. Estou há quinze anos a trabalhar. A arbitragem é o dia a dia, não me importa se o nível é feminino, júnior ou sênior estou lá para fazer os jogos e gosto do que faço.

Se pudesses sintetizar o que o futebol representou ou representa na tua vida, o que dirias?

A mim, o futebol dignificou. Onde eu ando ou onde eu andava, as pessoas conseguiam chamar-me de guarda-redes, eu me sentia honrada. Para mim ser goleira foi de grande valia, pois ganhei família. Por onde eu passasse, havia sempre um a dizer que aquela é jogadora fulana ou “x” ou “y”. Essa é uma coisa que até hoje tenho comigo, pois por onde eu passo, as pessoas dizem “aquela foi goleira do Rock 7”, não falam outro nome, sempre Rock 7, que para mim é a equipa mãe, porque me trouxe ao futebol e fez de mim Elsa neste nosso Maputo. Até hoje estou onde estou graças ao futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

Um goleiro, uma garantia: guarda-redes de Moçambique. Qeracê. Documentário. Instituto Guimarães Rosa, Brasil, Moçambique, 2022, 45 min.

Ideias Subversivas (Blog). Num trágico acidente na RAS: Morre Nando Matola jogador dos Mambas, 5 set. 2007. Disponível em: <http://bitly.ws/IKPX>. Acesso em: 7 abr. 2023.

* * *

Recebido em: 16 jun. 2023.
Aprovado em: 25 de jun. 2023.

Professions for women & other feminist sports

Tatiana Pequeno *

Jorge Knijnik (Translator) **

if i didn't have a name
indeed nobody would know it
running through the field
doesn't make me essential but people
after they amputated me
the throat the voice the word
running through the field makes me
indeed scorer holding-mid but
never attacking mid or dull
playing came after hunger
i was born on tiptoes
got a name from
the nipples to the cleats
running through the field makes me
have wings be a bird be who
named marta bárbara bia

maria formiga pia nicknames
not all in the diminutive
running through the field makes me
a human *repentista* player
i have a bigger bigger
dream ball in the net
i have a bigger bigger
zeal running through the field
now writing *ginga*
woman also signs it
scores and has a name inscribed
in capital letters on the jersey.

Cheers! A toast to Tatiana Pequeno, who participated in the first edition of **FuLiA/UFMG** magazine in 2016 with the poem "A descoberta do mundo depois da Copa de 1994",¹ shining uniquely bright on players Jorginho, Ricardo Rocha, Leonardo, Dunga, and Branco. Seven years later, she sends us the unpublished poem themed around women's football: "Professions for women & other feminist sports".

In a time of affirmation for female footballers in the world of work, the title cleverly alludes to the compilation of essays *Professions for women and other feminist articles* by the English modernist Virginia Woolf (1882-1941), published in Brazil ten years ago.²

Included in this dossier on *Football and Women*, this poem, so sensitive to female footballers, solidifies their place in this game once and for all – "never attacking mid or dull". Moreover, the poem mentions names: the superstar Marta, Bárbara, the goalkeeper who played in four World Cups, and Pia, Brazil's foreign coach. The legendary former player Formiga and the striker Bia (Zaneratto) are also remembered, along with Maria, hinting at the invocation of all football girls, the forwards and midfielders in their journeys. After all, the woman who now runs on the field becomes "a human *repentista* player".

* * *

¹ PEQUENO. A descoberta do mundo depois da Copa de 1994. *FuLiA/UFMG*, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3OCFg0V>.

² WOOLF. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, 2013.

* Tatiana Pequeno is a literature professor at the Federal Fluminense University, dedicated to researching literature produced by women. She holds a PhD in Portuguese Literature from the Federal University of Rio de Janeiro, with a thesis on Gabriela Llansol and Al Berto.

She has published four poetry books: *Réplica das urtigas* (2009) and *Aceno* (2014), by Oficina Raquel, *Onde estão as bombas* (2019), by Edições Macondo, and *Tocar o terror* (2021), by Cult Editora. She has also participated in a series of poetry documentaries produced by researcher and poet Alberto Pucheu: *Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo* (2019). Her writings have been featured in anthologies and magazines focused on art, culture, and literature.

In 2022, she participated in the "Feira do Livro de Maputo", em Mozambique, as a Brazilian writer invited by the Instituto Guimarães Rosa.

** Jorge Knijnik is a lecturer at Western Sydney University in Australia. He is an inaugural committee member of Women in Football Australia, a national association whose mission is to support gender equity within the Australian sports context.



Bárbara, oil on canvas, Armando S.
Exhibition *Football and memory: goalkeepers from Brazil and Mozambique*,
IGR-Maputo, 2022.

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes
Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Colaboração



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Agosto, 2023